

The background is a solid teal color. There are two thick, hand-drawn yellow lines. One line starts from the top left, goes up and to the right, then down and to the right, forming a large, irregular shape. The other line starts from the bottom left, goes up and to the right, then down and to the right, forming a smaller, irregular shape. The text is centered within the teal area.

EU TENHO
UM NOME

CHANEL
MILLER



EU TENHO
UM NOME

CHANEL
MILLER

tradução de Carolina Selvatici



Copyright © 2019 by Chanel Miller Publicado mediante acordo com a Viking, um selo da Penguin Random House.

TÍTULO ORIGINAL
Know My Name

PREPARAÇÃO
Marcela Ramos
Nina Lopes

REVISÃO
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais Agatha Machado

DESIGN DE CAPA
Jason Ramirez e Nayon Cho ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design REVISÃO DE E-BOOK
Carolina Andrade

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0656-6

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar 22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Introdução

Epígrafe

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14

Agradecimentos
Declaração de impacto da vítima Emily Doe
Posfácio

Sobre a autora
Sobre a capa
Leia também

mamãe papai tiffy



INTRODUÇÃO

O fato de ter escrito *subpoena*, que significa intimação em inglês, como *suhpeena*, pode levá-lo a pensar que eu não seja a melhor pessoa para contar esta história. Mas todas as transcrições dos julgamentos estão disponíveis, todas as reportagens estão na internet. Esta não é a verdade absoluta, mas é a minha, contada da melhor maneira possível. Se você quer conhecer a versão que vi e ouvi, entender o que senti, saber como é se esconder no banheiro durante um julgamento, é isso o que vai encontrar aqui. Vou entregar o que posso, pegue o que precisar.

Em janeiro de 2015, aos vinte e dois anos, eu morava e trabalhava em minha cidade natal, Palo Alto, na Califórnia. Fui a uma festa em Stanford. Sofri um abuso sexual no jardim da casa, no chão. Dois passantes viram, detiveram o homem, me salvaram. Minha antiga vida me abandonou e uma nova começou. Ganhei outro nome para proteger minha identidade: me tornei Emily Doe.

Nesta história, chamarei o advogado de defesa de *a defesa*. O juiz, de *o juiz*. Eles estão apenas representando seus papéis. Este livro não é uma acusação pessoal, não é uma resposta, uma vingança, não estou revirando o caso. Acredito que todos somos seres multidimensionais e, no tribunal, me senti prejudicada ao ser simplificada, estereotipada, rotulada incorretamente e difamada, por isso não farei o mesmo com eles. Usarei o nome de Brock, mas poderia muito bem ser Brad, Brody ou Benson; não faria diferença. A questão aqui não é o que cada um deles representou, mas o coletivo, a combinação de pessoas que fomentam um sistema falho. Esta é uma tentativa de transformar a mágoa dentro de mim, de enfrentar o passado e de encontrar uma forma de conviver com essas memórias, de digerir tudo que

aconteceu. Quero deixar as lembranças para trás para poder seguir em frente. Ao decidir não citar o nome deles, posso finalmente dizer o meu.

Meu nome é Chanel.

Eu sou uma vítima. Não tenho problemas com essa palavra, meu problema é me reduzir a isso. No entanto, não sou *a vítima de Brock Turner*. Não sou nada dele. Eu não pertenço a ele.

Também sou descendente de chineses. Meu nome em chinês é Zhang Xiao Xia, o que significa *Pequeno Verão*. Fui chamada assim porque:

Nasci em junho, quando é verão no Hemisfério Norte.

Xia também foi a primeira dinastia da China.

Eu sou a primogênita.

“Xia” soa como “cha”.

Chanel.

O FBI define estupro como qualquer tipo de penetração. Mas, na Califórnia, estupro é definido estritamente como o ato sexual. Por muito tempo, evitei chamá-lo de estuprador, com medo de me corrigirem. Definições legais importam. A minha também. Ele preencheu uma cavidade do meu corpo com as mãos. Acredito que não pode ser absolvido dessa categorização só porque não teve mais tempo.

O mais triste nesses casos, além do crime em si, são as coisas degradantes nas quais a vítima começa a acreditar sobre ela mesma. Minha esperança é mudar essas crenças. Eu digo *ela*, mas, se você for homem, transgênero, não binário, ou seja lá como queira se identificar e existir neste mundo, se sua vida tiver sido afetada pela violência sexual, meu objetivo é proteger você. E para aqueles que, todos os dias, me tiraram da escuridão, espero conseguir agradecer.

Se você sabe seu nome, deve se apegar a ele, pois, a menos que seja registrado e lembrado, ele morrerá com você.

— TONI MORRISON NO INÍCIO, EU ERA TÃO JOVEM E CONHECIA TÃO pouco de mim mesma que quase não existia. TIVE que me ABRIR PARA O MUNDO, VÊ-LO, OUVI-LO E REAGIR A ELE ANTES DE SABER quem EU ERA, O que eu ERA, O que eu QUERIA SER.

— MARY OLIVER, *UPSTREAM*

... é nosso dever fazer a diferença.

— ALEXANDER CHEE

I.

Eu sou tímida. No ensino fundamental, em uma peça sobre um safári, todos interpretaram animais. Eu fui um arbusto. Nunca fiz uma pergunta nas aulas. Você com certeza vai me encontrar escondida em um canto de qualquer aula de ginástica. Peço desculpas quando esbarram em mim. Aceito todos os panfletos que distribuem na rua. Sempre levo o carrinho de compras de volta ao local de onde o tirei. Se, em um café, o leite do balcão acabar, bebo o café puro. Se eu dormir na sua casa, vai parecer que a cama nunca foi usada.

Nunca dei uma festa de aniversário. Visto três suéteres antes de pedir que liguem o aquecedor. Não me importo de perder em jogos de tabuleiro. Enfio o troco de qualquer jeito na bolsa para não atrapalhar a fila do caixa. Quando era pequena, queria me tornar mascote de torcida ao crescer, para ter a liberdade de dançar sem ninguém reparar em mim.

Fui a única aluna do ensino fundamental a ser eleita mediadora de conflitos por dois anos seguidos. Meu trabalho era usar um colete verde em todos os recreios e patrulhar o pátio. Se alguém estivesse com problema, era só me procurar, e eu ensinava técnicas de comunicação interpessoal, como *eu me sinto*____ *quando você*____. Certa vez, uma aluna do jardim de infância me abordou, disse que todo mundo tinha dez segundos no balanço, mas na vez dela as crianças contavam *um cão, dois cães, três cães* e, na vez dos meninos, contavam *um hipopótamo, dois hipopótamos*, para ficar mais tempo. Daquele dia em diante, decretei que todos contariam *um tigre, dois tigres*. Passei a vida toda contando em tigres.

Estou me apresentando aqui porque, na história que vou contar, começo sem nome nem identidade. Não há nenhum traço de personalidade ou comportamento atribuído a mim. Fui encontrada como um corpo seminu, sozinho e inconsciente. Sem carteira, sem documento. Chamaram a polícia,

acordaram o reitor de Stanford para ver se ele me reconhecia, interrogaram testemunhas. Ninguém sabia de onde eu era, de onde vinha, quem era.

Pelo que me lembro: no sábado, 17 de janeiro de 2015, eu estava na casa dos meus pais em Palo Alto. Minha irmã mais nova, Tiffany, que tinha acabado de entrar na Universidade Politécnica Estadual da Califórnia, ou Cal Poly, viajou três horas para passar o feriado em casa. Ela costumava ficar em casa com os amigos, mas, às vezes, dedicava um pouco do seu tempo a mim. No fim da tarde, nós duas buscamos a amiga dela, Julia, que estudava em Stanford, e fomos de carro até a Reserva Arastradero para ver o sol derramar sua luz amarelada nas colinas. Quando o céu escureceu, paramos em uma taquería. Tivemos um debate acalorado sobre onde os pombos dormem, nos perguntamos se é mais comum pessoas dobrarem o papel higiênico em quadrados (eu) ou simplesmente amassarem (Tiffany). Ela e Julia mencionaram que, naquela noite, iriam a uma festa na Kappa Alpha, no campus de Stanford. Eu, que estava enchendo um copinho de plástico com molho verde, não prestei muita atenção.

Mais tarde, meu pai cozinhou brócolis e quinoa, e quase caímos para trás quando ele apresentou o prato como *cui-noa*. *É qui-noa, pai, como você não sabe disso!!* Comemos em pratos descartáveis para não ter que lavar a louça. Outras duas amigas de Tiffany, Colleen e Trea, chegaram com uma garrafa de champanhe. A ideia era que as três se encontrassem com Julia em Stanford. Elas disseram: *Vem com a gente*. Respondi: *Se eu fosse, seria engraçado*. Eu seria a mais velha lá. Tomei banho cantando. Vasculhei pilhas de meias à procura de uma calcinha, achei um triângulo gasto de tecido pontilhado de bolinhas em um canto. Coloquei um vestido cinza-chumbo justo. Um colar de prata pesado com pedrinhas vermelhas. Um cardigã bege com grandes botões marrons. Eu me sentei no meu tapete marrom e amarrei o cadarço das botas cor de café com o cabelo ainda molhado preso em um coque.

O papel de parede da nossa cozinha tem listras azuis e amarelas. Há armários de madeira pelo cômodo e um relógio antigo pendurado na parede; o batente da porta está marcado com nossas alturas ao longo dos anos (um desenhinho de sapato do lado para marcar as vezes em que não estávamos descalças). Abrindo e fechando as portas dos armários, não encontramos nada

além de uísque; na geladeira, os únicos ingredientes que poderíamos acrescentar aos drinks eram leite de soja e suco de limão. Só tínhamos copinhos de shot das viagens que fazíamos em família, *Las Vegas* e *Maui*, que Tiffany e eu guardávamos para nossos bichos de pelúcia. Bebi o uísque sem diluir, sem peso na consciência, sem arrependimentos, como quem diz: *Claro que vou ao bar mitzvah do seu primo, contanto que esteja bêbada.*

Pedimos à nossa mãe que nos levasse a Stanford — sete minutos de carro pela Foothill Expressway. Stanford era meu quintal, minha comunidade, um terreno fértil para os professores particulares baratos que meus pais haviam contratado ao longo dos anos. Cresci naquele campus, participei de acampamentos de verão nos gramados, saí escondida dos refeitórios com os bolsos cheios de nuggets de frango, jantei com professores que eram pais de grandes amigos meus. Minha mãe nos deixou perto da livraria da universidade, onde ela nos levava nos dias de chuva para tomar chocolate quente e comer madeleines.

Caminhamos por cinco minutos e descemos a pequena ladeira até um casarão rodeado de pinheiros. Um cara com uma leve penugem no bigode nos deixou entrar. Na cozinha da fraternidade, encontrei uma máquina de refrigerante e suco e comecei a apertar os botões, inventando uma bebida não alcoólica que chamei de suco de dingleberry. *Saindo agora le drinque dinglebooboo para a senhorita! Rá, Rá o dia todo.* As pessoas começaram a chegar. As luzes se apagaram.

Paramos atrás de uma mesa perto da porta de entrada feito um comitê de boas-vindas, estendemos os braços e cantamos: *Bem-vindos, bem-vindos, bem-vindos!!!* Vi como as meninas entravam, a cabeça meio baixa, com um sorriso tímido, vasculhando a sala atrás de um rosto familiar. Eu conhecia aquela expressão porque já havia me sentido daquele jeito. Na faculdade, uma fraternidade era um reino exclusivo, pulsando com barulho e energia, onde os mais jovens baixavam a cabeça e os machos maiores comandavam. Depois da faculdade, uma fraternidade era um ambiente nojento e de embriaguez, com copos plásticos espalhados, onde era possível ouvir as solas dos sapatos descolando do chão pegajoso, o ponche tinha gosto de solvente e havia mechas de cabelo preto coladas na borda dos vasos sanitários. Achamos uma

garrafa plástica de vodca na mesa. Eu a abracei como se tivesse descoberto água no deserto. Deus do céu. Eu me servi de um copo e virei a dose na hora. Todos estavam esmagados uns contra os outros nas mesas, andando a passos curtos, como pequenos pinguins. Eu estava sozinha em uma cadeira, os braços para cima, feito uma alga marinha bêbada, até minha irmã me escotar para baixo. Saímos para fazer xixi nos arbustos. Julia e eu começamos a improvisar um rap. Fiz uma rima sobre pele seca, mas travei quando não consegui pensar em nada que rimasse com *Cetaphil*.

O porão estava lotado, e pessoas se amontoavam sob a esfera de luz no pátio de concreto. Ficamos perto de uns caras brancos baixinhos, que usavam boné virado para trás e tomavam cuidado para não queimar o pescoço, num ambiente fechado, à noite. Tomei um gole de uma cerveja morna, disse que tinha gosto de xixi e a entreguei a minha irmã. Eu estava entediada, tranquila, bêbada e extremamente cansada, a menos de dez minutos de casa. Eu já tinha enjoado daquilo. É nesse momento que minha memória some, que o filme acaba.

Até hoje, acredito que nada do que fiz naquela noite seja importante, a maior parte, lembranças descartáveis. Mas esses acontecimentos seriam incansavelmente repetidos, milhares de vezes. O que fiz, o que falei, tudo seria totalmente dissecado, medido, calculado e apresentado ao público para avaliação. Tudo porque, em algum lugar daquela festa, ele estava lá.



Estava muito claro. Ao piscar, vi manchas marrons de sangue no dorso das minhas mãos. O curativo na mão direita já estava soltando; o adesivo, desgastado. Eu me perguntei quanto tempo eu estava ali, deitada em uma maca estreita com grades de plástico em ambos os lados, feito um berço para adultos. A parede era branca; o chão, polido. Algo abriu um corte profundo no meu cotovelo, esparadrapo enrolado com força demais, a pele do meu braço inchada ao redor. Tentei cutucar ali embaixo, mas meu dedo estava grosso demais. Olhei para a esquerda. Dois homens me encaravam. Um

afro-americano mais velho, de jaqueta vermelha de Stanford, e um branco de uniforme preto da polícia. Desfoquei o olhar e eles se tornaram um quadrado vermelho e um quadrado preto encostados na parede, braços às costas, como se estivessem lá havia algum tempo. Voltei a focar neles. Os dois exibiram a expressão que faço quando vejo um idoso descer um lance de escada: tensa, esperando uma queda a qualquer momento.

O policial perguntou se eu estava me sentindo bem. Quando se debruçou sobre mim, seus olhos não vacilaram, não se enrugaram em um sorriso, se mantiveram perfeitamente redondos e imóveis, dois pequenos lagos. Sim, eu não deveria estar?, pensei. Virei a cabeça de um lado para outro, procurando minha irmã. O homem de casaco vermelho se apresentou a mim como reitor de Stanford. *Qual é o seu nome?* A concentração deles era preocupante. Eu me questionei por que não haviam perguntado à minha irmã, ela devia estar ali em algum lugar. *Eu não sou aluna, estou só de visita, falei. Meu nome é Chanel.*

Por quanto tempo dormi? Devo ter ficado bêbada demais e cambaleado até o prédio mais próximo do campus para dormir. Será que tinha rastejado? Como havia ralado as mãos? Quem fizera aquele curativo vagabundo de kit de primeiros socorros? Talvez estivessem um pouco irritados, mais uma garota bêbada para tomar conta. Era constrangedor, na verdade. Eu estava velha demais para aquilo. De qualquer forma, eu os dispensaria, agradeceria pela maca. Examinei o corredor, imaginando qual porta seria a saída.

Os dois perguntaram se havia alguém para quem pudessem ligar para avisar que eu estava ali. Ali onde? Dei a eles o número da minha irmã e vi o homem de casaco vermelho se afastar, levando a voz da minha irmã para outra sala, onde eu não pudesse escutar. Cadê meu celular? Comecei a tatear à minha volta, esperando encontrar um retângulo rígido. Nada. Eu me repreendi por tê-lo perdido, teria que voltar para procurá-lo.

O delegado se virou para mim. *Você está no hospital e tudo leva a crer que foi abusada sexualmente*, disse ele. Assenti devagar. Que homem sério! Devia estar confuso... Eu não havia conversado com ninguém na festa. Será que precisava ser liberada? Eu não tinha idade suficiente para sair sozinha?

Imaginei que alguém entraria e diria: *Policia!l, ela está pronta para ir*, e eu o cumprimentaria e iria embora. Queria pão e queijo.

Senti uma pressão forte na bexiga; precisava fazer xixi. Pedi para usar o banheiro e ele exigiu que eu esperasse, porque talvez fosse necessário coletar uma amostra de urina. Por quê?, pensei. Fiquei deitada, segurando a bexiga. Por fim, me deixaram ir. Quando me sentei, notei que meu vestido cinza estava enrolado em minha cintura. Eu vestia uma calça verde-menta. Eu me perguntei onde havia arranjado aquilo e quem tinha amarrado o cordão da calça com um laço. Timidamente, fui até o banheiro, aliviada por estar longe dos olhares dos dois. Fechei a porta.

Com os olhos semicerrados, abaixei a calça nova e tentei tirar a calcinha. Meus polegares roçaram as laterais das coxas, tocando a pele, não encontrando nada. Estranho. Repeti o movimento. Passei as mãos pelos quadris, esfreguei a palma das mãos pelas coxas, como se ela pudesse se materializar. Esfreguei sem parar até gerar calor, e então minhas mãos pararam. Não olhei para baixo, fiquei apenas ali, paralisada, um pouco agachada. Cruzei as mãos na barriga, meio curvada, imóvel, incapaz de me sentar, incapaz de me levantar, a calça embolada na altura das canelas.

Sempre quis saber por que sobreviventes entendem outros sobreviventes tão bem. Por que, por mais que os detalhes dos nossos ataques variem, sobreviventes podem olhar uns nos olhos dos outros e entender sem que ninguém precise explicar. Talvez não sejam os detalhes do ataque que tenhamos em comum, mas o momento seguinte; a primeira vez em que somos deixados sozinhos. Algo escapa de nós. Para onde fui. O que foi tirado. É o terror engolido pelo silêncio. Uma desconexão com o mundo em que subimos para cima e descemos para baixo. Esse momento não é de dor, nem de histeria ou de choro. Mas das suas vísceras virando pedras frias. Uma confusão absoluta se misturando com a consciência do que aconteceu. O luxo de crescer lentamente acabou. Assim começa um despertar brutal.

Eu me sentei na privada. Algo cutucava meu pescoço. Toquei a nuca, senti uma textura áspera por baixo do cabelo embaraçado. Tinha saído rapidinho da casa. Será que folhas haviam caído das árvores? Tudo parecia errado, mas por dentro senti uma calma anestesiante. Um oceano escuro e

sem ondas, calmo e vasto. O terror estava presente — eu o sentia se movendo, abrindo caminho entre meus órgãos, molhado, turvo e pesado —, mas, na superfície, via apenas uma marola. O pânico chegaria como um peixe, rompendo rapidamente a superfície, saltando no ar, mergulhando de novo em seguida, trazendo a calmaria de volta. Eu não conseguia entender como havia acabado em um quarto estéril, em um banheiro, sem calcinha, sozinha. Não ia perguntar ao policial se ele sabia onde minha calcinha tinha ido parar, porque parte de mim entendeu que eu não estava pronta para ouvir a resposta.

Uma palavra me veio à mente: *tesoura*. O policial tinha usado uma tesoura para cortar minha calcinha por causa dos germes vaginais que precisam ser examinados, só por precaução. Já tinha visto aquilo na TV, paramédicos cortando roupas. Eu me levantei, percebi que havia terra no chão. Passei a mão pela calça e dei um laço na cordinha. Hesitei na pia, sem saber se podia lavar o sangue. Portanto, mergulhei a ponta dos dedos no pequeno fluxo, tocando a água com a palma das mãos e preservando as manchas escuras do dorso.

Voltei para o quarto tão calma quanto antes, sorrindo educadamente, e subi de novo na maca. O reitor disse que minha irmã havia sido informada do meu paradeiro e me entregou seu cartão de visita. *Me avise se precisar de alguma coisa*. Ele saiu. Fiquei segurando o cartãozinho. O delegado me informou que o prédio do Sart só abriria na manhã seguinte. Eu não sabia que prédio era esse, só entendi que deveria voltar a dormir. Eu me deitei de costas, mas a situação me pareceu fria e estranha, nós dois sob a luz forte. Eu me senti grata por não estar sozinha, mas desejei que ele fosse ler um livro ou sáísse para comprar uma bebida. Não conseguiria dormir enquanto estivesse sendo observada.

Uma enfermeira apareceu, olhou para mim e imediatamente se virou para o policial. *Por que não deram um cobertor a ela?* O policial disse que tinha me dado uma calça. *Bem, vá pegar um cobertor! Por que ninguém deu um cobertor para ela? Ela está deitada ali sem cobertor!* Eu a vi gesticular loucamente, exigindo mais, inflexível sobre a necessidade de eu estar aquecida, sem medo de pedir.

Deixei aquilo se repetir em minha cabeça: *Alguém vá pegar um cobertor para ela.*

Fechei os olhos novamente, dessa vez me aconchegando no cobertor quente. Estava pronta para deixar aquele sonho confuso, acordar na minha cama, sob o edredom floral e a luminária de papel de arroz, com minha irmã dormindo no quarto ao lado.

Alguém me sacudiu com cuidado. Abri os olhos sob a mesma claridade, o mesmo cobertor. Uma senhora de cabelo dourado vestindo jaleco branco estava de pé, e duas outras esperavam atrás dela. As três sorriam para mim como se eu fosse um recém-nascido. O nome de uma das enfermeiras era Joy, que significa alegria em inglês. Achei que aquilo era um bom sinal do universo. Eu as segui pela porta até um estacionamento pequeno. Eu me senti como uma rainha molambenta, o cobertor arrastando atrás de mim feito uma capa de veludo, rodeada por minhas aias. Olhei para o céu numa tentativa de descobrir que horas eram. Será que já estava amanhecendo? Entramos em um prédio de um andar, vazio. Elas me levaram até um escritório. Eu me sentei em um sofá com minha pilha de cobertores. Notei que a lombada das pastas de uma prateleira estava identificada como Sart. Em hidrocor preto, abaixo da sigla, estava escrito Sexual Assault Response Team [Equipe de resposta a abuso sexual].

Então era isso. Eu não era nada além de uma observadora, dois olhos enraizados em um cadáver bege com um ninho de cabelo castanho. Naquela manhã, eu observaria agulhas prateadas perfurarem minha pele e cotonetes ensanguentados surgirem do meio das minhas pernas, mas nada me provocaria um sobressalto, um tremor ou um suspiro. Meus sentidos tinham parado de funcionar e meu corpo era um manequim sem reações. Só entendi que as moças de jaleco branco eram pessoas em quem eu deveria confiar, então obedeci a todos os comandos e sorri quando sorriram para mim.

Uma pilha de papéis foi colocada na minha frente. Meu braço escapou dos cobertores para assiná-los. Se me explicaram a que eu estava consentindo, não percebi. Papéis e mais papéis, de todas as cores, roxo-claro, amarelo, tangerina. Ninguém explicou por que minha calcinha havia sumido, por que minhas mãos sangravam, por que meu cabelo estava sujo,

por que eu estava vestindo uma calça esquisita, mas as coisas pareciam estar indo bem, e imaginei que, se continuasse assinando e assentindo, eu sairia daquele lugar limpa e arrumada. Escrevi meu nome na parte inferior da folha, uma grande volta para o C e três perninhas para o M. Parei quando vi as palavras **Vítima de estupro** em negrito no topo de um documento. Um peixe pulou da água. Fiquei imóvel por um instante. Não, não estou de acordo em ser vítima de estupro. Se assinasse aquela linha, era isso que eu me tornaria? Se me recusasse a assinar, poderia continuar sendo eu mesma?

As enfermeiras foram preparar a sala de exames. Uma garota se apresentou como April, uma representante do Sart. Ela usava moletom e legging, tinha um cabelo que parecia divertido de desenhar, um amontoado de cachos rabiscados preso em um rabo de cavalo. Gostei do nome dela assim como gostei de Joy: abril era um mês de chuva leve, época em que os copos-de-leite floresciam. Ela me deu um punhado de mingau de aveia com açúcar mascavo em um copo de plástico, que comi com uma colher de plástico branca. A garota parecia mais nova do que eu, mas cuidou de mim como uma mãe, continuou me incentivando a beber água. Eu me perguntei como ela havia acordado tão cedo em um domingo. Eu me perguntei se aquele era um dia normal para ela.

Ela me entregou uma pasta laranja. *Isto é para você.* Dentro havia maços de cópias em preto e branco sobre transtorno pós-traumático, grampos retorcidos e listas complicadas com números de telefone. Um panfleto retratando uma garota com um piercing na sobrancelha, muito angustiada, muito incomodada. Em letras de forma roxas, dizia: VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA. NÃO É CULPA SUA! O que não é culpa minha? O que eu não fiz? Desdobrei uma brochura em papel: “Reações à tragédia.” A primeira categoria informava: *De 0 a 24 horas: estupor, tontura, medo não identificado, choque.* Balancei a cabeça, a semelhança impressionante. A categoria seguinte dizia: *Duas semanas a seis meses: esquecimento, exaustão, culpa, pesadelos.* A categoria final era: *Seis meses a três anos ou mais: isolamento, gatilhos de memória, pensamentos suicidas, incapacidade de trabalhar, abuso de substâncias, dificuldades de relacionamento, solidão.* Quem tinha escrito aquilo? Quem havia mapeado um

futuro ameaçador naquele pedaço de papel horroroso? O que eu deveria fazer com aquela linha do tempo criada por um estranho infeliz?

Você gostaria de usar meu celular para ligar para sua irmã? Pode dizer a ela que estará pronta em algumas horas. April estendeu o aparelho. Torci para que Tiffany ainda estivesse dormindo, mas ela atendeu imediatamente. Conheço os tipos de choro dela: sei quando bateu o carro ou não encontrou algo para vestir ou um cachorro morreu na TV. Aquele choro soou diferente, como pássaros batendo as asas dentro de uma caixa de vidro, caos. O som fez meu corpo inteiro enrijecer. Minha voz ficou regular e fraca. Senti meu sorriso.

Tiffy!, falei. Não conseguia entender o que ela estava dizendo. Isso só acalmou minha voz, suavizando a dela. Cara, tomei café da manhã de graça! É, estou bem! Não chore! Eles acham que alguma coisa aconteceu, não, nem sabem se é verdade ainda, é só precaução, mas é melhor eu ficar aqui um pouco, está bem? Você poderia me buscar daqui a algumas horas? Estou no hospital de Stanford. A estagiária deu um tapinha no meu ombro, sussurrando: San Jose. Você está no Centro Médico do Vale de Santa Clara. Eu a encarei, sem entender direito. Ah, me desculpe, estou em um hospital em San Jose, avisei, pensando: Estou a quarenta minutos de carro de casa, em uma cidade diferente? Não se preocupe!, falei. Ligo de novo quando estiver pronta!

Perguntei a April se ela sabia como eu havia chegado ali. *Ambulância.* De repente fiquei preocupada, não tinha como pagar por aquilo. Quanto custaria o exame? As folhas de pinheiro continuavam espetando meu pescoço como pequenas garras. Tirei uma samambaia afiada e avermelhada do cabelo. Uma enfermeira que passava gentilmente me instruiu a não mexer em nada porque ainda precisavam fotografar minha cabeça. Coloquei-a de volta como se fosse um grampo. A sala de exames estava pronta.

Eu me levantei e notei pequenas pinhas e folhas de pinheiro espalhadas pelas almofadas. De onde aquilo estava saindo? Quando me inclinei para pegá-las, meu cabelo se desenrolou por cima do ombro, derrubando ainda mais plantas no piso limpo. Eu me ajoelhei embaixo dos cobertores e comecei a formar uma pilha pequena com os pedaços de folhas mortas. *Vocês querem isso?*, perguntei, exibindo-os com a mão aberta. *Posso jogar fora?* Elas disseram para eu não me preocupar com aquilo, para deixá-los ali. Coloquei-

os de volta no sofá, envergonhada pela bagunça que estava fazendo, rastros descuidados sobre a mobília e o chão imaculados. A enfermeira me confortou com uma voz melodiosa: *São apenas a flora e a fauna, a flora e a fauna.*

Duas enfermeiras me levaram a uma sala fria e cinza, com um espelho grande, iluminada pela luz da manhã. Elas pediram que eu me despisse. Aquilo me pareceu um exagero. Não entendi por que precisava revelar minha pele, mas minhas mãos começaram a remover as roupas antes de minha mente aprovar o pedido. *Escute-as.* Elas abriram um saco de papel branco e coloquei meu sutiã bege de alças desgastadas dentro. O vestido cinza foi para outro saco e nunca mais foi visto. Algo sobre análise de sêmen. Quando tudo se foi, fiquei nua, mamilos olhando de volta para mim, sem saber onde colocar os braços, querendo cruzá-los. Elas pediram que eu ficasse parada enquanto fotografavam minha cabeça de ângulos diferentes. Sempre que ia tirar foto, eu estava acostumada a ajeitar o cabelo, jogando-o para o lado, mas tive medo de tocar o emaranhado. Eu me perguntei se deveria sorrir e mostrar os dentes, para onde deveria olhar. Quis fechar os olhos, como se assim pudesse me esconder.

Uma enfermeira tirou uma régua de plástico azul do bolso. A outra segurou uma câmera preta pesada. *Para medir e documentar as escoriações,* explicou. Senti o látex da ponta dos seus dedos rastejar sobre minha pele, a ponta gelada da régua na lateral do meu pescoço, da minha barriga, das minhas nádegas, das minhas coxas. Ouvi cada clique, a lente preta de uma câmera pairando sobre cada pelo, arrepio, veia, poro. Minha pele sempre havia sido minha maior fonte de preocupação, desde que começara a ter eczema quando criança. Mesmo quando minha pele sarava, eu sempre a imaginava manchada e descolorida. Fiquei paralisada, ampliada pela lente. Mas enquanto as duas se debruçavam sobre mim e me rodeavam, suas vozes gentis me distraíram do meu diálogo interno. Elas cuidaram de mim como os pássaros da Cinderela, as fitas métricas e os laços nos bicos, esvoaçando ao redor e tirando as medidas para o vestido.

Eu me virei para ver o que elas estavam fotografando e vislumbrei um arranhão vermelho em minha bunda. O medo fechou meus olhos e me fez

voltar a cabeça para a frente. Normalmente, sou muito crítica em relação ao meu corpo: *Seus peitos são muito separados. Dois saquinhos tristes de chá. Seus mamilos apontam para direções diferentes, como os olhos de uma iguana. Seus joelhos não têm cor, são quase roxos. Sua barriga é mole. Sua cintura é muito larga e retangular. Para que ter pernas compridas, se não são esbeltas.* Mas, enquanto estava completamente nua sob a luz, essa voz se evaporou.

Encarei meus olhos no reflexo enquanto elas continuavam se levantando, se abaixando, girando. Ergui a cabeça, estiquei o pescoço, pus os ombros para trás, relaxei as pernas. A luz da manhã se derreteu em meu colo, nas curvas das orelhas, na clavícula, nos quadris, nas panturrilhas. *Olhe este corpo, a bela elevação dos seus seios, a forma do seu umbigo, as pernas longas e bonitas.* Eu era uma paleta de tons quentes e arenosos, um vaso brilhante naquela sala de jalecos brancos e luvas verde-água.

Finalmente fomos liberadas para começar a limpar meu cabelo. Nós três retiramos as folhas de pinheiro uma a uma, colocando-as em uma sacola branca. Senti os puxões dos pedaços sendo tirados, uma pontada aguda quando chumaços eram arrancados do couro cabeludo. Fomos puxando e puxando até a sacola ficar cheia de galhos e fios de cabelo. *Isso deve bastar,* disse uma das enfermeiras. Ficamos em silêncio enquanto tirávamos o resto e descartávamos no chão para que fosse varrido. Soprei suavemente por cima dos meus ombros, afastando a sujeira. Eu me esforcei para soltar uma folha seca em forma de espinha de peixe, enquanto as enfermeiras limpavam a parte de trás da minha cabeça suja. O processo pareceu interminável. Se tivessem me pedido para baixar a cabeça e raspá-la, eu teria esticado o pescoço sem questionar.

Recebi um jaleco de hospital largo e fui acompanhada até outra sala, que continha algo parecido com uma cadeira de dentista. Eu me deitei com as pernas abertas, os pés empoleirados nos suportes. Acima de mim, pregada no teto, havia uma foto de um veleiro. Parecia ter sido arrancada de um calendário. Nesse meio-tempo, as enfermeiras trouxeram uma bandeja; eu nunca tinha visto tantas ferramentas de metal. Por entre os joelhos, via as três, uma pequena cadeia de montanhas, uma sentada em um banquinho com duas em pé atrás dela, todas olhando para mim.

Você está tão calma, disseram. Eu não sabia com quem estavam me comparando. Olhei para o veleiro pequeno acima de mim e o imaginei flutuando em algum lugar do lado de fora daquela salinha, em um lugar muito ensolarado e distante dali. Esse pequeno veleiro tem um trabalho muito importante, o de tentar me distrair, pensei. Dois cotonetes compridos de madeira foram enfiados no meu ânus. O veleiro fez sua parte.

Horas se passaram. Não gostei do metal gelado, das pontas rígidas de algodão, dos comprimidos, das seringas e das minhas pernas abertas. Mas as vozes delas me acalmaram, como se estivéssemos ali para colocar o papo em dia, e elas me entregaram um copo de pílulas rosa-neon como se fosse uma mimosa. As três mantiveram o contato visual, e cada gesto delas era precedido de uma explicação, antes de uma inserção. *Como você está, estamos indo bem. Temos aqui um pequeno pincel azul, vamos apenas passar sobre os lábios. Vai ser um pouquinho frio. Você cresceu por aqui? Planos para o Dia dos Namorados?* Eu sabia que as perguntas eram para me distrair. Sabia que a conversa fiada era um jogo, uma encenação em que eu tinha os momentos certos para falar. Para além da conversa, as mãos delas se moviam com urgência, a borda circular da lente observava a cavidade entre minhas pernas. Outra câmera microscópica deslizou para dentro de mim, exibindo as paredes internas da minha vagina em uma tela.

Percebi que as mãos enluvadas delas me impediam de cair em um abismo. O que quer que estivesse rastejando pelas minhas entranhas seria arrastado para fora pelos tornozelos. Elas eram uma força que me protegia e até me fazia rir. As três não podiam desfazer o que havia sido feito, mas podiam gravar, fotografar cada milímetro, selar em sacolas, forçar alguém a analisar. Nenhuma delas suspirou ou teve pena ou me fez passar por *coitadinha*. Não confundiram minha submissão com fraqueza, por isso não senti necessidade de provar nada, de mostrar que eu era mais do que aquilo. Elas sabiam. Ali não havia a menor brecha para vergonha. Então, relaxei o corpo e o entreguei a elas, enquanto minha mente pairava pelo fluxo leve de conversa. Por isso, quando me lembro daquele momento com elas, o desconforto e o medo ficam em segundo plano. O sentimento principal foi de acolhimento.

Elas terminaram horas depois. April me levou até uma espécie de barracão plástico encostado na parede. Cada centímetro ali estava repleto de suéteres e calças de moletom, empilhados uns sobre os outros, esperando novos donos. *Para quem são?*, me perguntei. Quantas de nós tínhamos entrado e ganhado roupas novas com uma pasta cheia de folhetos? Todo um sistema tinha sido criado porque sabiam que haveria inúmeras outras como eu: *Bem-vinda ao clube, aqui está seu uniforme novo. Na pasta, você vai encontrar diretrizes que descrevem cada etapa do trauma e da recuperação, que pode levar a vida inteira.* A estagiária sorriu e disse: *Você pode escolher a cor que quiser!* Como se fossem coberturas de frozen yogurt. Escolhi um moletom branco casca de ovo e uma calça azul.

Agora só me restava tomar banho. O detetive estava a caminho. Fui levada de volta para o quarto frio e cinza, dessa vez reparando no chuveiro de metal no canto. Agradei às três e fechei a porta. Tirei a camisola do hospital. Vasculhei uma cesta aleatória de xampus de hotéis doados, chá verde, brisa costeira, sândalo de spa. Abri a torneira. Pela primeira vez, fiquei totalmente nua e sozinha, sem nenhum sussurro carinhoso nem mãos delicadas. Tudo estava em silêncio, a não ser pelo barulho da água caindo no chão.

Ninguém havia mencionado a palavra *estupro*, exceto aquele pedaço de papel. Fechei os olhos. Tudo que consegui ver foi minha irmã sob um círculo de luz antes que minha memória apagasse. Do que eu não me lembrava? Olhei para baixo, estiquei meus grandes lábios e vi que estavam escuros de tinta. Eu me senti enojada com a cor de berinjela. Me diga o que aconteceu. Eu tinha ouvido as enfermeiras falarem em *sífilis*, *gonorreia*, *gravidez*, *HIV*, haviam me dado uma pílula do dia seguinte. Fiquei observando a água límpida correr por minha pele, inútil; tudo que precisava limpar estava dentro de mim. Olhei para meu corpo, um saco espesso e descolorido, e pensei: Alguém, por favor, leve isto daqui também, não podem me deixar sozinha com isto.

Eu queria bater a cabeça na parede, para liberar a lembrança. Comecei a abrir as tampas e a derramar os xampus cintilantes no peito. Deixei o cabelo cair sobre o rosto, esfreguei a pele, de pé entre uma série de frascos vazios.

Queria que a água penetrasse em meus poros, queimasse todas as células e as regenerasse. Queria inalar todo o vapor, sufocar, ficar cega, evaporar. A água leitosa girava em volta dos meus pés, fluindo até uma grade de metal enquanto eu esfregava o couro cabeludo. Eu me senti culpada: a Califórnia estava sem água, sofrendo uma seca implacável. Pensei em minha casa, onde meu pai mantinha baldes vermelhos embaixo de cada pia, aproveitando a água que vazava para regar as plantas. Água era um item de luxo, mas me mantive imóvel, assistindo a litro após litro escorrer pelo ralo. *Me desculpe, hoje tenho que tomar um banho demorado.* Quarenta minutos devem ter se passado, mas ninguém me apressou.

Fechei a torneira. Fiquei parada em meio ao vapor e ao silêncio. As pontas dos meus dedos haviam murchado, formando rugas esbranquiçadas. Passei a mão pelo espelho, limpando a condensação. Minhas bochechas estavam rosadas. Penteei o cabelo molhado, deslizei os braços pelo moletom, coloquei meu colar de volta e o centralizei no peito. Amarrei minhas botas, o único outro item que pude levar. Enfiei a barra da calça de moletom azul dentro delas, mas pensei bem e as puxei para fora. Melhor assim. Enquanto fazia um coque, notei uma etiqueta pendurada na manga do moletom. Nele, havia um desenho pequeno de um varal e a marca Grateful Garments.

Todos os anos, a vovó Ann (não de sangue, mas nossa avó mesmo assim) fazia chapéus de papel extravagantes com material reciclado; a sacola das peras, quadrinhos coloridos, penas azuis, flores de origami. Ela os vendia em feiras e doava o que arrecadava para organizações locais como a Grateful Garments, que fornecia roupas para sobreviventes de violência sexual. Se essa organização não existisse, eu teria saído do hospital apenas com um vestido curto e botas. O que significava que todas as horas gastas cortando e colando chapéus na mesa de jantar, e depois os vendendo em uma pequena banca ao sol, haviam me dado uma armadura delicada e macia. A vovó Ann me abraçou, me disse que eu estava pronta.

Voltei para o escritório, me sentei com as mãos entre os joelhos e esperei. O detetive apareceu à porta, cabelo bem cortado, óculos retangulares, casaco preto, ombros largos e um crachá que dizia KIM; ele deve ser coreano-americano. O homem ficou ali parado, um pouco envergonhado, como se

aquela fosse minha casa e ele estivesse prestes a entrar com botas enlameadas. Eu me levantei para cumprimentá-lo. Confiei nele porque parecia triste, tão triste que eu sorri para garantir que estava bem.

Ele pôs um bloco de anotações e um gravador retangular preto na mesa e me notificou que tudo que eu dissesse seria gravado. *Claro*, falei. Ele se sentou e deixou a caneta pairar sobre a folha, as rodinhas da fita girando. Não me senti ameaçada; sua expressão me dizia que ele estava ali para ouvir.

O detetive me fez contar o tipo de comida que meu pai serviu, quanto comi, quantas doses tomei, em que momentos, a marca de uísque, me perguntou por que eu fui à festa, a que horas cheguei, o número de pessoas lá, que bebida havia, se era servida em recipientes fechados, onde e quando fui fazer xixi, a que horas voltei para a casa. Eu não parava de olhar para o teto, como se aquilo pudesse clarear meus pensamentos. Não estava acostumada a me lembrar de coisas bobas com tanta precisão. Enquanto isso, ele anotava, assentindo brevemente, preenchendo todo o bloco de notas, virando página após página. Quando cheguei à parte em que estava no pátio, vi que ele escreveu *ÚLTIMAS LEMBRANÇAS*. Sua caneta parou. Ele olhou para mim, ainda procurando algo. Estávamos indo a algum lugar e, de repente, a estrada havia acabado. Eu não tinha o que ele precisava.

De acordo com as transcrições, tudo que ele disse naquela manhã foi que algumas pessoas tinham me visto desmaiada, a polícia havia chegado, mas eu não tinha acordado. Ele explicou que: *Por causa da situação, do local e do seu estado, sempre temos que considerar a possibilidade de algum tipo de violência sexual.* A situação, seu estado. Ele disse que, quando a investigação fosse concluída, o nome e as informações do homem se tornariam registro público. *Também não sabemos exatamente o que aconteceu*, disse. *Espero que nada. Mas temos que trabalhar com a pior hipótese.* Tudo que ouvi foi: *Espero que nada.*

CHANEL: Hum, você sabe exatamente onde me encontraram?

DETETIVE: Certo. Entre onde você foi encontrada e a casa há uma pequena área, hum, acredito que seja uma lixeira. Não dentro da lixeira.

CHANEL: Certo, não dentro da lixeira.

DETETIVE: Não, mas na área atrás da lixeira.

Ele disse: *Umas pessoas que passavam viram você lá e disseram: “Espere, tem alguma coisa errada aí.” E então eles pararam, hum, e viram alguém... e então outra pessoa apareceu e viu você. E ligou, ligou para a gente... Naturalmente, no começo, hum, presumimos que era um possível estupro.*

Eu não entendia. Como tinha ido parar do lado de fora? Algo não parecia certo. O detetive se remexeu no assento e percebi certa tensão quando ele perguntou: *Você ficou com alguém?* Aquilo me soou estranho. Eu disse que não. *Então, ninguém tinha permissão para tocá-la em lugar nenhum.* A expressão de pesar dele foi como se já soubesse a resposta. Senti meu corpo enrijecer. Falei: *Eles o pegaram ontem à noite, não foi? Estava tentando fugir?*

Ele respondeu: *Então agora só precisamos ter certeza de que é a pessoa certa, ou seja, de que essa era a pessoa que estava fazendo algo com você ou tentando fazer algo com você. Hum, mas alguém estava agindo de um jeito meio estranho com você. Jeito meio estranho. Estou tentando ser cuidadoso ao dizer que essa é a pessoa certa. De acordo com o código penal, podemos prender alguém com base em uma causa provável, já que estupro é crime. Então podemos prender alguém com base em uma causa provável por acreditar que um crime tenha ocorrido. Mesmo que não tenha ocorrido.*

Ele dava a entender que algo grave havia acontecido, mas cada frase era finalizada com a possibilidade de eu nunca ter sido tocada. *Mesmo que não tenha ocorrido. Fazendo ou tentando. Espero que nada. Jeito meio estranho.* Eu estava com cada pé em um mundo diferente: um onde nada havia acontecido, outro onde eu podia ter sido estuprada. Percebi que ele omitia informações porque a investigação ainda estava em andamento. Talvez ele também tenha visto que meu cabelo pingava e que eu estava usando as roupas erradas. Talvez estivesse pensando na minha irmã, que estava prestes a chegar.

O detetive Kim disse que talvez no dia seguinte eu me lembrasse de mais coisas, por isso me deu seu cartão. Assenti, mas sabia que havia contado a ele tudo que eu tinha para contar. Ele explicou que eu poderia pegar meu celular na delegacia naquela noite. Atrás dele, minha irmã apareceu, curvada, com uma expressão esgotada. A vítima em mim desapareceu quando me

tornei a irmã mais velha. No fim da gravação da minha entrevista, dá para ouvi-la chegar:

Eu disse: *Oi.*

Ai, meu Deus.

Oi.

Ai, meu Deus.

Eu sinto muito.

Ah.

Eu deixei você preocupada.

Não, está tudo bem.

Ah, me desculpe.

Ela disse: *Não peça desculpas.*

Eu estava de pé, firme, era a adulta mostrando a ela que os estranhos naquela sala eram gentis, que ela poderia conversar com eles. April lhe serviu água e puxou uma cadeira. Tiffany não conseguia parar de chorar. Quando o detetive começou a interrogá-la, meus olhos se fixaram nela. Minha irmã falou sobre as mesmas bebidas, o nome das amigas, o clima de festa. mencionou que um cara louro ficou encarando, tocando no quadril dela e a seguindo pela festa. Todas as amigas dela tinham passado a evitá-lo. Ela disse que achou estranho o cara não falar nada, só encarar de olhos arregalados enquanto aproximava o rosto do dela. Ela disse que havia começado a rir, incomodada, e, por isso, batera os dentes nos dele.

Ela explicou que me deixou sozinha um instante para cuidar de uma amiga que estava passando mal, achando que eu ficaria bem. Quando voltou, a polícia estava encerrando a festa. Ela perguntou a dois estudantes que estavam cuidando da porta: *O que está acontecendo?* Eles disseram que a festa havia sido encerrada por conta de uma reclamação devido ao barulho. Ela perguntou a um policial no estacionamento e ele disse que não sabia nada. Imaginou que eu tivesse saído para me encontrar com amigos no centro de Palo Alto. Ainda assim, andou pelos arredores, perguntando: *Você viu uma garota que se parece comigo?* Ela e Colleen abriram todas as portas da fraternidade, irritadas e depois preocupadas porque eu não atendia o celular.

As duas gritaram meu nome em meio às árvores, enquanto eu era carregada de maca para a ambulância, desaparecendo no veículo branco retangular.

Estudantes o impediram, falei. Legal, ótimo. Naquela manhã, soube que pessoas que passavam tinham visto um homem agindo de forma peculiar e foram atrás dele. Eu não sabia que ele havia tido contato físico comigo. Não sabia que aquele homem tinha me tocado por baixo da roupa, não fazia ideia de que partes do meu corpo haviam sido expostas. Tentava me convencer de que o problema tinha sido evitado, o bandido fora preso e agora estávamos livres para ir embora. O detetive nos agradeceu. Iríamos à delegacia de Stanford à noite para pegar meu celular. As moças de branco me cercaram em um abraço, um abraço apertado, depois me soltaram.

O sol já estava brilhando e refletia, forte, nos poucos carros presentes no estacionamento. Que manhã de domingo surreal. *Que maluquice foi essa? Foi a coisa mais louca que já aconteceu. Eles enfiaram tanta coisa na minha periquita... Não consigo nem... Tipo, olha o que estou vestindo. Essa roupa não é uma droga?* Desfilei com o cabelo escorrido e o moletom enorme, andando cheia de ginga, dando até uma voltinha. Tiffany ainda estava com os olhos cheios d'água, a respiração irregular, rindo e soluçando.

Nós nos sentamos no carro e encaramos uma cerca formada por correntes. Ela esperou que eu dissesse para onde deveria ir. Ainda estava visivelmente abalada. Eu não estava pensando em quem ele era, nem em como me sentia, nem em onde aquelas fotos iam parar. Todos os meus pensamentos se voltaram para ela, minha irmã mais nova, para quem eu deveria ter as respostas.

Segurar a barra por ela era o que eu havia sido treinada a fazer. Uma vez, ela passou mal no avião e abaixou a cabeça de repente, eu então estendi as mãos para pegar o vômito antes que ela vomitasse em si mesma. Quando minha avó colocava queijo azul em nossa salada, Tiffany tapava o nariz e eu esperava vovó se virar de costas para comer as folhas cheias de queijo do prato da minha irmã. Depois que vimos *E.T.*, ela dormiu na minha cama todas as noites por sete anos, morrendo de medo daquele alienígena desidratado de dedos enrugados. Quando as pessoas se beijavam nos filmes, eu tapava o rosto dela com um travesseiro. *Não pode, você é muito nova.*

Escrevi e reescrevi cartas cheias de argumentos que convenceram meus pais a comprar celulares Nokia para a gente. Em todas as festas da minha turma, eu enrolava metade do meu donut ou cookie em um guardanapo para entregar a ela no recreio. Na época em que eu adorava cavalos, eu a amarrava a uma cadeira com uma coleira de cachorro, a chamava de Trinity, colocava um tapete de banho nas costas dela como se fosse uma sela, escovava seu cabelo e a fazia comer cereal da minha mão. Ainda me lembro de quando meus pais a encontraram em seu “estábulo”. *Se quer brincar, você que tem que ser o cavalo*, disseram eles. Você tem que se sacrificar por ela, protegê-la de alienígenas, comer o queijo azul. Essa foi a primeira e mais importante tarefa que eu tive na vida.

Mas eu não estava pronta para ir para casa, para ver meus pais. Precisava de tempo para pensar. Tiffany e eu já éramos bem grandinhas para ter liberdade de ir e vir, então não voltar para casa significava que havíamos dormido na casa de uma amiga. Não tinha por que se preocupar, nosso bairro era seguro. Eu sabia que não podia dizer a eles que havia acordado em um hospital, coberta de plantas, porque alguém estava agindo de um jeito meio estranho, e esperar que aceitassem essas informações. *Mas tudo bem*, diria eu. *Não está tudo bem*, responderiam eles. Meu pai diria: *Quem e onde e por que e como*. Minha mãe exigiria que eu fosse me deitar e bebesse um chá quente com gengibre. Contar aos pais é sinônimo de confusão. Eu não queria confusão. Queria esquecer aquilo tudo.

Eu estava convencida de que a polícia me diria que um homem havia tentado, mas não tinha conseguido fazer nada, nos desculpe pelo incômodo. Na verdade, eu tinha tanta certeza de que tudo aquilo era um engano que, quando minha irmã perguntou se eu ia contar aos nossos pais, falei: *Talvez daqui a alguns anos*. Eu me imaginei um dia comentando casualmente em uma conversa no jantar: *Você sabia que uma vez quase fui violentada?* Eles diriam: *Ah, sinto muito, eu não soube que isso tinha acontecido com você. Por que não contou para a gente?* Eu responderia: *Bom, já faz muito tempo, na verdade não foi nada*, e afastaria a possibilidade com um gesto e pediria que me passassem a vagem.

Sentada naquele estacionamento, eu só conseguia pensar em ir até o In-N-Out. Eram dez da manhã, cedo demais para hambúrgueres, mas o In-N-Out era diferente. Tratávamos o salão de azulejos brancos como um lugar sagrado quando éramos crianças. Era aonde íamos quando uma de nós estava chateada, queria comemorar algo ou ficava com o coração partido. Todo aquele sal e aquele molho sempre me animavam. Mas, quando chegamos, senti vergonha das minhas roupas e pedi que passássemos pelo drive-thru. Pedimos hambúrgueres e paramos para comer. Dei uma mordida, mas não senti o gosto do molho. Embrulhei o resto na embalagem e o coloquei aos meus pés. Já havia enrolado por tempo suficiente. Àquela altura, sabíamos que a casa estaria vazia: papai estaria resolvendo alguma coisa, mamãe estaria com amigos; as rotinas normais de domingo.

Meu pai é um terapeuta aposentado, que trabalhava seis dias por semana, doze horas por dia, ouvindo pessoas. Todo o dinheiro que nos rendeu uma casa e nos alimentou veio do meu pai ajudando pessoas a superarem histórias que nunca ouviremos. Minha mãe é uma escritora que publicou quatro livros em chinês, o que significa que não consigo ler os livros dela. Por mais próximos que meus pais sejam, desconheço grande parte da vida deles.

Após duas décadas em um consultório particular, meu pai disse que já tinha ouvido todas as histórias que podíamos imaginar. Por ter crescido durante a Revolução Cultural na China rural, minha mãe viu todas as atrocidades que alguém poderia ver. Ambos entendem que a vida é ampla e confusa, que nada é preto no branco, que não existe uma trajetória linear e, no final das contas, é um milagre simplesmente acordar de manhã. Eles se casaram no único centro cultural chinês de Kentucky, um casal atraente e improvável.

Nenhum dos nossos móveis combina. Nossas toalhas não são macias e brancas, mas desgastadas, com desenhos do Scooby-Doo. Quando recebemos convidados para o jantar, Tiffany e eu escondemos todos os livros, bolas de basquete murchas e amostras de creme até que a casa fique impecável. Nosso objetivo é imitar o brilho das casas dos nossos amigos. Mas, depois, é como se a casa desabotoasse a calça, soltasse a barriga, e todas as nossas coisas reaparecem.

Minha casa é um lugar onde tudo cresce e todos os exageros são perdoados, onde qualquer pessoa é bem-vinda a qualquer hora do dia. Minha família é formada por quatro planetas que orbitam no mesmo pequeno universo. Se tivéssemos um slogan, seria: “Sinta-se à vontade para fazer o que quiser.” Nossa casa não é convencional. Nossa casa é calorosa. Em nossa casa, somos todos unidos, mas mantemos a independência. Nossa casa é onde a escuridão não pode entrar. Eu estava determinada a não deixar isso acontecer.

Quando paramos na garagem, o celular da minha irmã tocou. Era o detetive. Ela passou para mim. *Você quer prestar queixa?*, perguntou ele. *O que isso significa?*, quis saber. Ele disse que não poderia me falar muito sobre o processo, que aquilo era tarefa da promotoria. Explicou que a promotoria já estava disposta a abrir um processo, mas eu podia participar ou não. Contou que seria mais fácil para eles se eu participasse, mas que eu não era obrigada. Perguntei se poderia ter um tempinho para decidir, falei que ligaria de volta.

Desliguei e me virei para minha irmã. Eu não tinha ninguém para perguntar, e Tiffany não fazia ideia. *Será? É, não é? Talvez eu não devesse. Mas eles vão prestar queixa assim mesmo, então eu também deveria, quer dizer, o que é? Como faz?* Fiquei sentada, olhando à volta, perplexa. *Eu provavelmente deveria, não é? Já que eles vão.* Na época, achei que era equivalente a assinar uma petição, um pequeno carimbo de afirmação, dizendo que eu endossava a decisão da polícia de levar o caso adiante. Tive medo de que, se dissesse não, significasse que eu estava do lado do estranho. Acionar a Justiça nem sequer havia passado pela minha cabeça, era apenas um confronto obscuro e dramático que acontecia na televisão. Além disso, o cara já estava na cadeia. Se não tivesse feito nada mesmo, ele seria liberado. Caso contrário, ficaria e cumpriria pena. Eles tinham todas as provas necessárias para condená-lo. Era só uma formalidade. Liguei de volta para o detetive. *Bom, sim. É, vou, sim. Obrigada.*

Eu não sabia que dinheiro tem o poder de abrir as portas da cadeia. Não sabia que, se uma mulher estivesse bêbada quando fosse violentada, ela não seria levada a sério. Não sabia que, se ele estivesse bêbado quando cometesse um ato de violência, as pessoas teriam pena dele. Não sabia que minha perda

de memória se tornaria uma oportunidade para ele. Não sabia que ser vítima era sinônimo de ser desacreditada.

Sentada na garagem, eu não sabia que aquele breve *sim* reabriria meu corpo, esfregaria as feridas abertas, escancararia minhas pernas para o público. Não tinha ideia do que era uma audiência preliminar ou do que um julgamento realmente significava, não tinha ideia de que minha irmã e eu seríamos instruídas a parar de falar uma com a outra porque a defesa nos acusaria de conspirar contra o acusado. Aquela palavra de três letras deu início a um futuro no qual eu faria vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco e vinte e seis anos antes que o caso fosse encerrado.



Segui pelo corredor até meu quarto e disse à minha irmã que logo sairia. Tranquei a porta e tomei outro banho, lavando o hospital do meu corpo. Ela abriu o sofá-cama da sala de estar, ligou a TV. Eu me deitei ao lado dela. Quando fiz isso, ela apoiou o braço em mim como um peso de papel, como se tivesse medo de que eu fosse voar para longe. A TV tagarelou, as janelas da sala filtraram o sol da tarde e nossos pais passaram para lá e para cá no corredor, enquanto adormecíamos e acordávamos. Tínhamos ido juntas à festa e nos separado, e estávamos juntas novamente, mas já não éramos as mesmas.

Quando anoiteceu, nós nos levantamos e dissemos aos nossos pais que íamos tomar sorvete. Eu me arrependo disso, porque agora, quando eu tomo sorvete, minha mãe me olha e eu tenho que dizer: *Juro que é sorvete mesmo.*

Primeiro, buscamos Julia, que estava estudando na biblioteca do campus. Ela e Tiffany eram amigas desde que aparelhos tinham sido fixados a seus dentinhos. Julia estava sempre animada, mas, quando estacionei, parecia abalada.

Quando olhei para as duas em meu carro, percebi que meu segredo tinha se tornado o segredo delas. Entendi que não era assim que deveríamos lidar com as coisas. Se Tiffany tivesse parado no hospital, eu ia querer que meus

pais soubessem. Mas eu estava em uma situação estranha. Quando me perguntam: *Por que você não contou aos seus pais?* Respondo: *Por que ninguém me contou?* Eu precisava ter controle da história até saber mais.

O estacionamento estava silencioso, escuro. Eu já havia passado diversas vezes por aquele prédio. Era pequeno, cercado por um fosso cheio de cascas de árvore e arbustos atarracados, mariposas ricocheteando nas luzes dos postes, fileiras de fios brancos iluminados. A campainha tocou e passamos por corredores escuros, cobertos por quadros de avisos e folhetos. O detetive Kim não estava lá. Fui apresentada a uma delegada de jaqueta; sua pele era morena e ela tinha cabelo preto e fino quase até a cintura. Eu a segui até uma salinha, onde havia um bloco e um gravador na mesa, enquanto Tiffany e Julia esperavam em uma sala no final do corredor. Achei que ela me contaria o que havia acontecido com o homem, me entregaria meu celular e me desejaria tudo de bom. Mas a porta foi fechada, as persianas, baixadas. As perguntas recomeçaram, exigindo que eu lembrasse cada detalhe insignificante da noite anterior, dessa vez com ainda mais precisão. A transcrição da nossa conversa chegaria a setenta e nove páginas. Foi tedioso e redundante e eu não consegui entender a importância do que estava dizendo ou como aquilo seria usado.

Uma batida, outro policial, alto, de uniforme cáqui, bigode grosso, cinto preto cheio de formas pretas. Ele parecia severo e desconfiado, falou que estava feliz em me ver bem. Disse isso como se fosse um milagre, como se eu tivesse morrido e voltado à vida. Ele falou que um dos caras que tinha me encontrado havia interrompido o depoimento para chorar e tomar fôlego. O sargento disse que também quase ficara com um nó na garganta. *Homens adultos estão chorando*, pensei. Que diabo aconteceu?

A policial tirou meu celular de um envelope grande. A capa azul estava coberta de terra, uma borda marrom e quebradiça acumulada nos cantos, como se o aparelho tivesse sido enterrado e desenterrado. Havia dezenas de chamadas perdidas e mensagens de Tiffany e Julia. *Onde você está, estou preocupada*. A policial pediu que eu enviasse a ela todas as fotos que havia tirado naquela noite. Em uma delas, eu estava segurando um copo vermelho, os olhos vinhos de propósito. Por que não sorri normalmente, apenas

daquela vez? Mandeí fotos e capturas de tela de tudo, sem saber que seriam arquivadas como provas. Ela me deu a oportunidade de fazer perguntas. De acordo com as transcrições, eu disse: *Hum, falaram que aconteceu alguma coisa comigo. Eu não entendi o que isso significa direito. Na verdade... continuo sem entender.*

Ela disse que ainda não dispunha de todas as informações sobre o caso. Explicou que fui *encontrada por dois alunos de Stanford* e não disse mais nada. Então perguntei por que o homem tinha fugido. Ela me disse que havia sido *porque tinha alguma coisa errada*. Eu estava tentando me lembrar da cena do crime, me aproximar da comoção de viaturas de polícia estacionadas e da fita amarela. Mas toda vez que avançava um passo, ela entrava na minha frente. Quando eu dava um passo à direita, ela me acompanhava. Estiquei o pescoço para tentar ver o que estavam escondendo, mas não adiantava, era local proibido. Eu tinha que ficar atrás de alguma linha invisível.

Mas eu percebi uma coisa. Sempre que eu entrava em algum lugar, o clima mudava. As expressões das pessoas se fechavam, elas falavam em voz baixa. Elas me abordavam com cuidado, como se eu fosse um animal que não queriam assustar. Examinavam meu rosto em busca de algo, e eu olhava de volta sem transparecer nada. E todos se diziam impressionados ao ver como eu estava bem. Ela disse: *Devo dizer, você está muito calma, está muito... Você é sempre assim?* Assenti, disse que, quando minha irmã mais nova estava presente, eu segurava minhas emoções. Ainda assim, eles pareciam perplexos com minha postura; senti que, dadas as circunstâncias, eu deveria estar reagindo de forma completamente diferente, e aquilo me deixou nervosa.

Expliquei que não tinha contado aos meus pais. *Isso é compreensível*, respondeu ela. *Sabe, você está tentando, acho que está tentando poupar seus pais emocionalmente... até conseguir... entender melhor o que aconteceu e o que houve.* Ela foi muito gentil, validou meus sentimentos, mas desviou de todas as minhas perguntas.

Antes do fim do depoimento, deixei duas coisas claras:

1. Ninguém deveria entrar em contato com meus pais até eu entender o que havia acontecido.

2. Eu nunca mais queria ver nem entrar em contato com quem quer que aquele homem fosse.

Fui levada a uma sala de espera com troféus empoeirados, enquanto Tiffany entrava para dar seu depoimento. O delegado datilografou as seguintes anotações:

Um dos outros caras era quieto, não falou nada. Colleen e Tiffany o acharam estranho porque foi agressivo. Tiffany disse que ele tinha entre 1,70 a 1,80 metro de altura, cabelo louro encaracolado e olhos azuis. Parecia não ter barba. Usava um boné virado para trás. Estava de calça, não de bermuda. Ela não conseguiu se lembrar do tipo de camisa que ele usava. Achou que ele parecia um dos amigos dela da faculdade. O cara agressivo estava distribuindo cervejas. E, em certo momento, foi até Tiffany e começou a beijar a bochecha dela. Depois, tentou beijar a boca. Ela riu, em choque. Colleen e Julia viram aquilo acontecer e também riram. O cara foi embora. Pouco tempo depois, enquanto Tiffany conversava de frente para Colleen, o cara agressivo voltou. Parou entre ela e Colleen e tentou beijar Tiffany outra vez. Ele a agarrou pela frente, pela cintura, e a beijou nos lábios. Ela disse que tinha que ir embora e se desvencilhou dele.

Quando chegamos em casa, Tiffany entrou e eu fiquei sentada no carro. Percebi que meu namorado, Lucas, devia estar se perguntando por que eu não tinha dado notícias o dia todo. Ele morava na Filadélfia e estávamos juntos havia alguns meses. Ele atendeu no primeiro toque. *Fiquei preocupado com você ontem à noite*, disse. *Chegou bem em casa?*

Eu nem sequer sabia que tinha ligado para Lucas. Dei uma olhada no registro do celular e encontrei seu nome em meio às chamadas perdidas. Eu havia ligado para ele por volta da meia-noite, o acordado às três da manhã do horário dele. *Você encontrou Tiffany?*, perguntou ele. *Fiquei com medo de que você fosse acordar em um arbusto ou alguma coisa assim.* Meu estômago se revirou. Ele sabia? Como poderia saber? *Como assim?*, perguntei. Ele explicou que, no final da nossa conversa, comecei a resmungar baboseiras, que nem em inglês eram. Toda vez que eu parava de falar, ele gritava para que eu fosse procurar Tiffany, mas eu nunca respondia. Ele sabia que eu estava sozinha,

incapacitada. Eu me senti afundar. *Você me deixou uma mensagem de voz, avisou ele. Parecia destruída. Pedi: Não delete. Me promete que não vai deletar?*

Está tudo bem? Você parece triste, disse ele. Assenti, como se Lucas pudesse me ver. *Só com sono*, falei. Entrei em casa, tirei meu iPhone da capa suja, mas não o lavei. Dobrei o moletom e o enfiei no fundo da gaveta. Coloquei minha pasta laranja na prateleira, a pulseira do hospital cortada e enfiada ali dentro. Tive o estranho desejo de guardar tudo, artefatos que provavam a existência daquela realidade alternativa.

O dia seguinte era o Dia de Martin Luther King, encerrando o feriado. Antes que Tiffany voltasse para a faculdade, quis mostrar a ela que não era hora de nos desligar ou nos distanciar, que tínhamos que ficar perto dos nossos pais. Propus que saíssemos para jantar. Ficamos esperando para nos sentar ao lado de decorações feitas com papel vermelho, uma tigela de doces de melão e um tanque cheio de peixes carrancudos. Pedimos um pato laqueado inteiro. Como sempre, minha mãe nos preparou com uma demonstração: coloque o pão, espalhe um pouco de molho de ameixa, adicione um pedaço crocante de carne de pato carmesim, alguns raminhos de cebolinha e talos de pepino e embrulhe tudo. *Mamãe está apertando um baseado de pato. Mãe, olha, mãe, Maconha Quack*. Depois do jantar, minha irmã dirigiu os trezentos e vinte quilômetros de volta para a faculdade, atravessando pântanos, Gilroy, Salinas, King City, até chegar a San Luis Obispo. Ela disse que estava com medo de me deixar sozinha. *Por quê?*, perguntei. *Que bobeira, eu vou ficar bem*.

Naquele momento, tudo era muito simples: eu tinha guardado a lembrança daquela manhã em um grande pote. Pegara o pote e descera muito, muito mesmo, lances e mais lances de escada, colocara o pote em um armário e trancara a porta, subindo depois rapidamente para continuar com a vida que eu havia construído, que não tinha nada a ver com ele, nem com o que quer que ele pudesse fazer comigo. O pote sumira.

Eu não sabia que, às onze horas da noite anterior, ele tinha sido libertado após pagar uma fiança de cento e cinquenta mil dólares. Menos de vinte e quatro horas depois de ter sido preso, ele já estava livre.

2.

Palo Alto tem fileiras de magnólias repletas de flores brancas, caixas de correio azuis e laranjas como bolinhas bem redondas penduradas nas árvores. Com a média de temperatura na casa dos vinte graus, dá para sentir o aroma do sol cozinhando os pedaços de casca de eucalipto caídos no chão. Há pontinhos de sombra em gramados impecáveis, cães de língua cor-de-rosa. Ruas sem saída com casas no estilo Eichler, portões de garagem de madeira, bordos japoneses. As calçadas são bem pavimentadas, as crianças vão de bicicleta para a escola, e os adultos, para o trabalho; todo mundo tem diploma e recicla o próprio lixo.

Eu trabalhava em uma *start-up* criando aplicativos educacionais para crianças, em um escritório de uma sala só com outras onze pessoas, as mesas amontoadas, algumas salas de reunião isoladas por paredes de vidro. Eu estava lá havia seis meses, meu primeiro emprego depois da faculdade. Tinha criado um projeto de vida adulta, acordando mais cedo, saindo menos à noite. Registrava reuniões e aniversários no calendário do Google, repleto de abas em lavanda e tangerina. Encomendei cartuchos de impressão, comprei uma bicicleta branca elegante — que chamei de Tofu — com meu primeiro salário. Tentei diminuir o número de pontos de exclamação em meus e-mails formais.

Não havia espaço para palavras como *estupro*, *vítima*, *trauma*, *escoriações* e *advogados* no mundo que eu estava tentando construir. Eu tinha um banco de palavras próprio: *Prius*, *planilhas*, *iogurte grego*, *crédito imobiliário*, *viagens a Napa*, *melhorar a postura*. Meu projeto de vida adulta podia não passar de uma maquete, mas, mesmo com a estrutura frágil, era importante para mim.

Como foi seu final de semana?, perguntou meu colega de trabalho. *Sua irmã se divertiu aqui?* Eu havia ido à festa no sábado. Ao hospital e à delegacia no

domingo. Pato laqueado na segunda. *Sim, foi divertido.*

Eu estava parada sob a luz fluorescente da copa do escritório. Meu strudel girava no micro-ondas. Cruzei os braços, notei estranhos pontos escuros em minha mão; hematomas, percebi após uma análise. Haviam florescido sob a pele, da cor de glórias-da-manhã. Arregacei as mangas e encontrei mais manchas roxas no interior dos cotovelos. Pressionei aqueles pontos, que esbranquiçaram sob meu polegar. Fiquei abismada, como se estivesse vendo meu corpo se transformar em outra criatura. No primeiro ano da escola, eu havia percebido que as laterais das minhas mãos tinham adquirido um tom de prata cintilante. *Sou uma sereia*, sussurrei para uma amiga. Ela explicou que era grafite, manchas de lápis do papel. Uma explicação simples e chata; tenho certeza de que também havia uma para aqueles hematomas. Tirei fotos de cada mancha para garantir que não estava imaginando. Baixei as mangas da blusa. Para que olhar, quando tudo havia sido resolvido. O strudel estava queimando, o micro-ondas, soltando fumaça, e eu, sacudindo o pano de prato antes que o cheiro chegasse ao escritório.

Quando cheguei em casa naquela noite, o pote que eu carregara para as profundezas do meu porão mental estava no meio da sala, esperando por mim. Engraçado, como você chegou aqui? Mais uma vez eu o peguei, abri a porta e desci vários lances de escada para guardá-lo.

Acordei em um silêncio absoluto às quatro da manhã. Ainda estava escuro lá fora. Coloquei meu capacete com um clique, uma proteção de isopor seco, e levei Tofu para a rua. Pedalei por caminhos longos de cascalho, por entre grandes carvalhos e pequenas pontes de madeira. Quando voltei pelo pátio, vi meu pai pela janela da cozinha, despenteado, descalço em seu roupão azul gasto fazendo café. Ele ficou atordoado. *Você está acordada?*, perguntou. *Eu estava testando minha bicicleta nova*, falei. *Adorei.*

Quando passei hidratante depois do banho, minha pele formigou e ardeu. Imaginei abelhas com dentinhos mastigando minha carne viva. Ignorei as dores e me forcei a lembrar que não havia quebrado nada. Sempre que minha mente começava a criar possibilidades perturbadoras, eu dizia: *Pare. Acabou. Estou em casa. Tiffy está em casa.* Ainda assim, eu me perguntava por que meus braços estavam cheios de manchas cor de lavanda. Disse a mim

mesma: *Esperança*. Disse a mim mesma: *Estranho*. Enquanto isso, o desconforto fervia lá no fundo das minhas entranhas.

Bicicleta, nascer do sol, trabalho, pôr do sol. Dias se passaram. Meu celular continuou sem mensagens. Eu me sentia inquieta, comecei a pedalar à noite, por longas estradas e rodovias. Meu pai ficou preocupado, acrescentou um farol extra na bicicleta. Meu guidão piscava, disparando luz em todas as direções, me impedindo de sumir na escuridão.

Nós tínhamos um gato branco chamado Dream, que foi muito amado por doze anos. Duas semanas antes do Natal, Dream sumiu. Tiffany e eu perambulamos chamando por ele, os feixes de luz das lanternas percorrendo os gramados. Quando o Natal passou, meus pais nos contaram que algumas semanas antes Dream havia sido atropelado por um carro e encontrado no acostamento. Eles nos entregaram suas cinzas em uma caixa, com um certificado do crematório com o nome *Dream Miller* sob um arco-íris. Tinham esperado para nos contar porque não queriam estragar o Natal. Achei estranho que tivessem nos deixado andar sozinhas pelo mato enquanto o gato estava morto em uma caixa no armário. Mas agora eu tinha outro gato morto. Poderia escondê-lo no meu armário e manter a ilusão de que eu estava bem. Ou poderia dizer: *Talvez eu tenha sido estuprada, aqui bem perto de casa*, e mostrar a eles uma caixa cheia de cinzas. Decidi que não havia pressa; eu não queria estragar o Natal.

Nunca fui uma pessoa dependente. Quando era criança e minha mãe tentava me pegar no colo, eu sacudia as pernas e dizia: *Wo ziji zou!* (Vou andando sozinha!) Minha irmã ficava colada no chão com os braços levantados até que a pegassem. Eu era mais velha, tinha visto minha mãe chorar quando um dos filhotes do nosso cachorro morreu sufocado, tinha visto meu pai usar um vestido turquesa no hospital quando teve embolia pulmonar. Havia percebido que eles não eram invencíveis, que, se algo acontecesse, eu teria que saber cuidar de nós duas.

Na quinta-feira, minha irmã foi convocada a ir até a delegacia de San Luis Obispo. Os policiais queriam mostrar a ela uma série de fotos enviadas pela polícia de Stanford. A tarefa dela seria identificar o homem agressivo que havia mencionado. A polícia mostrou fotos de homens brancos com cabelo

desgrenhado e acne, e, quando o rosto dele apareceu na tela, ela ficou tensa. O relatório da polícia afirmou: *Sem hesitar, Tiffany identificou a foto número quatro*. Quando perguntaram sobre a porcentagem de certeza que tinha, ela disse: *Cem por cento*. Então me ligou: *Eu o vi*.

Como assim? Fiquei confusa... Como a polícia tinha descoberto qual era o cara que tentara beijá-la? Eles haviam tirado fotos de todos os homens na festa? Tinha sido um processo de eliminação? Por que estavam perdendo tempo indo atrás daquele cara em vez de focarem no meu agressor?

Não, explicou ela. *Deve ter sido ele*.

Não pode ser, falei.

O cara que tentou me beijar foi atrás de você. Estou me sentindo muito mal, afirmou ela. *Isso me deixou muito mal*.

Naquela noite, ele olhara nos olhos dela. *Não consigo apagar o rosto dele da minha cabeça*. Mas ele ainda não tinha nome. Ninguém havia me ligado ainda.

Toda vez que eu pensava naquela manhã, outro pote surgia. Agora os potes preenchiam cada centímetro da minha mente. Eu não tinha mais onde guardá-los. A escada já estava entulhada, eles não cabiam mais nos armários. Eu estava cheia daqueles potes fechados, sem espaço para me sentar, andar ou respirar.

Dez dias de vazio se passaram. Acordei com uma mensagem. Minha irmã me enviara uma captura de tela da seção policial do *Stanford Daily*. Uma nota dizia: *Vítima reporta furto de bicicleta na frente do Roble Hall em algum momento entre as três da tarde da sexta-feira e dez da manhã de domingo*. Outra dizia: *Domingo, 18 de janeiro. Um indivíduo foi preso e encaminhado à Cadeia Municipal de San Jose por tentativa de estupro à uma da manhã perto de Lomita Court*. O primeiro sinal de que aquilo havia acontecido. Eu nem existia na frase. Absorvi a palavra *tentativa*. O homem à espreita não devia ter conseguido. Ele deve ter me visto desmaiada, me olhado de maneira suspeita e alguns caras o tiraram de cima de mim. Parte de mim ficou grata, mas outra parte ficou triste. É só isso? Uma frase pequena, fácil de esquecer, escondida entre relatos de pequenos furtos. Se era assim que os estupros reais eram reportados, quantos eu teria deixado passar? Naquela manhã, acreditei que

aquela seria a única notícia que meu caso ganharia, uma única frase que cabia em um biscoito da sorte.

Mais tarde, eu estava em minha mesa, tomando uma caneca de café e escolhendo sanduíches para pedir de almoço. Cliquei nas notícias da página inicial e vi *atleta de Stanford*, vi *estupro*, vi *mulher inconsciente*. Cliquei de novo e minha tela foi preenchida por dois olhos azuis e uma fileira de dentes retos, sardas, gravata vermelha, terno preto. Eu nunca tinha visto aquele homem. *Brock Turner*. Li que ele havia recebido cinco acusações: *estupro de pessoa embriagada*, *estupro de pessoa inconsciente*, *penetração sexual por corpo estranho em mulher embriagada*, *penetração sexual por corpo estranho em mulher inconsciente*, *agressão com intenção de estupro*. Muitas palavras misturadas. Li outra vez, mais devagar. Digitei no Google: o que é um corpo estranho. O pânico foi lento e silencioso. O termo foi definido como um “objeto introduzido em local onde não deveria estar, como em um corpo humano ou máquina”. Os exemplos incluíam: “um grão de poeira nos olhos, farpas, lascas de madeira, anzóis, vidro”. O que havia sido introduzido em mim?

O artigo mencionava que a vítima havia sido penetrada digitalmente. Minha mente voltou-se para câmeras digitais. Pesquisei aquilo também. *Digital*, do latim *digitalis*, de *digitus*: “dedo, dedo do pé.” Ele deve ter dedado a moça, eu. O Google finalmente me fez sentar e ouvir a notícia. Eu me encolhi na cadeira de rodinhas, ouvindo o barulho dos teclados, alguém enchendo a garrafa de água. Olhei para aquele homem enquanto ele sorria para mim. Eles me disseram que fui encontrada desmaiada com um homem em cima de mim. Ninguém nunca tinha dito: *O homem foi encontrado dentro de você*.

Meu celular estava tocando. Fechei a aba e entrei na sala de testes dos aplicativos, com paredes de vidro, um pufe amarelo no canto, papel de parede de baleia jubarte e um pote de giz de cera na mesa. Uma mulher disse olá e se apresentou como a promotora assistente que cuidaria do meu caso. *Alaleh*, disse. Se pronuncia *Ah-lah-lei*. Falei o nome dela uma vez e repeti. Três sílabas, como uma pétala caindo, esquerda direita esquerda. *Ah-lah-lei*. Peguei um giz de cera verde, um pedaço de papel.

Ela disse algo como: Você está bem gostaria que tivéssemos nos conhecido em circunstâncias diferentes não poderemos confirmar que foi estupro até os resultados do DNA saírem as amostras foram enviadas ao laboratório mas os kits de estupro levam meses para serem processados o seu processo pode ser acelerado graças à pressão da mídia mas por enquanto vamos trabalhar com hipótese de penetração peniana e seguir com cinco acusações é mais fácil fazer a acusação agora do que adicionar mais tarde mas se o sêmen não for encontrado as duas acusações de estupro serão anuladas e reduziremos para três crimes de agressão e tentativa de estupro esteja ciente de que a equipe de advogados dele pode tentar entrar em contato com você e sua família se disfarçando de apoiadores então peça a sua família que não fale com ninguém que não tenha sido aprovado por *Ah-lah-lei* e se a imprensa tentar entrar em contato não responda eles não têm permissão para entrar em contato com você haverá uma coletiva de imprensa se perguntarem pela vítima eu vou mandar cuidarem da própria vida lhe será designado um defensor para responder a qualquer pergunta legal para você tudo bem prazer em conhecê-la tenho certeza de que nos encontraremos em breve se cuide.

Saí para pegar uma caneta, parei por um instante e voltei para a salinha quando meu celular começou a tocar novamente. Uma ligação de Stanford, uma mulher, era a chefe de algo. *Só queríamos que você soubesse que ele não está mais autorizado a entrar no campus, está bem?* Achei que aquilo era uma coisa boa, mas eu também não frequentava o campus. Onde ele estava? Aquela seria a primeira e a última vez que alguém de Stanford falaria comigo por quase dois anos.

O detetive Kim ligou e explicou que, uma vez pronto, o relatório tinha se tornado público, e foi então que a mídia teve acesso. Ele ficou surpreso com a rapidez com que o caso havia sido descoberto pela imprensa. Disse que Brock contratara detetives particulares, então, por enquanto, era melhor não contar nada a amigo nenhum. Com aquelas palavras, meu mundo inteiro caiu. *Detetives? Para investigar o quê?*, perguntei. Ele disse: *Não há como saber, por enquanto é melhor ser discreta. Manteremos contato.*

Outro número desconhecido: minha defensora, chamada Bree, da YWCA. Agradei a ela pela voz gentil e não sabia mais o que dizer, ainda segurava um giz de cera. Meu celular não ia parar de tocar.

Todos no escritório estavam sentados em silêncio enquanto eu fechava e abria a porta da sala de vidro, o celular colado ao rosto. As ligações foram rápidas, e todas terminaram com: *Entre em contato se tiver alguma dúvida.* Eu tinha milhares de dúvidas, mas disse: *Entendi, entendi. Obrigada, obrigada.* Eu queria ter perguntado: *Quem é você? De onde está me ligando? O que é um defensor? Ela era minha terapeuta? Onde fica a YWCA? Me inscrever no que de Assistência às Vítimas? Eles pagam pela terapia? Como alguém se chama Brock? Ele mora em Ohio? Quando saiu da cadeia? Vou poder manter o anonimato? Ele vai voltar para a audiência preliminar, a audiência preliminar é na segunda-feira, o que é uma audiência preliminar?* E-mails brotavam na minha caixa de entrada, contatos dos quais eu poderia precisar e informações atualizadas. Salvei os novos números no meu celular, colocando um emoji de bola vermelha ao lado de cada nome.

Tiffany estava me ligando. Ela disse que o nome completo dela e o de Julia tinham vazado em algumas matérias. Julia havia sido exposta, os burburinhos se espalhavam pelo campus, e a mãe dela, Anne, já havia recebido e-mails de pais preocupados de alunos de Stanford. Anne pediu que ficassemos calmas e nos deu conselhos legais: *As pessoas vão abordar vocês e dizer que são “detetives contratados pelo tribunal”, o que parece muito oficial, mas elas provavelmente trabalham para a defesa ou para a imprensa. Essas pessoas podem aparecer no alojamento ou na casa de vocês. Estejam preparadas para dizer “nada a declarar”. Aguentem firme, meninas.*

Estávamos sendo caçadas. Liguei para minha promotora novamente. Alaleh disse que o nome da minha irmã não estava protegido por lei, só o meu, só o da vítima, não há nada que possa ser feito. Eu não podia acreditar naquilo. Eu ia criar um e-mail com pseudônimo e escreveria para os meios de comunicação. Mas como eles saberiam que não era uma pessoa aleatória? Como eu passaria credibilidade? Eu estava agitada, disse a Tiffany que pensaria em uma solução, só precisava de um minuto. Contei que havia conversado com a promotora, ela é muito legal, o nome dela é, olhei o

papel, rabiscado em letras de lápis de cera verde, AYLEEELEE. Voltei a ler o artigo.

A suposta vítima disse que “apagou” após tomar duas doses de uísque, duas de vodca e sair da casa da fraternidade com a irmã. Como eles sabiam exatamente o que eu havia bebido? Eu não falei com nenhum repórter. Então me lembrei do hospital, sentada naquela cadeira de plástico, o cabelo molhado encharcando meu colo, as costas curvadas para esconder que estava sem sutiã, minhas partes ainda sensíveis por causa do exame. Tudo de que eu me lembrava, detalhes que, com muito esforço, forneci para aquele pequeno gravador preto, havia sido transcrito. Os repórteres devem ter vasculhado aquele material, usando minhas palavras para construir uma narrativa própria para que o público analisasse. Senti as paredes da minha vida sendo derrubadas, e o mundo inteiro entrando. Se palavras ditas baixinho em uma clínica especializada em estupro estavam sendo projetadas em um megafone, onde seria seguro falar?

Fui até o fim de um artigo e li: *A mulher está se recuperando em um hospital. Turner, um calouro, três vezes campeão de natação no ensino médio e recordista estadual em dois eventos de nado livre...* Vi a palavra hospital se transformar despercebidamente em recordista. A frase final: *Se condenado, Turner, que participou das etapas classificatórias para as Olimpíadas de Londres em 2012 nos EUA, pode pegar até dez anos de prisão.* Se meu nome aparecesse, o que eles diriam? *Chanel, assistente administrativa que trabalha de nove às cinco, nunca esteve em Londres.* Isso nunca me soou como motivo de preocupação. *Jervis disse que Turner era um excelente aluno e atleta. É muito trágico, ele é maravilhoso, maravilhoso...* Parei de ler. Por que ele era *excelente, excelente, maravilhoso, maravilhoso*? Minha colega de trabalho estava me fazendo uma pergunta. Algo sobre o Twitter. Um professor tuitou, o que o professor tuitou? *Já vou ver,* respondi. Ver o quê, eu não sei. Ela me agradeceu, mas também não sei pelo quê.

As notícias tinham um link para um relatório policial. Cliquei nele e fui rolando a página, procurando por vítima, vítima, vítima. Encontrei as anotações do delegado cuidadosamente escritas. Encontrei *a mulher, mais tarde identificada como VÍTIMA.* Encontrei *no chão atrás da lixeira.* Encontrei

usando um vestido preto justo. Encontrei com o vestido levantado até a altura dos quadris e enrolado próximo à cintura. Suas nádegas estavam totalmente descobertas e ela não estava usando calcinha. Encontrei o abdome inferior e a região pubiana expostas. Encontrei a vagina e as nádegas dela. Encontrei o cabelo comprido despenteado, emaranhado e cheio de folhas de pinheiro. Encontrei deitada em uma posição com os pés e as pernas flexionados em um ângulo entre quarenta e cinco e noventa graus (posição fetal) e seus braços estavam na frente do peito, com as mãos no chão, perto do rosto. Encontrei o vestido dela estava esticado sobre os ombros, o sutiã puxado para cima. Encontrei o sutiã cobrindo apenas o seio direito. Encontrei o colar puxado para trás, com o pingente no meio das costas. Encontrei uma calcinha branca de bolinhas pretas embolada no chão, a cerca de quinze centímetros da barriga da VÍTIMA. Encontrei iPhone prateado no chão atrás de suas nádegas. Havia uma capa de celular azul a aproximadamente dez centímetros do iPhone. Encontrei ela ainda estava de botas marrons com os cadarços amarrados em um laço.

Vi o primeiro comentário no fim do artigo: *O que uma pessoa formada estava fazendo numa fraternidade?* Não entendi. Tínhamos lido a mesma matéria? Fechei a notícia. Decidi então que não era verdade, que nada daquilo era real, porque eu, Chanel, estava sentada no escritório, e o corpo que estava sendo despedaçado em público não me pertencia. Suponho que tenha sido nesse momento que Emily Doe nasceu, eu, mas não eu, e subitamente a odiei, não queria aquilo, sua nudez, sua dor. Era Emily, tudo aquilo havia acontecido com Emily.



Existe uma camada por baixo dos gramados aparados, da brisa suave e dos Teslas recém-pintados de Palo Alto. Retire uma camada abaixo do sol e dos sorrisos e vai encontrar pressão, não espalhafatosa como um assovio de chaleira; mais para uma fervura branda.

Na escola Gunn, o único esporte que dominávamos era o badminton. Ninguém saberia dizer a pontuação do jogo de futebol, mas os vencedores das competições nacionais de matemática eram colocados em pôsteres nas

janelas. Nossa escola era conhecida por criar gênios gentis e humildes. Nunca havia confusão. Ninguém aspirava ser pintor, marinheiro ou um recluso literário. Tínhamos que fazer sentido, nos manter alinhados com a massa de pessoas que avançava no mesmo ritmo. Lutar contra o fluxo era perda de tempo. E quando havia tanto a fazer, tanto a ser, a saúde mental ficava em último lugar em nossa lista. Instabilidade significava ficar para trás.

Na primavera de 2009, meu primeiro ano na Gunn, todos os professores tinham sido convocados ao ginásio na hora do almoço. Pouco depois eles voltaram, andando muito devagar. Percebi os ombros curvados, os rostos pálidos, todos em silêncio. O sinal do intervalo tocou e fomos para a aula, onde o professor leu uma carta para nos informar das notícias: um colega de turma havia se jogado na frente do trem.

O choque foi palpável, estudantes chamando uns aos outros em tons frenéticos. Um mês depois, a mesma carta foi lida outra vez. *Lamentamos informar, a perda de, se você precisar de ajuda, não hesite em,* só que desta vez o nome era de uma menina. Ela era da minha turma de francês e uma rosa vermelha foi colocada em sua mesa vazia. Ficamos uma hora em silêncio, fungando, de cabeça baixa. Minha amiga começou a chorar alto e a professora pediu que eu a levasse à sala do orientador educacional. Depois que a deixei lá, fiquei sozinha no pátio, sem saber o que fazer. Queria fugir dali.

Ela foi enterrada no cemitério em frente à escola. Cheguei tarde, depois que todos já tinham ido embora, e vaguei por entre a grama verde e as lápides. Vi o braço curvado de uma escavadeira assentando a terra no túmulo dela, um baque constante e abafado. O ruído do metal fez meus dentes doerem. Eu queria dizer a eles: *Cuidado, ela está aí dentro.*

Pouco tempo depois, ouvimos os professores lerem exatamente a mesma carta, um novo nome. E depois outro nome. Quatro suicídios na ferrovia em seis meses. À noite, vimos no noticiário uma maca bamba carregando uma forma cilíndrica coberta. As outras escolas fechavam por causa da nevasca, a nossa, por causa de estudantes mortos. Provas eram canceladas, crianças deslizavam pela parede, sofrendo. Se estivéssemos com algum

problema, bastava sussurrar para um professor e seríamos mandados para casa ou para a sala do orientador.

Depois da primeira morte, todo mundo foi à aula vestindo preto, mas, depois da quarta, os responsáveis nos pediram que não *glorificássemos*, não *provocássemos*. As rosas e as cartas foram recolhidas, mensagens escritas em giz foram lavadas, velas foram apagadas, bichos de pelúcia foram guardados. Surgiu uma súbita disjunção entre o que sentíamos e o que víamos: tudo parecia normal. Aprendi que celebrar uma vida poderia provocar uma morte.

Amigos que se queixaram de depressão foram imediatamente medicados, distribuíram tantos comprimidos que as mochilas soavam como chocalhos. Alguns foram hospitalizados porque precisavam ser vigiados e então desapareceram por semanas. O restante de nós era educado o bastante para não fazer perguntas quando eles voltavam das “férias”. Ou éramos tratados como casos extremos à beira da morte ou deveríamos continuar estudando. Não havia meio-termo. Por isso, nos acomodamos a um estupor perpétuo.

Os arbustos ao redor da ferrovia foram retirados, as grandes cercas desapareceram. Um homem foi contratado para monitorar o cruzamento, usando um gorro, uma jaqueta preta grossa e um colete laranja-neon, sentado em uma cadeira dobrável. Quando chovia, montavam uma pequena tenda para abrigá-lo. Ele ficou ali, guardando os trilhos, mais de doze horas por dia, durante anos. Em economia, aprendemos como empregos eram criados para atender a demanda. Que trabalho era aquele? O que significava contratar alguém para impedir que nos matássemos?

Muitas noites foram tomadas pelo pânico. Se um amigo nosso não estivesse bem, não sabíamos se ele estaria vivo na manhã seguinte. Começaram a surgir grupos de busca, vasculhando os trilhos atrás de possíveis vítimas. Um jogo sombrio e macabro. Certa noite, fui até os trilhos para levar algumas margaridas. Ao chegar, encontrei viaturas estacionadas em ângulos estranhos. Fiquei paralisada. Um aluno havia acabado de tentar se matar, mas fora impedido. Estava sentado sozinho no banco de trás de um dos carros, a cabeça baixa, piscando para conter as lágrimas, as mãos amarradas às costas, o nariz escorrendo. Nunca contei a ninguém que o vi e, quando ele voltou à escola, fingi que nada havia acontecido. Eu me

perguntei se era aquilo mesmo que eu deveria fazer, se aquelas eram as novas regras do mundo em que estávamos vivendo.

Entreguei um bilhete rosa na sala do orientador, pedindo uma reunião, mas eles estavam sobrecarregados. Participei de uma palestra sobre saúde mental. Fomos instruídos a recostar nas cadeiras, colocar uma tangerina no umbigo e monitorar a respiração observando a esfera cítrica subir e descer. Eu me senti vazia olhando para a tangerina em meu umbigo.

Aconteceram outros três suicídios na Gunn enquanto eu estava na faculdade. Depois da formatura, quando voltei para Palo Alto, outros três aconteceriam em três meses, dois na ferrovia. Quando soube do suicídio mais recente, em novembro de 2014, chamei meu chefe, chorei e fui liberada para ir para casa.

Dez suicídios, o nome trocado dez vezes. Não tomaram comprimidos, não pularam da ponte nem cortaram os pulsos; nesses casos, as pessoas tinham pelo menos alguma chance de sobrevivência. Foram mortes certas. Ninguém sobrevive ao ser atingido por uma parede de aço a cento e trinta quilômetros por hora. O que me impressionava era a rapidez com que o sangue e as vísceras eram tirados do metal para que o trem voltasse à programação normal, correndo para levar os passageiros para o trabalho a tempo. Como era perturbador ver os vagões deslizarem de maneira tão casual e contínua, as rodas batendo nos trilhos do cruzamento em que pessoas haviam morrido.



Por isso, naquela manhã de janeiro de 2015, ler a história do ataque em Stanford no jornal foi como ler uma carta impessoal e direta: *É com pesar que informamos*. Só que não se tratava de uma morte nos trilhos, mas de um estupro triste e estranho em um campus da vizinhança, um corpo encontrado despido e desgrehado. Daquela vez, era o meu nome.

Olhei para fora e vi o sol brilhando, patos nadando na lagoa, todos trabalhando. Fiquei sentada, imóvel, à minha mesa, como fiquei sentada,

imóvel, na sala de aula tantos anos antes. Sabia que voltaria ao trabalho na manhã seguinte, da mesma forma que os vagões retornavam aos trilhos, da mesma forma que, depois de saber de uma morte, pegávamos o livro e continuávamos a aula. Quaisquer alarmes que surgiram em meu corpo foram silenciados, o horror se tornou distante. Meus olhos umedeceram, eu choraria escondida, mas sabia que faria o que sempre fizera: me desconectaria, seguiria em frente.

Quando voltei do trabalho naquela noite, estacionei do lado de fora da minha casinha rosa. Admirei as pedrinhas do jardim, as luzes cintilantes, as folhas cerosas cor de jade. Pensei nas duas pessoas ali dentro, minha mãe e meu pai, que não sabiam que a vítima morava sob aquele teto. Imaginei os dois pensando em suas rotinas noturnas: meu pai tirando as moedas dos bolsos, minha mãe cortando anéis de cebola, e quis preservar a paz deles.

Meus pais são protetores. Quando éramos crianças, se alguma coisa de errado acontecesse, eles sempre davam um jeito de nos preservar. Minha irmã e eu logo descobrimos que os dois tinham discussões sérias enquanto passeavam com os cães. Eles saíam à noite, andando de braços dados, sacos plásticos enfiados nos bolsos. Tiffany e eu os seguíamos, nos escondendo atrás de carros estacionados para ouvir. *O papai está preocupado porque você ainda lê muito devagar!* Observando minha casa, percebi que era muito pequena; eu não conseguiria esconder um segredo tão grande nela, não podia arrastá-lo pelo corredor e amordaçá-lo dentro do meu quarto. A ideia de dar a notícia fez meu estômago doer. Toda vez que chovia, meu pai dizia: *As plantas devem estar tão felizes!* Como ele se sentiria quando soubesse que sua filha havia sido estuprada? Como contar a eles? Se fosse comigo, eu gostaria que alguém me olhasse nos olhos, baixasse a voz e gentilmente pegasse minha mão. Talvez eu pudesse fazer isso por eles.

E se eles ficassem decepcionados, e se eu perdesse a confiança deles? Você escondeu isso da gente esse tempo todo? Voltou escondida do hospital para casa? Se você finge tão bem assim, o que mais está escondendo?

Eu temia principalmente o que aconteceria quando vivesse o estupro através dos olhos deles; a tristeza deles me assustaria. Se eu desse a notícia com calma, seria a deixa para que respondessem com calma, sem que

ficassem boquiabertos, sem choro. Quando uma amiga faz um corte de cabelo péssimo, existe um acordo tácito que nos obriga a dizer que ficou bom. Se dissermos: *MEU DEUS*, ela vai tapar o rosto e começar a chorar, perguntando: *O que eu faço agora? Não posso sair de casa assim!* Então percebemos que deveríamos ter dado ao cabelo dela a oportunidade de crescer um pouco. Aí, sim, poderíamos dizer: *É, aquele corte ficou péssimo.*

Achei que, se passasse a mensagem correta, poderíamos evitar completamente o sofrimento. Eu não diria: *desgrenhada, caída, ensanguentada, nua*. Eu me sentei na beirada da cama e pratiquei, sussurrando fragmentos. Eu destacaria o fato mais importante, o de ter sido salva. No jornal, eu tinha visto que dois estudantes suecos de bicicleta tinham vindo me socorrer. Eu disse em voz alta: *Dois ciclistas. Dois ciclistas intervieram. Por sorte, dois ciclistas o perseguiram, o pegaram! E então, dois ciclistas o derrubaram, o interceptaram, o jogaram no chão! Correram atrás dele. Isso é bom, dois ciclistas intervieram.*

Quando estava pronta, caminhei pelo corredor e enfiei a cabeça no quarto do meu pai, onde ele estava sentado na poltrona, vestindo uma camiseta do Warriors e assistindo ao jogo de basquete. *Assim que você tiver um tempinho, tenho uma coisa para contar!*, falei. *Não é urgente!* Minha mãe estava sentada no canto da sala, do outro lado da casa, no computador, quebrando sementes de girassol com os dentes, os farelos pontudos espalhados pelo chão. *Você está ocupada? Quando o papai vier, quero contar uma coisa para vocês!*

Eles foram até a mesa de jantar e eu fiquei de pé na cabeceira, como se comandasse uma pequena reunião. Expliquei: *Tenho uma notícia para contar, não leiam o jornal, vocês viram o noticiário? Aquele estuprador de Stanford?* Eles fizeram que não com a cabeça. Meu pai disse: *Vagamente*, palavra que costumava usar. *Lembram-se da festa a que fomos, Tiffany e eu, aquele cara tentou, ele foi pego. Não tenho certeza, mas acho que foi só com os dedos, então isso é bom. Dei de ombros. Eu não lembro, então. Mas lendo parece horrível, então vocês não precisam, na verdade, por favor, não leiam.* Não consegui dizer mais nada, fiquei sorrindo que nem louca. Os dois me encararam, esperando que eu terminasse o que quer que estivesse tentando lhes dizer. E eu esperei que dissessem: *Tudo bem, então! Que bom que você está bem!* Mas eles ficaram parados, como se um único movimento fosse detonar uma bomba.

Meu pai disse algo como: *Querida*. Algo como: *Sinto muito, você se lembra se, pode nos dizer o quê...* Mas foi o rosto imóvel da minha mãe que eu vi, sua expressão se fechando. Seus olhos se tornaram dois buracos negros, sua voz emergiu grave e equilibrada. *Quem é ele?* Balancei a cabeça para mostrar que eu não sabia mesmo. *Em que noite foi isso? Foi quando vocês estavam bebendo na cozinha? A noite em que levei vocês? Onde ele está?* Eu não conseguia mais olhar para ela, apenas para a mesa, balançando a cabeça, dando de ombros muito discretamente. A intensidade me silenciou; eu não conseguia suportar no que a sala havia se tornado.

Vi a piscina. Eu tinha seis anos, e minha irmã, quatro, e nós nadávamos no quintal. Minha mãe estava sentada sob um guarda-sol, com um chapéu e um vestido laranja comprido, lendo uma revista. Eu tinha uma toalha nos ombros e resolvi fazer uma coisa divertida: nadar com ela. Mas não havia percebido que minha irmã tinha me visto entrar na água com a toalha, pegado a dela e me imitado. Ela havia afundado, deixando a toalha levá-la para o fundo da piscina. Ouvi minha mãe gritar e pular, uma mancha laranja se formando no ar. Debaixo da água, ela se tornou uma chama agitada com cabelo comprido e escuro tirando minha irmã do fundo. Ela emergiu com os óculos de sol tortos, o vestido grudado na pele, agarrada à minha irmã, o chapéu flutuando feito um lírio ali perto. Os olhos da minha irmã estavam fechados com força, a boca aberta como a de um peixinho, ofegante e chorando. E minha mãe, afastando o cabelo molhado dos olhos da minha irmã, a levou para o raso.

Enquanto esperava na cabeceira da mesa, incapaz de preencher o silêncio, eu desabei. Inclinação para a frente, minha boca se abriu em gritos de dor e arquejos úmidos. Ouvi a cadeira raspar o piso assim que minha mãe deu um pulo, como fizera quando minha irmã estava se afogando. Ela me segurou com força, passando um dos braços por minha cintura, a outra mão acariciando meu cabelo, sussurrando *Mamãe não está brava, mamãe só está assustada*. Ela ficaria ali até eu voltar a respirar direito, até sentir a segurança do chão sob meus pés.

Naquela noite, meu corpo finalmente pôde relaxar, expirar. Imaginei que, enquanto eu dormia, eles discutiriam sem que eu ouvisse, como sempre

faziam. contei à minha irmã, *A mãe e o pai já sabem*, feliz em proporcionar aquele alívio para ela. Eu tinha sobrevivido ao relato, as partes mais difíceis haviam passado. Em Fearington, na Carolina do Norte, meus avós moravam perto de um lago, onde gansos perambulavam com aquele pescoço curvo e preto, grasnando de forma estridente. Meu avô Miller explicou que, durante a migração, as aves voavam formando um V. A da frente, a ponta do V, tinha o trabalho mais difícil, porque enfrentava a maior resistência do vento. O ar que saía das asas do líder levantava os pássaros que vinham atrás. Ser o líder era cansativo, então as aves se revezavam. Quando uma delas ficava esgotada, seguia para trás, onde não teria que bater as asas com tanta força, já que aproveitaria as correntes de vento geradas pelas outras. Ela economizava energia para poder liderar novamente. Essa era a única maneira de concluir a jornada, escapar do inverno e chegar a lugares mais quentes. Eu havia passado duas semanas batendo asas, mantendo uma expressão calma, para proteger meu bando das condições climáticas brutais. Mas a resiliência exigia descanso. Pelos oito meses seguintes, eu iria recuar. A coisa mais importante que eu deveria lembrar era que estar na retaguarda, ser mais lento, não significava não ser um líder.

No dia seguinte, havia uma torta de limão na bancada ao lado de um bilhete. De manhã bem cedo, enquanto eu dormia, meu pai havia colhido limões no quintal, os misturados a açúcar e ovos no fogão, apertados toda a borda e polvilhados com açúcar. Levei a torta para o trabalho para dividir com meus colegas. Eu me sentei à mesa com uma fatia amarelada e abri o navegador.

Nadador de Stanford nega suposto estupro. Quase engasguei. Senti que tinha levado um soco no peito. O artigo continha um aviso, pois essa versão dava detalhes mais gráficos. Fechei o aviso e cliquei no relatório policial, os olhos pulando de um lado para outro. “Durante a noite, TURNER ficou com algumas garotas.” Na matéria, todas as pessoas que ele havia beijado foram chamadas de *meninas*, mas eu, que tinha sido agredida por ele, jamais fui chamada de *menina*, apenas de *vítima*. “Ele afirmou que beijou a VÍTIMA enquanto ela estava no chão. Tirou a roupa de baixo da VÍTIMA e tocou na vagina dela. Também tocou nos seios da VÍTIMA.” Eu não conseguia

comer a torta, minha testa quente, as coxas pressionadas uma na outra com força, segurando o garfo com firmeza. Quando foi preso, a polícia tinha notado uma “protuberância entre as pernas” de Brock.

“TURNER não conhece a identidade da VÍTIMA. Nem chegou a saber o nome dela e não foi capaz de descrevê-la. Afirmou que provavelmente não reconheceria a vítima se a visse novamente.” Na cabeça dele, eu não tinha rosto nem nome. Mas o artigo afirmava que tínhamos nos “conhecido em uma festa”, como se a atração tivesse sido mútua e envolvido conversas cordiais.

“Ele estava se divertindo com a VÍTIMA e afirmou que ela também parecia estar gostando.” Gostando. Olhei para aquela palavra, um detalhe que não reconheci. Quis voar para cima dele, esganar seu pescoço, agarrar seu esôfago como uma corda, arrancando-o.

“TURNER começou a não se sentir bem e concluiu que estava ficando tarde. Ele disse que se levantou para ir embora e foi subitamente derrubado por um grupo de rapazes. Quando perguntaram por que correu, ele afirmou que achava que não tinha corrido.” “Está ficando tarde” é o que dizemos quando tiramos o guardanapo do colo, o colocamos no prato coberto de migalhas e avisamos que precisamos voltar para casa porque trabalhamos cedo no dia seguinte. “Está ficando tarde” não é o que se diz ao tirar a mão gosmenta de dentro de uma mulher, se levantar com uma ereção completa, se limpar e correr para longe, deixando um corpo para trás. Isso deveria ter sido suficiente. Aquela única frase deveria ter parado as engrenagens, impedido-as de girar.

Liguei para a promotora. *Ei! Você viu isso? Ele disse que eu gostei! Como é possível? Eu não consigo acreditar, você consegue? O que é isso?* Eu estava quase rindo de tão incrédula. Mas ela não acompanhou meu tom. *Eu sei*, disse ela, *eu sei*. Ela suspirou como se faz ao começar uma frase com *infelizmente* ou *lamentavelmente*. Explicou que se declarar inocente era uma formalidade prevista. Era esperado. *Mas estou dizendo agora, falei. Não gostei nada daquilo. Não sei quem ele é. Ele nem sabe como eu sou.*

Para mim, tudo estava muito claro. Mas, enquanto ela falava, a lógica me atingiu com uma clareza horripilante: você é a única saída dele. Era como

ver lobos sendo soltos das coleiras enquanto alguém sussurrava em seu ouvido que havia carne costurada em seus bolsos. A única chance que ele tinha de ser absolvido era provar que, pelo que ele sabia, o ato sexual tinha sido consentido. Ele forçaria gemidos em minha boca e me atribuiria um comportamento lascivo para colocar a culpa em mim.

Quando me designaram uma promotora, achei que significaria alguém que me defenderia. *Eu sou da acusação*, corrigiu Alaleh. *Brock tem um advogado de defesa*. Mas então pensei, *eu preciso de defesa, defesa pessoal, para me proteger dele*. Ele contratara um dos advogados mais famosos da região. Enquanto ela falava, percebi que sobreviver ao estupro tinha sido apenas o primeiro desafio. Se eu quisesse enfrentá-lo, contestar o lado dele da história, teria que fazer isso no tribunal. Naquele momento, tínhamos que supor que ele era inocente. No sistema judicial, a agressão ainda não havia sequer acontecido. Ele me vira como um corpo, mas tentaria me destruir como pessoa.

Até então, eu imaginara um futuro sem limites. Naquele instante, as luzes se apagaram e dois corredores estreitos se revelaram. Eu podia escolher o caminho em que tentaria esquecer e seguir em frente. Ou o que me levava de volta para ele. Não havia escolha certa; ambos eram longos e difíceis e exigiam um tempo indefinido. Eu ainda passava as mãos pelas paredes, procurando uma terceira porta para um corredor onde aquilo nunca tivesse acontecido, onde eu pudesse continuar a vida que tinha planejado.

O dicionário define a palavra negação como *recusar-se a admitir a verdade ou a existência de algo*. Essa recusa é um dano por si só. Eu nego sua verdade, não é real, não existe. Isso mexe com nossa sanidade. A verdade que eu conhecia seria complicada em um nível além da compreensão. Ela se afogaria no jargão jurídico, em ataques pessoais e manipulações, até se tornar tão turva que eu mesma não seria mais capaz de vê-la.

Quando cheguei em casa, reabri as matérias, quadrados empilhados na minha tela, todos os dentes dele enfileirados. Eu estava pronta para ver forquilhas erguidas, todas alinhadas com minha indignação. Mas, quando comecei a ler, fui diminuindo o ritmo.

Ele tinha só dezenove anos! Ela ficou com um calouro? Não é ela que é a abusadora nessa história? Já ouviu falar de estupro coletivo na Índia? Existem

mulheres por aí sofrendo abusos de verdade e você quer chamar isso de estupro. Essas adolescentes entediadas não conseguem se manter com as pernas fechadas. Lamentável. Não é como se ele tivesse arrastado a menina. Se ela tinha namorado, por que ele não estava lá? Prêmio de Mãe do Ano. Que tipo de mãe larga as duas filhas em uma festa de fraternidade? Não quero culpar a vítima, mas tem alguma coisa errada quando alguém bebe até ficar inconsciente... Ela nem estudava em Stanford. Desmaiou sem calcinha enquanto fazia xixi? O que aconteceu com as outras amigas? Eu, particularmente, não estou convencido de que houve um crime da magnitude descrita aqui, e talvez nenhum crime além do comportamento consensual lascivo. Ele deu alguma droga para ela? Se não, por que uma mulher ficaria tão bêbada? Eu nunca me permiti ficar bêbado a ponto de não saber o que estava fazendo.

Eles pareciam irritados por eu ter me permitido ficar vulnerável, mais do que pelo fato de ele ter se aproveitado da minha vulnerabilidade. Beber não é inerentemente imoral: uma noite de bebedeira exige Advil e água. Mas estar bêbada e ser estuprada, pelo visto, era condenável. As pessoas estavam convencidas de que eu não havia me protegido direito.

O verdadeiro mistério é o seguinte: ele é um atleta importante, um garoto muito inteligente e bonito! É de se imaginar que encontraria muitas garotas querendo ficar com ele! Em vez disso, ele acaba com a própria vida fazendo uma coisa dessas? É difícil de acreditar.

Não encontrei a revolta que esperava. Algumas pessoas escreveram coisas desagradáveis sobre ele: *Um menino bonitinho desses não vai ter chance na prisão.* Outros deixaram comentários gentis: *Por favor, Emily, não deixe que isso defina você. Recupere sua identidade e tenha uma vida incrível! Se Brock Turner for inocente, então eu sou um Jubbub extinto voando. Isso é ridículo.* Essas palavras me animaram por um tempo, mas esse conforto desapareceu rapidamente. Vi pessoas indiferentes, um pouco enojadas com a coisa toda, esperando que seus filhos nunca tivessem destinos semelhantes.

Naquela noite, percebi algumas verdades: eu sabia que ele levava a equipe de Oakwood ao campeonato estadual por dois anos seguidos. Sabia que ele era *um atleta muito requisitado*, um *nadador vencedor*, que tinha terminado a prova de duzentos metros de nado costas em segundo lugar. Sabia que haviam feito várias piadas sobre *nado peito*. Sabia que tinham dito que eu era

gostosa a ponto de *lamber os dedos*. Sabia que eu não merecia ajuda porque não era um trauma de verdade. Ele era um garoto, não um criminoso. Vitorioso, não perigoso. Tinha sido ele quem perdera tudo. Eu era a zé-ninguém com quem aquilo acontecera.

A raiva que ganhou força e rugiu em meu peito a manhã toda tinha se apagado, restando só algumas brasas em minha garganta. Fechei o computador, relaxei na cadeira. Eu me perguntei como, em um instante, minha identidade havia sido reduzida a uma mulher inconsciente e estuprada. Uma pessoa que jamais seria um modelo de vida; na melhor das hipóteses, uma história que serviria de alerta. Se alguém descobrisse, eu sabia que seria minha desgraça pública, que me marcaria para o resto da vida. Aquela parte de mim tinha que ser amputada. Passei por toda aquela confusão, por aqueles obstáculos novos, pelo futuro incerto e pela identidade manchada para me tornar Emily. Minhas costelas estremeceram quando respirei na superfície da água, enquanto me libertava das vozes gentis que diziam: *Jubjub, ridículo*.

No dia seguinte, eu estava em um café. Vi uma pilha de jornais, um retângulo azul brilhante na primeira página. Era uma piscina. Vi as linhas brancas dos braços de Brock, óculos escuros e a touca na cabeça. Havia retângulos azuis espalhados nas mesas ao meu redor, Brock nadando pelo estabelecimento. Um homem de camisa polo com um pescoço largo se sentou e abriu o jornal. Olhei em volta, me perguntando se aquelas eram as pessoas que haviam comentado na notícia, se eu deveria me ressentir delas, temê-las, questioná-las.

Pedi a minha irmã que não lesse os comentários. Eu disse a ela que a maioria das pessoas não havia passado nem dois minutos lendo as matérias e, as que tinham lido, entenderam tudo errado. Aquela era apenas uma pequena amostra da população. Se parássemos as pessoas para perguntar cara a cara, receberíamos respostas muito mais sensatas e empáticas. Então não os leia, ok? Quem se importa?

O que eu quis dizer, na verdade, foi que eu estava investigando todos os comentários para que ela não precisasse fazer isso. É claro que tenho que ler isso, *são minhas mensagens*, pensei. Tratei as seções de comentários como a

caixa de e-mail pessoal de Emily. Eu checava todas as noites e digeriria todas as mensagens destrutivas. Quando escreveram: *Por que ela saiu de vestido no inverno?* Respondi: *Inverno na Califórnia, seu idiota, nós fazemos trilhas de short no Natal.* Queria corrigir todos, endireitar um por um. Explicar, explicar, explicar. Mas eu carregaria aquela atitude defensiva para minha vida normal. Quando meus pais faziam perguntas simples, não relacionadas ao caso, *Você conseguiu mandar o e-mail para, você dobrou as roupas no seu, você pode levar o lixo para fora,* eu ficava tensa, assumia uma hostilidade infantil. Não, não fiz, estou ocupada. Parem de me culpar, parem de me atacar, estão dizendo que isso é tudo culpa minha. Eu temia mais confirmações de que eu não era uma boa pessoa.

Eu sabia que não deveria ler os comentários, mas queria entender. Alguns me apoiavam, mas outros tinham se incumbido da tarefa de criar todas as explicações e desculpas possíveis para me condenar. Será que eu era louca? Estava exagerando? Aquilo era mesmo triste?

A singularidade daquele crime era que o criminoso podia sugerir que a vítima tinha sentido prazer e as pessoas nem se incomodavam. Não existe facada boa ou ruim, assassinato consensual ou não consensual. Nesse crime, a dor podia ser disfarçada e confundida com prazer. Eu tinha ido parar no hospital, para onde pessoas vão quando seu corpo está doente ou ferido. Mas eu havia puxado as mangas para esconder minhas contusões, com medo de não receber o mesmo conforto que uma pessoa ferida teria recebido.

Em casos de estupro, para mim, é estranho quando as pessoas dizem: *Ué, por que você não reagiu?* Se você acordasse com um ladrão em casa e o visse pegando suas coisas, as pessoas não perguntariam: *Ué, por que você não reagiu? Por que não disse não?* Ele já estaria violando uma regra tácita, por que de repente decidiria seguir a razão? O que faria você acreditar que ele iria parar se pedisse? E, no meu caso, estando inconsciente, por que ainda havia tantas perguntas?

Outra linha de raciocínio me incomodava: a ideia de que garotos simplesmente não conseguem se segurar. Como se o cara nunca tivesse tido escolha. *Eu disse às minhas filhas quando foram para a faculdade: se você atravessar a rua na frente de um caminhão, espere ser atropelada. Não atravesse a rua na frente*

de um caminhão. Se você for a uma festa da fraternidade, espere ficar bêbada, ser drogada e estuprada. Não vá a uma festa de fraternidade. Você foi a uma festa de fraternidade e foi violentada? O que esperava? Eu tinha ouvido aquilo na faculdade, calouras nas festas sendo comparadas a ovelhas em um matadouro. Sei que não devemos entrar em uma cova de leões porque podemos ser atacados. Mas leões são animais selvagens. E garotos são pessoas, têm mente, vivem em uma sociedade com leis. Apalpar os outros não é um reflexo natural, biologicamente incorporado. É uma ação cognitiva que eles são capazes de controlar.

Parecia que, uma vez que aceitássemos passar pelas portas de uma fraternidade, todas as leis e regras deixavam de existir. Eles não eram obrigados a aderir às mesmas regras, mas para as mulheres havia inúmeras orientações: cobrir a bebida, nunca se isolar, não usar saias curtas. O comportamento deles era a constante, enquanto nós éramos a variável que todos esperavam que mudasse. Quando agir de modo preventivo e cuidar de tudo se tornou nosso trabalho? E se existissem casas onde várias meninas estivessem sendo machucadas, não deveríamos exigir mais dos moradores, em vez de repreender as meninas? Por que desmaiar era considerado mais repreensível do que dedar uma pessoa desacordada?

Também entendi que o local do crime não estava a meu favor. Crimes reais realmente acontecem em faculdades? Coisas loucas acontecem nos campi o tempo todo. Se alguém cagasse em uma piscina infantil em uma rua residencial, as pessoas diriam: *Isso é imundo, inaceitável, repugnante*. Se alguém cagasse em uma piscina infantil no jardim de uma fraternidade, as pessoas diriam: *Bem, a faculdade é assim mesmo, há-há!* Você correu por aí com o pau coberto por uma meia? Faculdade. Está bêbado numa tarde de quarta-feira, desmaiado em uma fantasia de girafa? Faculdade. As situações são amenizadas, perdem o peso e qualquer tipo de seriedade, qualquer punição real. As pessoas leem essa história e ouvem *fraternidade, atleta, pegação, curtição*. Aquele conjunto de palavras era tudo de que precisavam para que a cena ganhasse vida. Nós entendemos, disseram, eles estavam ficando e as coisas saíram de controle. Quem nunca passou por isso? Mesmo tendo acontecido em um jardim, não parecia causar desconfiança. Na faculdade, as pessoas não

transavam sob estátuas, nas escadas, na torre do sino, na biblioteca? E a imprensa não ajudou em nada. Os repórteres contaram quantas bebidas eu tinha tomado e quanto tempo Brock levava para nadar duzentos metros, puseram no alto da matéria uma foto dele de gravata. Aquilo podia ser usado como perfil no LinkedIn.

Eu queria cortar todo aquele excesso, todas aquelas distrações, para mostrar a parte da história que importava. Eu lia: homem vai a uma festa, beija três mulheres, encontra uma sozinha que não está em condições nem de falar, a leva para o meio das árvores, tira a roupa dela, enfia a mão nela e é derrubado por dois homens que percebem que ela não está se mexendo. Ele então nega ter corrido e não sabe dizer nada sobre a vítima, exceto que ela *gostou*. Portanto, tire o uísque às dez e quinze, o xixi, o nome da irmã mais nova, o nado livre olímpico e é só isso que resta da maldita história.

Numa sexta-feira à noite, peguei a estrada. Aumentei o volume da música, as janelas vibravam, as maçanetas tremiam. Afogando-me no barulho, comecei a gritar. *Eu odeio você, eu odeio você, me deixe em paz*. Bati no volante, engasgando com tudo que tentava expelir. Saí da estrada em direção à Ikea e reduzi a velocidade até um estacionamento lotado e todo iluminado, parando bem no centro, me trancando em meio a todos aqueles carros estacionados. Desliguei o som. Não conseguia respirar, minhas mãos tremiam descontroladamente, as lágrimas surgiam mais do que molhadas. A sensação era de que meu interior vazava de mim, grosso, doloroso. *Me ajude me ajude*. Senti que nenhum oxigênio chegava ao meu cérebro, que eu morreria se não conseguisse respirar. Com a visão turva, vasculhei os papéis na bolsa, peguei o panfleto que eu guardava dobrado, dei uma olhada nos telefones da linha direta, muitos números, e liguei para o de *Stanford*. Eu não quis assustar a mulher com os ruídos que estava fazendo: *Estou segura, só preciso de alguém. Fique comigo eu preciso de alguém*. Eu mal conseguia transformar os ruídos em palavras. *O nadador, o nadador, eu sou a pessoa*. Deixei a cabeça cair para trás, deixei os ombros estremecerem, a mão grudada na testa, o rosto molhado, o queixo molhado, o pescoço molhado. Senti as laterais da minha garganta arranharem e deixei tudo sair, sabendo

que aquela pessoa nunca me veria e que eu nunca a veria, mas pelo menos alguém estava ouvindo.

Quando falou, ela pareceu preocupada. E ouvi aquelas palavras novamente: *Não é culpa sua*. Ela continuou repetindo-as, como um mantra. Senti uma irritação abrir caminho. Culpa dele, culpa dela. Com que rapidez as vítimas devem começar a lutar, a converter sentimentos em lógica, se familiarizar com o sistema jurídico, a intrusão de estranhos, o julgamento implacável? Como eu protejo minha vida? Dos detetives? Dos repórteres? Eu tinha sido munida de uma promotora para enfrentar essa batalha, mas ninguém sabia me dizer como conter toda aquela hostilidade, toda aquela tristeza destruidora. Eu estava sozinha, minha história agora selada dentro de mim, uma moça sem rosto me alimentando com banalidades pelo telefone.

3.

Emily e eu levávamos vidas separadas. Meus dias eram maravilhosamente comuns, cheios de movimento e textura: salmão fresco com pele crocante no jantar, longas conversas ao telefone com Lucas, passeios de bicicleta pelas trilhas à beira do pântano com meu pai, atravessando salinas e salicórnias. Recortei cartõezinhos em forma de coração com versos escritos à mão para todos no escritório. Emiti faturas, lambi envelopes, cheirei o leite semidesnatado para conferir se ainda estava bom. Desenhei postes telefônicos e pássaros engraçados e me sentei, de pernas cruzadas, para tomar café com amigos. Do lado de fora, a vida havia continuado sem problemas. Emily morava dentro de um mundo minúsculo, estreito e confinado. Não tinha amigos e aparecia só de vez em quando para ir ao tribunal, à delegacia ou fazer ligações na escada. Eu não gostava da fragilidade dela, de como ela falava baixinho e parecia não saber de nada. Eu sabia que ela estava sedenta, precisando de alimento, reconhecimento, cuidado, mas me recusei a legitimar suas necessidades. Eu não queria aprender mais sobre o sistema judicial, recusei a terapia. *Não precisa*, disse a ela.

No começo, mantive sem nenhuma dificuldade as duas separadas. Ninguém nunca seria capaz de detectar meu sofrimento. Mas, se alguém olhasse atentamente, veria as rachaduras. Fui dormir várias noites com lágrimas nos olhos e cheguei ao trabalho na manhã seguinte com as pálpebras inchadas. Comecei a colocar uma colher no freezer para pressionar a concha de metal gelado no olho enquanto escovava os dentes. Coloquei cubos de gelo em um saco ziploc e o levava ao rosto, com uma das mãos, enquanto com a outra dirigia para o trabalho ouvindo rádio. À noite, eu voltava para a bolsa de água morna largada no porta-copos e a esvaziava na grama.

Um dia, avisei à minha chefe que ficaria fora por algumas horas, à tarde, para ir ao médico. *Está tudo bem?* Fiz um gesto dispensando a preocupação e disse que era só um check-up. Na hora marcada, fui até o tribunal. No trajeto, me transformei em Emily, deixando o calor do dia para trás.

Assim que parei no estacionamento, o prédio atarracado pareceu impenetrável, antipático, frio. O prédio do tribunal me lembrou uma clínica abandonada, intocada desde os anos 1960. Antenas parabólicas e barras de metal se projetavam do telhado. Duas bétulas emergiam da terra como ossos, galhos negros pendiam finos como fios de cabelo. Passei pelas portas de vidro a caminho da segurança e limpei os pés em um tapete esfarrapado. Notei cabos emaranhados no chão, uma lata de spray Lysol, duas laranjas, uma garrafa térmica de metal e uma grade quadriculada de monitores. Seis vigilantes de uniforme bege recostados em cadeiras giratórias manchadas atrás de uma mesa. Coloquei a bolsa em uma caixa plástica e passei pelo detector de metais capenga. Vi a mão de alguém vasculhar minha bolsa. Olhei para o corredor branco, a luz fluorescente brutalmente refletida e presa em capas de plástico no teto. O policial empurrou o recipiente de volta para mim e eu fiquei parada, impassível, do outro lado do detector. *Você sabe para onde ir?*, perguntou ele. Fiz que não com a cabeça. Ele apontou para a lista de setores na parede. Quarto andar.

As portas do elevador se abriram, revelando mais um vazio. No fim do corredor havia duas portas de madeira. A da direita dava para uma salinha de espera que mais tarde eu chamaria de “closet da vítima”. Eu passaria muitas horas ali dentro. A da esquerda se abria para uma sala cheia de cubículos cinzentos e impressoras pesadas, atrás das quais ficava o escritório de Alaleh. À direita de ambas havia uma passagem comprida e estreita que levava à sala de audiências.

Eu ia conhecer Alaleh e minha defensora, Bree, pela primeira vez. Meus pais estavam a caminho. Eu tinha perguntado a eles se deveria levar flores para agradecer. Eles disseram que eu poderia dar flores quando aquilo tudo acabasse. Mas achei que seria a primeira e última vez que nos encontraríamos; eu precisava de uma promotora para negociar os termos do

acordo e encerrar o caso. Não sabíamos que o fim seria dali a quase quatro anos.

Bree tinha vinte e tantos anos. Ruiva, de cabelo comprido e sardas, sua presença era acessível e calorosa. Alaleh tinha cabelo escuro, pele cor de avelã e um sorriso enorme. Usava um blazer justo e sapatos de bico fino e salto alto, verdes como espinafre. Parecia ter trinta e poucos anos, uma energia bondosa e força natural. Toda vez que a encontrasse, notaria seus brincos amarelos dente-de-leão e suas unhas fúcsia, pequenos fragmentos de cor naquela terra de cinza esfumado. Ela é filha de imigrantes iranianos, fato que eu descobriria mais tarde; seus pais tinham um pub irlandês, onde ela havia trabalhado enquanto cursava a faculdade de direito.

Eu me sentei no meio, com minha mãe à esquerda e meu pai à direita. Alaleh estava sentada atrás de uma mesa grande, a janela emoldurando a copa das árvores, as prateleiras entupidas de envelopes de papel pardo. Eu via as folhas das árvores ao vento lá fora, mas ali tudo estava parado. Abaixo de nós, vi o Mollie Stone's Market e me lembrei do display com espigas de milho mecânicas e vacas piscantes que cantavam enquanto Tiffany e eu aplaudíamos. Era surreal ver minha cidade natal da janela do quarto andar, enquanto me mantinham isolada dela. Com sua palma macia, minha mãe segurava a minha mão, massageando os pontos de pressão. Eu me perguntei se estava parecendo uma criança de mãos dadas com ela, mas os principais meios de comunicação da minha mãe sempre tinham incluído o toque e a comida. Havia notado que, na cultura americana, algumas meninas ligavam para a mãe todos os dias para conversar, trocar receitas de sopa, falar sobre garotos e como lavar uma peça de roupa específica. Sempre fui fascinada por esse tipo de conversa. Passei a vida toda ouvindo minha mãe digitar frases em inglês em um pequeno dicionário eletrônico prateado que pronunciava em voz alta qualquer palavra que ela estivesse aprendendo: *Espaguete. Ironia. Pernicioso. Massachusetts*. Essa era a quinta voz em nossa casa. Quando exclamava *Jesus, Maria e José*, por muito tempo achei que ela dissesse *Jesus Maria José*, como se aquele fosse o nome completo Dele. Eu sabia que o inglês carregado de sotaque dela podia ser visto como falho e simplório, mas escondia certa genialidade. Estávamos sempre recebendo caixas na porta de

casa, e eu a via tirar casualmente prêmios chineses de literatura do meio das bolinhas de isopor, como se desempacotasse peras da mercearia. Eu podia conversar com ela sobre morte, amor, filmes estrangeiros, temas universais que transcendiam culturas. Mas, sobretudo, se estivesse preocupada comigo, ela preparava uma tigela de macarrão maior do que minha cabeça, ou tocava minhas têmporas e dissipava meu estresse com a ponta dos dedos.

Alaleh queria ter uma noção do meu histórico. Se eu morava em Palo Alto, se estava trabalhando, qual era minha relação com bebidas? Expliquei que tinha estudado no campus de Santa Barbara da Universidade da Califórnia. Percebi que já estava na defensiva, ciente de que minha faculdade era conhecida pelas festas. Afirmiei que tinha bebido na faculdade, principalmente em reuniões com os alunos de literatura, pessoas que liam poemas em cima de uma escada, em pequenas comemorações em salas de estar com o tema “David Bowie”. Eu namorava um garoto chamado Lucas e, sim, já tinha apagado antes. Eu me vi divagando, sem saber o que tentava explicar. Queria que ela visse que eu era normal: que bebia, claro, mas que não gostava de ser penetrada enquanto estava inconsciente. Ela disse que entendia, que também tinha feito faculdade.

Meu pai começou a fazer perguntas, e ouvi sua frustração transparecer. Ele exibia uma expressão irritada e exasperada, a mesma de quando nossos voos se atrasavam. *Quero dizer, que tipo de cara, como ele pôde, eu simplesmente não entendo, não seria um tanto ridículo se, você não pode me dizer de fato se isso vai dar em alguma coisa.* Alaleh confirmou a incredulidade dele, *sem dúvida, é lamentável como essas coisas, sei que é difícil, felizmente temos muitas, é melhor esperar para ver,* mas ela também sugeriu que aquilo seria apenas o começo, que nada era previsível. Mais tarde eu descobriria que ela já havia se encontrado com o advogado de defesa de Brock, que garantira que seu cliente receberia uma contravenção penal por perturbação da paz. A guerra já havia sido declarada, mas eu não sabia.

Percebi que sabia muito pouco sobre o processo e que tinha concordado praticamente no escuro. Pensei que passaria aquela hora me escondendo atrás dos meus pais e que eles me protegeriam naquele território inóspito. Em vez disso, senti que estava sendo passada das mãos deles para as dela. Se

continuássemos, eu ficaria sozinha sob o microscópio, no banco das testemunhas, onde minha mãe não poderia segurar minha mão.

Minha personalidade passara a ser a vantagem de que minha promotora precisaria. Os detetives podiam estar me observando. Eu tinha uma imagem a zelar, não podia ser imprudente. *Comporte-se da melhor forma possível.* Analisei o comentário em minha mente. Se eu continuasse bebendo, será que a defesa argumentaria que no fundo aquilo não havia me afetado? Se postasse na internet fotos minhas sorrindo em uma festa, a defesa diria que eu nunca sofria? E, o pior de tudo, se de alguma forma eu fosse violentada de novo, eles diriam bom, se foi violentada duas vezes, claramente o problema é com ela, não com Brock?

Depois da reunião, me sentei no meu carro, mas não consegui voltar para o trabalho. Eu não recebera a confirmação que queria, de que aquilo tudo estaria acabado. *Tenha paciência, pedia ela. É um processo longo e demorado. Por enquanto, voltem à vida de vocês.* Eu tinha dito à minha chefe que estava em uma consulta médica, mas a reunião acabou parecendo mais uma entrevista de emprego. Estavam decidindo se eu seria uma boa vítima: tem um bom caráter, parece resiliente, o júri vai simpatizar com ela, será que ela vai desistir no meio do processo? Saí com a sensação de que tinha conseguido o emprego. Mas eu não queria aquele emprego. Queria minha vida antiga. Mas deixar aquele cara se safar? Eu não podia permitir isso. Prestar queixa fora uma decisão minha, diriam eles, mas às vezes sentimos como se não tivéssemos escolha.

Alaleh havia pedido a mensagem de voz do telefone de Lucas, mas perguntei se ela poderia esperar. Ele viria me visitar dali a uma semana e eu queria contar tudo pessoalmente. Elas queriam coletar provas, enquanto eu tentava manter minha vida intacta.

Fui até o aeroporto recebê-lo e senti uma faísca no peito quando avistei seu rosto na multidão. Saímos para comprar lanches para a noite. Quando estacionamos e saímos do carro, eu apenas o abracei, o rosto virado para o lado, para que ele não pudesse ver. Lucas achou que era um abraço de boas-vindas e começou a pensar em quais doces comprar, enquanto lágrimas escapavam dos meus olhos, se acumulando nos cantos dos meus lábios; um

sistema de escoamento que eu havia aperfeiçoado. Era como se eu vivesse com uma xícara cheia atrás de cada olho. Tinha me acostumado a derramar algumas lágrimas de tempos em tempos. Limpei o rosto e votei em balas azedinhas.

Eu não havia percebido quanto queria estar nos braços de alguém. Quando pensamos em pessoas se encaixando, nos vem à cabeça um homem se inserindo em uma mulher, mas há várias outras maneiras. As orelhas tão finas quanto cartolina permitem que eu encoste a lateral do rosto no peito dele. Os dedos podem ser entrelaçados sem se enroscar. A mão pode formar uma cadeirinha para o queixo. Somos projetados para nos moldar e nos encaixar, para confortar a nós mesmos e uns aos outros. Temos muitas partes pequenas que precisam de cuidados. Depois do abuso, senti muita necessidade de ser tocada, mas nada relacionado a *invadir, penetrar, inserir, colocar*. Só queria a intimidade de ser envolvida, protegida por alguma coisa.

Naquela noite, deitados de lado, os joelhos dele dobrados perfeitamente entre os meus, percebi que era muito possível que eu o perdesse. Só namorávamos havia alguns meses, e me lembrei do meu pai dizendo que em todo relacionamento havia um momento de desilusão: o surgimento do primeiro obstáculo, quando decidimos superá-lo ou nos separar. E eu estava ali, no meio de uma confusão feia e pública. Eu deixaria a porta aberta, caso ele decidisse não participar daquele pesadelo.



Eu ainda estava descobrindo como era amar e ser amada. Se me perguntassem sobre a experiência que tive com garotos no ensino médio, eu diria que, certa vez, convidei um menino para uma festa criando, por toda a escola, uma trilha de papel higiênico que levava até mim, e eu segurava um cartão com os dizeres: *Se tiver que ir, vá comigo!*

Antes de conhecer Lucas, eu tinha vivido um único relacionamento duradouro e sério: no último ano do ensino médio, namorei um cara de ascendência japonesa, olhos gentis, inteligente, ombros largos. Tudo que

sabia era que, no atletismo, quando o observava arquear as costas no salto em altura, eu ficava tontinha. Antes da formatura, todos os veteranos mataram aula e desceram um penhasco íngreme até uma faixa de areia, montando um acampamento provisório cheio de tendas multicoloridas. Todos bebendo, fogueiras, dormindo à meia-noite. Aos dezessete anos, eu nunca havia tomado bebidas alcoólicas, fumado nem beijado alguém. Esse cara e eu estávamos sóbrios, sentados em um tronco em frente à água escura, enquanto o mundo dormia atrás de nós. Conversamos até o sol nascer. Quando saíram das barracas, ainda sonolentas, minhas amigas sussurraram: *O que aconteceu? O que vocês fizeram?* Dei de ombros e disse: *Nada*. Elas ficaram decepcionadas. *Nada?* Mas para mim foi tudo. Demos o meu/dele/nosso primeiro beijo na porta da minha casa no meu décimo oitavo aniversário. Fiz uns mapas da vida elaborados, desenhando tudo que havia acontecido para estarmos na mesma escola ao mesmo tempo, tentando entender como o universo tinha criado um ser humano perfeito e depois o entregado a mim.

Fomos para faculdades em cantos opostos do país — a minha na praia, a dele na neve. Eu escrevia bilhetes para meus professores dizendo que meu “primo” estava “se casando” e pegava o avião para vê-lo. Chamava isso de lua de mel com dever de casa. Ele tinha um peixe de estimação e a mandíbula do animal mal abria, então ele usava a unha do polegar para cortar a ração em pedaços menores. Esse era o nível de atenção, de cuidado que ele dispensava. Pelos três anos e meio seguintes, cresci protegida, segura e confiante, dormindo no quarto dele, onde os canos estalavam com o aquecimento. Mas, no fim da faculdade, algo desapareceu. Nosso relacionamento se tornou uma torre de blocos de montar, e nós começamos a retirar as peças uma a uma, deixando a estrutura cada vez mais frágil. Pouco antes da minha formatura, houve um tiroteio na minha faculdade, com muitas poças vermelhas de sangue. No mesmo fim de semana, ele estava em um barco, em um lago azul cintilante. Descobri que a lacuna entre uma violência surreal e a vida cotidiana era muito tênue. Fomos jogados em universos distintos: meu lado subitamente escuro, e o dele, claro. Começamos a brigar, ou melhor, eu gritava ao telefone enquanto ele ficava

cada vez mais mudo. Quando chegamos em casa em Palo Alto, após a formatura, a torre ruiu e os blocos se espalharam.

Claro, eu já tinha ouvido falar de corações partidos nas músicas, mas puta merda. Esse sentimento deveria ter um nome. Deixa mesmo a gente sem ar. Como existir sem aquela pessoa? Enquanto eu era protegida por ele, me sentia corajosa, amada. Saí daquele abrigo solteira, com vinte e dois anos, ingênua e faminta. O espaço deixado para trás era cavernoso, e prometi a mim mesma que ia preenchê-lo.

Lembro que as pessoas sempre me diziam *há outros peixes no oceano* e eu respondia: *Óbvio, é lá que eles moram*. Mas ele era uma espécie rara de peixe-leão, que eu havia perdido. O que fazer quando perdemos alguém ou quando esse alguém decide nos perder? Passei por anchovas, garoupas indigestas e acarás pomposos para substituí-lo. Sexo sempre tinha sido uma coisa carinhosa, sagrada e monogâmica. Mas naquele verão aprendi que poderia ser algo escorregadio, desleixado. Enrugado. Vazio de sentimentos. Rápido como um piscar de olhos. Terrivelmente chato. Só isso e nada mais. Por ser uma jovem recém-apresentada ao mundo, percebi que tinha um poder. Ou ao menos foi assim que encarei, enquanto me deixava consumir, ser totalmente engolida, pelos peixes.

Naquele verão, não falei sobre o tiroteio, não falei sobre perdê-lo. Consegui um emprego em um restaurante chinês por dez dólares a hora e fui treinada para empacotar arroz em embalagens para viagem. Minha bebida preferida era o AFDP azul brilhante, abreviação para *Adeus Filho da Puta*. Eu dizia *adeus* e, na manhã seguinte, minha amiga afirmava que eu havia chorado incontrolavelmente, a ponto de assustá-la, eu tinha me sentado na borda da banheira, me balançado para a frente e para trás, falado comigo mesma: *Você está bem, Chanel, você está bem, vai ficar tudo bem*. Mas nunca me lembrava disso. Fingia que a bebida era diversão, mas hoje sei que era uma triste rendição. Não conseguia processar a nova realidade que me havia sido apresentada, não tolerava mais meus sentimentos e acreditava que eu valia muito pouco. Bebia para apagar a luz, um vislumbre da morte, para ter um gostinho e, então, a promessa do despertar.

Mas acabei me cansando daquilo. Tinha esgotado toda a autodepreciação possível que vinha depois de me jogar naquele mar agitado. Quando finalmente arranjei outro emprego, fui apresentada à estabilidade. Adorei o escritório novo, a iluminação natural, os aviões planando do outro lado da janela. Ganhei um laptop da empresa, fino como um pedaço de papel, muito sofisticado, o que significava que eu valia alguma coisa. Parei de sair tanto. Marcava encontros comigo mesma: dirigia até Bernal Hill, me deitava no gramado para ler por horas, desenhava gorilas no zoológico, ia ao cinema sozinha. E, quando o verão soturno e alcoolizado chegou ao fim, eu começava a acreditar que ser adulta sozinha ia dar certo, talvez.

Em uma sexta-feira à noite, bem tarde, acordei com a ligação de uma amiga. Ela estava em um bar e um cara começou a ser inconveniente. Será que eu podia ir até lá ficar com ela? Eu cheguei e espantei o cara. De repente, convidados de uma festa de casamento surgiram, padrinhos de terno cinza e meias listradas seguindo uma noiva que dançava. Um deles veio até mim. Chamava-se Lucas.

Ele tinha crescido perto de Palo Alto e morava na Filadélfia, onde ia começar o primeiro ano de administração na Wharton School. Era alto, magro, de riso fácil e alguns anos mais velho que eu. Sabia coisas que eu desconhecia: espanhol, rúgbi, matemática, confiança. Tinha cursado o ensino médio no Japão, conhecia a textura das alpacas no Peru, pisara em todos os cantos da nossa pequena terra azul. Palo Alto era só um pontinho! Descobri que ele havia ganhado um campeonato de mergulho de barriga na escola e usou o cabelo espetado e descolorido no quinto ano. Lucas me chamou para jantar um dia antes de voltar para a Filadélfia.

Alguns meses depois de começarmos a namorar, eu tinha acabado de tirar um cochilo quando ele disse do nada *Eu te amo* com a naturalidade de quem diz *Está chovendo lá fora*. Havia sido uma tarde monótona: tínhamos tomado chá com leite e comido tortinhas de creme de ovos em Chinatown e ele tinha comprado para mim um anel turquesa de um vendedor ambulante. Eu me perguntei quando, naquele dia comum, ele se dera conta. Eu sorri, mas disse que ele era louco. Ele falava *amor* como se fosse uma coisa emocionante, enquanto eu sabia que poderia ser absurdamente dolorosa. Mas

Lucas não parecia se importar: era tranquilo e paciente, e percebi que ele não era só mais um peixe.

Em dezembro de 2014, ele pediu que eu fosse visitá-lo na Filadélfia. Quando cheguei, vi as grandes cartolinas brancas que ele comprara para eu desenhar e um freezer cheio de sorvete. Eu ainda não sabia como chamar nosso relacionamento, só que ele tinha trocado a foto de Machu Picchu no fundo de tela do celular para uma foto minha sorrindo, com a jaqueta marrom de esqui dele, uma carinha redonda e feliz fascinada pela neve.

Em janeiro de 2015, minha irmã voltaria para casa. Nós iríamos a uma festa, onde eu seria encontrada inconsciente no chão. Algumas semanas depois, ali estava ele em Palo Alto, trabalhando sentado à minha mesa, o sol atravessando as cortinas, enquanto eu continuava deitada na cama. Talvez o universo tivesse me emprestado a presença dele para me mostrar que o amor ainda era possível, mas o tomaria de volta e me deixaria sozinha para lidar com aquela nova erupção. Aos vinte e dois anos, eu começava a me perguntar se a idade adulta era apenas uma série infinita de perdas. Existia algum benefício em amadurecer? Como suportar todos esses sentimentos pesados pelo resto da vida? Olhando para o dia lindo lá fora, ouvindo-o digitar, não quis contar a ele. Quis ficar sentada no meu quarto iluminado pelo sol e aproveitar a tarde com o homem à minha mesa. Eu queria aquele momento, queria pegá-lo, engoli-lo e viver nele por toda a eternidade. No entanto, eu estava prestes a arruiná-lo.

Você ainda tem aquela mensagem de voz? Ele parou de digitar e olhou para mim. *Por quê?*, perguntou. *Eu só queria ouvir*, respondi. Ele continuou me olhando. O celular dele atingiu meu cobertor. Curvei o corpo, cobrindo o rosto enquanto ouvia o recado pela primeira vez. As transcrições o registram da seguinte forma:

MENSAGEM DE VOZ DE CHANEL PARA O NAMORADO

EM 18-1-15 @ 3:39:34 [ET]: Oi. Hum (inaudível), porra (inaudível). Oi, (inaudível) seu celular. Mas todos os ho-homens presentes (inaudível) ou o que quer que seja, e eu gosto ma-mais de você. (Inaudível.) Então eu (inaudível), uh-huh. Uh. (Risos.) Você, você é um bobalhão e sabe disso. Mesmo trabalhando tanto, vou recompensar você no verão. Se você trabalha vinte e quatro horas por dia, vinte e

quatro horas por dia em trinta, uh, quantas horas por dia, mas por quantas horas você não trabalha, ou trabalha por, você sabe o quê. Mas estou fazendo coisas engraçadas. Eu, eu gosto de você, eu gosto mu-muito, e eu quero, eu quero dizer isso. (Risos.) Está bem, tchaaaaau. Eu, eu gosto muito de você, mais do que você pensa de mim. Está bem, uh, tchau (inaudível).

As palavras eram indistinguíveis, minha voz deslizando feito manteiga em uma panela quente, se arrastando de uma para outra. Qualquer pessoa que falasse comigo saberia imediatamente que eu estava incapacitada. Além disso, a mensagem continha minha mais pura verdade: mesmo quando minha mente estava confusa, eu desejei Lucas, tinha ligado para fazer uma declaração desleixada. Agradei à Chanel embriagada. Então senti os olhares: começar uma mensagem com *porra* seria uma mancha no meu caráter. A defesa poderia usar isso para provar que eu era vulgar, profana. Se eu quisesse ser uma boa vítima, teria que parar de falar palavrões. Havia tantos padrões novos que eu precisava seguir...

Reparei que Lucas me observava. *O que está acontecendo?*, perguntou ele. Dei de ombros. *Nada*, respondi. Fiquei assustada com o olhar intenso dele. Eu o vi somar dois mais dois, fechar o laptop e vir para a cama. Ficamos sentados em uma bolha de silêncio. *Você foi estuprada?* A maneira como ele disse aquilo em voz alta, a franqueza, me chocou, as palavras fortes demais. Balancei negativamente a cabeça. *Não lembro.*

Ele se deitou nos travesseiros, olhando para a frente, para algum lugar distante. *O que aconteceu?*, perguntou. *Nada*, falei. *Isso não foi nada*, disse ele. *Bom, dois caras impediram*, respondi. *Acham que ele só me dedou. Não lembro, mas o cara fugiu. Eles o pegaram.* Eu ainda não sabia como contar minha história. Sorri. Como aquilo deve ter parecido assustador, como eu queria parecer tranquila.

Eu sabia, disse ele, *eu sabia, tive um mau pressentimento, deveria ter ficado no telefone com você. Você estava sozinha, eu deveria ter ficado no telefone com você, eu não sabia o que fazer.* Balancei a cabeça para discordar, não tinha sido por causa disso. Eu queria me dissolver ao observar as notícias o afogarem. Ele ficou quieto por bastante tempo. *Não vou deixar que nada de ruim aconteça com você*, disse. Aquilo era impossível, mas naquele momento me permiti

acreditar. Encostei a cabeça no peito dele, e ele continuou olhando para a frente. Passamos horas e horas daquele jeito, colados um no outro durante a tarde tranquila, o sol brilhando lá fora sem a gente, o dia inteiro tomado.

Ele podia ter ido embora, percebido que não conseguiria aguentar. Mas ele abriu caminho até a dor e ficou ali, grudado. *Não importa o que aconteça, eu vou estar aqui.* Mais tarde, ele me diria que havia lido os relatórios policiais na viagem de volta para a Filadélfia, ficara enjoado, soltara o cinto de segurança e seguira pelo corredor para vomitar na pia minúscula do banheiro. Eu o imaginei naquele banheiro pequeno, a porta sanfonada, a fila de pessoas esperando do lado de fora enquanto ele colocava imagens do meu corpo para fora do dele. Amar alguém é doloroso.

Há pouco tempo, perguntei a ele sobre tudo isso, depois de enumerar a sequência caótica de eventos de como nos conhecemos e tudo que se seguiu. *Por que você se dispôs a continuar namorando comigo, com tudo aquilo acontecendo?* Ele disse: *Por causa de você.* Eu retruquei: *É, mas e o estupro, as bebedeiras, tudo isso?* Ele respondeu: *É, mas e você?*



No fim de fevereiro, fui chamada à delegacia antes do trabalho. O detetive Kim disse que o objetivo deles era *analisar meu relacionamento*. Parei o carro no estacionamento, a névoa ainda pairando sobre os eucaliptos, e fui levada à mesma salinha de paredes cor de sopa de cogumelos, com o gravador preto na mesa. Eu havia aprendido a desconfiar daquela coisinha. Me perguntaram o nome completo de Lucas, quanto tempo estávamos juntos, em que momento a relação tinha deixado de ser apenas conversas, FaceTime, e-mails e mensagens de texto, se tínhamos um relacionamento íntimo, se éramos monogâmicos, de onde ele era, como havíamos nos conhecido, com que frequência nos falávamos, quando eu o vira pela última vez antes do estupro, se eu o tinha visto desde então. Até que me perguntaram o que eu sentia por ele.

Minha resposta a todas essas perguntas foi *Brock Turner me dedou enquanto eu estava inconsciente*. Mas pensei bastante, tentando detalhar nossa linha do tempo com precisão: a frequência de visitas, a troca de *eu te amos*, quando ele havia conhecido meus pais. Tínhamos ido patinar no gelo na Union Square, isso provava que éramos um casal? Eu não sabia. Tinha consciência de que algumas dessas respostas poderiam ser, de alguma forma, erradas ou insuficientes. O que era importante, o que não era, quem estava encarregado de julgar aquilo? Até então, eu nunca havia pensado em como apresentar o amor como prova. Nunca tinha documentado o ritmo e os avanços precisos do nosso relacionamento. Eu estava apenas vivendo o momento. Vivendo, como as pessoas fazem.

Perguntei como aquelas informações seriam usadas em um julgamento, eu podia ser questionada sobre aquilo? Se Lucas tivesse que testemunhar, nossas respostas seriam comparadas? Perguntei se ao menos haveria um julgamento. Ele disse que a decisão estava *fora de sua alçada*, que *ainda era muito cedo para falar seriamente sobre aquilo*. Mas previu que, com todas as provas novas, Brock ia querer sair dos holofotes para começar a reconstruir a vida em particular. *É o que eu faria se fosse ele*. Fiquei mais tranquila com isso.

Ele me acompanhou até meu carro, disse que era bom ver que eu estava melhor. Pensei na manhã em que nos conhecemos e assenti. O nevoeiro havia se dissipado, o dia estava claro, eu tinha me atrasado para o trabalho. Eu gostava do detetive Kim, perto dele me sentia segura, e ele sempre parecia sentir muito por ter que coletar fragmentos da minha vida. Eu também gostava de falar sobre Lucas, podia continuar pelo tempo que fosse.

Mas, sentada no carro, com as chaves na mão, percebi que Lucas, uma parte maravilhosa da minha vida que ficara de fora daquela bagunça, estava sendo recrutado para ganhar um papel crucial naquilo. Todas as minhas pequenas histórias, meus momentos privados e íntimos estavam sendo datilografados e enviados para o advogado de defesa de Brock, disponibilizado para os repórteres, que diluiriam e reformulariam toda a beleza daquilo. Eu já queria de volta tudo que tinha dito, queria levar todas as palavras para casa. O limite entre o que era meu e o que era deles estava embaçando.

Eu era grata por ter Lucas. Mas fiquei incomodada pelo fato de que ter um namorado e ser abusada tivessem que estar relacionados, como se eu, sozinha, não fosse suficiente. No hospital, nunca me ocorreu que faria diferença eu estar namorando alguém; eu só pensava em mim e no meu corpo. Deveria ter bastado dizer: *Eu não queria um estranho tocando meu corpo*. Era estranho dizer: *Eu não queria que Brock tocasse meu corpo, porque tenho namorado*. E se você fosse violentada e ainda não pertencesse a um homem? Ter um namorado era a única maneira de ter minha autonomia respeitada? Mais tarde, li insinuações de que aleguei estupro porque tinha vergonha de ter traído meu namorado. De uma forma ou de outra, a vítima nunca vence.

E se tivesse sido abusada no verão anterior, após o fim de um relacionamento? Que tipo de perguntas o detetive teria feito? *Ah, minha vida amorosa? É, bom, fui jantar em um restaurante etíope com um cara na terça-feira, mas dormi com outro no domingo, com quem nunca cheguei a ter um encontro, mas estava usando meias legais naquela noite. É, fui para casa com um cara que tem uma tatuagem de um pombo decapitado e ainda me manda mensagem às duas da manhã. É, eu pedi quatro Moscow Mules, é, eram todos para mim*. Eu teria alguma credibilidade? Minha vida particular teria sido exibida para provar que eu era saidinha demais, que meu estilo de vida era indecente? Eu nunca teria sido capaz de explicar que eram minhas escolhas, mas escolhas feitas durante um período de tristeza e autoestima baixa. Todos nós temos maneiras diferentes de reagir, de se automedicar, de sobreviver às fases difíceis. Negar minha confusão seria negar minha humanidade. Acredito que não exista algo como um passado imaculado ou uma vítima perfeita. No entanto, senti que estavam exigindo de mim um padrão de pureza impossível, com medo de que, se eu não o cumprisse, isso justificaria o estupro cometido por Brock. O advogado dele simplificaria, generalizaria e rotularia incorretamente minha história.

Nas outras vezes em que havia apagado, assumi a responsabilidade por passar vergonha. Mas acordar com um saco vazio do McDonald's e migalhas no peito era diferente de acordar com sangue seco e sem algumas peças de roupa. Na obscuridade do apagão, havia uma diferença crucial. O estupro exigia infligir danos a alguém. No momento em que fui violentamente

arrastada para a história dele, a minha história foi interrompida. Quando finalmente me vi livre dele, ou melhor, quando ele tirou as mãos de mim, fui liberada para voltar à minha vida. Mas naquela breve passagem, naquele período em que ele tomou as rédeas, eu perdi tudo.



Comecei a chegar no trabalho cada vez mais tarde, às vezes ao meio-dia, sem dar nenhuma explicação. Como outras vítimas conseguiam lidar com o vai e vem entre mundos, o revezamento entre eus? Não dá para admirar as fotos do seu colega de trabalho no Maui de manhã e sair para enfrentar seu estuprador na hora do almoço. Exigia dois modos de vida completamente distintos: diferentes preocupações, regras, chefes, emoções. Se aquilo continuasse, eu não conseguiria ir e voltar, mas ainda não estava pronta para pedir demissão e desistir da minha vida. Rezei para que ele desistisse primeiro.

Toda vez que recebia uma ligação de um número desconhecido, minha cabeça esquentava. Eu desconfiava de que os detetives estavam me rastreando, me ouvindo. Meses se passaram. Eu não tinha contado a nenhum amigo. Cada e-mail sobre o caso trazia uma onda de estresse; não era uma distração, era uma varredura da minha mente. Eu esquecia o que estava fazendo, meu humor acabava pelo resto do dia.

A conta do hospital chegou, pouco menos de mil dólares. Meu pai me chamou na sala, perguntou se eu sabia alguma coisa sobre um possível reembolso. Conteí sobre a restituição que a justiça obrigaria Brock a pagar, mas apenas no final do processo. O valor seria devolvido, prometi a ele. Mas me perguntei quantos custos se acumulariam. Percebi que era caro ser violentada.

Outra carta chegou na minha casa com o carimbo do tribunal do Condado de Santa Clara. Perguntava se eu queria que Brock fizesse teste de HIV e fornecia um formulário para que eu preenchesse. Eu não sabia, será que deveria? Ele ficaria bravo comigo? Saberá que tinha sido eu quem havia

solicitado? Vocês não podem fazer essas coisas sem me perguntar? Nunca respondi. Quando um amigo veio me visitar, rapidamente tirei a carta da minha mesa. Minha maneira de lidar com a situação era não lidar com a situação, jogar fora as cartas que chegavam, me recusar a pesquisar sobre o processo.

Meu kit de estupro ainda não havia sido examinado pelo laboratório forense. Eles me disseram que o processo seria acelerado por causa da pressão da mídia, mas meses depois eu continuava esperando. Achei que tinha algo a ver com os resultados que saíam lentamente, alguma coisa científica de DNA sabe-se lá do quê. Mas fiquei sabendo que a culpa era dos vários kits a serem analisados. Havia centenas na minha frente na fila, alguns kits já tinham até mofado, outros foram jogados fora, os sortudos foram refrigerados. Na hora tive vontade de vomitar. Como podia ser assim? Não eram frutas apodrecendo, eram pequenos pedaços de nós, uma história indispensável. Isso também significava que havia uma população de vítimas na minha vizinhança, camufladas na vida cotidiana, indo para o trabalho, fazendo café, os olhos arregalados à noite, esperando.

Na maioria das noites, eu evitava ir para casa depois do trabalho, receosa de perguntas tão simples quanto: *Como foi seu dia?* Em vez disso, estacionava o carro no centro da cidade e percorria o caminho de árvores iluminadas na University Avenue, buscando conforto na presença de outras pessoas enquanto estava sozinha. Certa noite, passei por um display de jornais e vi o nome de Brock no canto superior direito. Peguei um exemplar e corri para o carro. Liguei a luz fraca, passei as páginas e encontrei uma coluna de opinião escrita por uma aluna de Stanford. Ela perguntava por que, no caso Turner, havia tanto foco e condenação no consumo de álcool da vítima. Eu ouvia o som das minhas lágrimas caindo no papel. A autora estava fazendo perguntas, pressionando, oferecendo a mão numa tentativa de abrandar o peso que eu carregava. Dobrei o jornal em quatro e enfiei-o na bolsa por segurança.

Toda vez que eu ficava fora até tarde, recebia mensagens de texto da minha mãe: “Mamãe não consegue dormir até você chegar em casa.” Isso era novo. Quando criança, nunca tive toque de recolher. Mas meus pais

passaram a perguntar onde eu estava, como eu estava, com quem eu estava, quando voltaria para casa, estreitando as fronteiras da minha vida adulta.

Certo dia, recebi uma ligação no trabalho: nenhum sêmen havia sido encontrado. Um nó minúsculo se desfez em meu peito: eu não havia tido contato com um pênis. *Obrigada!*, exclamei, com meus colegas ali perto. *Tenham um bom dia também.* Como não havia tido penetração peniana, as cinco acusações seriam reduzidas para três; as acusações de estupro seriam retiradas e as de agressão sexual permaneceriam. Minha comemoração acabou assim que me dei conta de como isso apareceria no noticiário. As pessoas diriam: *Olhem! Eles estavam errados. Logo também vão descartar as outras acusações. Por que a vítima não paga pelo crime de denúncia caluniosa? A promotora está perseguindo o garoto, que pena que a reputação dele já foi destruída. Fico enojado de ver um inocente usado como bode expiatório. Quando ela vai pedir desculpas?*

A audiência foi marcada para 8 de junho de 2015. A audiência preliminar seria como um minijulgamento sem júri, para determinar se havia provas suficientes para um julgamento completo. Tiffany faltaria a semana de prova, teria que adiantá-la. Ela planejava dizer aos professores que era um “assunto de família”, mas, em três das seis vezes, acabou contando tudo enquanto o professor a abraçava, a encarava ou lhe dava tapinhas nas costas. *Morri de vergonha*, disse ela. *Estou cansada.* Eu precisava contar à minha chefe para pedir folga. Eu a admirava profundamente; mesmo assim estava nervosa. Passaria a ser vista de forma diferente, ciente de tudo que os comentários haviam me chamado: desleixada, irresponsável, imprudente.

Sentada diante dela em uma sala com paredes de vidro, eu não sabia por onde começar. *Você leu sobre o estupro cometido pelo nadador em Stanford?... Fui eu.* Ela abriu discretamente a boca. Eu só conseguia pronunciar de oito a doze palavras antes que minha garganta começasse a doer. Olhei para a mesa, os olhos ardendo. Ela fez algumas perguntas em um tom gentil, mas continuei balançando a cabeça, prendendo a respiração, até a voz dela sumir. Esperei que algo acontecesse, que ela talvez falasse sobre a programação. Mas, quando olhei para seu rosto, notei uma lágrima escorrendo. Fiquei um pouco em choque, algo dentro de mim despertou e suavizou. Eu não teria

problemas. Eu não era burra. Era uma situação triste; ela estava triste. Fiquei atordoada.

Em 5 de maio, Alaleh nos informou de que teríamos que reagendar a audiência em razão da indisponibilidade do advogado de defesa. As opções para redefinição das datas do julgamento se estendiam até setembro. Eu não sabia que isso era possível. Minha empresa era pequena, como eu explicaria minhas ausências estranhas? Todo mundo achava que eu ia tirar férias em junho, mas de uma hora para outra eu teria que dizer que ia estar fora em julho ou agosto ou setembro. Tiffany também teria que informar tudo a um novo grupo de professores durante o terceiro trimestre. *Entro em contato para avisar da próxima data do julgamento*, disse Alaleh. *Se surgir algum problema, pode me ligar*. Depois descobriríamos que a audiência seria ainda mais tarde. Isso fazia parte da loucura do sistema: a ilusão de uma estrutura, planos nunca seguidos.

Quanto tempo eu teria que levar minha vida dupla, fingindo que as coisas estavam bem? Eu estava atrasada no trabalho, uma pilha se acumulando em minha mesa. Não conseguia acompanhar o ritmo nem continuar olhando para aquela pilha. Alguns dias, ficava olhando para a tela sem fazer nada. Toda manhã tinha que me esforçar para convencer meus membros a se mexerem. Imagine um esqueleto jogando os órgãos dentro da cavidade óssea, selando tudo com pele. Caminhando pelo mundo com um *Olá! Estou bem, obrigada. E você? Entrego até o final do dia. É! Isso é muito engraçado, ha ha ha, tchau*. Aguentando o suficiente para ir para casa e desmoronar, me contorcendo pelos cantos.

Minha casa não era mais minha casa. Minha casa era um inferno, e eu mantinha distância do tribunal e do campus enorme de Stanford. Eu me sentia ridícula com medo de lugares que sabia que eram objetivamente seguros. Não conseguia parar de ler os comentários na internet. A essa altura já estava surda para os carinhosos e dava cada vez mais ouvidos aos grosseiros. Eu sempre dizia a mim mesma que não ia mais ler. Depois talvez mais um ou dois. Mas eles surgiam em fila como formigas, um aparecia, de repente eu notava uma nova frase, e então já estavam dentro de todas as minhas tigelas, caixas e talheres. Eram pontos sem rosto, enxames, sutis, incessantes, sempre

me lembrando de que eu nunca poderia acabar com eles. Eu e todas aquelas formigas.

Lucas ia se mudar para Los Angeles para o estágio de verão do seu MBA. Ele me convidou para acompanhá-lo. Pensei nas corridas na areia ao longo de Venice Beach, no lamen tarde da noite. Mas eu precisava provar que era capaz de encontrar meu próprio caminho.

Em nossa sala, há um retrato que minha mãe emoldurou do poeta Pablo Neruda, que sempre achei que fosse meu bisavô. Por que outro motivo teríamos a foto de um velho em nossa parede? Durante toda a vida, a arte e a escrita foram minhas bases. A vovó Ann sempre dizia que já nasci com um lápis na mão. Eu desenho quando estou chateada, quando estou entediada, quando estou triste. Meus pais me deixavam desenhar nas paredes, pintar lutadores de sumô saindo de chaminés, berinjas com braços compridos. Nos testes de física, quando eu não sabia a resposta, desenhava um homem dando de ombros, dizendo *Não sei*, e usava o tempo do teste para sombrear as olheiras dele. Na faculdade, enchia as estantes de livros com Rumi, Woolf, Didion, Wendell Berry, Mary Oliver, Banana Yoshimoto, Miranda July, Chang-rae Lee e Carlos Bulosan. Eu dormia na biblioteca. Aprendi xilogravura, passei noites na sala de artes esculpindo blocos de linóleo, enchendo frascos de tinta, manchando meu avental, vendo o sol nascer. Quando escrevia, quando desenhava, o mundo desacelerava e eu esquecia tudo que existia fora dele.

Na minha infância, minha mãe chegou a viajar por semanas para retiros de escritores. Eu me lembro claramente desses períodos porque meu pai servia as mesmas ervilhas enlatadas, frango e arroz dia após dia, enquanto esperávamos que ela voltasse para casa. Por fim, dirigíamos por colinas desconhecidas para a abertura de uma galeria em uma floresta, os adultos com roupas esvoaçantes e batom, torradinhas com aquelas bolinhas de peixe laranja-neon minúsculas, que me faziam engasgar. Minha mãe nos contava como escrevia a manhã toda, caminhava à tarde, os carrapatos grudando em suas meias. Como você pode nos trocar por insetos chupadores de sangue e caviar?, eu pensava. Certa vez perguntei por que tinha viajado, e ela respondeu: *Quero ser quem sou*. Era impossível argumentar contra isso.

Em Palo Alto, eu começava a sentir intensamente que não estava me encaixando em meus velhos padrões, em quem eu era ou pensava que seria. Queria um lugar onde pudesse criar, um canto do mundo onde pudesse desaparecer. Escolhi o menor estado dos Estados Unidos, o mais longe possível da Califórnia, para morar com pessoas que eu nunca tinha visto. A aula de escrita de livros infantis estava lotada, mas não importava. Eu ia largar meu emprego para me matricular em uma oficina de gravura, *From Light to Ink*, a cinco mil quilômetros, na Escola de Design de Rhode Island, durante o verão. A mulher da secretaria se chamava Joy, assim como a enfermeira. Interpretei isso como um bom sinal. Meus pais fizeram as perguntas de sempre: *É seguro, você tem certeza, o que vai fazer quando voltar?* Mas eles entenderam. Até então, eu já tinha economizado o suficiente para pagar as mensalidades, o aluguel e as passagens. Supus que o processo terminaria até o fim do ano, e minhas economias durariam até lá. Quando escrevi meu nome no formulário de inscrição, assinei o cheque e lacrei o envelope pardo, me deitei no tapete, exausta. Meu pai deu uma olhada no quarto para conferir como eu estava e falei: *Muito feliz*.

Antes de ir embora, quis contar tudo para uma pessoa. Claire, uma amiga próxima, de pele sardenta e um piercing discreto no nariz, que estava prestes a se mudar para a França para trabalhar como babá por um ano. Tínhamos passado as últimas semanas dela no país sentadas em seu carro, tomando sorvete e ouvindo fitas cassete francesas. Eu estava sempre esperando o momento certo. Mas talvez nunca houvesse um momento certo. Tudo que eu sabia era que meu tempo estava acabando e tinha que contar a ela. Claire havia passado por algo semelhante com apenas dezoito anos, chamado a polícia, feito o exame de estupro e tudo o mais que as vítimas são instruídas a fazer, mas, mesmo assim, foi informada de que não era o suficiente para seguir com o processo. No meu quarto, contei a ela. Claire imediatamente se inclinou para a frente e me abraçou. Por mais incrível que fosse, não precisei dizer muito. Ela entendeu. Afastou-se, olhou bem nos meus olhos e disse: *Esta é sua oportunidade*.

Durante meses, considerei aquele caso um fardo que havia sido depositado em minhas costas, do qual queria me livrar. Tinha ficado

frustrada, por que tenho que fazer isso, não tenho tempo. Mas, aos olhos dela, era uma chance. Era o que ela havia tentado fazer quatro anos antes, encontrando apenas impaciência e apatia; tudo que conseguiu foi se cansar e ser deixada de lado pelas autoridades, até que sua melhor opção fosse ir embora, se obrigar a esquecer. Houve um tempo em que ela lutou muito para chegar ao lugar em que eu estava naquele instante. De alguma forma, eu havia reaberto o caminho. *É você que vai fazer isso.* Pensei nela aos dezoito anos, pensei no que o cara havia cometido e entendi o que eu tinha que fazer, entendi o que aquilo significava.

4.

Meu novo lar era um pequeno quarto amarelo em uma casa verde-escura que eu dividia com uma ilustradora e uma pintora; a bailarina que tinha alugado a própria cama passaria o verão fora. Localizada no West End de Providence, custava quatrocentos dólares por mês por um quintal grande e um gato chamado Elvis. A bailarina me deixara um travesseiro, lençóis limpos, um cobertor macio e gavetas com traças. Na manhã seguinte à minha chegada, por um momento esqueci onde estava. Entrei em pânico até ver as paredes cor de manteiga, as folhas imprensadas na janela. Não havia ninguém em casa. Olhei em volta. A cozinha tinha um piso de azulejos preto e branco, grandes pinturas a óleo de florestas. Havia tomates e cenouras recém-colhidos, as raízes ainda sujas de terra. Uma prateleira de madeira cheia de temperos, um pote de mel endurecido, uma chaleira verde, uma estatueta de jacaré. Acompanhei as faixas de luz pelo sofá azul-jeans, a cadeira de veludo mostarda. Havia um jornal aberto com palavras cruzadas feitas pela metade ao lado de pequenas pinturas de montanhas e fios de novelo cor de pêssego. Eu já gostava das minhas colegas de casa ausentes.

A caminhada até a faculdade era de três quilômetros. O calor em Rhode Island era denso, ao contrário do sol da Costa Oeste, que nos beijava na testa. Minha rota me levava por cercas de ferro e ervas daninhas que cobriam a calçada como chamas negras. Móveis antigos jaziam nas ruas feito leões-marinhos encalhados na areia. Havia pessoas sentadas em cadeiras de jardim do lado de fora de lojas de bebidas e lavanderias, bitucas brancas de cigarros sujavam o meio-fio. Um carrinho de feira ficava parado na esquina; ali eu trocava um dólar amassado por um potinho de isopor com sorvete de coco.

Mais perto do campus, as ruas começavam a se tornar ladeiras, as calçadas, a se nivelar e as árvores abriam bem os braços, proporcionando continentes

cinzentos de sombra. A grama era exuberante, ao contrário dos gramados pontudos e secos da Califórnia, com folhas de pontas amareladas quebradiças. Havia meninos e meninas com cabelo num tom de rosa-flamingo, usando roupas feitas de matelassê, sapatos de salto alto e brincos de penas. *Devo parecer tão sem graça*, pensei, olhando para minhas roupas velhas de ginástica, tocando os brincos de pérola baratos que tinha colocado para dar um toque especial.

A aula era realizada em um prédio pequeno de tijolos, no segundo andar. Janelas de vidro grandes. Paredes cheias de quadros de cortiça com constelações de buraquinhos em que as obras eram afixadas para serem analisadas. Vi as prateleiras de secagem onde nossas gravuras logo seriam penduradas. Uma sala voltada para a criação.

Meu professor tinha um bigode grosso, óculos redondos e usava um avental comprido que quase batia nos tornozelos. Ele pediu que nos apresentássemos, contássemos o que nos havia levado até ali. Os dez alunos me lembraram elfos especializados em técnicas elegantes: sopradores de vidro, tecelões e fabricantes de bicicletas sem pedal. Todos, com exceção de mim, eram estudantes de graduação, muitos aproveitando as férias de verão para cumprir créditos que faltavam. *E você?*, perguntou ele. *Acabei de me mudar da Califórnia para fazer esta aula. Larguei meu emprego. Gosto de gravuras, fiz uma aula na faculdade, especialmente de água-forte.* O professor disse: *Legal, que empolgante.* Ele pediu que escrevêssemos nossos nomes em pedaços de fita adesiva, escolhêssemos uma gaveta e colássemos. Escrevi meu nome em caixa alta, *CHANEL MILLER!!*, preparada para encher a gaveta com obras novas.

Ele distribuiu uma lista com tudo que precisaríamos comprar e o que já seria fornecido: *Poliéster Mylar com face reflexiva, acetato, filme rubi, estiletes X-Acto, telas para serigrafia ou vidro fosco, placa Hydro-Coat, resina, ácido, papel fotográfico, gaze engomada, monofilamento de poliéster, desengordurante, emulsão, recipiente para emulsão, lápis de aquarela Caran d’Ache, mata-borrão etc.* Depois da aula, caminhei pelos corredores da loja de materiais para artesanato, pegando as coisas e olhando os adesivos de preço. Eu não havia considerado os materiais da aula no meu orçamento.

Na aula seguinte, o professor pediu que o seguissemos até a câmara escura. Ele nos mostrou como usar o ampliador, encaixar o suporte do negativo, girar o disco até a lente certa, expor as tiras de teste com a emulsão para cima, revelar o filme, dar banho interruptor na foto, usar o fixador e lavá-lo. Como colocar a emulsão de transparência no centro de uma placa fotográfica positiva e expô-la dentro de uma base aspirada, desengordurar a placa, polvilhá-la com resina, entalhá-la, mergulhá-la em ácido nítrico; como chanfrar as bordas, posicionar a chapa na prensa, misturar a tinta, molhar o papel, secá-lo, ajustar a pressão. E, por fim, como girar a roda e retirar as gravuras novas do bloco, colocando-as com cuidado na prateleira de secagem. Depois de horas de demonstração, uma única gravura nasceu.

Observei atentamente, na ponta dos pés, atrás dos meus colegas de turma, anotando tudo. No fim, não fazia ideia do que havia acontecido. Tinha me perdido quarenta e cinco passos antes. Os alunos começaram a esboçar ideias. Eu me sentei no banquinho, olhando para meus rabiscos de letras minúsculas que pareciam trilhas de formigas mortas por toda a página. Quando finalmente fomos liberados, desci correndo a escada e saí do prédio.

Na terceira aula, eu estava ainda mais perdida e com vergonha de fazer perguntas como *O que é uma toalha de gaze?*. Eu almoçava sozinha. Jantava sozinha. Já tinha estragado uma placa litográfica fotográfica ao levá-la para uma sala onde havia luz solar. Todo mundo estava ambientado, passando de estação em estação com segurança, preparando materiais. Eu ficava atrás, tentando ver o que estavam fazendo. Quando a aula terminou, fui à secretaria. Acho que cometi um erro, preciso de outra aula. Era tarde demais para trocar. Assenti.

Abri o Google Maps no telefone e encontrei a faixa azul-clara de um rio. Andei sem parar até encontrá-lo, depois andei sem parar pelas margens. Por fim, desabei em um gramado e chorei. Não sabia o que estava fazendo. Nem sabia o nome do rio à minha frente. Tinha me mudado para um estado do tamanho de uma peça de quebra-cabeça, longe de todo mundo que eu conhecia, para aprender técnicas de impressão antigas. Que ideia era aquela, por que eu tinha achado que conseguiria fazer aquilo? Emily havia me seguido para me lembrar que eu era uma *VÍTIMA* sem futuro, inútil. Aquela

vida era boa demais para mim. Aquele tipo de prazer, de criação, era reservado apenas para outras pessoas, não para mim.

Mas, apenas um mês antes, minha chefe tinha me oferecido um aumento e por algum motivo recusei. Meu namorado me oferecera um quarto, mas por algum motivo recusei. Viajar para tão longe pareceu ilógico, caro e inexplicável. No entanto, ali estava eu, sentada dentro daquela ideia, suando dentro daquela ideia. Era a única coisa na vida que eu de fato havia escolhido. Ninguém me dissera que eu podia fazer aquilo, a não ser eu mesma, o que significava que ninguém poderia me dizer que eu não conseguia fazer aquilo, a não ser eu mesma. Aquilo exigiria que eu confiasse plenamente em mim mesma, pela primeira vez. Quando pequena, nunca perguntei a ninguém se eu era artista. Simplesmente abria espaço na mesa para meu papel. Peguei minhas coisas e fui devagar para casa, me preparando para o dia seguinte.

Comecei a ir ao laboratório nos dias de folga. Disse a mim mesma que não era burra e passei a fazer perguntas. Meu professor sempre parava para me ajudar, me incentivava a trabalhar em uma escala ainda maior, e logo minhas gravuras ficaram do tamanho de mesas. Eu estava ensinando a mim mesma a pedir ajuda e, como resultado, coisas bonitas aconteciam.

Certa noite, ouvi as moças que moravam comigo e as amigas na sala combinando de sair para jogar boliche. Fiquei parada, com medo de ir ao banheiro e ter que me apresentar a tantas pessoas. Fiquei esperando que elas saíssem para então tomar um banho demorado, cortar e fritar uma abobrinha em rodela no silêncio da casa. Então ouvi uma batida à porta.

Esperei um instante antes de abrir, como se estivesse ocupada. Uma das garotas que morava na casa perguntou *Quer ir jogar boliche?* Eu não tinha marcado nada, claro que não. De cara, quis recusar, com medo de ter sido um convite por pena ou obrigação, como o caixa que pergunta se queremos ajuda para levar as sacolas para o carro. Mas, antes que eu pudesse balançar a cabeça, negando com educação, as pessoas ao redor da mesa se meteram na conversa e disseram: *Vamos tomar sorvete no McDonald's depois! Qual nome você vai escolher para usar no boliche? Não se esqueça de levar meias.* Então concordei, coloquei um par de meias na bolsa e fui com elas.

Eu não sentia saudades de casa, assim como não estava pronta para voltar, mas me sentia incomodada por estar à deriva, por não ter pontos de apoio no mundo. Aquele e outros convites simples me salvaram: ir até o lago, ficar deitada em toalhas gastas mesmo com avisos de relâmpagos. Passear com Angie na van cor de cranberry e com assentos faltando, sentada em caixas de repolho quebradas. Assistir a uma projeção de *Purple Rain* em um lençol pendurado. Comer torta de cereja, ouvir remixes da introdução de *Seinfeld*. Fui escalada para um papel secundário nas férias daquelas pessoas, e minha presença mal deve ter sido registrada na memória delas. Mas não consigo imaginar aqueles dias sem elas, nunca esqueceria como foi me sentir incluída.

Comprei uma mesa através de um anúncio on-line. Um casal simpático chegou para entregá-la. A mulher me ligou, disse que os dois estavam na porta da minha casa. *Podemos ajudar você a carregá-la para dentro, mas vou entender se preferir que a gente não entre na sua casa, porque sabe como é, essas pessoas que vendem coisas na internet... Eu só não quero...* Mas o homem disse *Bom, mas como ela vai carregar a mesa?* Entendi o que a mulher queria dizer, que uma transação tão simples quanto receber um móvel de um estranho trazia uma ameaça inerente; sempre que conhecemos alguém na internet, precisamos procurar sinais de agressão, estupro, morte *etc.* Nós sabíamos disso. Mas o cara não falava aquele idioma; ele só via uma mesa.

Eu andava uma média de dez quilômetros por dia, ia a parques, cinemas e livrarias com a intenção de descobrir meu novo território. Mas não importava aonde eu fosse, a coisa se repetia. No começo, foi um homem mais velho, que assentiu e disse *Bom dia, linda*. Eu me virei para ver com quem ele estava falando até perceber que era comigo. Confusa, respondi *Bom dia*, antes mesmo de decidir se deveria ter dito alguma coisa. Temos que ser gentil com os mais velhos. Um homem careca exclamou *Ei, moça bonita, você é mesmo bonita!*. Seu sorriso se espalhou lentamente como se seu rosto estivesse se abrindo, e respondi *Obrigada!*.

Essas observações marcavam minhas caminhadas, tão comuns quanto pássaros nas árvores. Homens estranhos me perguntavam *Como você está?*. E eu respondia *Tudo bem, e você?*. De tão sutis, os comentários pareciam irrelevantes, como uma tachinha furando um pneu de caminhão. Às vezes eu

me repreendia por ser tão simpática, por abrir um sorriso rápido demais. Quando um homem buzina para mim, eu instintivamente acenava. Meu padrão era responder a toda e qualquer saudação. Mas percebi que não conhecia o homem da buzina, que não conhecia quase ninguém em toda a Providence e que não precisava acenar da vez seguinte. Chega de acenar, de agradecer e de dar bom-dia, disse a mim mesma.

Passei por três homens sentados em um carro. Eles fixaram o olhar em minhas pernas, estalaram a língua e me mandaram beijinhos, fazendo sons e gestos que poderiam ser usados para chamar um gato. Senti os seis olhos acariciando minhas panturrilhas enquanto me afastava. Não sabia dizer se o contato não verbal me incomodava mais do que o verbal, se preferia o estalar de línguas ou os comentários. Na verdade, eu só queria silêncio. Em outra vez, alguns homens se reuniram em uma calçada estreita e não se afastaram nem um centímetro enquanto eu atravessava o espaço estreito entre as barrigas deles.

Comecei a evitar certas ruas. Se alguém falasse comigo quando estava indo, eu voltava por um caminho diferente, mesmo que desse uma volta muito maior. Eu me treinei para manter a cabeça baixa, evitar contato visual e fingir ser invisível. Em vez de passear olhando para as árvores, eu caminhava com uma convicção inabalável ou olhava para meus pés. Certa vez, um homem começou a andar ao meu lado e disse *Posso acompanhar você?*. Passei a andar mais rápido. *Me deixe acompanhar você*. Enquanto os pés dele acompanhavam meu ritmo, apenas fiz que não com a cabeça, segurando com força as alças da mochila, esperando que ele ficasse para trás. Alguns homens se ofendiam por eu não responder, e um deles até chegou a dizer *Só quero que seu dia comece bem*. Mas os elogios não pareciam elogios quando minha linguagem corporal demonstrava que eu não queria que me olhassem, não queria que falassem comigo. Não soavam como presentes quando eram jogados na minha direção ou sussurrados para que apenas eu ouvisse. Todo comentário podia ser traduzido como *Gostei do que vi e quero para mim*. Mas eu não quero, eu não quero, pensei.

Imagine andar pela rua comendo um sanduíche e ouvir alguém dizer *Nossa, esse sanduíche parece delicioso, pode me dar um pedaço?* Você pensaria: Por

que eu deixaria você comer esse sanduíche? É meu. Então continuaria caminhando e comendo, e eles diriam *Como assim? Você não vai dizer nada? Não precisa ficar brava, eu só estava tentando elogiar seu sanduíche.* Digamos que isso aconteça três vezes ao dia: desconhecidos parando você na rua, dizendo quanto sua comida é boa, perguntando se podem dar uma mordida. E se as pessoas comessem a gritar do carro quanto desejam seu sanduíche? *Deixe eu provar!*, exclamariam elas, buzinando. Você teria que dizer *Desculpe, não, obrigada* todas as vezes? Você se sentiria obrigada a explicar milhares de vezes que não quer dividir o sanduíche porque é seu almoço e você não conhece aquelas pessoas? Que você não deve nada a elas? Que, na verdade, é meio absurdo que estejam pedindo aquilo? Você só quer andar na rua comendo o sanduíche em paz. Talvez eu esteja piorando o caso ao comparar o corpo de uma mulher a um sanduíche, mas dá para entender aonde quero chegar?

Comecei a filmar discretamente com o celular todas as vezes em que passava por grupos de homens. Mandei um dos vídeos para Lucas. *Com que frequência isso acontece?*, perguntou ele. *Todo dia*, respondi. Ele me perguntou se eu precisava de um carro, disse que pagaria se eu alugasse um. Falei que eu gostava de caminhar; era a única maneira de se observar tudo. Além disso, eu tinha tempo de sobra e nunca estava com pressa; andar era uma das únicas coisas que eu tinha para fazer.

Certa tarde, enquanto voltava da aula, uma van passou e buzinou. Não me dei o trabalho de virar o rosto, já familiarizada com aquele jogo. Mas o som do motor não se afastou. Ouvi as rodas girando lentamente no asfalto e parando ao meu lado. O homem baixou a janela. *Fale comigo*, pediu. No mesmo instante atravessei a rua e comecei a filmar enquanto andava. Ele devia ter uns cinquenta anos, cabelo despenteado sob o boné, com um pescoço grosso e pelancudo. *Venha conversar comigo*, pediu. *Estou me sentindo sozinho.*

Não, respondi.

Por que não?, perguntou ele.

Eu não conheço você, falei, meio rindo da pergunta.

Só um pouco, estou me sentindo sozinho.

Não, falei, balançando a cabeça e olhando para meus pés. Não disse mais nada de tão irritada que estava. O que eu tinha a ver com a solidão daquele homem? *Por favor*, disse ele. Acelerei o passo enquanto ele continuava me chamando. Fingi entrar em uma casa e ele se afastou lentamente. Então, corri para a minha e fechei todas as cortinas. Mandeí o vídeo para Lucas. Ele me ligou na hora.

Preciso que você alugue um carro, disse ele, eu pago. Não deixe para depois, vá até lá hoje, se ainda estiverem abertos. Está bem?

Tudo bem, respondi, eu vou.

Obrigado. E não me mande mais vídeos. Eu não consigo ver, esses caras me deixam com muita raiva.

Concordei. Ele voltou ao trabalho e eu me sentei na cama. Senti que havia feito algo errado, incomodado Lucas com os vídeos. Também senti como se ele tivesse dito: Se estão incomodando você nas suas caminhadas, por que continua andando a pé? Aquilo não me parecia uma solução: estariam me forçando a me isolar em um carro. Eu não queria abrir mão das minhas calçadas.

Liguei de novo para Lucas. *Isso não é justo, falei. Eu só quero voltar andando da faculdade para casa, não estou fazendo nada de errado. Eu deveria ter esse direito. Você pode andar por onde quiser. Não é justo você poder simplesmente decidir parar de ver esses vídeos como se mudasse de canal. Como se fosse um perfil de rede social que pudesse bloquear. Eu não tenho essa opção, não posso escolher não viver isso. Estou tentando mostrar como as coisas são para mim. Não importa o que eu faça, não importa o que eu vista, como aja, é constante, o assédio é constante. Não tenho dinheiro para um carro e, mesmo que tivesse, gosto de caminhar, quero continuar andando.* Eu estava chorando.

Ouvi resignação na voz dele. *Eu me sinto impotente aqui. Não quero que nada aconteça.* Eu sabia o que Lucas queria dizer com *aconteça*. Ele parecia estar sofrendo, preso do outro lado do país. Certa noite, quando contei que ia trabalhar até tarde no estúdio, uma transferência foi feita para minha conta. *Para você pegar um Lyft*, disse ele. *Volte em segurança.* Ele estava cuidando de mim, eu entendia. Concordei que não podia voltar andando sozinha no escuro. Mas, mesmo aos motoristas do Lyft, eu nunca dava meu endereço

verdadeiro, para que o motorista não soubesse onde eu morava. Segurança sempre foi uma ilusão.

Andar na rua era como ser bombardeada. Eu mexia nos fios, desarmando freneticamente todas as bombas. Nunca sabia com certeza que fio poderia detoná-las, por isso me esforçava, com o suor escorrendo pela testa. Mulheres são criadas para trabalhar com destreza, para estarem sempre prontas para agir, com a mente alerta. É dever delas saber lidar com o fluxo de bombas, recusar educadamente dar seu número de telefone, tirar mãos alheias do fecho da sua calça, não aceitar uma bebida. Quando uma mulher é violentada, uma das primeiras perguntas que as pessoas fazem é *Você disse não?*. Essa pergunta pressupõe que a resposta é sempre sim e que é nosso dever revogar o acordo. Desarmar a bomba que nos foi entregue. Mas por que os homens são autorizados a nos tocar até tomarmos a atitude de nos defendermos? Por que a entrada está sempre livre até batermos a porta?

Um dia, tentei usar fones de ouvido e ler um livro enquanto caminhava, esperando parecer imersa, ocupadíssima. Andei pouco mais de um quilômetro. No viaduto, um homem parou o carro e disse: *Nossa, você parece ser uma líder, gostei. Nunca vi uma garota andar e ler ao mesmo tempo.* Comecei a rir, olhando para o céu, como se dissesse *Já entendi, universo!*. Eu não consigo escapar! O que você quer, o que posso fazer? Parei, tirei os fones de ouvido e fui até a janela dele, me rendendo. O homem me perguntou o que eu estava lendo, eu respondi, ele me perguntou qual era meu nome, eu respondi, ele me perguntou para onde eu estava indo, e eu respondi. Ele perguntou se eu queria participar da conferência na qual ele ia dar uma palestra, e falei que não, ele quis saber se eu estaria ocupada mais tarde, e falei que sim, então, com medo de ter dado informações demais a ele, menti dizendo que ia voltar para a Califórnia dali a três dias, e ele me deu seu cartão de visita, eu o peguei e agradei. Depois, joguei fora.

Eu tinha respondido, tinha interagido com alguém. Posso parar de desperdiçar minha energia, de participar de conversas unilaterais. Certa vez, em um café, vi um panfleto com a foto de uma gatinha atacando, feito por um grupo que pretendia acabar com as cantadas na rua. Junto, havia cartões de visita falsos, onde estava escrito 0800 PARE DE FALAR COMIGO,

para entregarmos aos assediadores. Tinha mais gente passando por aquilo, e havia chegado ao ponto de imprimirem panfletos.

Lucas teve um único dia de folga naquele verão e cruzou o país para me visitar. Mostrei a ele o caminho que eu fazia até o curso. Mostrei como era incrível ver quanto eu suava. Mostrei a ele a gráfica e todas as etapas que eu havia aprendido. À noite, comemos hambúrgueres à beira do rio. Estava orgulhosa em poder compartilhar meu mundo com alguém, o mundo que eu mesma tinha criado.

Assim que ele foi embora, senti um vazio doído em meus dias, um pêssego sem caroço, a parte mais forte, enquanto eu havia me tornado a polpa molenga ao redor. Esquecera como era ter alguém cuidando de mim, alguém para comprar smoothies frescos, matar a centopeia no meu quarto, me abanar com um pedaço de papel e esfregar meus braços e minhas pernas com uma toalha úmida. Tinha esquecido como era andar relaxada ao sol, dormir tranquila, não passar vinte e quatro horas por dia em alerta. E, sobretudo, ninguém falava comigo na rua quando eu estava com Lucas; ele silenciava a todos com sua presença.

Homens tinham limites que outros homens não ultrapassavam, respeitavam o espaço subentendido um do outro. Imaginei uma linha grossa desenhada ao redor de Lucas. Os homens falavam comigo como se não houvesse linha nenhuma. Todos os dias eu era obrigada a erguer essa barreira o mais rápido possível. Por que meus limites não eram inerentes?

Continuei indo ao estúdio todos os dias. Passei a gastar mais dinheiro em materiais e deixei de gastar comendo fora, aderindo às pizzas de micro-ondas e aos legumes crus. Às vezes passava horas trabalhando, mas minhas gravuras acabavam saindo escuras, fracas ou manchadas. Eu começava de novo. Não pensava no tempo. Folheava minhas anotações até não precisar mais delas.

Certa noite, saí do estúdio perto do horário do pôr do sol, mas o sol se pôs mais rápido do que eu esperava. Eu estava a alguns quarteirões de casa, passando pelo brilho rosa-neon da loja de bebidas, quando um homem em um carro prateado encostou. Agora não, pensei. Não estou a fim. Ouvi a janela baixar. *Quer uma carona?* Ele sorria como se seu pequeno Chevrolet com cor de embalagem de chiclete fosse uma carruagem dourada. Estava

muito animado, como se estivesse encontrando uma amiga querida que não via fazia muito tempo. Eu não conseguia acreditar na vastidão daquele sorriso, tão confiante. Comecei a filmar, dei três passos longos na direção do carro dele, debruçando-me na janela e enfiando a cabeça para dentro. No vídeo, dá para me ouvir perguntando: *O que foi que você disse?* Convidando-o a repetir para que eu pudesse filmar. Ele respondeu: *Entre, posso lhe dar uma carona!*

ENTRAR NO SEU CARRO VOCÊ ESTÁ MALUCO PORRA POR QUE EU FARIA ISSO, respondi. Minha voz soou tão insana e aguda que mal a reconheci. VAI SE FODER, falei. Eu me lembro da rapidez com que o sorriso dele evaporou, feito uma gota d'água no asfalto quente, e com a mesma rapidez ele virou o volante e acelerou. Ótimo!, pensei. Mas meu corpo começou a tremer com toda aquela adrenalina. Fui tremendo até a faixa de pedestres. Olhei para os carros parados, tentando fazer contato visual com os motoristas. Se ele voltar, você vai me ajudar? Você está me vendo? Quando o homenzinho do semáforo acendeu, saí correndo, respirando no mesmo ritmo que a mochila batia em minhas costas.

Não enviei aquele vídeo para Lucas. Prometi a mim mesma que tomaria o cuidado de voltar do estúdio mais cedo. Estava tentando economizar os seis dólares do ônibus. É engraçado, na verdade: seis dólares ou sua segurança. Sabia que não deveria ter gritado com um homem sozinha à noite. Acima de tudo, eu tinha percebido os olhares: aquilo não seria visto como uma defesa, não seria considerado uma atitude corajosa. Se aquilo chegasse à minha promotora, eu levaria uma bronca; a defesa argumentaria: ela é louca, age de maneira impulsiva, grita palavrões, provoca homens. Deveria ter ignorado o cara, por que estava andando sozinha? Ela se colocou em perigo, estava pedindo.

Sempre ela, sempre ela. Nunca ouvi nenhuma voz perguntando por que ele tinha encostado o carro, por que achou que eu entraria, o que ele podia fazer se eu entrasse. Até que ponto esperavam que eu aguentasse, absorvesse e ignorasse, enquanto gritavam e estalavam a língua com tanta liberdade, sem medo de serem confrontados? Será que eu estava sendo teimosa por querer andar na rua, estava querendo demais? O pneu de caminhão já andava cheio

de tachinhas e pregos. Eu sentia o pneu se deformar, empenar, esvaziar. Não daria certo desse jeito.

Numa noite quente, eu estava longe de casa, em um café na Thayer Street. Prestes a ir embora, me sentei em um banco do lado de fora, esperando meu Lyft. Um idoso se sentou ao meu lado. Ele se virou e disse: *Quer um pedaço de pimentão?* Ele usava óculos, camisa de algodão macio com um bloquinho de anotações no bolso, e parecia contente e tranquilo. Tinha uma faca pequena em uma das mãos, uma lasca de pimentão verde na outra e um lenço no colo, onde colocara o resto do legume. Olhei para o pedaço cortado. E se ele tivesse envenenado as sementes? E se fosse um tarado que tivesse esfregado o pênis no pimentão e quisesse me ver comer? E se me cortasse com a faca? O velhinho pacientemente estendeu o pimentão para mim. Foi então que pensei: Estou enlouquecendo. Tem um homem gentil usando um chapéu de feltro em uma noite quente comendo um pimentão no banco. Você pode ser cautelosa, mas não precisa ter medo sempre. Permita-se apreciar este pequeno legume. Peguei a fatia, comi e agradei.



Toda noite, quando a luz desaparecia no céu, quando os sinos do carrinho do sorvete se afastavam e Elvis se aconchegava em um círculo perfeito, eu não conseguia dormir. Eu me deitava esparramada sobre os cobertores. *Está muito quente para dormir*, disse a Lucas em uma bolhinha de texto verde. No dia seguinte, surgiu um pacote na minha porta: ele tinha comprado um ventilador maravilhoso para mim, não daqueles baratos, com a hélice presa em uma gaiola de arame, mas do tipo que tem temporizadores e botões brilhantes. O presente chegou com um bilhete que dizia: *Um ventilador para o meu amor*.

Mas o calor não era o responsável pelos meus olhos arregalados. O que me mantinha acordada era saber que logo mais Brock estaria analisando meu rosto pela primeira vez. No tribunal, eu seria forçada a abrir mão do anonimato e de toda a proteção que vinha com isso. Eu queria continuar

irreconhecível para ele. Queria me sentar atrás de uma tela, usar óculos escuros. Pensei em cortar o cabelo, colocar um saco de papel na cabeça. O dia em que fosse ao tribunal seria o dia em que renunciaria à minha segurança.

Em uma noite de sexta-feira na faculdade, a poucas semanas da formatura, fui andando até a casa de uma amiga quando duas viaturas da polícia passaram por mim. Na hora, não achei nada de mais. Era comum ouvir sirenes em Isla Vista: era uma cidade situada em penhascos à beira-mar, habitada apenas por pessoas entre dezoito e vinte e dois anos e com ruas repletas de casas velhas de madeira, bicicletas abandonadas nos gramados, varandas superlotadas, orquídeas crescendo em caixas de vinho recicladas. Em dias de sol, víamos garotas bonitas em trajes de banho, levando botes grandes acima da cabeça em direção à água, feito formigas carregando migalhas de comida. Rapazes pedalavam com pranchas de surfe enfiadas embaixo do braço, as roupas de mergulho abaixadas na cintura, feito uma banana semidescascada. Isla Vista era uma série de sofás para dormir, um amigo a cada quarteirão, não importava para onde olhássemos. Um vilarejo ensolarado e animado que chamávamos de lar.

Mas, quando cheguei ao apartamento da minha amiga, as sirenes haviam se amontoado, crescido, entrado em erupção. Quando entrei, minhas cinco amigas estavam em silêncio, ouvindo. Tínhamos recebido um e-mail do setor de emergência da faculdade:

Tiros disparados em Isla Vista, dois detidos, investigação em andamento,

Só isso. Uma única frase com uma vírgula no final. As mensagens começaram a pipocar: talvez tenha a ver com alguma gangue, um assalto, uma venda de drogas que deu errado, um veículo que passou atirando, não, um tiroteio, uma bomba, fogos de artifício, um motorista bêbado. Ele era persa, e não asiático? Eram dois caras, um cara, dentro de um carro preto. Alguém pode ter morrido, uma pessoa, possivelmente três, talvez nenhuma, e tudo isso pode não passar de uma brincadeira de mau gosto.

Havia um vídeo circulando, alguém disse que foi um cara, o cara, então nos reunimos ao redor do celular e ali estava ele, sentado no banco do motorista, o rosto saturado de laranja pelo sol poente. *Olá, aqui é Elliot*

Rodger... Não sei por que vocês, meninas, não se sentem atraídas por mim, mas vou castigar todas por isso. Vou para as ruas de Isla Vista matar cada pessoa que passar na minha frente... Sinto um grande prazer em matar todas vocês... Todas entramos em pânico: uma gritou que pausassem o vídeo, outra chorava convulsivamente no chão, estremeando como se estivesse sendo puxada por uma corda. Ele continuava falando, contaminando nosso ar. Balancei a cabeça, me recusando a ouvir. Ele está vindo para Isla Vista matar garotas, somos garotas em Isla Vista, mas ele não pode estar falando da gente. *Vocês me impediram de ter uma vida feliz e, em retribuição, vou impedir vocês de viver, é justo. Odeio todas vocês.* Nós impedimos você de ter uma vida feliz? Quem você odeia, porra? Fiquei furiosa. Peguei o celular, o larguei na pia do banheiro e saí, batendo a porta. Senti que o havia prendido ali, enquanto o vídeo continuava passando e ele falava na escuridão, para ninguém.

O e-mail seguinte pedia que ficássemos em casa. Trancamos as portas, fechamos as persianas, *fiquem longe das janelas*. Os celulares não paravam de tocar. A menina que morava com Claire havia sido baleada. Nada fazia sentido.

Às três da manhã, assistimos ao noticiário na TV, ouvimos *assassinatos em massa*. A palavra *sete* era exibida em letras grandes e brancas na parte inferior da tela. Parecia errado agrupar os mortos. Não eram sete; era um e um e um e um e um e um e um e um. Cada um uma vida inteira, cada um tinha um nome.

A luz da manhã não chegava nunca, o ar parado e imóvel. Em dias como aquele, a névoa saía do oceano e tomava a cidade, cobrindo a água, a praia, engolindo nossas casinhas. Nós suspiramos, exaustas, nos perguntando se seria seguro sair. Nós nos ajoelhamos nos sofás e abrimos as persianas com cuidado. Recebi uma ligação de um telefone com onze dígitos. Era minha mãe, fora a Pequim visitar a família. Tinha visto as notícias, *Só queria ouvir sua voz*. Nossos celulares vibravam com ligações de familiares que haviam acordado com a notícia, então nos enfiávamos em algum canto: *Estou aqui, também amo você, não sabemos, a vovó está ligando*. Circularam boatos de que estavam reproduzindo os crimes, de que alguns homens andavam glorificando a atitude de Elliot, saudando-o como líder, o *cavalheiro supremo*.

Quando finalmente saímos, tudo estava estranhamente silencioso. Nas ruas, as pessoas andavam em grupos, divididas em rebanhos e bandos. Estavam todos silenciosos, ninguém passeava ou andava de skate, nenhuma música saía das casas. A coletiva de imprensa tinha sido marcada para as quatro da tarde. Antes que começasse, nos separamos para chorar no chuveiro e vestir roupas limpas. Nós nos reunimos no apartamento, nosso abrigo, nos recusando a ficar sozinhas.

Elliot morava em um prédio marrom, a um quarteirão do Sweet Alley, onde eu costumava comprar sacos de balas de melancia para longas noites na biblioteca. Na noite de sexta-feira, ele matou três pessoas em seu apartamento, dois colegas de quarto chineses e um amigo de visita; cento e quarenta e duas facadas no total, manchas de sangue no corredor, corpos arrastados e cobertos por toalhas. Ele carregou as facas e os revólveres para seu BMW preto, dirigiu até a república Alpha Phi e bateu com força à porta. Como ninguém respondeu, atirou em três mulheres do lado de fora, duas das quais sangraram até a morte na grama. Ele saiu correndo, atirou na vitrine da Isla Vista Deli, deixando um homem morto no chão. Bateu de carro na Del Playa, a rua principal, amassando toda a frente do veículo, então levou a arma à própria têmpora. A polícia o encontrou com um tiro na cabeça, sangue pintando o meio-fio. As ambulâncias tinham ficado atoladas, alunos ajoelhados ao lado de colegas sangrando. Cartuchos de bala sujavam a rua ao lado de cacos de vidro, grandes cacos de janela. A polícia encontrara quinhentos e quarenta e oito cartuchos de munição no carro, que ele não tivera tempo de usar. Seis colegas tinham sido roubados de nós, Elliot o sétimo. Não incluo aqui os nomes das vítimas, pois nomes são sagrados e não quero que sejam identificados apenas pelo que o sujeito fez.

Um mês depois de ser abusada, me afastei do trabalho, incapaz de me concentrar. Andei pelo corredor acarpetado e destranquei o almoxarifado para me agachar atrás dos roteadores e das cadeiras com rodinhas quebradas. Liguei para o detetive. *É que eu estava pensando, falei. Sei que isso parece estranho, mas você acha que Brock me machucaria?* Esclareci: *Fiz faculdade em um lugar em que um cara ficou com muita raiva, houve um tiroteio.* Eu não sabia como

perguntar, ele não sabia como responder. *Não há como saber*, disse o detetive. *Mas espero que não, e estamos trabalhando muito para controlar a situação.*

Certo, claro, pensei. Me senti louca. O que eu queria ouvir? Você está em segurança para sempre. Não voltei a tocar no assunto. Mas era uma sensação estranha nunca ter conhecido o homem que eu estava enfrentando. Eu não tinha ideia de quem ele era nem do que era capaz.

Nunca esqueci uma das frases de abertura do manifesto de cento e trinta e sete páginas de Elliot: *Esta é a história de como eu, Elliot Rodger, surgi... Essa tragédia não era para acontecer... mas a humanidade me forçou a fazer isso.* A crueldade dele tinha um arco narrativo. Ele falava como se nunca tivesse sido sua intenção fazer o que fez, como se tivesse sido forçado. E haviam sido as mulheres que o tinham feito sofrer, que não lhe haviam deixado escolha a não ser executar seu Dia da Retribuição. No vídeo, ele dizia: *Fui forçado a suportar uma vida de solidão, rejeição e desejos frustrados, só porque as mulheres nunca se sentiram atraídas por mim.* A hostilidade dele nasceu da sensação de que tinha aquele direito, da autopiedade.

Vou punir todas as mulheres pelo crime de me privar de sexo. No mundo de Elliot, segundo uma lei invisível, as mulheres deviam sexo a ele, nós só existíamos para satisfazê-lo. Essas eram as regras, esse era nosso propósito. Sexo era direito dele e nossa responsabilidade. No mundo dele, o castigo por violar as leis, por rejeitá-lo sexualmente, era a morte. Quando as manchetes sobre o estupro surgiram, a foto sorridente de Brock acompanhou todos os artigos. *É injusto que ele sofra um julgamento público enquanto ela se esconde*, diziam os comentários. Por que eu iria querer humilhá-lo se sabia a que isso poderia levar?

Com o passar dos meses, fiquei mais preocupada. Ele estava fora da faculdade, eu estava fora do trabalho. Nós dois tínhamos sido isolados da sociedade e andávamos sem rumo. Todos aqueles dias vazios. Você muda, se esquece de comer, desaprende a dormir, se afasta de si mesmo. E se, enquanto eu ficava deprimida, ele ficava ressentido? Perguntei se ele estava fazendo terapia e ninguém soube me dizer. *A faculdade é a época em que todos vivenciam coisas como sexo, diversão e prazer*, disse Elliot. *Mas, durante esses anos, tive que apodrecer na solidão, não é justo... Vocês me forçaram a sofrer a vida toda,*

agora vou fazer todas vocês sofrerem. Todo mundo precisava culpar alguém. Ele e eu sofriamos, mas que tipo de violência o sofrimento podia provocar? Eu não suportaria se ele machucasse alguém. Pensava obsessivamente nisso. E se ele estivesse com raiva de Stanford e criasse caos no campus? E se de fato acreditasse que a vida dele havia acabado e se suicidasse? *Vocês merecem ser aniquiladas e eu darei isso a vocês. Vocês nunca demonstraram nenhuma piedade por mim, então também não demonstrarei piedade por vocês.* O que quer que Brock fizesse, eu me sentiria responsável, embora soubesse que não tinha controle nenhum sobre a situação.

Eu queria que ele fosse responsabilizado e punido, mas também esperava que estivesse se tornando uma pessoa melhor. Não lutei para acabar com ele, lutei para convertê-lo para o meu lado. Queria que ele entendesse, reconhecesse o mal que suas ações haviam causado e mudasse. Se ele realmente acreditasse que seu futuro estava arruinado e que não lhe restava nada a perder, as possibilidades seriam terríveis.

As possibilidades se multiplicavam em minha cabeça. Coloquei tábuas de madeira nas janelas para fechá-las bem. Eu verificava o quintal, procurava pés embaixo de arbustos. Odiava a proximidade de Ohio... Ele podia vir atrás de mim, pegar o trem. Desliguei o rastreamento de localização do celular e apaguei minhas redes sociais. Pesquisei leis sobre porte de armas. Elliot havia comprado legalmente três pistolas semiautomáticas e cartuchos carregados com a facilidade de quem compra uvas. Eu estava enlouquecendo. E se a audiência fosse uma armadilha? Imaginei tiroteios na frente do tribunal, o caos se instalando, pessoas se escondendo atrás de portas de carros, janelas quebradas, oficiais de justiça correndo, sangue escorrendo de corpos. Não sabia se aquilo era racional ou loucura, mas coisas loucas eram possíveis. Em meu quarto amarelo, eu ficava deitada, sem me mexer, para ouvir tudo, a lâmpada sempre acesa. Eu me encharcava de luz. O sono não significava mais descanso, e sim vulnerabilidade. Às seis da manhã, quando a massa negra e sólida das árvores por fim se dividia em folhas individuais, eu sentia alívio. A luz levava meus pensamentos embora e eu me permitia ficar inconsciente por um tempo.

Mal conseguia acordar para a aula depois de dormir por apenas uma ou duas horas. Nunca tinha tempo de preparar meu almoço e, por não querer gastar dinheiro no campus, morria de fome por oito horas, até voltar para casa à noite. Em galerias de arte, eu enchia guardanapos com uvas e canapés de homus gratuitos. Estava sempre exausta, minha saúde se esvaía aos poucos. Queria a comida da minha mãe. Queria dormir nos braços de Lucas.

Prendi o bilhete do ventilador acima da cama, como um frágil filtro dos sonhos. Colei também uma foto dos meus pais jovens, de mãos dadas diante de uma parede azul de peixes em um aquário. Uma foto da minha irmã ainda bebê, sem roupas, e eu, lado a lado em um lençol estampado com gansos minúsculos. Eram meus pequenos protetores pairando sobre mim à noite.

Foi em uma dessas noites, depois de horas deitada, imóvel, que joguei os cobertores para longe e peguei um lápis. Desenhei as duas bicicletas que haviam me encontrado, dei vida a elas, aro por aro. Eu havia descoberto o nome dos dois rapazes pelo relatório da polícia:

Carl-Fredrik Arndt

Peter Lars Jonsson

Desenhei guidões revestidos, pedais pequeninos, rodas assimétricas e irregulares. Prendi o desenho na parede acima do meu travesseiro, apertando com força. Um amuleto de proteção. Mandem ajuda. Rolei de volta para os lençóis e respirei fundo. Se eles estivessem ali, eu poderia descansar. Fechei os olhos e dormi.

Na noite anterior à minha última avaliação, reuni minhas gravuras: uma pilha que representava horas de tentativas, novas tentativas e, por fim, sucessos. Fiz cartões de agradecimento para meu professor e para o monitor dele. Coloquei três despertadores para tocar. Separei meu vestido vermelho favorito. Eu me deitei e pedi, silenciosamente, que dormisse aquela noite. Seis horas se passaram. O sono não veio, então decidi simplesmente ficar acordada até ter que sair às oito. Em vez disso, minha mente adormeceu às sete da manhã. Dormi tão pesado que não ouvi os despertadores. Quando acordei, era uma hora da tarde.

Não senti nenhum zumbido de pânico, apenas uma profunda onda de tristeza. A avaliação já estava quase acabando. Eu tinha perdido a apresentação dos meus colegas, o encerramento de todo o verão. Ainda assim, chamei um Lyft e coloquei o vestido vermelho. No carro, tirei as remelas dos olhos e pensei em tudo que havia de pior no mundo do que perder uma avaliação. Aquilo era algo tão pequeno... Mas eu estava triste justamente por ser muito pequeno e mesmo assim eu não ter conseguido fazer. Pediria desculpas ao meu professor e garantiria que minha ausência não tinha sido por falta de respeito.

Quando entrei na sala, a última pessoa estava se apresentando. Todos olharam para mim. Eu não tinha uma explicação nem fingi ter. Então me sentei no fundo da sala, desejando ser invisível. Achei que não valia a pena apresentar meu trabalho. Mas meu professor indicou que eu deveria, muito receptivo. Comecei a prender as artes na parede, uma a uma, de costas para a sala, enquanto as pessoas esperavam em silêncio. *Não importa*, disse a mim mesma. *Logo nada disso vai importar*. Eu me virei para encará-los e apresentei cada obra.

A apresentação foi recebida com silêncio. Então o professor falou, com um sorriso caloroso sob o grande bigode, que as gravuras estavam maravilhosas. Colegas de turma indicaram o desenho de um galo de duas cabeças. Elogiaram minha imaginação, o lado sinistro, o excêntrico. Perguntaram de onde eu havia tirado aquelas ideias, que tipo de técnica usara, admiraram as cores. Fiquei sentada e também me maravilhei, enquanto todos comentavam. Eu devia estar com uma aparência exausta, mas sorria. Vendo todas as minhas obras juntas, lado a lado, as coisas bonitas e estranhas que eu tinha criado apesar do sofrimento durante todo o processo.

Depois da aula, comprei outro rolo de fita adesiva. Subi em uma cadeira e pendurei todas as gravuras em meu quarto, mesmo sabendo que em breve iria embora dali. Fiz uma galeria só para mim. Tinha deixado de ser uma chorona excluída e me transformado em uma gravurista prolífica. Aquelas eram as provas de que, enquanto minha mente se encolhia de ansiedade, meu coração havia estado ocupado, grato pela chance que recebeu. Vi a parte de mim que insistia em sobreviver.

Para comemorar, uma amiga que eu havia feito na aula me chamou para uma festa com raspadinhas e música. Cheguei cedo. Por fim, minha amiga apareceu com outra menina, uma escultora, e as duas piscaram, um pouco lentas, já que tinham tomado uísque. Eu me permiti beber vodca com suco de abacaxi e observar crianças pegando vagalumes e tomando refrigerantes com canudos vermelhos. Improvisamos uma rodinha, tipo as de show de rock. Amarrei as mangas da jaqueta na cabeça, deixando-as penderem feito orelhas de coelho frouxas. Alguns caras se aproximaram em uma nuvem úmida de perfume, cheirando a almíscar e lenha queimada. Perguntaram se éramos alunas do curso de arte. Eu me perguntei se tinham desconfiado por causa da roupa amarrada à minha cabeça. *Só vim para o curso de verão, falei. Você é daqui?*, perguntou ele. *Não, da Califórnia*, respondi. *E você?* Mas os amigos já estavam lá na frente gritando o nome dele e fazendo gestos exagerados para demonstrar que queriam ir embora. Ele olhou para os outros, se virou para mim e se aproximou com um olhar sério: *Se eu ficar aqui, você vai transar comigo mais tarde?* Não houve um fluxo lógico de conversa. Tínhamos passado de um bate-papo trivial para aquela pergunta direta. *Não*, respondi, atônita. Sem uma palavra, ele correu para os amigos, me deixando ali, as mangas pendendo da cabeça. Nós três ficamos irritadas. Os amigos haviam feito a mesma pergunta a elas. Aquilo era sério? Por que ele diria aquilo? O amigo dele perguntou a mesma coisa para você? O cara com gel no cabelo?

Encerramos a noite e seguimos para o apartamento da minha amiga, loucas por torrada com manteiga e água gelada. Enquanto caminhávamos, contamos histórias de encontros ridículos, de coisas que homens diziam e faziam. *Uma vez, um cara em um café, uma vez, o irmão da minha amiga, uma vez, meu professor de filosofia, uma vez...*

Aonde as meninas estão indo? Um Mustang preto roncava o motor no sinal, com três caras fortes dentro, confortáveis nos bancos. *Vocês querem ir a uma boate?* Uma boate! Eu me sentia desidratada, vodca e pedaços de abacaxi fluíam dentro de mim. Minha cabeça estava repleta de histórias que começavam com *uma vez* e, de repente, enlouqueci com tudo que esperavam que eu tolerasse. A rua estava quase vazia, estávamos a quadras de

distância dos bares, não havia nada além de casas com janelas escuras e ônibus da Greyhound parados. Fui até o meio da rua vazia, cerrei os punhos, inclinei a cabeça para trás e comecei a gritar.

Gritei com o peito aberto, impiedosamente. Minhas amigas se assustaram e começaram a rir, e os homens ficaram irritados, olhando ao redor, desconfortáveis, presos no sinal vermelho. Começaram a intercalar meus gritos com *Doida! Vadia!* Mas não me importei. O Mustang polido, os tufo de cabelo, a logística idiota... Mesmo que quiséssemos ir à boate, não caberíamos naquele carro minúsculo. Não quero transar com vocês, não quero ir para a boate, não quero vocês andando perto de mim, me perguntando aonde estou indo, como estou, em um tom que me envolve e puxa meus ombros até as orelhas, me dando vontade de ficar surda e desaparecer. O pneu cheio de tachas havia estourado e caía feito chuva no carro deles. Eu me senti poderosa, intimidante, louca. Não dava a mínima se o mundo inteiro acordasse. O sinal ficou verde. *Vamos correr atrás deles*, sugeriu minha amiga. Nós começamos a correr.

Éramos três meninas correndo atrás de um único carro preto. Ela os alcançou no sinal seguinte e deu um tapa na luz de freio. *Fique longe do meu carro. Não ouse estragar meu carro.* Eles estavam irritados com a gente, aquelas mulheres que haviam se tornado ameaças, que tinham perdido a linha. Eu continuava gritando, a adrenalina fluindo: *seus babacas imbecis*. Mas, quando olhei pela janela, notei como um dos homens olhava para mim.

De repente, aquilo não pareceu uma brincadeira, e eu entrei em modo defensivo. Parem, parem. Nós nos afastamos, e eles aceleraram. Uma testemunha, se eles voltarem, precisamos de uma testemunha. Minha cabeça virou de um lado para outro. Havia um jovem de óculos a cerca de dez metros de nós. Ele pareceu assustado, as mãos nos bolsos, como se fôssemos nos virar contra ele também. No fundo, fiquei grata por ele estar ali. Toquei a testa, sem fôlego, o peito ainda subindo e descendo.

Naquela noite, apesar de ter planejado ficar até agosto, decidi que era hora de ir embora. Ir para casa não era uma opção, qualquer lugar menos minha casa, impregnada de agressão e lembranças podres. Eu precisava continuar evitando tudo.

No dia em que o estágio de Lucas acabou, ele pegou um avião e chegou em um carro alugado. Então me ajudou a fazer as malas, enrolar meus desenhos com cuidado, pôr toda a minha vida naquele veículo azul. Fomos de carro para a Filadélfia, onde eu ficaria com ele até a audiência. Ele esperou no carro, enquanto eu me despedia. Fiquei parada no quarto amarelo, meu refúgio, minha câmara, me lembrando de todas as noites de calor sufocante, do medo que revestia as paredes e derretia toda manhã. Deixei o ventilador, parado sozinho no meio do quarto, torcendo para que trouxesse frescor e tranquilidade para quem quer que chegasse depois.

5.

A audiência foi marcada para o dia 27 de setembro. Eu tinha três semanas. Nos oito meses anteriores, eu nunca havia contado a história toda em voz alta. Na verdade, eu passara a me sentir cada vez menos pronta e a ansiedade tinha crescido dentro de mim. Estava na beira de um precipício, segurando papel de seda e varetas na mão, com a tarefa de construir algo que levasse minha irmã e eu com segurança até o chão.

Alaleh havia marcado um telefonema comigo para começar a preparação. No mês que passei na Filadélfia, Lucas tinha me perguntado muitas vezes: *Você tem perguntas para ela? Tenho*, eu respondera. *Quer anotá-las? Agora não*, eu dizia. *Não quero falar sobre isso, talvez mais tarde*. No dia do telefonema, ele me entregou uma lista de perguntas que tinha digitado, sublinhado e categorizado. *Audiência versus Julgamento, Horários, Contato com o acusado, Possíveis resultados, Acordo, Testemunhas, Apoio para Chanel?* Eu havia rabiscado algumas palavras a lápis, a letra quase deitada e saindo pelos cantos da página. Eu tinha perguntas, mas para nenhuma delas havia respostas claras: será que posso tomar um Xanax de estômago vazio, será que um dia vou arranjar um emprego, será que ele é mentalmente estável, será que estou ficando maluca.

O telefonema estava marcado para as cinco da tarde. Eu havia pedido que Lucas participasse, mais dois ouvidos para absorverem a informação. Às cinco, meu celular tocou, mas era Tiffany. Ela estava indo a pé para casa e queria alguém que lhe fizesse companhia. Minha irmã me contou que tinha visto um documentário sobre como casais de albatrozes ficavam juntos para a vida toda, dá para acreditar? Lucas deu um tapinha no meu braço, apontando para o relógio. Ele sussurrou: *Está na hora da ligação*.

Fiz que não com a cabeça.

Desligue, está na hora! Ele repetiu o gesto.

Olhei para ele. *Tiff, posso ligar de volta depois? Obrigada.*

Fiquei de pé. *O que você disse?*

Está na hora da sua ligação, disse ele.

Você acha que não sei que tenho uma ligação às cinco?

Ele ficou parado.

O que é, você acha, você acha que não sei olhar a porra do relógio? Que não sei olhar a porra do relógio na porra do fogão? Que você decide quando eu posso ou não falar com minha irmã? Ei, quem estava lá naquela noite? Você? Não? Quem? Ah, ela? Isso mesmo. Sabe que tipo de merda ela está enfrentando? Vou atender todas as ligações dela, porra, TODAS AS LIGAÇÕES DELA, PORRA. Você quer me ajudar? Você acha que FICAR SENTADO aqui está me AJUDANDO, caralho?

Minha raiva derramava de mim, vil e imediata. Minha voz se ergueu como se a mão de alguém aumentasse o volume. Lucas recuou, paralisado do outro lado da sala, me encarando, com medo de mim. Eu também estava com medo de mim. Minhas palavras escorriam com liberdade, sem nada para contê-las. *Como você poderia saber como é passar por isso, que diabo você pode fazer sobre isso?* Bati o celular no balcão. Ambos o ouvimos quebrar.

A tela não apenas rachara, ela tinha sido destruída, os caquinhos de vidro espalhados pelos bancos, pelo chão. Humilhada, gritei para que ele saísse. Lucas me ofereceu o celular dele e eu berrei: *Saia daqui.* Ele fez uma pausa. *Vou estar lá embaixo se precisar de mim,* disse antes de a porta se fechar com um clique. Tremendo, corri para pegar uma meia da gaveta, enfiei-a na mão e a usei para colocar o telefone quebrado em um saco ziploc. Eu me tranquei no banheiro com a lista de perguntas de Lucas e, sentada no tapete, me curvei sobre os joelhos. A sacola de vidro brilhava. Alaleh estava ligando. Feito uma marionete de meia, minha mão deslizou várias vezes por um caco de vidro, mal havia superfície suficiente para aceitar a ligação. MERDA MERDA MERDA. *Alô. É! Tudo bem! Como você está?*

Quando a ligação terminou, me deitei com a meia na mão. Eu não reconhecia a pessoa em quem estava me tornando. Volátil, irritada, bastava tocar no assunto para eu explodir. Logo iria sozinha para a Califórnia, enquanto Lucas continuaria sua vida na faculdade. Imaginei uma lacuna

aumentando entre nós, minha loucura surgindo gradualmente, nosso relacionamento sendo destruído. E se, quando voltasse, eu estivesse ainda mais frágil, destrutiva?

Quando tinha dez anos, fui para um acampamento no alto de uma colina repleta de pinheiros. Meu pai me deu seu saco de dormir da época do colégio, que tinha um buraquinho. Quando acordei, encontrei penas brancas de ganso no cabelo, por todos os cantos, como se tivesse nevado. Em vez de pedir a um orientador que remendasse, decidi esperar até o horário da aula de artes para pegar fita adesiva. Cortei um pedaço grande, de cerca de quinze centímetros, e o preendi na ponta do dedo. Depois da aula de artes, tínhamos natação, então escondi a fita adesiva, colando-a em um banco, longe das mochilas, das pernas e da água. À noite, carreguei com cuidado o pedaço de fita adesiva até o alto da colina. Mas, àquela altura, ele já havia ficado úmido e empoeirado e não grudou como eu gostaria. Nos meses que sucederam o abuso, eu vinha carregando aquele pedaço pequeno de fita adesiva, planejando consertar tudo sozinha. Mas aquilo não seria suficiente. Era preciso contar a alguém, selar os buracos, recuperar o calor, parar de tirar as penas da roupa e do cabelo. No dia seguinte, aceitei começar a terapia.

Pode parecer estranho eu ter adiado isso por tanto tempo, considerando que meu pai é terapeuta. Mas eu ainda estava em completa negação quanto à magnitude que aquele caso teria em minha vida. Só quando o fato me encarou direto nos olhos eu sucumbi à necessidade de lidar com a situação.

Quando eu era criança, tudo que sabia sobre terapia era que, nos dias em que os pais podiam levar os filhos para o trabalho, eu nunca podia ir. Meu pai estava ocupado ajudando pessoas que enfrentavam divórcios, problemas matrimoniais, alcoolismo. Naquela época, achava que meu pai era um médico especializado em machucados na cabeça: se você a batesse, ele lhe entregaria um Band-Aid *etc.* Também me perguntava como ele sabia todas as respostas. Será que tinha algum livro secreto de regras? *Eu não dou as respostas a eles, eu os guio.*

Nós costumávamos ir ao consultório do papai todo domingo de manhã. Eu tirava a poeira da estante de madeira. Regava a planta. Arava a areia do jardim japonês. Empilhava os blocos de papel amarelos. Alimentava os

peixes. Eu adorava os seixos azuis e rosados, os peixinhos prateados e listrados com bochechas alaranjadas. Depois recebia meu pagamento. Quando as pessoas se recostavam nas cadeiras acolchoadas, moedas caíam de seus bolsos, por isso eu enfiava as mãos nas dobras da cadeira e pescava moedas e chiclete.

Queria ser um peixe para ouvir aqueles desconhecidos que confiavam os segredos ao meu pai. Por uma hora, eles podiam se abrir em segurança, chorar e dizer coisas que nunca diriam em seu cotidiano. E, quando o tempo acabava, eles se amarravam de novo e saíam para a agitação do mundo.

Mas as pessoas que eu imaginava no escritório dele nunca se pareciam comigo: eram adultos que usavam gravata, mulheres com bolsas grandes e mãos delicadas. Eu era a pessoa que alimentava os peixes, nunca a que se sentava no divã. Liguei para marcar uma consulta com uma psicóloga que havia trabalhado na ONG Women Organized Against Rape. Um prédio alto. Um livro de registros no qual escrevi meu nome de maneira ilegível, com medo de ser rastreada. Um sofá creme. Deb, uma mulher de cabelo castanho ondulado e olhos azuis. Anotações na mesa lateral, uma família de cactos pequenos e floridos, tapeçarias com imagens de galhos. Muito silencioso, tranquilo. Eu me sairia bem ali.

Precisava mostrar Emily a ela, precisava levá-la até a cena em que Emily tinha sido encontrada sob as árvores. Pela primeira vez, eu estava dando uma lanterna a alguém e anunciando: *Venha comigo*. Ela me seguiu, abrindo caminho entre os galhos, enquanto eu lançava um fecho de luz no corpo de Emily. A terapeuta olhou para mim. Falei que tínhamos três semanas para colocar Emily de pé, deixá-la pronta.

O modo como contei a história foi uma loucura, mas depois me senti mais leve, como se tivesse deixado parte do peso naquele prédio. Isso tornou mais fácil caminhar pelas ruas. Comprei um caderninho vermelho e escrevi: “Eu me sinto melhor quando a história está fora de mim.” Eu me lembro que, na Costco, meu pai comprava grandes quantidades de lenços de papel e papel higiênico, que Tiffany e eu empilhávamos para construir um trono aconchegante dentro do carrinho de compras. Talvez ele precisasse de tantos

porque as pessoas não paravam de chorar, colocavam as entranhas para fora, assim como eu.

Quando minha terapeuta me perguntou se eu havia percebido que o estupro estava afetando outras partes da minha vida, instintivamente fiz que não com a cabeça. *A questão é que está totalmente separado da minha vida; eu o mantive assim por um motivo.* Ela não respondeu, e nós duas ficamos em silêncio por um instante. Às vezes eu me perguntava se meu depoimento seria melhor para a defesa, porque, se ele perguntasse: *Então você não foi afetada?* Eu ia querer responder: *Não.* Eu me sentei em cima das mãos. *Talvez, eu já notei algumas coisas. Notei raiva. Minhas atitudes ficaram mais nervosas, eu acho. Uso isso quase todos os dias.* Então ergui os braços, mostrando as mangas pretas da jaqueta de Lucas mais compridas que minhas mãos, feito rolinhos de sushi vazios. Enquanto falava, percebi que o estupro havia deixado a periferia e se tornado o centro.

Cuspi as piores coisas que tinha ouvido sobre mim, julgamentos feitos e decorados após ler os comentários. *Eles acham que eu sou, me dizem, eu não devia,* e por aí vai. Ela disse: *Posso perguntar se você já ouviu alguma coisa dessas pessoalmente?* Pensei por um tempo, crispando os lábios, depois balancei negativamente a cabeça. *Não, nunca.* Eu nunca havia pensado que tinha dado o mesmo peso à opinião de desconhecidos na internet e de pessoas reais. Foi uma revelação poderosa. Eu nunca ouvira aquelas coisas horríveis em voz alta. Quando a notícia era dada a uma pessoa, o silêncio a tomava, uma tristeza palpável, uma lágrima, um abraço. Comecei a distinguir experiências reais das virtuais. Repetia mantras em minha cabeça enquanto lavava a louça, antes de dormir.

Não fiz nada de errado.

Sou forte.

Tenho uma voz.

Falei a verdade.



Alaleh ligou. A audiência do dia 27 de setembro tinha sido cancelada e adiada para 5 de outubro. Havia tristeza no modo como consegui dizer *sem problema*, sem pensar nem olhar para a agenda. Durante todo o mês anterior, eu não tivera compromissos, a terapia ocupava apenas um pedacinho de cada semana. Peguem qualquer dia meu que quiserem, eu esvaziei todos para vocês. *Ótimo*, disse ela. *Você pode avisar à sua irmã da mudança do dia?*

Eu era sempre a primeira a ficar sabendo, a responsável por manter Tiffany informada. Eu me sentei na cama com o celular na mão, sabendo que, na vida normal, mudanças de datas significavam confusão, colapso. Minha irmã já havia mudado a data das provas da vez anterior. Estava fazendo seis matérias e tinha dois empregos. Eu estava com medo de ligar. *Me desculpe*, falei.

A ligação foi recebida com uma pausa longa. *Mas eu já reorganizei tudo*, explicou ela. *Não posso ficar sempre explicando*. Ouvi a tensão na voz dela, o estresse se espalhando, se tornando *não posso, não posso*, ouvi tudo aquilo se empilhando em sua mente, *mas eu já*.

Eles vão entender, falei. *Vou falar com eles. Vou ajudar a organizar seus horários. Você pode largar um dos empregos, vou ajudar com as leituras, vamos dar um jeito em tudo*. Mas ela disse não e não, que ia dar um jeito sozinha. Eu a ouvi se retrair, ficar em silêncio. *Estou bem*, falou, *não quero mais falar. Tenho que ir*.

Vou compensar isso para você, falei antes de ela desligar.

Eu sabia que ela já tinha saído da aula algumas vezes e ficara andando pelo corredor, instável demais para voltar para a sala. Sabia que ela havia desistido de planos com as amigas para comparecer a sessões de reconhecimentos na delegacia, abrira mão de ingressos de shows, faltara aniversários e testes de maquiagem. Saber tudo aquilo era o que mais me machucava. Minha vida ofuscando a dela, alegando ser mais importante. A frieza do sistema judicial, que cata pedaços que formam uma vida.

Um minuto depois, minha irmã ligou de volta. *Eu só queria ter certeza de que você sabe que não estou brava com você, só com a situação. Não quis gritar com você. Vou dar um jeito, está bem?* Meus olhos piscaram, úmidos e rígidos. Assenti, entendi. Eu sabia como era não ter onde depositar a frustração, o

modo como infectava nossa vida, nos fazia atacar uns aos outros, todos nós perdidos.

Eu estava pronta para o dia 5 de outubro. Uma noite antes do meu voo, minha pequena mala estava feita e fechada perto da porta. Meu caderno vermelho, lotado de técnicas de relaxamento e incentivos: *Você é mais forte do que qualquer pessoa que já a machucou. Não é ridículo sentir e reagir. Você é mais forte do que imagina, mesmo que ainda não sinta isso.* Eu já havia separado uma calça confortável para o voo, meias limpas. Estava de pijama de flanela na cozinha, com uma tesoura na mão, podando o bonsai que tinha comprado para dar mais vida ao apartamento de Lucas. Meu celular tocou às onze da noite.

Sinto muito, mas a audiência foi adiada, disse a promotora. *Não pegue o avião amanhã.* Segurei o celular sem falar nada e encarei a mala à porta, inchada e fechada. Tentei me imaginar puxando-a de volta para o quarto, o suspiro que ela daria ao ser aberta. O tempo gasto colocando cada peça de roupa de volta na respectiva gaveta, devolvendo os itens de banheiro à pia, me encolhendo na cama. Acordando para outro dia vazio, esperando que me dissessem para fazer as malas novamente. A preparação para o tribunal tinha se tornado meu único objetivo, e toda essa movimentação agora ia parar. Alaleh também disse que, como tinham pagado pelo meu primeiro voo, eu teria que comprar a passagem quando a hora chegasse. Mas eu não tinha dinheiro para aquilo.

Vou para casa, falei. Disse que ia ficar em Palo Alto até que tudo começasse. *Tudo bem,* respondeu ela. *Vou dando notícias. Só avise à sua irmã que, por enquanto, não temos data.* Naquela noite, não liguei para Tiffany. Eu ia esperar alguns dias para saber o plano final antes de bagunçar a vida dela. Estava cansada de puxá-la de um lado para outro.



A casa dos meus pais é um santuário iluminado pelo sol. Feita de madeira antiga, tem um andar e duas chaminés de tijolos, fora construída nos anos

1970 e pintada com uma cor de salmão queimado, com uma entrada de cimento rachado. No jardim, há pedras de lava, bananeiras pequenas, palmeiras enormes e arbustos de lavanda plantados pelo meu pai. Nossa porta é margeada por pregos pequenos para segurar as luzes de Natal que deixamos o ano todo. Mas, quando saí do carro, odiei o bairro, odiei o sol, o modo como o tempo não parecia passar, as folhas verdes que nunca mudavam. Odiei as palmeiras, tão irritantemente animadas. Senti falta das ruas entupidas da Filadélfia, do jeito como as vidas se sobrepunham, dos elevadores lotados, das sacolas de compras batendo em minhas pernas, da fumaça dos ônibus e das caixas frágeis de frango com molho vermelho manchado de creme branco nos carrinhos prateados de comida halal. Minha rua era vazia; o parque, vazio; minha casa, vazia. Eu odiava aquilo.

Fui visitar Gong Gong, meu avô, que mora perto da casa dos meus pais. Ele não sabia sobre o estupro. Minha mãe dissera que, se ele descobrisse, ficaria destruído. Ele tinha vindo para os Estados Unidos para ajudar na minha criação e na de Tiffy. Certa vez, eu o havia encontrado no meu quarto, apertando meu travesseiro com as mãos. *Não é bom*, dissera ele. De repente, quando percebi, estávamos na loja Ross e ele apertou todos os travesseiros até achar um mais firme, que sustentasse melhor meu pescoço. Quando diz “Chanel”, soa como “xiao niao”, que significa *passarinho* em chinês. Quando éramos pequenas, ele dava comida para mim e minha irmã na boca, como se fôssemos passarinhos. E toda vez que estou em Palo Alto, a primeira refeição que como é preparada por ele.

Eu me sentei à mesa baixa da casa dele, coberta de jornais chineses e calendários gratuitos de bancos em vez de jogos americanos. Comi algumas tigelas de comida, ajudei a traduzir a correspondência. Recebi a ligação. A audiência tinha sido remarçada. Alaleh disse que eu podia ver o lugar, se estivesse disponível. Joguei a tigela vazia na pia, abracei meu avô e corri para o carro.

A sala do tribunal era pequena, muito menor do que eu imaginara, escura, entulhada e úmida. Luz natural entrava por quadrados pontilhados com mofo no teto alto. No canto havia uma bandeira gasta que nunca se balançava, apenas pendia em suas dobras permanentes. Tudo era estagnado e

lúgubre, como se o ar tivesse ficado guardado ali por anos. Eu entraria pelas portas dos fundos, percorreria o corredor como uma noiva. Não gostei daquele momento de vulnerabilidade, dos olhos de todo mundo em minhas costas enquanto me aproximava do banco de testemunhas. Teria preferido emergir diante deles, mais como em um momento *cheguei*. O juiz estaria sentado à minha esquerda, acima de mim, uma ave maior no mesmo ninho. A promotora ficaria diante de mim em um púlpito. Eu olharia diretamente para ela.

Você vai estar sentada aqui. Sinta um pouco o lugar. Brock vai estar sentado ali. Ela apontou para uma cadeira vazia perto de onde eu estava. Assenti, mas achei impossível imaginar que aqueles bancos logo seriam preenchidos por corpos. Ela explicou as regras: primeiro eu faria o juramento. Deveria falar alto e com clareza. Nada de responder com um aceno de cabeça, meu sim teria que ser audível. Caso alguém fizesse uma objeção, eu teria que parar e esperar que o juiz me desse permissão para voltar a falar. Só deveria responder diretamente ao que estivesse sendo perguntado. Tudo bem chorar, mas tente não ser emotiva demais. Minha defensora ficaria sentada em uma cadeira ao lado do banco, mas, durante o depoimento, ela não teria permissão para falar comigo. Iam pedir que eu identificasse Brock. Meu nome seria usado no julgamento e todos me chamariam de Chanel Doe. Eu não deveria levar os ataques do advogado de defesa de Brock para o lado pessoal. As perguntas dele iriam ajudar Alaleh a entender o plano dele e a se preparar para o julgamento. Diga a verdade sempre.

Ouvi tudo, mas, basicamente, fiquei encarando as cadeiras em que Brock e o advogado dele estariam sentados. Senti uma pontada na garganta, como se, caso piscasse por vezes suficientes, eles fossem se materializar ali. Ela disse que eu não tinha que olhar para o advogado de defesa, mesmo quando ele estivesse falando comigo. Eu poderia olhar para a plateia, fixar os olhos em um amigo. Mas eu sabia que nenhum amigo meu iria.

Claire estava na França. Tiffany não podia ficar na sala porque também era testemunha. Minha mãe estaria no tribunal, mas eu não queria que ela assistisse àquilo, pois sabia que meu foco seria protegê-la. Eu tinha medo de

me controlar, de me tornar incapaz de contar toda a verdade para não a machucar. Eu ia fazer aquilo sozinha.

Alaleh me entregou um envelope pardo grosso com as transcrições das minhas entrevistas no hospital e na delegacia. *Você não precisa estudar como se fosse uma prova*, explicou ela. *É só para refrescar sua memória*. Uma estenógrafa entrou para se apresentar; tinha cabelo curto e óculos modernos, andava com tranquilidade, como se dominasse o lugar. Ela se sentaria a uma mesa ao lado do juiz. *Não tenha medo*, disse ela, sorrindo e baixando os óculos para que eu visse seus olhos. *Se ficar nervosa, é só olhar para mim*. Ela deu uma piscadela.

Uma parte daquilo me pareceu familiar. Quando eu tinha dezoito anos, fiz um curso de oratória com o professor Fulbeck. Antes de cada apresentação, íamos até o teatro, conferíamos a iluminação, o palco, testávamos o microfone. No meu dia a dia, eu era tímida, mas no palco era diferente. Quando eu entrava, me tornava outra pessoa.

No primeiro ano da faculdade, uma colega me contou que acordara com um cara fazendo sexo com ela, a virgindade perdida, enquanto ela acordava e desmaiava de novo. Ela explicara que havia sido por isso que faltara as aulas por algumas semanas, mas que estava tudo bem, e deu de ombros. Uma semana depois, escrevi um discurso chamado *Legal: Estou cansada de ser boazinha, de ser legal nesta vida em que a rebelião é não usar o aparelho ortodôntico por uma noite. Quero evocar sentimentos, fazer inimigos, parecer um pouco corrupta, escrotizar com umas pessoas escrotas, quero colocar para foder*. Naquele momento, as pessoas começaram a rir e aplaudir enquanto a obra ganhava força, se divertindo enquanto os golpes eram dados, até eu dizer a frase: *Para o babaca que enfiou o pau na minha amiga desmaiada*. Silêncio repentino.

Você tem vergonha porque seu pau é menor do que uma régua, então a deixou bêbada e apagada para dominá-la? Porque seu passarinho gordo não achava sua mão tão bonita, seu pinto precisava de uma companhia de verdade, então você a deixou sozinha, cravou a espada na pedra, a violou e a humilhou apesar de você ser um cara mais raso do que uma piscina infantil. Tenho pena da sua falta de dignidade, tenho pena da sua... Continuei disparando enquanto encarava os olhos de todas as pessoas da plateia.

Vou fazer você chorar sobre suas bolas enquanto estiver me chamando de má, e é assim que vou vencer seu pênis do tamanho de um feto, e para completar... vou dar um tiro nele. As pessoas se levantaram, gritando e batendo os pés. Quando competi em concursos de poesia com *Legal*, todos os juízes me deram nota dez. Meus pais ficaram atordoados, mas me apoiaram. Eu sempre torcia para que ele estivesse assistindo.

Escrever e apresentar aquela obra tinha sido fácil porque, na época, eu estava namorando o primeiro garoto pelo qual havia me apaixonado, me tornado forte porque me sentia segura, o sexo era carinhoso e o poema era para ela, não para mim, então eu podia brincar com as palavras, falar depressa e conquistar a atenção de todos ao aniquilar verbalmente um pênis. Agora que eu havia sido estuprada enquanto estava inconsciente, mal conseguia falar. Sentada diante daquele microfone na sala de audiências vazia, eu apenas assentia. Pensei em mim quando mais jovem, ousada, desfilando pelo palco, e me perguntei para onde aquela garota tinha ido.

Tiffany foi de carro para casa na noite anterior à audiência. Ela ficaria em Palo Alto por menos de vinte e quatro horas, antes de voltar correndo para a faculdade. Nunca tinha entrado no tribunal nem conhecido Alaleh. Era estranho estarmos sofrendo com o mesmo processo, mas ninguém estava cuidando dela nem ajudando-a a se preparar. Eu argumentava que testemunhar seria mais difícil para minha irmã porque ela se lembrava, teria que descrever o que ele havia feito enquanto o encarava. E ainda assim tinha trabalhos para fazer, teria que voltar para a aula no dia seguinte, como se nunca tivesse vivido aquele dia.

Que roupa a gente deve usar?, perguntou ela. Pesquisamos no Google *roupas femininas para audiências em tribunais* e as imagens mostravam mulheres altas com as mãos na cintura, cabelo comprido e enrolado em cachos suaves, saias lápis, pernas longas como corrimões de escada em saltos altos. *Como é que a gente vai conseguir ficar desse jeito?* Estava escuro do lado de fora e nós estávamos na Kohl's, perambulando pelo piso branco brilhante. Mandeí uma mensagem para minha defensora para pedir dicas. *Alguma coisa confortável e respeitosa.* Entendi. Minha irmã saiu da cabine com uma saia grande estampada com um Minion, sem calcinha. *O que eles fariam se eu aparecesse*

assim? Falei: *Tiffany, isso é sério.* E saí usando calça capri encrustada com diamantes, uma viseira e uma camiseta com a palavra ABENÇOADA.

Quando o anúncio de fechamento soou acima de nós, abandonamos a brincadeira e sucumbimos à seção mulher de negócio casual, nossos braços pesados com suéteres em tons terrosos. Ela saiu com um vinho, de gola redonda, mais comprido na parte de trás. *Você vai testemunhar ou discursar no evento da sua instituição de caridade para crianças?* As camisas de botão florais nos transformaram em secretárias mal-arrumadas. *Janice, você se lembrou de mandar minha declaração de imposto de renda?* Por fim, encontrei a blusa certa, um suéter da cor de leite estragado, macio e discreto. O novo uniforme de Emily. Eu parecia alguém que emprestaria um lápis aos outros. Minha irmã assentiu, aprovando.

Já estava escuro e era hora de estudar as transcrições. Nós nos sentamos em lados opostos da mesa de jantar com nossas respectivas pilhas de papel. Ouvi meu pai dizer à minha mãe: *Você não está feliz em ver nossas meninas aqui?* Verdade, eu ficava feliz com aquelas reuniões familiares inesperadas. No entanto, o motivo pelo qual estávamos reunidos pairava sobre nós. Lemos em um silêncio pesado, rompido apenas pelo barulho ocasional de uma folha sendo virada. Uma das regras mais importantes estabelecidas logo de início foi que Tiffany e eu não podíamos discutir o caso. Se nossas histórias fossem parecidas demais, poderíamos ser acusadas de conspiração. Mas a presença dela já era um presente, me permitia começar a relembrar aquela noite.

Enquanto eu analisava as páginas, as sensações começaram a tomar conta de mim. Ler cada linha era como estar em um cômodo que se enchia de água lentamente. Ele se enchia e se enchia até ter espaço só para continuar respirando, uma nesga de ar entre a água e o teto. Quando achei que ia me afogar, a água parou. Eu sabia que ela não podia me afogar de novo. Aquilo tinha ficado para trás, o estupro estava preso naqueles papéis. A água começava a escoar.

Eu me mantive focada, digitando anotações, organizando os fatos. Decorei os detalhes até conseguir contar a noite de trás para a frente e de frente para trás, em espaços de quinze minutos, do momento em que tinha

decidido ir à festa ao instante em que havia sido liberada do hospital. *Estou nervosa*, disse minha irmã. *Não tem problema*, afirmei.

Se você ficar nervosa, olhe para a estenógrafa. Ela piscou para mim. Eles não esperam que você se lembre de tudo, já faz dez meses! É fácil, basta contarmos a verdade. Todo mundo vai falar uau, ela é um anjo, mas aquele cara me dá arrepios. Além disso, a gente gastou setenta dólares na Kohl's, então meio que temos que fazer isso valer a pena, sabe. Não há por que ter medo, não temos nada a esconder.

Era verdade e eu senti aquilo enquanto dizia. Tiffany estava sorrindo. Deixei que ela analisasse as próprias anotações e depois fui para meu quarto. Meus olhos começaram a se encher de lágrimas. Havia uma coisa que eu não tinha acrescentado. *Também estou nervosa. Não tenho ideia do que vai acontecer.*

O detector de metal era meu portal, uma porta para um mundo desconhecido. Os seguranças escoltaram minha mãe, Tiffy e eu até o pequeno closet das vítimas, mobiliado com um sofá amarelo sujo que parecia esculpido com cera de ouvido. Uma mesa de pernas de metal com revistas rasgadas e antigas. Um saco embaçado de hidrocores, com as pontas secas, sem tampa. Pilhas empoeiradas de folhetos sobre violência doméstica. Um cartaz vermelho laminado com letras amarelas grossas dizia: VÍTIMAS TÊM O DIREITO DE SEREM TRATADAS COM JUSTIÇA E RESPEITO POR SUA PRIVACIDADE E DIGNIDADE E DE FICAREM LIVRES DE INTIMIDAÇÃO, ASSÉDIO E ABUSO DURANTE TODO O PROCESSO JUDICIAL CRIMINAL JUVENIL. Papéis com desenhos de crianças haviam sido deixados para trás: um desenho de um coração, com letras amontoadas dentro dele, *Porque estou com medo*. Minha mãe estava incomodada naquele lugar sórdido, querendo torná-lo melhor de alguma maneira, por isso saiu para comprar leite quente em um café ali perto, alguns biscoitos, melão picado.

Anne, a mãe de Julia, estava a caminho, se oferecera para ficar na sala de audiências, meu único apoio. Julia estava no exterior naquele semestre. Mais tarde, eu ficaria sabendo que, ao voltar para o campus, Julia tinha começado a ter ataques de pânico toda vez que passava pela fraternidade à noite. Aquilo aconteceria pelos dois anos seguintes.

Enquanto esperávamos, minha defensora, Bree, chegou. Notei que tinha cortado o cabelo. Foi bom falar do penteado dela, como se fôssemos amigas em um contexto normal, como se ela não tivesse sido enviada pela YWCA para que eu não ficasse sozinha. Quando viu que eu me remexia, ela sugeriu que plantasse os pés no chão, uma técnica de relaxamento. Enfiou a mão na bolsa e tirou um brinquedo: um cachorro salsicha comprido e azul, que tinha fios longos no lugar do pelo. *Talvez seja bom ter algo para apertar enquanto estiver lá*, disse ela. Eu o estiquei, o sacudi. Minha irmã ganhou uma caveira de borracha.

Alaleh viria me buscar quando estivessem prontos. Uma hora se passou. Meu leite esfriou. Ao ouvir a batida na porta, minha irmã apertou minha mão. Segui Bree e Alaleh pelo corredor. Será que tenho que erguer a mão esquerda ou a direita para prestar o juramento, e se eu esquecer tudo, minha braguilha está fechada, eu estou bonita? Comecei a andar de um lado para outro, inspirando e expirando ruidosamente. Notei o barulho que estava fazendo e fiquei com vergonha por não conseguir disfarçar o pânico, mas imaginei que ela preferiria que eu respirasse fundo do que desmaiasse. *Dê uma olhada*, disse ela. Pela estreita janela retangular da porta, analisei a sala, a plateia pequena, a parte de trás da cabeça dele. Fiquei paralisada, os olhos fixos na pele nua do pescoço dele. Queria me agarrar ao meu último momento de anonimato. Mas Alaleh já estava abrindo as portas e não havia nada a fazer senão entrar.

Neste momento, a promotora chama a primeira testemunha, Chanel Doe. Cabeças se viraram enquanto eu entrava; eu não sabia para onde olhar. Passei o cachorrinho azul para a mão esquerda, de forma que pudesse levantar a direita e fazer o juramento. Falei: *Sim*. Uma palavra que achei que diria primeiro no meu casamento, não no julgamento pelo meu estupro. Senti os olhos me analisarem. Eu me perguntei se estavam surpresos por eu ser asiática, se parecia uma mulher ou uma menina, se eu parecia comum, menos bonita do que imaginavam, por que ele não havia escolhido uma mais bonita, pare, o que você está pensando, fique quieta. Enquanto eu seguia até o banco de testemunhas, quis continuar andando e andando, mas, quando toquei nas costas da cadeira, me sentei virada para a frente, aqui estou eu.

Pediram que eu me acomodasse. Não entendi o que aquilo queria dizer... Tentei erguer a cadeira para puxá-la para a frente, enquanto todos me observavam avançar alguns centímetros. Alaleh lembrou que eu deveria falar alto e com clareza. Com as mãos trêmulas, virei o microfone fino para mim. Ouvi alguém pigarrear. Bree estava sentada em uma cadeira à minha direita, encarando a plateia, solidária. A plateia era composta por poucas pessoas, mas os corpos espalhados bastaram para me deixar ansiosa, imaginando quem eram e por que estavam ali. Vi o detetive Kim ao lado de Alaleh, um rosto familiar, um pequeno alívio.

À minha esquerda, na minha visão periférica, Brock era só uma massa. Fixei o olhar no rosto de Alaleh, deixando tudo que a cercava desaparecer. Ela sorria para mim de trás do púlpito, do modo como já tinha visto mães sorrirem, incentivando os filhos pequenos, encorajando-os a dar o primeiro passo. Retribuí o sorriso da melhor maneira que pude.

Por favor, diga seu nome e o soletre para a gente.

Chanel, respondi. C-H-A-N-E-L, soletrei. Senti como se tivesse cortado grande parte do meu cabelo de uma só vez. Uma perda rápida, irreversível. Meu nome não era mais meu, um segredo que agora teria de confiar que todos na sala guardariam. Não havia tempo para pensar nisso, então continuamos com minha idade, minha formação acadêmica e meu local de residência. Falei sobre a trilha ao pôr do sol na Reserva de Arastradero, sobre Tiffany e Julia, sobre a taquería, meu taco aberto de frango, beber água porque estava apimentado, voltar para casa, o jantar feito pelo meu pai. *Além do refogado, do brócolis e do taco, você comeu outra coisa naquele dia?* Não, respondi, então fiz uma pausa. *Bom, naquele dia, não me lembro mais daquele dia.* Eu devia ter almoçado naquele dia dez meses antes, mas o que poderia ter sido?

Ela me perguntou por que eu tinha ido até Stanford e respondi que ia a uma festa da fraternidade encontrar Julia. *E, aparentemente, era isso que ia acontecer naquela noite. Mas, se tivessem dito: Vamos tomar frozen yogurt no centro da cidade, eu teria ido... Ou: Tem uma festa diferente em Stanford, perto do Clube Internacional, eu teria ido. Eu não tinha nenhum motivo óbvio para ir a uma festa de fraternidade.* Uma voz masculina surgiu à minha esquerda. *Meritíssimo, vou*

pedir que você retire dos autos cerca de dois ou três terços do final da resposta. A pergunta foi respondida no início.

Olhei para ele. O advogado de defesa tinha um rosto quadrado, cabelo branco, terno preto e estava curvado sobre suas anotações, falando como se eu não estivesse ali. O juiz respondeu: *Está bem. Vou retirar as duas últimas frases da resposta já que não se referem à pergunta.* Vi minhas palavras caírem feito aves atingidas por um tiro no ar. Eu não sabia que ele tinha o poder de apagar meu depoimento sem mexer um dedo que fosse. A parte mais perturbadora foi que ele havia feito uma objeção a uma frase sobre frozen yogurt. O que aconteceria quando chegássemos à parte que realmente importava?

Alaleh continuou me perguntando sobre a decisão de ir a uma fraternidade, e ele não parou de cortar minhas frases. *Tudo bem. Retirado.* Eu era um cachorro com uma coleira elétrica no pescoço e o controle estava nas mãos da defesa. Toda vez que falava, eu sentia o choque e me virava, confusa. Comecei a ter medo de ultrapassar limites, queria evitar ser cortada. Ele estava me ensinando a ter medo de falar livremente.

Alaleh passou a separar as perguntas para que eu pudesse elaborar a resposta. *Você queria ir a uma festa de fraternidade? Não,* respondi, com medo de dizer mais. *Por que não?* Uma chance de elaborar. *Por que eu ia querer ir a uma festa de fraternidade?* Minha irritação me surpreendeu. *Eu não tinha motivo algum para ir a uma festa de fraternidade e conhecer alguém lá.* Por que era tão difícil fazê-los entender aquilo? Por fim, entramos em um ritmo bom, jogando palavras uma para a outra. Logo, cada centímetro da noite estava ganhando vida. A sala de audiências se dissipou e passei a ver o piso de linóleo gasto da minha cozinha, o relógio de moldura preta, o papel de listras finas azuis e amarelas. Quando me perguntaram o que eu havia bebido, vi o líquido amarronzado na garrafa de vidro, as canecas no balcão de madeira. Quando me perguntaram que tipo de uísque, semicerrei os olhos como se pudesse focar na lembrança e ler o rótulo. No fim da escada, pilhas de copos vermelhos, mesas de madeira largas, suco derramado, o porão se enchendo de cabeças, corpos saindo pelas portas de vidro para o quintal, eu me

agachando atrás das árvores, tentando não sujar os sapatos, voltando para o barulho suave do pátio de cimento, gesto a gesto a gesto.

Fiquei abismada com a seriedade com que todas aquelas perguntas estavam sendo feitas, como se fosse normal lembrar cada detalhe ínfimo, dividir a escuridão de bebidas casuais em uma cronologia de consumo, marcar minutos entre goles. O tempo foi reduzido a minutos; os comprimentos, a metros; os líquidos, a mililitros. Quanto tempo tínhamos demorado a chegar (*sete minutos*), a que horas tínhamos chegado (*23h15*), com quem eu estava, onde havíamos sido deixadas, se tínhamos ido a outras festas, quantas pessoas estavam lá (*sessenta pessoas, depois de vinte minutos havia cem*), quanto eu havia andado para ir ao banheiro (*cerca de treze metros*). Minha segurança parecia quase cômica, afinal como alguém podia ter tanta certeza? Eu havia sido tão dominada pelo ritmo em staccato das perguntas dela, pela contemplação incessante da minha mente que não notei que nos aproximávamos da minha última lembrança. Eu me vi com uma cerveja na mão, sorrindo, os ombros balançando, relaxados. Tiffany estava lá, uma ou duas amigas dela passavam por perto. Eu estivera observando todas elas, pensando em como sentia falta da faculdade, mas não de verdade, em como, mesmo se eu pudesse voltar, nunca mais seria a mesma coisa. Vi Tiffany naquele momento, correndo de um lado para outro com a tranquilidade fofa dela, feliz por eu estar participando daquilo por uma noite.

E o que aconteceu depois?

O breve filme em minha cabeça foi interrompido, a música desapareceu, a multidão sob a luz da varanda sumiu. Escuridão, apenas escuridão. Olhei para Alaleh: um pânico silencioso, um piscar de olhos, eu não tinha resposta. Ela havia me segurado pela cintura, me deixado bater os pés na água, e agora estava me soltando, me observando sumir nas profundezas. *Acordei no hospital*. Enquanto as palavras saíam da minha boca, minha cabeça tombou para a frente, meus pensamentos se dispersaram. Ela perguntou alguma coisa, mas não respondi. Na transcrição, a estenógrafa apenas datilografou (*balança a cabeça negativamente*).

Ouvi um barulho, um uivo demorado, um arrulhar alto, que surgiu e caiu. Estava se tornando mais alto, eu não conseguia fazer parar. Queria que

alguém segurasse meus ombros, mas percebi que ninguém estava vindo. Uma sala cheia de estranhos, sentados sem se mover, enquanto eu chorava para o nada. Eu tinha deixado as pessoas que me amavam fora daquelas portas, cometido um erro grave. Levei ambas as mãos ao rosto e fechei os olhos com força. Eu não podia ver ninguém enquanto não pudessem me ver.

JUIZ: *Quer fazer um recesso?*

PROMOTORA: *Quero.*

JUIZ: *Vamos fazer um breve recesso. Portanto, vou me afastar do tribunal. Obrigado.*

PROMOTORA: *Ah, tem um copo aqui.*

Ouvi todo mundo abandonar a quietude, como se quisessem dizer: *Parem tudo, nós a perdemos*. Imaginei todos os olhares em mim, destruída, arrebatada como um fio. Ouvi o juiz se afastar do banco. Ouvi o clique do salto alto da promotora vindo até mim, água sendo derramada em um copo descartável na cerca ao redor do meu banco. Continuei cobrindo o rosto, o salsichinha azul esmagado na minha bochecha. Bree conseguiu me colocar de pé, me levou até a porta e, pelo corredor, até o banheiro.

A porta se fechou. Silêncio finalmente. *É difícil*, falei. Minha voz soou pequena, fraca. Não era assim que devia ser. Eu sentia vergonha de ser quem era diante de todo mundo naquela sala, a pessoa que bebia até apagar e agora soltava arquejos úmidos ao microfone.

Alaleh havia tocado em algum ponto delicado, pulsante e nebuloso; a porção de lembranças perdidas entre aquela noite e a manhã. Ela teria que brincar de desviar daquele ponto, saber quando e como entrar ali, pois, se entrasse abruptamente, me perderia todas as vezes, eu tinha certeza. Eu a imaginei ficando frustrada, *Temos uma testemunha fraca*. Minha confiança diminuía.

Você está indo bem, disse Bree. Olhei para minha defensora. Ela sorria, não com pena, mas com algo que beirava a admiração. Segurando um maço de toalhas de papel, ela parecia esperançosa, animada com aquela manhã. Para

ela, tinha sido importante termos chegado até ali. Eu sentia apenas cansaço, manchas escuras de maquiagem nas bochechas. Talvez, naquele contexto, estar daquele jeito fosse mesmo ótimo.

Fiquei surpresa por ser levada pelos meus próprios pés, seguir Bree de volta às portas da sala de audiências. Enquanto ela se acomodava na cadeira à minha direita, senti que nós duas havíamos voltado de um clube secreto. Eu estava ótima. Esse fato se tornou tão sólido quanto a presença dela.

Quando a sessão recomeçou, Alaleh voltou à minha última lembrança de estar parada no pátio do lado de fora, depois tocou no ponto delicado outra vez. *Pode descrever como estava se sentindo quando acordou?* Seu olhar se fixou no meu. Eu não conseguia descrever aquela sensação. Não sei quantas sobreviventes conseguem. Eu podia dizer que ainda estava no processo de acordar. Mas percebi que não iríamos a lugar nenhum até que eu comesse a dar respostas, que retrocederíamos e voltaríamos àquilo pelo tempo que fosse necessário. Por isso, tentei.

Chorei pelo sangue, pela calcinha desaparecida, pelo meu rosto contorcido, pelo peito arquejando. Minhas palavras soaram fracas, eu me senti feia, senti que estava fazendo uma bagunça, mas, por baixo de tudo aquilo, ouvi os cliques rápidos, as mãos da estenógrafa me carregando, pequenos passos de teclas, avançando depressa, estávamos nos movendo. *Você precisa de uma pausa? Respire fundo. Tudo bem. Você pode descrever se era só uma folha de pinheiro, quantas folhas de pinheiro estavam no seu cabelo?* Forçando a barra sem parar, cada detalhe, cada sensação. *Uma enfermeira examinou seus órgãos genitais? Foi um exame muito invasivo?*

Ao ouvir isso, parei, fiquei sentada por um tempo, enxugando o rosto. Se eu compartilhasse coisas demais, deixaria todos incomodados. Mas ela estava me perguntando. Por que eu deveria carregar a vergonha das coisas que haviam sido feitas com meu corpo? *Enfiaram um bico de pato plástico em mim,* expliquei. *Cotonetes no meu ânus. Pintaram minha vagina de azul para procurar abrasões, eu acho. Abriram minhas pernas. Me fotografaram. Me fotografaram nua. Então, foi.*

Eu me senti um pouco mais leve. Havia declarado minha verdade sem pedir desculpas e, por um instante, tivera o poder, fizera os homens se

remexerem incomodados, olharem para baixo. Quis dizer outra vez ao microfone: *ânus*. Abandonei a postura, o cabelo já solto, estava exausta. Devia estar acabando.

Chanel, vou pedir a você que dê uma olhada nesta prova e me diga se reconhece os itens que foram fotografados. Fotos? Em minha cabeça, o estupro sempre foi uma cena construída por um diálogo narrado para mim. Ela mexeu em algumas fotos ampliadas em sua mesa e vi rapidamente meus punhos nus e tornozelos cruzados. Alaleh se aproximou do meu banco com uma foto grande, um quadrado de realidade penetrando meu púlpito, e recuei instintivamente.

O retângulo inteiro tinha uma cor avermelhada viva, preenchida com uma textura riscada. Eu a analisei por um instante, percebendo que eram milhares de folhas de pinheiro. Entre elas estava um pedaço pequeno de tecido branco e uma capa de telefone azul. Dois pertences minúsculos meus deixados para trás. Então eu havia sido encontrada ali.

Até aquele momento, eu tentara me manter presente porém distante, o cara louro à minha esquerda, um desconhecido. Aquela manhã confusa no hospital, a dor de arrancar as folhas do meu cabelo eram a única realidade que eu tinha. Mas ali, naquele instante, as cenas começavam a se conectar, o fragmento preto da minha mente se encheu daquele tom avermelhado vivo. Um desconhecido que olhasse para as fotos veria tecido branco. Eu vi minha calcinha; sabia que, se olhasse de perto, repararia nas bolinhas pretas gastas, o fio solto na cintura. A vítima é você. O que significava que, em algum momento, eu estivera ali e o homem de terno sentado a alguns metros de mim tinha passado as mãos nos ossos dos meus quadris nus, enquanto eu estava presa sob seu peso, meu cabelo esfregando o chão, a palma da mão dele pressionando meu mamilo exposto, a boca dele se abrindo em meu pescoço. Ele tinha aberto minhas pernas, deslizado os dedos para dentro de mim. A realidade de tudo aquilo era grande demais, se expandia muito depressa, o pânico surgindo. Encarei a foto, já totalmente consciente da presença dele.

Alaleh pegou a foto de volta e a substituiu por outra, uma imagem ampliada do meu celular, mostrando nove ligações perdidas da minha irmã.

Depois uma captura de tela das mensagens de Lucas: *Peça à Tiffany para cuidar de você, por favor, estou preocupado com você, amor.* Provas do pânico dele. Pressionei os braços ao redor do corpo, o rosto seco, o queixo trêmulo. Chanel, ouvi meu nome. *Você sentiu alguma vontade de ficar com alguém que está presente aqui hoje?* Ergui a cabeça e olhei diretamente para ele, para o topo da cabeça dele, enquanto ele olhava para o próprio colo. Ele é real, é ele mesmo. Eu queria ter certeza de que ele estava ouvindo. Levante a cabeça.

Não.

O silêncio reverberou ao redor da palavra. Minha mente se esvaziou, todas as perguntas desapareceram aos poucos. *Você reconhece alguém aqui presente com quem possa ter ficado?* O modo como ele se recusava a olhar para mim me dizia que nós dois sabíamos a resposta para aquela pergunta.

Não.

A única sílaba em minha língua me pareceu um alimento, tinha gosto de algo novo. Eu queria que aquelas três letrinhas penetrassem nos ouvidos dele feito sementes, se acomodassem em suas entranhas, se expandissem, pressionando os pulmões, o coração, sufocando-o de dentro para fora, até que ele fosse dominado, explodindo em sua camisa de botões.

A promotora sorriu, assentiu e bateu seus papéis no púlpito. *Sem mais perguntas*, declarou. Eu havia terminado a primeira parte. O cansaço parecia ter expulsado o medo de mim a tapas. Eu aprendera que seria intimidada pela defesa, tinham me dito que ele era respeitável, distinto, um dos melhores, mas, enquanto eu esperava o advogado organizar seus papéis, amoleci com o fato de que ele era muito velho, talvez o avô de alguém, e o imaginei jogando uma bola de beisebol. Só quando o vi se levantar foi que senti um leve arrepio. Seu rosto se franzia naturalmente numa expressão séria, e me lembrei de que ele estava ali para me destruir.

Bom dia, Chanel. Ele sorriu, mas acho que um sorriso tem que durar mais de um segundo para ser considerado um sorriso de verdade, e o dele sumiu depressa demais. Ainda assim sorri calorosamente de volta, ensinando-o a manter o sorriso. *Eu queria fazer algumas perguntas, a maioria baseada nas que acabou de responder. São apenas esclarecimentos*, disse ele. Tinha um ar tranquilo, como se aquilo fosse apenas uma conversa simpática, como se fôssemos

passar juntos. A atitude me incomodou, a falsa educação, a cordialidade sem fundamento.

As perguntas dele começaram na taquería. Pensando agora, eu nunca teria ido até lá naquele dia se soubesse que haveria tantas perguntas sobre isso. *Você parou para jantar em uma taquería antes de chegar em casa? Foi onde comeu um taco? Não bebeu nada, nem água, Coca-Cola ou algo assim?* Ele desviou o olhar das anotações e o direcionou para mim, os olhos estreitos, depois assentiu e voltou para as anotações como se confirmasse alguma coisa. A abordagem dele foi inesperada; ele fazia longas pausas, se virava e voltava lentamente as páginas do seu bloco de anotações, escrevendo enquanto esperávamos. Eu esperava um interrogatório rápido, mas ele parecia estar deliberando com calma, avaliando cada palavra minha. Fiquei ansiosa com aqueles silêncios demorados. Continuei encarando-o.

As perguntas dele espelharam as da promotora, repetindo tudo que já havíamos repassado. Tudo soou assim: *Refogado, você testemunhou, uísque, se serviu, brócolis? Quem preparou, bebendo com, foi quando você, quatro doses, meia hora? Certo? Álcool? O tempo todo? Com sua irmã, você acha, número de doses, champanhe, eu acho, então quanto, ela também estava, consumiu, mais ou menos? A festa? Antes? Você disse? Ela não estava? Vocês duas? Quanto? Durante? Desculpe? Stanford? Na mesma hora? Aproximadamente? Ou com ela? Com quem? Quando você? Que você viu?* Nenhum golpe direto, mas procurando fraquezas. Garanti que, toda vez que ele me olhasse, meus olhos estivessem fixos nos dele, mostrando que eu o acompanharia por todo o caminho, por mais que ele o tornasse cada vez mais difícil. Diferentemente de Alaleh, as perguntas dele ficaram cada vez menos lineares, dificultando a formação de uma narrativa visual na minha cabeça. *Quando você consumiu a quantidade de álcool que serviu no copo vermelho entre a primeira e a segunda filas, foi antes ou depois de sair para fazer xixi? Mencionou que, no dia em que foi para Stanford e até a fraternidade, estava usando um cardigã bege, não foi? Isso é um suéter?* Ele estava me perguntando se um cardigã é um suéter? Fiquei incomodada com as perguntas frívolas feitas com seriedade, com a ideia de que elas tinham alguma importância. Ele me perguntou se eu havia cantado na festa. Quis saber quantos mililitros uma caneca tem. *Em determinado momento do seu*

depoimento, acho que descreveu que subiu em uma cadeira em cima de uma mesa e dançou sozinha? Ao ouvir a pergunta, eu sorri, imaginando os móveis empilhados, minha cabeça batendo no teto. Em uma cadeira em cima de uma mesa?, falei. É, disse ele. Eu entendi errado? Ele olhou para mim, impassível. Em uma cadeira, respondi, no chão. Esperei um instante até que ele anotasse. Todas as outras pessoas estavam em mesas.

Entendi, disse ele. Então você só estava em uma cadeira? No hospital, não notou que seu corpo estava machucado de alguma maneira, notou? Quase disse que sim, querendo concordar depressa, até perceber que eu nunca havia dito aquilo. Por que ele estava me perguntando como se eu tivesse dito? Ele havia passado tranquilamente de móveis empilhados para ferimentos, mantendo o tom de voz e o ritmo, e, de repente, me perguntei se a culpa era minha por ter relaxado demais com as perguntas fáceis. Como resposta, comecei a falar do sangue seco, mas ele rapidamente dispensou o comentário, atribuindo aquilo à agulha do soro. Então, tirando isso, você não notou nenhum ferimento em seu corpo? As perguntas dele eram declarações disfarçadas: você não notou, não notou. Ele estava me forçando a dizer alguma coisa. Com exceção de um arranhão no meu pescoço, respondi. Ele retrucou: Foi o único ferimento que notou, não foi? Foi, falei. Ele havia conseguido o que queria. Senti que ele estava me dando a resposta, enquadrando-a de modo que me fizera querer concordar, para manter o fluxo.

Uma lembrança surgiu então, a de estar parada diante do espelho do banheiro em casa, me virando e baixando a calça de moletom para revelar a mancha vermelha em minha bunda. Eu logo havia puxado a calça de volta e lavado as mãos como se algo tivesse passado para elas. Fazia meses que eu não pensava naquela situação, que agora se revelava para mim, libertando a lembrança da âncora. Mas como eu ia explicar aquilo? Que uma lembrança reprimida tinha surgido de repente? Eu já havia respondido à pergunta, testemunhado que não tinha ferimentos, gravado isso de forma permanente, enquanto era levada para perguntas sobre virar uma cerveja, se a pessoa havia usado uma chave para furar a lata, se era mesmo uma chave, uma chave em um chaveiro.

O final foi abrupto. Ele se sentou. Eu estava livre. Estava livre? Olhei para Alaleh, como se dissesse: Se eu sair agora, ninguém vai me impedir? E, quando ela assentiu, fui embora. Quando voltei para o closet das vítimas, notei duas coisas. Primeiro, meu salsichinha estava estrangulado em um nó firme. Fiquei assustada por quase ter matado meu amiguinho. Eu o larguei com cuidado. Então vi a pele de ambas as mãos, entre o polegar e o indicador, marcada com meias-luas profundas e vermelhas que formavam um caminho até meus pulsos. Enquanto a parte superior do meu corpo tinha ficado parada, a unha do meu polegar havia cavado minha pele, alcançando a carne das palmas das mãos e dos antebraços, liberando a tensão. Esse hábito que nascera na sala de audiências nunca mais passou. Hoje em dia, quando estou pensativa ou em uma situação de estresse, minhas mãos se curvam involuntariamente e começo a me beliscar. À noite, sinto dor nas mãos e nos braços, me imagino descascando-os, retirando a dor quente e espessa enterrada neles até meus braços e dedos penderem, vazios.

Eu tinha acabado, mas minha irmã, não. Uma amiga dela, Elizabeth, chegara para assistir. Tiffany planejava fazer contato visual com ela o tempo todo, mesmo durante as perguntas de Alaleh. Ela não sentia necessidade de encarar a defesa para se redimir ou se valorizar, só queria passar por aquilo. Eu adorava a atitude dela, sempre sabendo o que queria, se cercando de forças boas. Era bonito imaginar as duas ancoradas uma no olhar da outra, ignorando quem quer que estivesse falando.

Quando as duas voltaram, a primeira coisa que notei foram seus olhos embaçados, sem reação. Aquilo me disse tudo. Eu me lembrei da noite em que fui buscar Julia e a vi parada com suas anotações, desorientada e desanimada. Estava na hora de Tiffany voltar para a faculdade. Falei *Vou com você*. Estava com medo do que aconteceria se nos separássemos, como se não fôssemos nos curar apropriadamente. Eu não havia planejado ir para o sul da Califórnia, não tinha como voltar. Tudo que eu sabia era que precisava estar no banco do carona. Avisei à minha mãe que veria meu pai e ela quando voltasse.

Havia pouquíssimas situações em que eu e Tiffany não conseguíamos rir. Quando eu brigava com meu primeiro namorado, ela tocava a trilha sonora

de novelas no último volume em seu quarto, então toda vez que parávamos de falar, acabávamos nos encarando enquanto riffs dramáticos de pianos soavam ao fundo. Mas, sentadas no carro, nenhuma das duas conseguiu pensar em alguma coisa que acabasse com aquele desânimo.

Naquela noite, deitada no colchão no chão da minha irmã, uma máquina de lavar batendo ao fundo, finalmente pude descansar. Eu estava feliz por ter merecido aquele momento de paz. Peguei meu caderno vermelho. Iluminei as páginas com o celular e escrevi: *Sinto que já venci*. Era um simples recado para mim mesma. Eu havia feito o impossível, ido até lá. As pessoas que me viram chorar no banco de testemunhas podiam me enxergar como frágil, mas achei que aquele era o início silencioso da minha força. Fiz o que nunca achara que seria capaz de fazer; de alguma forma, havia sido cuspidada do outro lado, ainda longe da linha de chegada, mas viva. Lado a lado, nós duas adormecemos.

Na manhã seguinte, acordei com a manchete: MULHER TESTEMUNHA NO CASO DE ABUSO SEXUAL DE STANFORD. Cliquei no link, ansiosa. Emily foi descrita como tendo feito *um depoimento emocionado*. A notícia relatava que ela e a irmã *havam bebido cervejas que três homens tinham dado a elas* antes de Emily acordar no hospital. *Alaleh pressionou Emily, perguntando mais uma vez se ela se lembrava de alguma coisa que havia acontecido entre os dois eventos*. Emily respondeu: “Não.” E começou a chorar. Chorar nunca parecera uma palavra tão pequena, uma gota d’água. Tudo pareceu raso e simplificado.

Em uma matéria, o repórter mencionou minha universidade, meu namorado na Filadélfia e incluiu o nome de Tiffany oito vezes. Para mim, era incompreensível saber que eles tinham estado naquela sala com ela e comigo e depois nos exposto de maneira tão casual.

Emily descreveu seu nível de embriaguez como “tão bêbada que não achava que estava bêbada”. Olhando para as transcrições, conto o número de Ps: duzentas e vinte perguntas feitas pela promotora. Cento e duas feitas pela defesa. Eu me sentei e respondi a trezentas e vinte e duas perguntas naquela manhã, e aquela fora a citação notável que eles tinham escolhido. Rolei a página até a

seção dos comentários: *Eu tenho filhas pequenas e espero que elas tomem boas decisões na faculdade e depois disso.*

Não haveria mudança na maré. Nenhum motivo para comemorar. Eu me senti punida por ter comparecido. Era exaustivo estar sob análise constante, ter o julgamento que eu sempre temera confirmado. Meu orgulho se dissolveu depressa, abriu espaço para vozes que criticavam, zombavam. Eu já sabia que podia fazer aquilo. Também sabia quanto me custaria. Se o objetivo fosse me curar, seguir em frente, aquele não era o melhor modo de agir. A cura exigia privacidade, paciência, carinho. A cura exigia que plantasse sementes na terra macia e escura. Os repórteres chegavam como pás rasgando a terra, retirando as sementes, nuas, trazendo-as de volta à superfície. Eu tinha sido deixada de joelhos na terra, abrindo buracos, colocando as cascas abertas de volta, batendo a terra com as mãos. Mas sempre haveria mais pás, mais problemas, datas de audiências futuras. Quanto mais aquilo acontecesse, menos energia eu teria para continuar cavando, com uma fé entorpecedora de que algo cresceria.

Naquela semana, parei de falar, parei de escrever no meu caderno vermelho. Dormi por horas. Dobrei pilhas de roupas de Tiffany, pendurei os colares dela, joguei fora tubos velhos de rímel, ajeitei papéis amassados. Eu não ia permitir que o caso nos destruísse. Eu planejava voltar para a Filadélfia, deixar de ser Emily, tão solitária em roupas velhas, chorando, sempre chorando, e voltar a ser eu mesma.

Sozinha à noite, quando sentia o peso de vinte sacos de areia no peito, eu abria o relatório da polícia e lia:

JONSSON alcançou TURNER, deu uma rasteira nele, fazendo-o cair. TURNER caiu no chão e tentou se levantar. JONSSON disse que ele parecia estar tentando se levantar e correr outra vez, por isso o derrubou. JONSSON ficou por cima de TURNER e segurou os braços dele, enquanto ARNDT segurava as pernas... Ele disse a TURNER que não ia soltá-lo até entender o que estava acontecendo e que queria garantir que a VÍTIMA estava bem.

Eu lembrava a mim mesma que não era uma simples briga entre criminoso e vítima: havia um terceiro elemento, os suecos. Eles

representavam os olhos, as atitudes, as pessoas que haviam decidido agir e mudar a história.

Devemos salientar que diversas vezes durante o depoimento JONSSON ficou muito abalado, a ponto de começar a chorar enquanto contava os fatos. Ele teve que parar e respirar fundo algumas vezes antes de conseguir retomar o depoimento. Disse que havia sido um acontecimento muito perturbador de testemunhar e de se envolver, mas que tinha apenas reagido à situação que vira sem parar para pensar.

O que precisávamos provocar nos outros era esse instinto. A capacidade de reconhecer, em um instante, o certo e o errado. A clareza para enfrentar em vez de ignorar. Fiquei sabendo que, antes de perseguir Brock, eles tinham conferido se eu estava bem. A masculinidade costuma ser definida pelo físico, mas aquela aproximação inicial era tão forte quanto a rasteira, quanto o terem derrubado. A masculinidade pode ser encontrada na vulnerabilidade, no choro.

Na audiência, ambos os suecos tinham ido depor. Descobri que, na noite do estupro, eles o haviam prendido no chão e dito: *Que merda você está fazendo? Ela está inconsciente.*

Você acha que isso é aceitável?

Está rindo de quê?

Peça desculpas a ela.

Não atribuo minha sobrevivência à força de vontade ou ao otimismo porque eu não tinha nenhum dos dois. Eu levaria semanas para me recuperar, a depressão me dominaria. Mas, naquele outubro, os suecos tinham inserido uma voz nova dentro de mim. Tive que aprender a falar como eles. Para um dia enfrentar meu agressor e dizer: *Que merda você está fazendo?*

6.

Lucas morava no décimo sexto andar da Walnut Street, em Center City, na Filadélfia. Eu adorava os quadrados empilhados de luzes gradeadas de cada prédio. O vapor quente que saía das grades na rua. As mercearias italianas que preparavam linguças e carnes rosadas, o avental dos açougueiros coberto de digitais avermelhadas. Sopas com *kneidls* tão grandes quanto punhos fechados. Pisos de museu de mármore leitoso. Pequenas livrarias. Universitários de pernas finas correndo em grupos alegres às margens do rio. Famílias Amish vendendo flores silvestres. Quando andávamos juntos, Lucas apontava as ruas principais: *Chestnut Street, a rua das castanhas, Walnut Street, a rua das nozes, deviam chamar uma rua menor de castanha-de-caju*. Ele me apresentou a Big B, que ficava jogando xadrez no parque todos os dias, me mostrou seu lugar favorito para comprar sanduíches de rosbife. Me deu uma lista de todos os clubes de sua faculdade aos quais eu podia me associar, me levou para conhecer seus amigos. Ele está me acostumando à cidade, pensei. Está me dizendo que quer que eu fique. Eu gostava de imaginar que a cidade se tornaria minha casa durante aquele ano, mas não memorizei o nome dos parques e das linhas de ônibus, achando que seria inútil me familiarizar com um mundo do qual eu logo seria arrancada.

As férias de inverno se aproximavam e Lucas falou sobre viajarmos para algum lugar quente, talvez a Indonésia. Falei que ele devia viajar com os colegas, eu não podia sair do país até a data do julgamento estar definida e precisava economizar dinheiro. *Se formos e tivermos que voltar, vamos voltar*, disse ele. Eu nos imaginei em uma moto, em uma estrada de terra, sob a sombra falha de bananeiras, recebendo uma mensagem de que o julgamento tinha sido marcado, o calor do sonho desaparecendo.

Por muito tempo, eu disse a mim mesma que não tinha direito a nenhum prazer. Comecei a chamar todas as coisas que esperava fazer de *ideias doces*. O caso era uma panela de água quente que havia dissolvido rapidamente qualquer aparência de vida normal. No mês que passara em casa, eu havia me candidatado a alguns empregos administrativos, mas, quando me responderam, eu já estava na Filadélfia.

O abuso tinha acontecido quase um ano antes, mas eu estava exatamente onde havia começado. Um aniversário de relacionamento celebra mais um ano do casal junto e o de uma pessoa, um ano de crescimento. O aniversário do abuso marcou um ano de enrolação. No julgamento, nós começaríamos tudo de novo.

O trauma se recusava a aderir a uma rotina, não parecia se alinhar com o tempo. Em alguns dias, ficava distante como uma estrela, mas, em outros, quase me engolia inteira.

Eu imaginara que o processo legal seria composto por uma sequência rápida de cenas dramáticas de tribunal. Ninguém havia me avisado sobre a espera, os meses sem forma que flutuariam entre as datas, o modo como ele exigia tudo de você, depois nada. Parecia impossível que, durante todo aquele ano, eu tivesse passado apenas um dia testemunhando no tribunal, enquanto minha vida se desintegrara em torno dele. Eu tinha levado nove meses para processar, algumas semanas para me preparar, um dia para testemunhar, todo aquele tempo para me recuperar e ainda tínhamos que chegar à parte importante.

Finalmente recebi uma notícia, mas não a que esperava. Minha defensora ligou para dizer que tinha conseguido um emprego como orientadora em uma faculdade e ia se mudar. Eu teria outra defensora, alguém em quem ela confiava. Estava ligando para se despedir, dizer que tinha orgulho de mim e que continuaria na torcida. Depois que desligamos, fui atingida por um instante de tristeza, lembrei que as pessoas continuavam seguindo em frente com a vida. Era isso que faziam, era o que devia acontecer.

A promotora também foi realocada em um novo departamento. Quando me ligou para contar, minha mente se afastou da conversa até ouvir que ela havia pedido para continuar com meu caso, para cuidar dele até o fim.

Fiquei quieta, abalada ao perceber que, se ela não tivesse insistido para ficar comigo, eu teria sido passada para um novo promotor, uma nova defensora.

Se as duas tivessem ido embora, imagino que teria sido difícil me manter comprometida. Por que eu seguiria com o processo? Àquela altura, para quem eu estava fazendo aquilo? Para mim? Se era por mim, então por que estava sentada sozinha na cama, desempregada em uma cidade desconhecida? Estávamos brigando por uma conclusão, por justiça. Não foi para mim, mas às minhas custas, que tínhamos chegado até ali.

Lucas comprou as passagens para o dia 1º de janeiro de 2016. A ideia da Indonésia ainda me parecia abstrata, distante demais para entender, mas a passagem em si me dava um pouco de esperança. Até vítimas vão para a Indonésia. Vítimas sentem o sol na pele. Ele não parava de me lembrar que eu era uma pessoa que merecia uma vida.

Toda manhã, quando Lucas saía para a aula, eu sentia seus lábios encostarem rapidamente em minha testa. Depois, ouvia o clique da porta, o sinal de que, pelas oito ou dez horas seguintes, só haveria silêncio. Eu me levantaria, me olharia no espelho enquanto escovava os dentes por dez minutos, me sentaria no sofá coberto por um lençol, vestiria uma calça, a guardaria de novo e voltaria rastejando para a cama. Às vezes eu ouvia o colega de apartamento de Lucas entrar, usar a pia da cozinha, ligar a TV. Mais um motivo para me afundar ainda mais na cama, sem fazer barulho, apagando minha existência. Durante a tarde, eu ia até o telhado do prédio para ler e observar as pessoas das varandas adjacentes saírem para fumar. Às vezes eu vestia roupas limpas dez minutos antes de Lucas chegar em casa, para dar a impressão de que eu havia deixado o apartamento, saído, feito alguma coisa. Mas isso costumava não ser o caso.

A inércia podia parecer preguiça. Mas os dias não pareciam tardes de domingo. As partes da minha mente que eu havia isolado por muito tempo tinham acordado, os potes que eu guardara em janeiro tinham sido destampados, quebrados, o conteúdo liberado. Eu me lembrava de todos os dias que passara no escritório, contando as horas para voltar para a cama. Como eu já tinha me livrado do trabalho, podia ficar sempre na cama, mas aquela liberdade trazia uma sensação de vazio.

Por uma hora na semana, eu encontrava minha terapeuta, um reino contido onde eu podia falar sobre o que se passava na minha cabeça. Mas, no resto do tempo que não era aquela hora, eu preferia o silêncio ou uma conversa fácil. Se Lucas mencionasse o caso, eu ficava agitada. *Por que você está me perguntando isso?* Restringi todas as nossas conversas à vida normal: decidir aonde iríamos jantar, se devíamos correr às margens do rio. Eu queria decisões fáceis, situações com as quais podia lidar.

De tempos em tempos, Claire me ligava da França por Skype. Meu dia era a noite dela e ela sussurrava, tomando cuidado para não acordar as crianças que havia se esforçado para pôr para dormir. Usava fones rosa-shocking em seu quarto sem janelas. Eu a chamava de pequena DJ do porão. Ela me contou sobre aprender a dirigir com um carro de câmbio manual, sobre a diarreia de uma criança que havia pingado até as meias, as crianças e seus pijamas de seda. Conteí a ela sobre meu medo de advogados, o alívio das noites frescas da Filadélfia. Se eu estava triste, dizia a ela que estava triste. Ela não respondia: *É mesmo?* Ou: *Nem imagino. Deve ser muito difícil. Que estranho...* Só assentia, concordando. Estranhamente, aquilo me fazia sentir que eu estava no caminho certo. Ela também havia passado por aqueles marcos emocionais. Mesmo que estivesse a milhares de quilômetros, era reconfortante ter uma pessoa no mundo que me entendia perfeitamente, que ainda me contava histórias engraçadas, que não me tratava de maneira diferente.

Um dia, deitada na cama, notei um amontoado de cabelo meu no carpete. Então avistei uma mecha enrolada na perna do sofá. Eu a peguei e ela me levou à poeira do chão, depositada nos rodapés de todas as paredes. Logo eu estava de joelhos, com um rolo de toalhas de papel, analisando cada centímetro do apartamento. Garfos e colheres de plástico e pacotes de molho shoyu foram retirados da gaveta de talheres, os cardápios de papel colocados em ordem alfabética. Joguei sacos de lixo na lixeira de metal no fim do corredor, feito o saco de presentes do Papai Noel caindo por uma chaminé. Tudo aquilo me deixou muito satisfeita. Quando Lucas chegou em casa, eu estava tremendo, com o rosto vermelho, e ele ficou impressionado ao ver

tudo polido, cheirando a frutas cítricas. *Nossa, você não precisava ter feito isso*, disse ele. *Precisava, sim*, falei. Era a primeira coisa que fazia em semanas.

No dia seguinte, não havia louça para lavar nem balcões para limpar. Eu precisava sujar a louça. Tinha crescido acostumada a voltar para casa e encontrar minha mãe à mesa de jantar, cercada por doze mulheres, fazendo bolinhos, as mãos se mexendo para produzir pilhas montanhosas de uma massa deliciosa. Eu nunca havia participado daquilo. Ficava no quarto, fazendo o dever de casa, enquanto tigela após tigela de comida me era entregue. Por isso, fui até Chinatown e voltei, os braços repletos de sacos plásticos, de onde brotavam folhas grandes de cebolinha e bandejas de carne de porco moída rosada fechadas com plástico-filme. Normalmente, eu evitava carne crua, incomodada por tocar as entranhas úmidas de animais. Mas comecei a cortar a cebolinha em pequenos círculos verdes, salpicá-los na carne, mergulhar os dedos na água e traçar metade da borda de cada rodela de massa, colocando um pedaço de carne no meio e selando-as em bolsinhas macias. Eu não tinha uma linha de produção feminina, mas fiquei sentada, cantarolando para mim mesma, curvada sobre o balcão, e fiz mais de duzentos bolinhos. Minha solidão estava se tornando algo comestível, algo nutritivo, algo saboroso quando mergulhado em pimenta e shoyu.

Ter duas bocas, não só a minha, para alimentar era motivação suficiente. Todos os dias, eu arrancava uma folha de papel em branco, anotava uma receita, enfiava-a na bolsa e saía para comprar os legumes, as carnes e os temperos necessários. Foi comendo refogado que Lucas me contou que ia participar de um torneio de rúgbi por três dias. *São só três dias*, explicou ele. *Três dias inteiros?*, perguntei, mexendo os pimentões na frigideira. Setenta e duas horas ininterruptas poderiam me deixar deprimida rapidamente. Eu precisava ser afastada da minha própria mente. Ir a cafês não seria o suficiente.

Encontrei um cupom on-line para um corte de cabelo por vinte dólares. No dia em que ele viajou, atravessei uma obra e subi uma escada até uma sala com bambus, bacias de plástico e uma pequena estátua de Buda flanqueada por tangerinas. *Só as pontas*, falei, o que era mais fácil do que dizer: *Estou aqui porque preciso falar com humanos, preciso que toque na minha*

cabeça com carinho. Eu sentia falta das mãos macias da minha mãe, de sentir que ela cuidava de mim. Meu pescoço foi puxado para trás. A mulher usava franja preta e um avental laranja. Ela aconchegou minha cabeça sob um fluxo quente de água, meu cabelo molhado, pesado e cheio de lavanda. Perguntei a ela sobre sua vida e cada resposta me afastava um pouco mais de mim mesma, as preocupações dela, os relacionamentos, a gravidez, os coelhos — um dos quais se chamava Tiffany. Ela supôs que eu era tailandesa, mas expliquei que era meio chinesa. *Sou da Califórnia, é, a praia é bonita, mas a água, na verdade, é muito gelada.* O dia foi salvo.

Segundo dia. Eu nunca tinha feito as sobancelhas. Outro salão pequeno, espelhos margeados por flores de cerejeira de plástico, uma fontezinha brilhante no balcão. Eu me sentei em meio a uma fila de mulheres em cadeiras perto da parede. *Desculpe pela demora.* Sem problemas, falei. E era verdade, eu não tinha compromisso nenhum. Quando chegou minha vez, me reclinei nas mãos macias de outra mulher.

Terceiro dia. Unhas, quinze dólares. Chovia. Analisei a parede de globos de vidro coloridos e escolhi o laranja. Minhas mãos grandes pareciam panquecas mortas nos dedos ágeis da mulher. Eu estava aquecida dentro do salão brilhante, as calçadas escuras e molhadas do lado de fora. A menina ao meu lado estava comemorando, tinha acabado de conseguir um emprego em um Applebee's. *Tudo está começando a dar certo,* disse ela.

Lucas voltou e meu cabelo estava macio, minhas unhas, da cor de cones de trânsito. Voltei aos meus ritmos e rotinas impostos por mim mesma. Certa tarde, eu estava no chão ao lado da máquina de lavar, tentando descobrir em que compartimento devia pôr a água sanitária, quando parei. *O que estou fazendo?*

Tinha me tornado o pequeno peixe-limpador; ele, a baleia. Ambos gostávamos e nos beneficiávamos um do outro, mas a diferença era que ele era uma criatura majestosa em seu ambiente e eu, minúscula como um girino. Ele estava fazendo um mestrado enquanto eu limpava o filtro da secadora.

Lucas mencionara um clube de comédia no campus, coordenado por seu colega do time de rúgbi, Vince. Certa noite, quando ia sair, Lucas me

chamou para ir com ele. No primeiro encontro, havia cerca de quinze homens e duas mulheres sentados a uma mesa redonda. Todos davam ideias, revisavam piadas sobre a visita do papa que se aproximava, sanduíches compridos cheios de queijo. O clima era descontraído e agregador. Fiquei sentada com meu casaco de neve preto, nervosa e em silêncio, a cadeira levemente enfiada atrás da dele, observando.

Depois do segundo encontro, Lucas e eu voltávamos para casa pela ponte e encontramos um dos colegas dele do rúgbi. *De onde vocês estão vindo?*, perguntou ele. *Do clube de comédia*, respondeu Lucas. *Talvez a gente faça o teste para participar do show*, falei. *Legal!*, disse o amigo dele. *Espere, você?* Ele se virou para mim e inclinou a cabeça, como se eu tivesse dito que ia para a lua. Por instinto, dei de ombros, acrescentando rapidamente um aceno leve de cabeça para descartar a ideia. E ele assentiu como se quisesse dizer: *Entendi*. Foi sutil, mas seu dedo do pé tinha ultrapassado o limite. Ele não sabia da minha única regra: eu decido o que sou capaz de fazer. Sempre que sou subestimada, penso: Está confundindo meu silêncio com fraqueza. Se não consegue me imaginar em um palco, vou subir em um.

Na manhã seguinte, me levantei da cama assim que Lucas saiu. Eu me sentei no sofá e escrevi tudo que não entendia sobre o mestrado dele, todas as conversas que tinha ouvido em silêncio. O modo como eu havia confundido Ali Baba com um personagem de *Aladim*. Como o cara de Performance e Avaliação, na verdade, não dá aulas de como aplicar provas. Como, quando Lucas me perguntou se eu sabia o que era microeconomia, eu respondi: *Sei, economia pequenininha*. Contemplei meu papel recém-adquirido de “companheira”, o rótulo dado aos parceiros. O modo como os parceiros ficam olhando pela janela, feito gatos esperando os donos chegarem em casa. Observei que o que eles consideravam um bônus era um valor maior do que meu salário. Detalhei o modo como tinha dificuldade de pronunciar o nome do rio Schuylkill. Li em voz alta para mim mesma no banheiro, dispondo cada palavra como se fosse um tijolo, até decorar os dez minutos de material.

No dia do teste, fui andando sozinha para o campus, atravessei a ponte enquanto falava baixinho comigo mesma. Lucas havia desenhado um

mapinha para mim. Cheguei ao Huntsman Hall uma hora mais cedo, me tranquei em uma cabine do banheiro e recitei minhas falas. Quando chegou a hora, desci pela escada rolante e procurei a sala certa. Os dois presidentes do clube, Vince e Liz, estavam sentados com as mãos juntas. Fechei a porta, pus a mochila no chão. Falei com fluidez o texto decorado. Vi os olhos dos dois se arregalarem algumas vezes, uma risada escapar aqui e ali. Com um sorriso largo, eles disseram: *Obrigado, vamos entrar em contato*. Assenti e fui embora. *Se eu não conseguir, tudo bem*, pensei.

Dois dias depois, o e-mail apareceu na minha caixa de entrada. A lista de participantes tinha sido liberada. Analisei os nomes, a confusão de letras, tentando encontrar o meu. Eu o achei no fim: eu era uma das duas mulheres entre oito homens, a única não matriculada na universidade, e eles tinham deixado meu número para o final. Eu ia encerrar a apresentação. Lembro que respirei fundo, cerrei os punhos, balancei os pés, girando na cadeira, e abri a boca como se fosse contar para alguém, mas me virei para a tela, lembrando que não havia ninguém ali. *Olhe só onde me puseram*. Se tinham me dado o desafio de encerrar a apresentação, deviam acreditar que eu era capaz. O nervosismo tomou conta de mim, mas, pela primeira vez em nove meses, a ansiedade não fez com que eu me encolhesse e me fechasse. Ela me incentivou a começar.

Nós ensaiávamos à noite, em um apartamento próximo do rio. Algumas pessoas chegavam tarde da aula ou engravatadas, vindas de uma entrevista. Eu sempre chegava cedo, de banho tomado, o material preparado e a mochila vazia, a não ser pelas piadas anotadas. Para mim, aquilo não era uma distração fora da rotina. Nós nos revezamos para segurar o controle remoto da TV como microfone, esmiuçando a apresentação, aprimorando e repetindo piadas até decorarmos a apresentação de todos. Por algumas horas à noite, vivíamos no mundo do absurdo, onde cada dificuldade se traduzia em material. Uma pequena parte de mim esperava que uma piada estúpida sobre estupro surgisse, preparada para esconder o arrepio, sabendo que não manifestaria meu desconforto por medo de me tornar a sensível do grupo. Mas a piada sobre estupro nunca chegou. Em vez disso, falamos sobre gatos

pelados e dissemos a Vince que chamar primavera de *tiavera* não era engraçado.

Certa vez, nossa reunião passou da meia-noite. Nós saímos juntos e andamos no clima frio, conversando sobre os principais erros da noite. A cada cruzamento, uma ou duas pessoas se separavam de nós para ir para casa. Lentamente, percebi que era a que morava mais longe. O grupo foi se reduzindo, meus passos sendo acompanhados por menos pés. Eu me lembrei de uma música do acampamento, de cantar enquanto meus amigos batiam os braços e fingiam remar, um a um, até eu ficar sozinha.

Comecei a planejar: eu ia parar sob o feixe de luz forte de um poste assim que o último cara se afastasse. Ia ligar e pedir para Lucas me buscar. Mas e se ele já estivesse dormindo? Eu correria. Conferi se o resto da rua era bem-iluminado, se havia pessoas à minha volta para serem testemunhas. Todas as lojas estavam fechadas. Vasculhei as calçadas, avaliei que caminho devia seguir para não atravessar o parque. Se precisasse de ajuda, podia correr até a farmácia a duas ruas dali. Haveria gente lá. Mas eu já ouvia as perguntas: *O que ela está fazendo sozinha à noite? Por que não pediu a alguém que a acompanhasse? De onde ela está vindo? Do clube de comédia? E ela é engraçada? Quantas cervejas tomou? Sobre o que são as piadas dela? Onde estava o namorado dela? Tem algum telefonema registrado? Que roupa ela estava usando?* As vozes em minha cabeça tinham aumentado desde a audiência, ganhando força sem parar, tão enlouquecedoras que não notei que o último cara havia parado de andar.

Eu moro para lá, explicou ele. *Tem certeza de que vai ficar bem se for para casa sozinha? Posso acompanhar você.* Olhei para ele, um pouco impressionada. Por um segundo, achei que podia ter falado em voz alta, o rosto contorcido e exasperado sem que notasse. Questionei se ele só estava perguntando por educação e, na verdade, queria mesmo ir para casa. Mas ele esperou pacientemente, dando de ombros quando aceitei. *É um prazer*, respondeu ele. E, assim, as vozes se dispersaram, correndo de volta para as sombras, e nós dois andamos por uma calçada comum, em uma rua comum, em uma noite comum na Filadélfia.

Houve muitos momentos sutis como aquele, quando eu fazia uma pausa para olhar nos olhos de uma pessoa, como se quisesse dizer: *Se você soubesse quanto isso significou para mim.* Um gesto pequeno, lembrar meu nome ou perguntar se eu precisava de uma ajuda simples, me aquecia, apesar de eu passar a maior parte do tempo amortecida. O zelador de meu prédio, Anthony, sempre reabastecia a máquina de chocolate quente do quinto andar porque sabia que eu tomava duas xícaras à noite. A mãe coreana que trabalhava no Sue's Market, de coque oval e óculos redondos minúsculos, olhava para mim, sorria quando eu entrava e dizia: *Oi, Chanel, tudo bem? Não vejo você há alguns dias.* E as três porteiras, Alicia, Khadijah e Joda, que circulavam pela portaria do meu prédio vinte e quatro horas por dia. Quando tudo estava tranquilo no saguão de entrada, eu descia de chinelo com dois picolés de coco para passar algumas horas conversando. Elas sempre mandavam Lucas me levar para jantar ou gritavam com ele quando me viam carregando muitas compras. Eu as via manter a calma quando as pessoas as acusavam de errar na entrega de comida, as culpavam por entregas atrasadas, quando um homem bêbado dizia que gostava mais do cabelo comprido de uma delas, por que ela havia cortado? Eu as via responder com calma, mesmo quando tinham todo o direito de se irritar; os ombros para trás, uma técnica que guardei para meu depoimento. E, por fim, havia o grupo do clube de comédia, que garantia que eu chegasse em casa em segurança à noite. Era nessas bolhas que eu voltava a crescer. Eles me chamavam de Chanel, não de vítima de Brock Turner, não de namorada do Lucas. Só de Chanel.

No dia da apresentação, eu estava nervosa demais para comer, totalmente mergulhada em minha mente para conversar. contei a todos no Sue's Market e aos funcionários do prédio que ia me apresentar no Helium Comedy Club e eles me desejaram sorte, pediram que eu filmasse para que pudessem assistir depois. Haveria duas apresentações, às sete e às dez da noite, centenas de ingressos vendidos, o teatro lotado. Enquanto eu decidia o que ia usar, encontrei o suéter cor de aveia que tinha usado no tribunal. Eu o vesti com uma calça jeans. Tinha passado todo aquele tempo tentando enterrar Emily, esquecê-la e reprimi-la. Mas queria mostrar a mim mesma

que a pessoa que havia chorado no tribunal era a mesma que seria engraçada no palco. Ambas existiam dentro de mim.

Nós dez nos reunimos no camarim lotado, parecendo pacientes de uma ala psiquiátrica: murmurando sozinhos, falando com as paredes, reunidos em cantos e sussurrando animadamente. Ouvimos as pessoas preenchendo a plateia, a sala zumbindo. A hora havia enfim chegado. Vince, o apresentador, entrou pela porta, não tinha volta.

Sempre que alguém ia para o palco e a porta se fechava, nós ouvíamos em uma expectativa silenciosa, sabendo os momentos exatos em que as risadas abafadas fariam as paredes vibrarem. Todos voltavam aliviados, os ombros relaxados, rindo um pouco, enquanto os cumprimentávamos.

Comecei a notar que todas as pessoas que pisavam no palco eram recebidas com gritos animados e berros dos amigos. Lucas só ia estar presente na segunda apresentação. Quem chamaria meu nome? Eu não tinha ninguém. Voltei a ter a sensação de estar sentada sozinha no banco de testemunhas. *Quem foi aquela menina que puseram por último? Ela foi tão deprimente...*

Mas então vi o rosto do garoto daquele dia na ponte, olhando para mim, perplexo. *Espere, você?* Vi o advogado de defesa erguendo as sobrancelhas, anotando o que eu dizia. Vi os repórteres entediados no tribunal. Vi a luz filtrada pelas penas dos cobertores, todas as horas passadas sob eles, dias tão solitários que achei que fosse me dissolver completamente. Eu me lembrei da dor aguda em meu peito.

Então me vi no chuveiro, as falas presas no vidro, decorando as piadas, contando-as com animação. Como eu tivera vontade de chegar ali. Ouvia as partes finais da apresentação antes da minha. Aplausos. Ouvi meu nome ser anunciado e fui para o palco.

Estava totalmente escuro, as luzes, extremamente claras, e a salva de palmas foi se reduzindo até se tornar silêncio. Olhei para a plateia, uma massa negra. No silêncio, minha mente clareou. Mais uma vez eu estava sozinha diante de um microfone, mas desta vez falei e eles ouviram, sem objeções. Quando comecei, ouvi minha voz guiar centenas de pessoas até o ponto exato que eu queria, e, de repente, risadas explodiram. Minha mente se

esvaziou por um instante. Lutei para manter uma expressão séria, enquanto por dentro sorria como criança. Eu tinha que esperar o barulho diminuir, mas não estava com pressa. Eu me sentia inteira, me mantinha de pé sozinha. Era como se tivesse toda a sala nas mãos; eu podia virar, erguer e deixá-los cair. Nos próximos dez minutos, vocês vão me ouvir e todos vamos ser felizes.

Depois da apresentação, todos se espalharam pela plateia para receber os parabéns dos amigos. Hesitei por um instante no camarim, bebendo água. *Vá logo*, pensei. Saí com passos tímidos.

Por muitos meses, eu havia sido cumprimentada por profissionais que falavam comigo em voz baixa, com olhos cheios de pena. As pessoas estavam sempre me entregando lencinhos, me dando tapinhas leves, como se eu pudesse quebrar com facilidade. Mas, enquanto andava por aquela multidão, vi o rosto das pessoas se iluminar. Logo me tornei a Katniss Everdeen das namoradas, fui cercada por mulheres e considerada a líder delas. Naquele momento, ninguém teve pena de mim; eu fui reverenciada. *Nossa, você foi demais*, disse alguém. Sou demais, repeti em silêncio.

Depois da segunda apresentação, corri para encontrar Lucas. Ele me pegou no colo e me girou. *Nem reconheci você*, disse. Senti que tinha nascido de novo, me libertado da casca tímida, a transformação testemunhada por centenas de pessoas. Ouvei alguém perguntar a Lucas: *Você é namorado dela?*

Minha terapeuta uma vez me mandou *abraçar meu eu ferido*. Quando finalmente deixei a multidão, pensei nela, achei que devia estar orgulhosa de mim.

No dia seguinte, quando acordei, Lucas já estava na aula. A luz da tarde estava fraca. Deitada na cama, lentamente me dei conta de que não tinha mais reuniões do clube de comédia, não tinha mais ensaios, não tinha mais mantras para repetir sem parar na cabeça. Os testes para a apresentação seguinte seriam realizados só no segundo semestre. Tudo pareceu um sonho. A noite anterior tinha sido um jantar com sete pratos e agora eu tinha que encarar um prato vazio e lamber as migalhas. De repente, a tristeza me atingiu, como se um poço tivesse sido aberto em meu peito. Eu me lembrei da minha realidade, da qual eu nunca escaparia, e voltei a dormir.

Abri os olhos mais tarde e vi Lucas sentado na cama, segurando meus ombros, me sacudindo de leve. Seus olhos estavam radiantes. *Todo mundo está falando de você*, disse ele. *Você sabe quantas pessoas vieram me procurar no campus hoje? Olhe, olhe só estes e-mails. Eu nem conheço essas pessoas! Olhe só o que elas disseram.* Mas vi que ele percebeu que havia algo extremamente errado, meus olhos vermelhos, minha cabeça já mergulhada na depressão, e, com a mesma rapidez, ele estava me puxando para seu peito, fazendo carinho em meu cabelo, me acolhendo, tentando me trazer de volta.

No dia seguinte, liguei para minha mãe, mas não falei nada, só chorei. Ela começou a me contar histórias: quando ela era pequena e a Revolução Cultural começou, bibliotecas foram fechadas, páginas foram arrancadas dos livros e usadas como papel higiênico. Ela encontrava folhas soltas, inventava as próprias histórias. Vira a mãe dar à luz bebês na China rural, vira as jovens mães que não sobreviviam. Na universidade, tinha estudado literatura, se tornado editora-chefe da revista do campus. Ela me contou sobre o primeiro emprego que teve nos Estados Unidos como bartender, sobre quando aprendeu os primeiros palavrões, e que os moradores do bairro a chamavam de Suzie Wong, um personagem fictício. Como ela conhecera meu pai em uma festa de réveillon, como eles haviam se beijado à meia-noite, se casado. Como ele a ensinara a dirigir. Como tinham criado duas filhas em uma casa rosa com dois border collies. O que podia parecer comum para mim nunca passava despercebido por ela. Havia um milhão de coisas que podiam ter acontecido de maneira diferente, mas, de alguma forma, ela chegara até ali, minha própria existência era um tipo de milagre. Quando era criança e inventava histórias, ela nunca imaginava uma vida com piscinas, filhas bebendo café gelado, as praias da Califórnia cheias de papoulas selvagens.

Quando a ouvi, eu entendi: você tem que esperar para ver como sua vida vai ser, porque é provável que seja muito mais do que você imagina. Não é uma questão de saber se você vai sobreviver a isso, mas que coisas lindas esperam por você quando conseguir. Eu tinha que acreditar nela, já que era uma prova viva. Então ela afirmou: *Coisas boas e ruins vêm das mãos estendidas do universo. Espere as coisas boas chegarem.*

À medida que o inverno se aproximava, agradei pelas folhas vermelho-escuras e amarelas coladas em pedras úmidas e cinzentas, pelos jogadores de rúgbi que comiam minha sopa de tortilla, pelos estudantes que me chamavam para tomar café. Eu me juntei ao clube de Contadores de Histórias, fui a shows de drag queens e a festas com chocolate como tema. Eu me ocupei escrevendo histórias, as imprimir no campus. Às vezes ia à aula com Lucas e passava a hora desenhando. Mas nunca deixei de lado a sensação de que aquela não era minha vida real, que a realidade me esperava no tribunal. Mentalmente, eu me sentia isolada, só podia escolher o cenário onde estava.

Alaleh ligou, disse que o julgamento só aconteceria em *algum momento do ano seguinte*. Tiffany me ligou chorando, *não vou conseguir*. Eu tinha sido abusada no primeiro semestre do terceiro ano da faculdade dela. O julgamento provavelmente seria no último semestre do último ano. A cada bimestre, ela tinha mais trabalhos; não podia se dar ao luxo de se ajustar à data do julgamento se quisesse se formar a tempo. Os danos não acabavam.

Certa noite, eu tinha ido sozinha a um evento dos Contadores de Histórias e uma mulher chamada Elizabeth falou sobre uma equipe pequena chamada Rise, uma ONG pelos Direitos Civis, que estava elaborando a Carta de Direitos das Sobreviventes de Abuso Sexual, que incluía exames periciais médicos gratuitos e a preservação dos kits de estupro. Senti o coração disparar, a pele suar. Depois, me aproximei dela, as palavras se atropelando, os kits de estupro, muito invasivos, a longa espera, as injustiças. Falei sem parar, como se uma torneira tivesse sido aberta. Era a primeira vez que eu queria conversar sobre esse assunto. Ela foi receptiva, pareceu animada. *Você sabe muito sobre isso*. Menti e disse que havia trabalhado como defensora e tinha pedido licença. Tive medo de entrar novamente em contato com ela, tive medo de me declarar como vítima, mas, pela primeira vez, senti um novo tipo de esperança.

Durante o processo legal, senti que estava sempre tentando acompanhar, não fazer besteira, aprender o jargão judicial, prestar atenção, seguir as regras. Eu queria me encaixar e provar que podia fazer o que quer que esperassem de mim. Nunca me ocorreu que o próprio sistema pudesse estar errado,

pudesse ser mudado ou melhorado. As vítimas podiam pedir mais. Nós podíamos ser tratadas de maneira melhor. O que significava que minha experiência onerosa não era inútil, mas esclarecedora. Ter passado pelo sistema me daria mais informações. Quanto mais problemas encontrasse, mais eu veria o que precisava ser consertado. Eu podia converter minha dor em ideias, começar a pensar em um futuro diferente para as vítimas.

Estava andando pelo campus quando vi a estatística na manchete de um jornal: uma em quatro mulheres, uma em cinco? Não lembro, eram muitas pessoas, muitas mulheres do campus tinham sofrido abuso sexual. Mas o que me impressionou foi o gráfico, fileiras do símbolo feminino em toda a página, todos em cinza, um a cada cinco pintados de vermelho.

Vi aquelas figuras vermelhas respirando, uma breve alucinação. Minha vida inteira tinha sido alterada sob o peso do abuso, e, se eu pegasse os danos e multiplicasse por cada figura vermelha, a magnitude era impressionante. Onde elas estavam? Olhei ao redor do campus, garotas andando com protetores de orelha, leggings pretas, mochilas verde-azuladas. Se nossos corpos fossem literalmente pintados de vermelho, teríamos corpos vermelhos por toda aquela quadra. Quis sacudir o jornal na cara das pessoas. Aquilo não era normal. Era uma epidemia, uma crise. Como podiam ver aquela manchete e continuar andando? Tínhamos ficado anestesiadas em relação à gravidade daquilo, a história havia se tornado familiar demais. Mas aquela história ainda não era velha para mim.

Uma palavra me veio à cabeça: *outro*. Eu lembrei que, depois do terceiro suicídio na escola, as pessoas balançavam a cabeça, resignadas: *Não acredito que houve outro*. O choque havia diminuído. Não era mais uma explosão; era uma dor. Se adolescentes sendo mortos por trens podia ser normalizado, qualquer coisa podia.

Aquilo não era mais uma luta contra meu estuprador, era uma luta para ser humanizada. Eu tinha que me agarrar à minha história, descobrir como podia ser ouvida. Se não me declarasse, me tornaria uma estatística. Mais uma figura vermelha em um gráfico.

Nossa viagem para a Indonésia se aproximava. Era dezembro na Filadélfia, o ar frio mordiscava as beiradas das minhas orelhas enquanto caminhávamos, quando Lucas mencionou a possibilidade de mergulharmos. *Eu não sei mergulhar com equipamento*, falei. *Nem eu*, respondeu ele. *Mas vamos aprender*.

Uma semana depois, fui parar na borda de uma piscina coberta, com um tanque pesado nas costas, uma máscara de mergulho embaçada grudada no rosto, o ar impregnado pelo cheiro de cloro. A regra principal do mergulho era respirar continuamente. Isso parecia instintivo, mas me lembrei de ataques de pânico em que senti que estava puxando ar por canudos emaranhados, momentos em que a respiração não tinha parecido algo simples. *Lembrem-se sempre de respirar*.

Antes de voltar, um mergulhador deve parar a seis metros da superfície por três minutos na chamada parada de segurança, para o corpo descomprimir. Subir rápido demais podia fazer bolhas se formarem no sangue, e imaginei um champanhe doloroso correndo por nossas veias, nos deixando doentes. Depois de emergir, era preciso esperar quarenta e oito horas antes de pegar um avião, já que a queda de pressão pode tornar o sangue espumoso a ponto de ser fatal.

Aquelas regras me fascinaram; o corpo ditava o que tínhamos que fazer. Eu havia adquirido o hábito de negligenciar meu corpo, costumava esquecer de alimentá-lo e, depois de ser abusada, tinha me recusado até a olhar para ele. Naquele momento, meu corpo dizia: *Você tem que me escutar. Tem que respeitar minhas exigências. Temos que trabalhar juntos ou você vai acabar se machucando*.

O instrutor nos mostrou o *octopus*, um regulador reserva no equipamento de cada mergulhador, por onde um parceiro podia respirar em caso de emergência. O instrutor apontou para mim. *Finja que está sem ar e faça sinal para Lucas*. Assenti e Lucas e eu mergulhamos. Passei a mão pelo pescoço como se o cortasse, demonstrando que *não tinha mais nada*. Retirei o regulador e bati os dedos na boca, mostrando que precisava de ar. Com duas braçadas largas, ele foi parar ao meu lado, oferecendo o *octopus* preso ao seu equipamento. Eu o levei à boca, os pulmões se expandindo, aliviados, quando inspirei. A simulação estava completa. Nós nos sentamos no fundo

da piscina, respirando com o ar de um único tubo de metal. De repente, meus olhos ficaram quentes, embaçados com uma série de lágrimas. *Foi assim, pensei. Os últimos meses foram assim.*

Era início de janeiro quando chegamos a Gili Trawangan, na Indonésia, uma ilha com formato de amendoim. Estávamos flutuando em um barco comprido de madeira, o sol lambendo nosso pescoço, passando protetor solar na bochecha. Eu me levantei e prendi o cinto com pesos na cintura, me sentei na beira do barco e joguei as pernas para o alto, caindo de costas no mar. Lucas mergulhou ao meu lado.

Lentamente soltei o ar do dispositivo de controle de flutuação, esvaziando o colete, descendo aos poucos para baixo da superfície. Meus ouvidos estalavam enquanto eu descia, uma pulsação aguda no tímpano, e a máscara parecia mais apertada. Disse a mim mesma para ser paciente e deixar meu corpo se acostumar, enquanto mergulhava cada vez mais fundo.

Tudo ficou em silêncio. Abri os olhos e vi que estava pairando em um espaço de um azul luminescente, como se o sol tivesse se acomodado no mar feito um saquinho de chá, diluindo a água com uma luz fraca. Eu já não ouvia mais meus pensamentos, só o som da minha respiração, como um vento calmo que preenchia toda a minha cabeça. A entrega, a tomada, as idas, as vindas; minha respiração se tranquilizou enquanto eu flutuava no azul pontilhado pela luz dourada.

Os peixes apareceram como confetes, caindo à minha volta, nadando livremente. Havia pedras enormes, anêmonas brilhantes. Corpos compridos e elegantes de tubarões de ponta branca do recife parados perto da areia. Os caniços balançavam, longos e preguiçosos. Segui até um peixe no formato de batata com lábios grandes e verdes, que passou correndo por mim como se estivesse atrasado para uma entrevista de emprego. *Toc toc toc.* O instrutor batia no próprio tanque de oxigênio com uma vareta de metal para apontar uma enguia balançando a cabeça como se fosse uma discussão e ela não pudesse acreditar no que tínhamos dito. *Toc toc toc.* Um caranguejo penteava o bigode. *Toc toc toc.* Um peixinho de olhos sonolentos mastigava um bolo de algas esponjoso. Observei todas aquelas criaturas seguindo suas rotinas,

totalmente indiferentes à minha existência. Que alívio me sentir tão pequena, passar despercebida naquele mundo sem palavras.

Ali embaixo não havia neve, corredores, prédios, cimento, sapatos, documentos, e-mails. Não havia toques, gritos, cliques de caneta, bipes de máquinas. Tudo aquilo não significava nada. O mundo todo ficara mudo, o barulho fora esquecido, a não ser pelo som da minha respiração. Senti que tinha derretido na água, nada além de um coração pulsante com dois olhos.

Imaginei o advogado de defesa boiando na água de terno, os óculos pingando, a testa queimada pelo sol, a gravata ondulando feito alga, um sapato engraxado caindo lentamente no fundo do mar. Ele se debateria em desespero, enquanto eu estaria segura abaixo dele, me movendo em silêncio por constelações de peixes rosa e amarelos. *Você não pode me tocar.*

Nadei mais para baixo. Se uma ideia estressante surgisse, eu a soltava com uma expiração longa, deixando os peixes engoli-la, solta e dissolvida. Estava a uns vinte metros abaixo da superfície, a profundidade de seis piscinas, e uma hora se passou, depois duas. Deixei a dor, a que me cegava, que me havia feito sonhar com um mergulho no nada, a que me fizera querer desaparecer. Como eu podia querer deixar o mundo se aquilo era o mundo? Toda aquela beleza e estranheza. Senti que o mundo guardara um segredo de mim, que pouco abaixo da superfície havia montanhas neon, mexilhões do tamanho de banheiras. Tudo que eu tinha de fazer era me equipar para ir mais fundo, superar as dores iniciais, me ensinar a respirar.

Quando é inverno em um lugar, é verão no outro. Quando eu voltasse a Palo Alto, às paredes pálidas dos tribunais, aos documentos legais e às manchetes de jornais, aos ecos de saltos altos no chão, eu também ouviria o *toc toc toc*. E me lembraria de que aquele mundo também existia e que eu podia existir nele. Aquele mundo era tão real quanto o outro.

7.

Pela janela oval, olhei para as colinas acarpetadas de amarelo da Califórnia, manchadas por arbustos escuros. Queria que o avião fosse como um ônibus para que eu pudesse perder o ponto, dormir e acordar em Honolulu. Enquanto pousávamos, vi as filas pontilhadas de carros na rodovia se tornarem maiores, a água cinzenta da baía se expandindo sob nós, a barriga do avião deslizando pela superfície, até tudo se tornar detalhado, barulhento e rígido e eu voltar a ser pequena.

Eu havia chegado para lutar na batalha mais difícil da minha vida, mas ninguém em Palo Alto sabia que eu estava em casa. Abri a porta da casa dos meus pais com o ombro, a mala quase caindo no degrau da entrada, as rodas reduzindo a velocidade no carpete, e pendurei meu suéter cor de aveia em um cabide de plástico do armário e pus a escova de dentes em uma travessa de cerâmica.

Ainda tinha que saber que dia ia testemunhar. Mandeí um e-mail para minha nova defensora, Myers, que eu não conhecia. Ela escreveu: *A seleção do júri vai acontecer na próxima semana, a partir do dia 14 de março, e provavelmente vai terminar em 16 de março. É possível que você precise depor no dia 17 ou 18, porém o mais provável é que seja no 21 ou 22.* Como alguém se planeja para isso? Alaleh tinha me dito que levaria o tempo necessário, três semanas ou mais. Como eu devia racionar minha energia, quanto esperavam que eu aguentasse, e se eu não conseguisse? Senti que não devia ficar muito tempo no tribunal, assim como não devemos ficar muito tempo em uma garagem com o escapamento ligado, para não matar nossos neurônios.

As provas finais de Tiffany começariam no primeiro dia da seleção do júri. Depois da última prova, ela faria uma mala pequena e viria de carro pelas colinas escuras para passar as férias do seu último ano de faculdade em

um tribunal. Lucas viria de avião um dia antes de testemunhar. Depois disso, eles iriam embora para começar o último bimestre antes da formatura. Eu ficaria esperando o veredito.

Duas semanas antes do julgamento, fazem algo chamado *reunião de análise do caso*. É um encontro entre juiz, promotoria e defesa para garantir que todos estão prontos. Enquanto isso acontece, a vítima está em algum lugar, deitada na cama, cortando queijo derretido em pedaços murchos. Não existe reunião de análise para ela; as testemunhas não se reúnem em uma sala para ouvir um discurso animador, juntar as mãos e gritar o lema da equipe. Eu não podia acompanhar o depoimento das outras testemunhas, o que significaria que, pelas semanas seguintes, passaria a maior parte dos dias esperando em casa, sem fazer nada. Mais tarde ficaria sabendo que dezoito pessoas haviam testemunhado, mas eu não tinha a menor ideia de que a maioria delas existia. Éramos como cavalos, alinhados em baias separadas, com antolhos na cabeça, alheios às pessoas ao nosso redor. Quando ouvíamos o tiro e sentíamos o tapa, coríamos para nos salvar.

Eu estava com medo de não ter pessoas suficientes no tribunal. Os pais, o irmão e a irmã mais velhos de Brock iriam ao julgamento, as fileiras dele no tribunal ficariam lotadas enquanto meu lado estaria quase vazio. *A avó dele vai estar lá*, dissera Alaleh. Ela dissera isso como se fosse uma notícia ruim. Eu não sabia que o júri ia contar aqueles pontos em silêncio. Os dois suecos testemunhariam, assim como o detetive Mike Kim, o policial Jeff Taylor, o policial Braden Shaw, a enfermeira do Sart Kristine Setterlund, Julia, Colleen, Tiffany e Lucas. Nenhuma das minhas testemunhas podia ficar no tribunal. Apenas o detetive Kim poderia estar ao meu lado. Minha mãe e a vovó Ann assistiriam ao meu depoimento e ao de Tiffany. Meu pai iria quando pudesse, nos intervalos do trabalho. Anne ficaria lá sentada durante as oito horas diárias, pelo tempo que fosse necessário. Ela era a única constante em meio a todas aquelas variantes; calma, esperta, uma mãe, uma lutadora.

Quando eu olhasse para meus bancos vazios, teria que lembrar que havia muitas pessoas que se importavam comigo. Queria explicar que a vida social de Chanel era saudável e populosa, mas era solitário ser Emily Doe, meu

mundo diminuía, tinha um círculo menor de confidentes. Eu me perguntei como havia começado a passar mais tempo com meu estuprador do que com meus amigos.

Era um dia quente e flores brancas caíam, me lembrando das bolinhas de papel que caem quando esvaziamos um furador. Usei meu casaco preto de pena de ganso, um saco de dormir que ia até meus tornozelos, menos pelo calor e mais pelo isolamento de todo o resto. Certa noite, algumas velhas amigas da escola iam comer tapas. Eu me juntei a elas usando meu casaco de neve, que quase arrastava no chão. Elas me zoaram, mas eu não me importei. Tomei o cuidado de tirar o foco da conversa de mim. Se há algo que aprendi, é quanto podemos escapar dizendo: *Muito trabalho*. É quase preocupante. *Por que está em casa? Muito trabalho. Faz tempo que não vejo você. Muito trabalho. A gente devia almoçar na semana que vem. Não posso, falava, muito trabalho. Você parece cansada. Muito trabalho*, dizia. Claro, respondiam elas, *eu sei como é*. O que eu queria dizer era: *É o julgamento*. Quando perguntavam: *Como você está?* Eu queria dizer: *Morrendo de medo*. Quando alguém exclamou: *Você está tão magra!* Quis dizer: *Isso nem sempre é uma coisa boa*. Elas foram embora achando que estávamos com todas as novidades em dia, enquanto eu guardava em segredo que elas não sabiam de nada.

Fiquei com medo de encontrar alguém que conhecia no mercado ou esbarrar com uma pessoa enquanto corria. Logo meu mundo se reduziu ao meu quarto: a colcha floral que eu havia comprado aos dezesseis anos, um ventilador de teto que só podia ser ligado com o controle que eu tinha perdido muito tempo antes, o carpete marrom, a mesa coberta de adesivos pela metade. Eu precisava arejar a cabeça.

Certa noite, saí de casa de tênis velho e moletom gasto. Corri pela rua Alma, meus pés me carregando por quilômetros até a ferrovia onde ficava o guarda. Eu me encolhi fora da circunferência brilhante da luz de um poste, descansando na calçada, a pele pinicando com o calor, a respiração ofegante, os cotovelos apoiados nos joelhos, fora do campo de visão dele. Arquejei, encarei, observei e esperei.

O vigia se levantou. Os pontinhos de luz protegidos por visores de metal começaram a piscar em vermelho. Duas cancelas verticais altas e finas

baixaram lentamente para a posição horizontal, bloqueando o caminho dos carros. Ouvi um barulho distante, um sino desajeitado e caótico, como se uma vaca enorme corresse pelos trilhos. O berro de uma buzina irrompeu pelo ar, as estocadas de luz branca, o nariz prateado disparando pelo cruzamento. Um corpo comprido e prata, marcado por janelas amarelas, embaçou e se tornou uma única faixa de cabeças de passageiros, balançando de um lado para outro, lendo ou de olhos fechados, passando rapidamente, cabeça cabeça cabeça cabeça cabeça, depois nada. Tranquilidade. Um barulho residual desajeitado de painéis batendo. As cancelas tremeram e, em um salto, se ergueram para apontar para o céu, para anunciar que a performance havia acabado. O guarda fez uma anotação em uma prancheta, se sentou na cadeira de plástico, e, de repente, as luzes vermelhas apagaram e o cruzamento ficou escuro e silencioso outra vez.

Fiquei sentada, o cabelo sendo soprado para o outro lado. Eu havia sentido o bafo da morte, me abalado a ponto de me forçar a viver. No ensino médio, a morte tinha se tornado uma colega de turma, uma presença constante, voltando para nos buscar após nossas vidas curtas. Eu começara a ver um buraco negro, uma forma oval do tamanho de uma poça, acima de cada adolescente. Abaixo daquele buraco, brilhavam a cor, a textura e a rotina da vida diária. Eu não rezava para que o buraco negro desaparecesse, mas para que todos nós tivéssemos a chance de crescer sob ele primeiro, de experimentar todas as coisas sobre as quais as pessoas falavam no consultório do meu pai: casamento, divórcio, corações partidos, hipotecas, porque tudo aquilo também era vida.

Naquela época, às vezes eu sentia que queria me arrastar para aquele buraco. Na cama, em algumas noites, eu olhava para ele, pairando sobre mim. Não seria mais fácil? Fiz uma análise: eu tinha vinte e três anos, abusada, desempregada e minha única realização era ser um corpo sem nome no jornal local. Quando eu pensava no futuro, não via nada. Queria parar.

Mas, enquanto estava sentada na rua, encarando o portal em que adolescentes desapareciam, em meio a uma cacofonia de luzes vermelhas brilhantes e sinos, disse a mim mesma o que gostaria de ter falado para eles: *Você tem que ficar aqui*. Disse a mim mesma que aquele era só um ponto de

uma vida longa e que eu devia a mim mesma vivê-la antes de ser engolida. Sabia que logo seria humilhada e destruída, e temia a difamação que estava à minha espera. Mas também sabia que sempre escolheria o cimento frio da calçada, os frágeis batimentos do meu coração, o suor nas dobras da minha barriga, o moletom de *fleece* gasto e excessivamente lavado. Sempre me levantaria, me viraria e correria para casa, porque era a única coisa que eu sabia fazer.

Alaleh e eu estávamos de novo na sala de audiências vazia. Sentei no banco designado a mim feito um animal treinado. Analisei as fileiras de assentos acolchoados, como as de um pequeno cinema triste. Logo eles seriam preenchidos pela família do meu estuprador. A estenógrafa que havia me dado uma piscadela não estava ali. Quando perguntei para onde ela tinha ido, Alaleh respondeu que outra pessoa estava de plantão e assenti para dizer *Claro*, mas engoli a tristeza por ter perdido uma das minhas poucas apoiadoras.

Muita coisa havia mudado nos quinze meses anteriores, mas, no tribunal, tudo tinha ficado estagnado. Era estranha a maneira como o tempo não andava, mas se aprofundava. Nós revisitamos a mesma noite várias vezes. Perguntas se desdobravam em novas perguntas, feito um rio se dividindo.

Naquele dia, me perguntei que tipo de comportamento era aceitável para uma vítima. Que tom de voz? Alaleh me avisou para não ficar irritada. Eu tinha aprendido que, quando nos irritávamos, estávamos na defensiva. Se fôssemos impassíveis, éramos apáticas. Animadas demais, era suspeito. Se chorássemos, éramos histéricas. Se nos emocionássemos em excesso, nos tornávamos pouco confiáveis. Mas não demonstrar emoção fazia parecer que não tínhamos sido afetadas. Como eu devia equilibrar tudo aquilo? *Calma*, disse a mim mesma. *Contida*. Mas, durante a audiência, eu havia perdido o controle. E quando isso acontece? A promotora me lembrou que o júri entendia que eu estava fazendo algo difícil. *Só seja você mesma*, recomendou ela. *Eu mesma quem?*, quis perguntar.

Ela disse que a defesa ia me confrontar com teorias, me lembrou de que esse era o trabalho dele. Se o advogado tentasse me levar para outra direção, eu devia guiá-lo de volta. Eu me imaginei sendo um burro, o advogado de

defesa balançando uma cenoura, não siga a cenoura. Se não souber a resposta, só diga que não sabe. Seja sincera. O resumo anterior foi breve e sem novidades; ela nunca mencionava detalhes gráficos nem me avisava sobre quais provas me mostraria. Lembrando de tudo agora, me pergunto se ela tomou o cuidado de não atíçar as emoções em mim antes da hora, deixando-as naturais para que o júri visse.

O único depoimento de Brock havia sido na noite em que fora preso. Naquela noite, ele admitira que tinha me dedado e negara ter fugido. Ele ia testemunhar pela primeira vez. Esperei que Alaleh dissesse: *Não se preocupe com ele*. O depoimento inicial tinha sido gravado, ele não podia voltar atrás. Mas, desde então, ele aprendera que eu não lembrava. Por isso, ela disse: *Ele vai escrever o roteiro*. Eu a encarei por um instante, querendo dizer que aquilo não era justo. E quanto a verdade e somente a verdade? Ele não pode vir aqui e dizer o que quiser.

No início, achei que seria fácil. Quando soube que Brock tinha contratado um advogado famoso e caro, pensei: *Ai, não*. Depois, pensei: *E daí?* Nem ele podia mudar a verdade. Para mim, meu lado ia convencer o júri de que a grande coisa amarela no céu era o sol. O lado dele tinha que convencer o júri de que era uma gema de ovo. Nem o advogado mais eminente podia mudar o fato de que era uma enorme estrela quente, e não um ridículo ovo flutuante. Mas eu ainda não entendia o sistema. Se uma pessoa pagasse o suficiente e dissesse as coisas certas, se dedicasse tempo suficiente a enfraquecer e diluir a verdade, o sol poderia ir se tornando um ovo aos poucos. Isso não só era possível como acontecia o tempo todo.

Ao sair do tribunal, notei um pedaço de papel preso com fita ao lado da porta: O POVO DO ESTADO DA CALIFÓRNIA CONTRA BROCK ALLEN TURNER. *Que povo? Deve ter três pessoas na Califórnia que sabem que estou aqui*, pensei. Era estranho ele supostamente ser a pessoa enfrentando um grande estado, enquanto eu me sentia vencida. Alaleh me entregou a pilha de transcrições em um envelope pardo, já tão grosso quanto uma lista telefônica. Cada palavra que eu dissera nos quinze meses anteriores fora gravada e datilografada. Eu me sentaria no banco de testemunhas com outras três personalidades: a eu do hospital, a da delegacia e a da audiência

preliminar. As quatro histórias tinham que estar alinhadas. Ela disse que eu não tinha que saber tudo de cor. *Só saiba de tudo*, pediu. Entendi que decorar é diferente de saber; saber significava ter certeza absoluta. Não era uma pilha de papéis, era a noite em si. Segurei aquele peso com ambas as mãos. Qualquer um imaginaria que foi então que comecei a me preparar: uma montagem mostraria imagens minhas folheando as páginas com empolgação, ensaiando perguntas, sentada diante da minha promotora. Em vez disso, você me veria empurrando um carrinho vermelho pela Target, aonde vou para me acalmar, onde o mundo é organizado em corredores. Será que está na hora de um novo aroma de desodorante? Agachada na seção de xampus, espirrei um pouco do líquido sem querer na ponta do nariz ao tentar sentir o cheiro. Será que devia comprar uma frigideira nova? Preciso de um chapéu? Comprei um rodo para meus pais, uma vela com aroma de magnólia para mim, além de massa para biscoitos. Eu comeria metade do pacote de massa crua antes de cair no sono. O julgamento começaria na segunda-feira, 14 de março de 2016.

SEGUNDA-FEIRA

Durante toda a minha vida, ouvi adultos sonharem com *participar de um júri*. Doze pessoas que tinham sido afastadas da vida. Doze pessoas que prefeririam estar em qualquer outro lugar que não no tribunal. Doze pessoas de que eu precisava mais do que qualquer outra no mundo. A votação teria que ser unânime. Quando soube disso, me perguntei se tinha ouvido errado: *Você quis dizer anônima?* A alternativa me parecia possível. Eu precisaria dos doze votos deles para ganhar. Nos artigos que tinha lido, nunca achava doze comentários positivos em sequência.

Se um possível jurado tivesse sofrido abuso sexual, ele ou ela era eliminado imediatamente. Mais tarde eu ficaria sabendo que, quando essa pergunta havia sido feita, várias mulheres se levantaram para ir embora. Não haveria nenhuma sobrevivente no júri.

A promotora depois me diria que nem sempre é melhor ter mulheres no júri de casos de estupro, porque elas não costumam se identificar com a vítima, insistindo *que deve haver algo de errado com ela, porque isso nunca aconteceria comigo*. Pensei nas mães que haviam comentado: “Minhas filhas nunca...” O que me deixou triste, porque comentários como aquele não deixavam as filhas delas mais seguras, apenas garantiam que, se a menina fosse estuprada, ela provavelmente teria uma pessoa a menos para lhe dar suporte.

Minha amiga Athena havia acabado de voltar para Palo Alto. Éramos amigas desde o sexto ano. Ela é vietnamita-americana. Depois da faculdade, tinha ido trabalhar em uma fazenda de cultivo de alface no Havaí. Eu a busquei no aeroporto e ela me contou como era dormir em uma barraca, pegar carona para ir à praia, ver a luz das estrelas na Big Island. Fomos para minha casa. Quando a conversa flutuou da ilha de volta para meu quatinho, ela me perguntou o que eu andava fazendo.

Sempre havia um momento, pouco antes de eu contar a alguém, em que sentia que estava olhando para a água da beira de um penhasco. Eu estava

respirando fundo, balançando os braços, dizendo a mim mesma que conseguiria fazer aquilo. Enquanto contava a ela sobre o estuprador que nadava, sobre a vítima que eu era, fui caindo, me preparando para o impacto. Depois da formatura, tínhamos ido a um bar com música ao vivo. Em meio ao barulho, Athena me contou que tinha sido estuprada. *Aconteceu no início da faculdade*, gritou ela alto o bastante para que eu ouvisse. *Não contei para muita gente. Só achei que você devia saber.* Falei: *Está brincando. Que babaca.* Na época, sentir raiva era a única coisa que eu sabia fazer, mais do que demonstrar empatia, reconfortá-la, contemplar o assunto. Mas, naquele instante, senti muito por não ter sabido cuidar melhor dela. Athena se inclinou para a frente para me abraçar, assim como Claire havia feito, como se ela soubesse em um instante como meu ano havia sido. Ficamos abraçadas no chão. Caindo, caindo, e de repente pega. Falei que precisava que ela fosse comigo e ela respondeu: *Me diga quando.*

TERÇA-FEIRA

A seleção do júri continuou. Nenhuma notícia de Alaleh. Eu me recusava a tocar nas transcrições até ter a proteção da presença de Tiffany e de Lucas. Cortei o cabelo, só as pontas. Levei meu carro para lavar no Lozano's, onde havia pipoca e limonada gratuitas e a meditação de observar meu carro deslizar pelos monstros de cabeça de esfregão, cheios de sabão. Procurei anúncios on-line de emprego, escrevi três frases da carta de apresentação para o currículo. Fui de bicicleta comprar um burrito, bebi uma lata de Coca-Cola vencida, fiquei sentada de capacete em um banco do parque. Tirei uma foto do burrito e postei. Ganhei trinta e duas curtidas. Era uma brincadeira comigo mesma, um jeito de enganar o mundo. As pessoas achavam que eu estava aproveitando a tarde, quando, na verdade, estava prestes a enfrentar meu estuprador. Como era assustador saber que podíamos esconder aquelas histórias. Como era fácil fingir. As lascas que mostramos, as montanhas que escondemos.

No jantar, meu pai me disse que estava orgulhoso de mim. *Tenho muito orgulho de você, querida, de verdade.* Quando ele falou isso, não respondi, não absorvi. Fiquei quase irritada, dispensei o comentário descabido. Orgulho do quê? A lacuna enorme entre o orgulho dele e minha realidade me envergonhava. Será que ele não me via de pijama, andando pela casa? Eu tinha sido abusada, e não existem troféus para isso. Que dignidade há em ser descartada seminua? Sorri, mas não falei nada.

QUARTA-FEIRA

O último dia da seleção do júri. Lucas chegaria naquela noite. Apareci cedo no aeroporto, não me importava de esperar. Ele correu até o carro, a capa que embalava o terno pendurada no ombro. Girou rapidamente o punho algumas vezes, pedindo que eu baixasse o vidro. Foi até o lado do motorista para me beijar, e a guarda de trânsito, em seu colete amarelo fosforescente, berrou para que saíssemos dali. *Rapidinho, senhora.*

Eu costumava relaxar assim que o encontrava e vestia as roupas largas dele, feito um caranguejo eremita dentro da casa nova. Mas eu sabia que ele só ficaria quatro dias antes de voltar para a faculdade. Daquela vez, eu não podia deixar que ele se tornasse minha base.

Alaleh disse que ficou aliviada quando viu Lucas pela primeira vez. Eu me perguntei o que aquilo significava. Tive a sensação de que meu namorado teria que fazer Brock parecer uma perda, não um ganho. Imaginei as paredes do fundo do tribunal se abrindo, Lucas correndo discretamente de terno, acenando para as palmas da plateia. *Temos aqui um homem de negócios atraente e empregado de vinte e seis anos! No tempo livre, ele gosta de esculpir madeira, mergulhar e jogar rúgbi. Ele a levou para a Indonésia e os dois moram juntos em um arranha-céu na Pensilvânia. Lucas planeja conquistá-la com sexo consensual.*

O holofote se viraria de repente e o cone de luz enfocaria Brock. *Ele acabou de fazer vinte anos e sonha em se tornar nadador olímpico! Ela nunca o conheceu, mas ele nada mais rápido do que um peixe e gosta de uísque Fireball. Planeja conquistá-la ao ar livre, em uma cama de galhos de pinheiros. Então eu apareceria, de vestido floral, o sorriso largo. Ela é animada, carinhosa, boba, mas não é do tipo de menina que desiste fácil! Ou será que é? Vamos descobrir! Os trombones soariam; as luzes, piscariam. Agora nosso apresentador, o excelentíssimo juiz!*

Naquele ano, Lucas havia me visto gritar, me dissociar, sair do apartamento, chorar embaixo das cobertas, do chuveiro, sempre que alguém

mencionava o caso. E, todas essas vezes, quando minha respiração finalmente se estabilizava, ele pedia licença e saía para correr. Não importava se fosse noite ou se estivesse chovendo. Eu o via desaparecer no escuro, correndo. Eu achava que ele era casca-grossa e estava tão consumida pelas minhas próprias emoções que nunca tinha parado para pensar em como aquilo o afetara. Questionei se havia algo bruto dentro dele também, uma raiva que o fazia correr. Naquela noite, enquanto eu o observava se preparar para depor na manhã seguinte, fiquei paralisada com a seriedade com a qual ele encerava os sapatos, passava a roupa, a jovialidade já evaporando.

QUINTA-FEIRA

Quando acordei, o cabelo de Lucas já estava penteado, o rosto, barbeado. Ele ia testemunhar naquele dia e eu, no dia seguinte. Havia planejado levá-lo de carro até o tribunal e depois ir até a Gap para comprar uma calça formal. Tiffany chegaria naquela noite, e, com os dois em casa, eu finalmente ia abrir a pasta e estudar tudo de uma vez só. Eu sabia que devia ter começado a estudar os arquivos antes. Mas não podia ler um pouco de cada vez, não podia mergulhar e submergir deles todos os dias. Eu não tinha capacidade de controlar o desespero e a agitação que eles provocavam. Ler uma parte pequena era pingar corante na água: não dava para impedir o corante de se espalhar, arruinando um dia inteiro. Por isso, preferi fazer aquilo de uma só vez.

Vesti uma calça jeans. Estava procurando uma meia. Um toque do celular: uma mensagem de Alaleh. *Talvez sobre tempo hoje, então se prepare para vir.* Desabei devagar no chão, o pânico estalando feito a boca de um fogão, pronto para pegar fogo. *Não estou pronta. Não tenho calça para usar. Não posso, quantas horas eu tenho?* Passei os dedos pelo cabelo, *tenho que lavar o cabelo.* Comecei a tirar roupas das gavetas. Eu me sentei, as bochechas molhadas, piscando loucamente, sacudindo os pés para tirar a calça jeans. Tudo aquilo estava se intensificando na minha cabeça, calculando quanto tempo eu teria para me aprontar. Se eu testemunhasse naquele dia, ninguém estaria lá para me apoiar, minha defensora estava escalada para ir no dia seguinte. *Vou estar sozinha outra vez, não consigo.*

Lucas entrou no quarto e me encontrou chutando de calcinha, as roupas amontoadas feito frutos do mar encalhados no chão. *O que está acontecendo?*, perguntou ele. *Tenho que me arrumar, falei. Vou testemunhar hoje e não tenho calça para usar. Esta jaqueta está amassada demais.* Eu havia voltado a ter sete anos, pequena e indefesa, e me lembrei das manhãs de aula, inconsolável, *não tenho nada para usar.*

Explique que você prefere ir amanhã, disse ele. Olhei para Lucas como se ele fosse louco. Não posso, respondi. Há uma ordem estabelecida. Você não sabe como funciona. Não tenho controle nenhum. Por que você não está me ajudando a me arrumar? Tenho que estudar, não tenho tempo suficiente. Eu estava exasperada até ouvir a voz dele, alta e firme: *Ninguém pode obrigar você a fazer nada. Eles não podem fazer isso sem você. Se tiverem que esperar, vão esperar. É você quem manda. Diga que só pode ir amanhã.*

Eu me sentei com as pernas nuas, o cabelo desgrenhado. Eu nem havia pensado em me impor, em fazer qualquer coisa que não obedecer cegamente. Tinha sido condicionada a aceitar todas as mudanças de data, todas as perguntas feitas, mesmo que fossem incômodas, pessoais ou repentinas. Tinha me esquecido de que era possível ter limites. Elaborei uma mensagem: *Oi, Alaleh. Ei, Alaleh! Será que eu poderia. Eu me sentiria melhor se. Oi, espero que esteja tudo bem. Eu queria que minha mãe e minha avó. Desculpe. Não vou ter como ir hoje. Bom dia. Se não tiver problema, eu gostaria de ir amanhã, como planejado.*

Ela disse que não teria problema. Se o julgamento corresse rápido demais, ela tentaria enrolar. Era tão simples, bastava eu perguntar. *Está melhor?*, perguntou Lucas. *Estou.* Tínhamos uma hora até ele começar o testemunho, por isso passamos pela Driftwood Deli, em El Camino. Eu me sentei no sol, de calça jeans e jaqueta amassada, sapatos velhos, tomada pelo alívio. Tinha recuperado meu dia. Eu o deixei no tribunal e esperei vê-lo passar pelas portas antes de ir embora. Ele me mandaria uma mensagem quando tivesse terminado.

Entrei na Gap. *Posso ajudar com alguma coisa?*, perguntou uma funcionária. *Com várias*, quis dizer. Três horas se passaram e eu não tinha recebido nenhuma notícia de Lucas. Comprei uma calça cinza, de corte reto, e sapatilhas baratas. Por fim, recebi a mensagem de que poderia buscá-lo. *Como foi?*, perguntei. Ele disse que não tinham chegado nem na vez do advogado de defesa e iam recomeçar no dia seguinte. No início do dia, haviam previsto que teriam tempo de sobra quando, na verdade, não tiveram. Os depoimentos anteriores ao dele tinham demorado mais do que o planejado e ele ficara esperando no closet das vítimas por três horas. Eu me

senti péssima por ninguém ter estado lá com ele. *É difícil manter a adrenalina correndo*, disse ele. Era a primeira vez que eu o ouvia admitir que alguma coisa era difícil. Tiffany chegou tarde da noite, com sono acumulado depois das provas finais.

Com todos em casa, eu estava pronta para mergulhar, para voltar a encontrar minhas três personalidades. A lembrança costuma ser vista como a fraqueza da vítima, mas acredito que ela seja nossa maior força. O trauma nos fornece uma maneira especial de sentir o tempo: anos passam em um instante, mas podemos conjurar sentimentos aterrorizantes como se estivessem acontecendo no presente. Espalhei as transcrições no chão. Meu carpete parecia uma corda amarrada à cintura, enquanto eu mergulhava no passado. Eu o acariciava gentilmente com uma das mãos. Em nenhuma daquelas lembranças havia um carpete. Vi longas mechas de cabelo úmido cobrindo meu rosto enquanto minha cabeça pendia. Estou na clínica para vítimas de estupro. A água enchia meus ouvidos, embaçava minha visão, tampava meu nariz e escorria sobre minha boca. Do lado de fora, há uma rodovia, um fluxo contínuo de carros, um estacionamento na beira da estrada. É minha irmã, chorando tanto que não consegue ver. Está tentando vir me buscar. Carpete. Estou em uma cadeira de plástico na clínica para vítimas de estupro, o cabelo pingando. Tiffany está sentada ao meu lado, abalada, triste. Como posso fazer com que ela se sinta melhor? Carpete. Estou dizendo à policial: Por favor, não ligue para minha casa. Nunca mais quero ver aquele cara. Carpete. Vejo os cachos louros da cabeça dele enquanto olha para o próprio colo, estou chorando, observando os bancos vazios. Carpete.

Limpei o nariz. Lágrimas formavam linhas pelo meu pescoço, entrando por baixo da gola, chegando ao meu peito. Por cinco horas, meu peito se dobrou sobre minhas pernas no chão enquanto eu folheava as páginas e digitava. Criei uma estrutura, cada minuto do dia 17 de janeiro, todos os goles, lugares, comentários e observações enchendo minha mente. O caos lentamente dava lugar à ordem. Na primeira página, escrevi incentivos: *Cale-os com a verdade*. Tapei todos os buracos minúsculos da minha memória. Ignorei o vazio enorme. Não era hora de sentir pena de mim, de pensar

naquilo tudo, de me questionar. Estude bem isso. Saiba o momento em que cada coisa aconteceu. Volte ao carpete.

SEXTA-FEIRA

Lucas acordou ao nascer do sol para ser interrogado pela defesa, enquanto eu estava marcada para testemunhar às 13h30. Eu devia levá-lo de carro, mas ele beijou minha testa e pediu que eu voltasse a dormir, por isso rolei para aproveitar o calor que o corpo dele havia deixado na cama. Horas depois, senti o sol encharcar os lençóis, o ouvi entrar pela porta, com os olhos estreitos observei-o tirar os sapatos encerados. Ele se arrastou de volta para a cama ainda vestido e me abraçou. Não perguntei como tinha sido. Se havia sido ruim, eu ainda não queria saber.

Passei os braços pelo meu suéter cor de aveia, me tornando Emily, o cabelo preso com presilhas dos dois lados da cabeça. Hesitei com o pincel do rímel na mão e pintei os cílios de leve. Bonita, mas não demais. A maquiagem podia transformar minhas lágrimas em manchas pretas, os olhos pingando com tinta. Mas ir de cara limpa me faria parecer cansada.

Lucas dirigiu. Fiquei muda, sentada em cima das mãos, analisando a estrutura impressa do depoimento em meu colo. Meu apetite tinha desaparecido, mas eu sabia que não podia ficar de estômago vazio. Não havia vaga para estacionar na loja de bagels, por isso ele parou na rua enquanto eu entrava. Encontrei a vitrine cheia de círculos bege. Esqueci o nome de todos os bagels. A atendente me perguntou o que eu queria e apenas apontei. Peguei um saco de papel branco, sem saber se era meu. Encarei todos os desconhecidos ao meu redor, isolados na própria realidade calorosa repleta de conversa e café. Saí pela porta, fui devagar e em silêncio para o carro, para minhas anotações. O bagel estava difícil de engolir, seco e grosso.

Paramos no tribunal. Baixei o espelho para conferir se tinha sementes nos dentes. *Tem certeza de que não tem nenhuma?* Lucas assentiu. Ele e Tiffany me esperariam do lado de fora. Um beijo na bochecha. Saí do carro e ele foi embora.

Eu gostaria que esta cena começasse com uma imagem minha andando, confiante, pelos corredores, os ombros para trás e a cabeça erguida, mas, quando passei pelo detector de metais, senti um arrepio na pele, havia algo errado. Já tinha visto aqueles guardas. Encarei o corredor. Vazio. Mas senti o aglomerado de corpos acima de mim. Entrei no banheiro do primeiro andar, me agachei no canto do reservado para deficientes, os papéis enrolados como um pergaminho, sussurrando para mim mesma: aguenta firme. A promotora me mandou uma mensagem: *Você está aqui?* Minhas mãos tremiam. *A caminho.*

Fechei os olhos. Visualizei o lado de dentro da sala de audiências, o juiz como uma careca flutuando sobre um trapezoide preto, o mediador daquele jogo. As equipes seriam divididas em duas, obedecendo a regra não declarada de nunca passar para o outro lado. Eu estava mentalmente preparada, mas meu corpo se armava para enfrentar a dor.

Nenhuma preparação podia me proteger do apagamento da minha personalidade, da destransformação. Mesmo antes de ir embora, eu sabia que minha mente ficaria ali por muito tempo, esgotada por semanas.

Eu me permiti sair do banheiro, apertei com pressa os botões do elevador. Alaleh saiu da sala de audiências para me levar para o closet das vítimas. Ela precisava voltar para encerrar alguns depoimentos: a enfermeira do Sart ia testemunhar antes de mim. Meu coração se encheu de alegria: a enfermeira, uma protetora naquela brincadeira. Eu me perguntei que enfermeira era; me lembrava de três delas reunidas em torno do topo dos meus joelhos nus. Gostava de imaginá-las como um dragão de três cabeças de jaleco branco, cerrando bocas e instrumentos de metal, afastando tudo que viesse atrás de mim.

Minha nova defensora, Myers, saiu do elevador. Tinha uma postura perfeita, cabelo arrumado, um comportamento tranquilo. Gostei dela na mesma hora. Logo minha mãe chegou com a vovó Ann e Athena. *Oi, Chanoodle.* Anne já estava no tribunal. Todas nós puxávamos cadeiras para cabermos na sala. Ouvi minha avó perguntar de onde Myers era, quanto tempo fazia que ela trabalhava na YWCA, como tinha começado. Eu me desliguei, folheando as anotações do início ao fim. Assim que terminei,

voltei a lê-las. A cada dez minutos, eu pedia licença para ir ao banheiro, para fazer xixi uma última vez, pentear o cabelo, ajeitar as presilhas, conferir e reconferir se a braguilha da minha calça estava fechada. Uma hora passou.

Lembrei a mim mesma que era simples; o júri responderia à autenticidade, ao que era verdade. Minha defensora me entregou uma bolinha coberta de desenhos de bolotas, um novo brinquedo para apertar enquanto testemunhasse. Athena sugeriu que eu imaginasse uma rosa à minha frente: toda a energia ruim da defesa seria absorvida pela rosa e não por mim, o que me permitiria ficar sentada e observar as palavras dele de uma distância segura. Minha terapeuta havia dito: *Visualize mulheres à sua volta, atrás de você, tocando em seu ombro, andando com você*. Eu podia até conjurar Maya Angelou, se quisesse. A vovó Ann pegou um saquinho de chocolate amargo. Ela usava um broche que dei a ela, com um pequeno trenó vermelho. Quando Tiffany e eu éramos pequenas, ela nos puxava pela rua sem saída em um trenó vermelho de metal. Eu me lembrei de algo que a psicóloga tinha me dito: *Lembre-se de quem você é, do que gosta sobre si mesma*.

Vai ser a qualquer minuto agora, pensei, prepare-se. Duas horas passaram, todas nós apertadas na sala, os joelhos encostados em um círculo pequeno de cadeiras. Devo ter feito xixi umas doze vezes. Por fim, uma batida na porta. A sala foi esvaziada, todas foram levadas para fora pela defensora, para que pudessem se acomodar. Tive alguns minutos sozinha. Aquilo me pareceu certo. Quando estivesse no banco de testemunhas, eu sabia que ia estar sozinha. Se precisasse de ajuda, teria que me voltar para dentro. *Já tenho tudo de que preciso para enfrentar isso. Já sei tudo que preciso saber. Já sou tudo que preciso ser*.

Larguei minhas anotações e fiquei de pé, em silêncio, os olhos fechados. Por um instante, parei de me remexer, o nervosismo desapareceu. No ano anterior, a neve havia caído e derretido, meu cabelo tinha sido cortado e depois crescido, o mundo continuara se movendo, e eu, me movendo com ele. No entanto, eu tinha voltado. O que aquilo significava, o fato de sempre ir parar naquela sala minúscula, de abandonar uma vida organizada para continuar lutando? Aquilo não importava de algum modo?

Deixei as folhas na mesa, saí e a porta foi trancada atrás de mim. Desci pelo corredor, esfregando as mãos úmidas na calça. Alaleh e Myers estavam à porta do tribunal. *Você está pronta?* Assenti. *Toc toc toc. Respire enquanto mergulha.* Ela abriu a porta. Uni as mãos, respirei fundo mais uma vez e entrei.

A sala cheia fez com que eu me encolhesse. Entrar em cafês me causa ansiedade. Quando entrei da sala de audiências, todos me encararam. Não olhei para o rosto de ninguém. O que senti foram formas, a paisagem de corpos desformes que preenchia o recinto nas laterais e na plateia, uma presença mais densa do que eu havia sentido na audiência. Mantive os olhos fixos nos próprios pés e me forcei a andar. *Vá para seu banco.*

Eu não saberia dizer quantos homens ou mulheres, etnias e tipos de roupas estavam na sala. Metade do júri poderia estar com o rosto pintado de tigre e eu não teria notado. Era a segunda vez que eu via o juiz e ainda não sabia dizer como ele era, só conhecia a curva pálida da cabeça lisa dele e a toga, uma sombra pairando ao meu lado.

Ouvi: *Você jura solenemente... nada além da verdade.* Minha mão se ergueu: *Sim.* Eu me enfiei na cadeira no cubículo separado, fixei o olhar em Alaleh. Ela pediu que eu soletrasse meu nome no microfone. Temi confundir as letras, comecei devagar.

Promotoria: Pode me fazer um favor e tentar puxar o microfone um pouco mais para perto? Você fala baixinho.

Era verdade. Era como se minha garganta estivesse coberta de material isolante, minha voz mal passava de um sussurro. Ainda assim, eu ouvia cada palavra cair na sala silenciosa e ser engolida por dezenas de olhos e ouvidos.

As primeiras perguntas eram sempre fáceis: nascida em Palo Alto, uma irmã, Universidade da Califórnia, campus de Santa Bárbara, formada em letras, um e setenta e dois de altura. Eu estava bem. *Quanto você pesa? Me desculpe por ter que fazer essa pergunta.* É o que nenhuma mulher quer responder diante de um microfone. Tive medo de que, se chutasse um valor muito baixo, eles pensassem: *Jamais.* Minha carteira de motorista dizia sessenta e três quilos, mas eu havia chegado a setenta e três na faculdade. *Provavelmente uns setenta e um quilos,* falei. Mais tarde, percebi que era muito

mais leve, meus pulsos tinham ficado mais finos, meu corpo nunca sentia fome, passara a vestir calças dois números menores. Qualquer que fosse o peso que tivesse, eu não devia ter sentido vergonha de declará-lo: uma pedra tem o peso diferente do de um leão, que tem o peso diferente do de um monte de mangas e nada disso importa.

Certo. Bom, quero chamar sua atenção para janeiro, para o fim de semana dos dias 17 e 18 de janeiro de 2015. Respirei fundo, assenti e voltei a me concentrar no que tínhamos ido fazer. Começamos na trilha, depois fomos para a taquería, *que taquería?*, perguntou ela. Eu nunca havia pesquisado o nome. Menos uma, pensei. Ela me perguntou o que eu tinha pedido, *um taco*. Mais uma. Então seguimos, o interrogatório rápido e ágil, como pedras quicando na água: que amigas da minha irmã tinham ido à minha casa antes da festa, se eu as conhecia, quantas vezes eu as vira, que horas havíamos começado a beber.

Falei sobre nunca ter ido a festas com Tiffany porque me sentia mais mãe dela do que irmã. Falei sobre Lucas, quem ele era, onde vocês se conheceram, onde ele mora e onde morava, como vocês mantêm o relacionamento, você o visita, como descreveria seu namoro.

Ela perguntou se eu participava de atividades das fraternidades, se já tinha sido membro de uma república, não e não. Voltamos a Stanford, onde exatamente a festa havia acontecido, explique seu meio de transporte, a hora exata da chegada.

Eu: Havia uma mesa perto da porta e Julia, Tiffany e eu ficamos atrás dela, como se apresentássemos um painel, e decidimos ser um comitê de boas-vindas. Ficamos cantando músicas e agindo feito bobas. Eu estava envergonhando minha irmã, mas não tentei impressionar ninguém de jeito nenhum.

Promotora: Como você envergonhou sua irmã?

Eu: Cantando em voz alta e dançando de um jeito engraçado.

Promotora: Certo. E você poderia dizer que sua irmã estava ficando envergonhada?

Eu: Aham. Ela riu, apesar de não querer.

Ouvi o júri se descontrair, não tanto rir, só bufar, achando aquilo engraçado. Eu estava sorrindo, sempre sorria quando falava sobre minha

irmã, mesmo presa em um banco de testemunhas. Senti que estava relaxando, perguntas entediantes, mas inofensivas, qual marca de vodca, em que copo, você serviu sem pensar.

Promotora: Quando estava dançando, como foi que dançou?

Eu: De um jeito ridículo. O contrário de uma dança sensual... Braços balançando, me sacudindo muito.

Eu já imaginava as notícias: A vítima declarou estar *se sacudindo muito*. Falei sobre sair para fazer xixi.

Promotora: Certo. E sei que isso é gráfico demais, mas vocês só se agacharam atrás de uma árvore?... Vocês se protegeram para que outras pessoas do lado de fora não vissem?

Tentei deixar claro que, mesmo quando tinha feito xixi, fora de maneira discreta. Uma mulher que fazia xixi ao ar livre seria julgada de forma diferente de um homem que fizesse a mesma coisa. Ela perguntou se havia sido perto de uma quadra de basquete. Eu nunca tinha voltado ao local. Talvez tivesse sido bom visitá-lo, mas nunca consegui me forçar a ir. *Não lembro, falei. Estava muito escuro.* De volta ao pátio, vendo homens brancos menores do que eu. A cerveja diluída que dei a Tiffany, os caras virando as cervejas.

Promotora: Você já virou uma garrafa de cerveja?

Eu: Não consigo.

Promotora: Por que não?

Eu: Porque é difícil.

Uma risadinha. Eles estavam ouvindo minha sinceridade. Até ali, umas duzentas perguntas já haviam sido feitas, e repórteres escreviam sem parar na última fileira de bancos. Não conhecia alguns deles, mas não havia perdido nada de muito escandaloso. Ela me perguntou sobre minha lembrança seguinte. *Acordei no hospital, falei.*

Aconteceu antes que eu soubesse que estava acontecendo. Meus olhos ficaram embaçados, a respiração de repente falhou, não conseguia falar, não conseguia ver.

Promotora: Você tem alguma lembrança de antes disso?

Eu: (Testemunha não respondeu de maneira audível.)

Lágrimas escorriam dos meus olhos, do meu nariz. Eu tive medo de que, de alguma forma, saíssem dos meus ouvidos, da minha boca. Tudo me pareceu quente, úmido e gosmento, minha respiração inconstante. Morri de vergonha, como se estivesse me sujando, todos me observavam enxugar o rosto, eu só precisava de um instante. Ouvi a voz dele.

Defesa: Desculpe. Podemos ter uma resposta clara?

Eu já havia esquecido a pergunta, algo sobre uma lembrança, eu tinha alguma lembrança.

Eu: Não.

Defesa: Obrigado.

Promotora: Você precisa parar um pouco?

Eu: Estou bem.

Promotora: Tem lencinhos bem ali.

Quis enfiar os lencinhos na boca e no nariz, tapar todos os buracos do rosto. Quis esfregar as mãos nas bochechas e apagar meus traços. Alaleh tentou seguir em frente, e eu detectei a irritação da defesa. Controle-se.

Promotora: Quando você acordou no hospital, pode nos dizer... Tem alguma ideia de que horas eram?

Eu estava despertando aquela sensação em mim de novo, minha mente presa naquele corredor branco. Encarei ao longe, tentando voltar ao presente, vendo ternos ao meu redor, sentindo gosto de catarro, a língua limpando meu lábio superior, salgado.

Promotora: Como você estava se sentindo fisicamente quando acordou?

Eu gaguejava respiração e umidade, percebendo de repente que era impossível construir uma única frase fluida.

Eu: E então o... Eu vi o reitor e o policial e eles me perguntaram...

Defesa: Protesto. Circunstancial.

Fiquei em silêncio, assustada.

Promotora: Não quero saber a verdade, Meritíssimo. Quero saber como ela se sentia e o nível de compreensão que tinha sobre onde estava.

Juiz: Certo. Vou permitir a... a... pergunta feita.

Promotora: Quando diz “eles”, pode especificar quem perguntou?

Eu: Claro. O policial e o reitor estavam falando comigo e me perguntaram quem eu era e se podia dar um telefone para que entrassem em contato. Eles me disseram: “Temos motivos para pensar” que eu havia sido abusada sexualmente.

Defesa: Protesto. Peço a retirada dos autos. Circunstancial.

De repente, vi a palma da mão da defesa cobrindo com força o topo da minha cabeça, me segurando sob a água, dizendo: *Não saia daí.* Talvez ele tivesse percebido que aquela era a parte mais agonizante, e quisesse me calar antes que o júri ouvisse. Eu disse a mim mesma: Bata as pernas, você tem que bater as pernas com força.

Eu: Eu precisava ir ao banheiro... E eles disseram que eu teria que esperar porque talvez precisassem coletar uma amostra de urina. E foi então que eu... eu... aquilo me pareceu sério porque eu ainda não... Achei que eles estavam...

Defesa: Protesto. Circunstancial. Isso também é uma narrativa.

Promotora: Então, quando você indicou que queria usar o banheiro, pôde usá-lo?

Eu: No fim das contas, sim, mas primeiro negaram o pedido porque talvez precisassem coletar uma amostra de urina.

Defesa: Protesto. Peço retirada dos autos. Informação pessoal.

Juiz: Certo. Vou retirar tudo depois de “No fim das contas, sim”.

Informação pessoal? Tudo não é informação pessoal? Minha memória estava sendo acesa e apagada feito um interruptor de luz. Ela está errada, cale a boca, ande logo, pare de falar, certo, retirada, continua, narrativa, protesto. Eu não conseguia me orientar. As interrupções me pareciam golpes.

Promotora: Além de estar confusa sobre onde estava, o que mais deixou você confusa?

Perdi o controle, escancarando os braços, implorando: *Eu não sabia onde minha irmã estava. Não sabia onde eu estava. Não sabia sobre o que estavam falando. Não sabia de nada. Não ouvi nenhuma explicação. Então eles me contaram e eu pensei: “Pegaram a pessoa errada.” Achei que deviam ter se confundido. Pensei: “Só quero achar minha irmã e ir para casa.”* Deixei rolar, esvaziando os pulmões no microfone do tamanho de uma uva. Sons guturais escaparam da minha garganta, longos e altos. Não me controlei, não tomei um golinho de água, não enxuguei elegantemente os cantos dos olhos, não falei: *Estou bem.*

Apenas decidi, vocês vão esperar o tempo que for preciso. É isso, pessoal. Aqui está, vocês conseguiram.

Ninguém na sala sabia o que fazer com aquele choro descontrolado. Mas eu tinha finalmente chegado ao fim de uma resposta sem ser interrompida. Eu me sentia maníaca, era embriagante ver todos sendo forçados a engolir meu barulho de sirene. *Calma, controlada, centrada, forte*, porra nenhuma. Abandonei tudo aquilo, não tinha intenção de parar, havia perdido a voz baixinha que pedia que me controlasse, só conseguia pensar: Libere, libere, libere.

Ouvi a promotora pedir: *Meritíssimo, podemos fazer um intervalo, por favor?*

Eu sabia o que aquilo significava, o banheiro, meu lugar preferido, uma escapatória! Eu me levantei, uma casca frágil, e segui Myers pelo corredor, o choro escapando do peito. Uma onda de humilhação me dominou enquanto eu passava pelas fileiras com meus amigos e parentes, desejando que eles nunca tivessem visto aquilo. Enfiei o rosto na caverna das minhas mãos enquanto a defensora me levava para fora das portas de madeira escura.

Finalmente, meu refúgio tranquilo. Fui acalmada pelos azulejos cor de salmão, pelas privadas velhas. Agradei a presença de Myers, que ficou à porta, minha guardiã. Parte de mim queria sacar uma bandeirinha branca e jogar pela porta da sala de audiências. Eu me sentia fraca, esgotada. Meu rosto parecia ter sido esfregado com hera venenosa e vaselina, brilhante, sujo, manchado de vermelho. A pia de metal rangeu quando abri a torneia, segurando a toalha de papel marrom sob a água fria. Eu a esfreguei sob os olhos inchados, senti o cheiro da polpa terrosa. Limpei a boca, esvaziando a cabeça de muco, cuspiendo, assoando o nariz. Ao me olhar no espelho, uma breve risada escapou.

Percebi que era isso, o fundo do poço, eu estava no fundo do poço. Não podia piorar. Eu estava em um banheiro velho com papel higiênico fino no meio do julgamento sobre meu estupro. Minha dignidade tinha sido reduzida; meu controle, ido para o espaço. Tudo que eu temia que acontecesse estava acontecendo. Já não havia nada a fazer a não ser me arrastar de volta lentamente. Quando Myers abriu a porta, a bússola presente em meu corpo me conduziu mais uma vez para o banco de testemunhas.

Promotora: Certo, Chanel, pouco antes do intervalo, eu estava falando com você sobre acordar no hospital. Você se lembra?

Eu sempre me via dormindo na maca. Meu eu atual não queria acordar aquela moça e dizer o que havia acontecido. Eu me visualizava erguendo as mãos com curativos soltos, piscando e retribuindo o olhar. Quis me aproximar dela e dizer: *Bom dia, volte a dormir*. Eu retornaria a maca para a ambulância em silêncio, tudo rebobinaria depressa. Voltaria a dormir no veículo chacoalhante, seria posta de novo no chão pelos paramédicos. A mão de Brock deslizaria para fora de mim, a calcinha subiria por minhas pernas, o sutiã cobriria meu seio, meu cabelo ficaria arrumado, os galhos de pinheiro cairiam de volta no chão. Eu andaria de costas para a festa, ficaria de pé sozinha e minha irmã voltaria para me encontrar. Do lado de fora da casa, os suecos passariam de bicicleta e seguiriam para onde quer que estivessem indo. O mundo continuaria, mais uma noite de sábado.

Porém, por mais que eu desejasse aquela possibilidade, sempre haveria o problema não resolvido: Brock. Eu não estava mais nas mãos dele, mas, se ele não havia conseguido o que queria naquela festa, então conseguiria na seguinte. A sociedade gosta de reforçar esta ideia de que, embora abusos sejam prováveis de acontecer, reduzimos as chances de que aconteçam conosco caso nos vistamos com roupas comportadas. Só que isso nunca erradicaria o problema, apenas redirecionaria o agressor para outra vítima inocente, na qual descarregaria a violência. Eu não queria vê-lo nunca mais, mas preferia que ele me visse limpar o catarro na manga do que fosse solto. Uma pequena vitória.

Cheguei à parte em que minha calcinha havia sumido e outro órgão pareceu explodir em mim feito um balão d'água. Eu me surpreendi com a quantidade de água que meu rosto produziu. Descrevi que tinha recebido um cobertor e dormido. Temi que o fato de ter adormecido tão rapidamente naquela noite reduzisse o choque que eu sentira.

Promotora: Agora vou mostrar algumas fotos e perguntar se você as reconhece. Vou mostrar as provas quinze, dezesseis e dezessete... Chanel, quero que você dê uma olhada na prova número quinze. Me diga se reconhece essa foto.

Eu não sabia que havia fotos minhas de quando estava inconsciente no hospital. Sendo empurrados na minha direção estavam minha cabeça, meu cabelo castanho trançado com galhos de pinheiro avermelhados, em um cômodo que eu nunca tinha visto. Meu estômago se revirou. Sou eu, esta sou eu. Senti dores perfurantes no estômago, tire isto daqui.

Promotora: O quê... O que a prova número quinze mostra?

Eu: Meu cabelo.

Promotora: E, quando você foi ao banheiro e percebeu que [havia] galhos de pinheiro no seu cabelo... no seu cabelo, a prova número quinze mostra o que você descreveu para nós?

Eu estava hipnotizada, a mandíbula tremendo tanto que parecia que meus dentes iam cair. Que outras fotos eles tinham?

Promotora: Vou mostrar a você a prova número dezesseis. Pode me dizer se reconhece a prova número dezesseis?

Eu: Reconheço.

Promotora: E o que você... O que é?

Eu: Minha cabeça e meu cabelo.

Promotora: Você se lembra de estar nesta posição no hospital?

Eu: Não. Não sabia que tinham tirado fotos.

Promotora: Você já tinha visto estas fotos?

Eu: Não.

Promotora: Só para que o júri veja esta foto, Chanel, vou projetar as provas outra vez.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela se virou, andou até o projetor, a tela pendurada na parede esquerda. Encarei minha família, tentei olhar nos olhos deles para avisar: *Não olhem para isso, só olhem para mim, olhem para mim*, mas vi o olhar deles acompanharem a promotora, a cabeça deles se virando em uníssono, como se magnetizada pelos cliques do salto alto dela. *Esta é a prova número quinze. É você, Chanel?* Eu me virei para a esquerda e lá estava minha cabeça, um planeta marrom preenchendo a sala, presa a algum tipo de tábua.

Vi minha mãe cobrir a boca com as mãos. Quis sussurrar “mãe” no microfone, mas todos ouviriam. Olhei em volta, vi o olhar de todos fixos na

foto. Meus olhos ficaram quentes, a cabeça latejava, pensando: *Por favor, alguém tape os olhos dela.* Queria dizer: *Isso não sou eu, eu estou aqui, sentada na frente de vocês.* Cerrei os punhos, flexionei os pés, presa no banco, incapaz de impedir o que estava acontecendo.

Promotora: É você, Chanel?

É, respondi.

Quando a promotora voltou para o seu lugar, minha raiva havia sumido, as lágrimas, secado. Fiquei sentada, alheia, em uma resignação estranha e triste. A defesa podia ter gritado comigo e eu teria ficado muda. Brock podia ter jogado sua água em meu rosto e eu não teria me mexido. Achei que podia proteger minha família, tentara esconder os danos. Mas eu tinha falhado. Eu agora era apenas aquilo para todas as pessoas presentes, nada mais. As perguntas que seriam feitas depois não importariam. Não me preocupei com o resultado, com a necessidade de impressionar o júri. Não acreditei na rosa, não consegui conjurar Maya Angelou. Só conseguia pensar em *casa*, estava pronta para ir para casa.

Ela pediu que eu descrevesse o exame no Sart. *Invasivo*, respondi. Minha voz soou impassível enquanto falava de pernas abertas, agulhas de metal, cotonetes vermelhos enfileirados. O horror já não me assustava. Eu não tinha mais nada a esconder.

Ela me mostrou a foto que eu tinha visto na audiência, da minha calcinha na cena do crime. *Você se lembra de estar no local em que seu celular e sua calcinha estão: neste arbusto e nestes galhos de pinheiro?*

Eu: Não.

Promotora: Você foi com alguém para um local como este por vontade própria?

Eu: Não.

Defesa: Ela não lembra. Não pode testemunhar sobre...

Promotora: Meritíssimo...

Defesa: ... informações pessoais. Protesto.

Juiz: Negado.

Promotora: Obrigada.

Eu: Eu nunca iria querer ir para um lugar onde minha...

Juiz: A... Não há pergunta pendente. Então sigam para a próxima pergunta.

Terminei de responder em silêncio: *onde minha irmã não pudesse me encontrar*. Não importava o que eu dizia ou não podia dizer.

Promotora: Certo, e naquela noite, quando foi para Stanford, você tinha alguma intenção de encontrar alguém?

Senti uma faísca, um chute, um galho surgindo no rio, ao qual eu podia me agarrar.

Eu: Não.

Promotora: Você tinha alguma intenção de ficar com alguém?

Em minha cabeça, eu sempre volto. Quantas vezes já tentei visualizar o momento em que ele estava comigo no chão; sempre imagino meus olhos se arregalando, pegando fogo. Meu corpo ganhando vida sob o dele, se contorcendo, empurrando-o para longe de mim. Eu me arrastando para cima dele, me levantando, balançando os braços para trás e batendo no peito dele, meu joelho afundando na virilha dele feito um aríete, provocando um grito, um uivo, fazendo-o bufar. Eu me imagino inclinada sobre o rosto dele, usando o polegar e o indicador para abrir seus olhos, terra entrando nas pálpebras rosadas e úmidas sob as pupilas azuis, dizendo: Olhe para mim e me diga que *estou gostando*. Você acha que sou mole, achou que seria fácil. Eu enfiaria a mão no meio da cara dele, sangue escorreria pelo nariz, sujando meus pulsos. Eu me levantaria, daria um último pisão entre as pernas dele e me afastaria.

Promotora: Você tinha alguma intenção de beijar o acusado?

Olhei para Brock, seus olhos já fixos em mim. Eu o encarei de volta. O negócio é que as vítimas sempre acordam. Talvez você tenha achado que eu jamais conseguiria chegar até ali. Talvez tenha achado: *Ela não lembra*, mas nunca vou deixar você esquecer.

Promotora: Você demonstrou algum interesse por ele?

Quis subir no banco com um pincel enorme e pintar **NÃO** na parede dos fundos da sala de audiências em longas pinceladas vermelhas, cada letra com seis metros de altura. Eu queria desenrolar uma faixa do teto, liberando balões vermelhos. Queria ver todos levantando a blusa, mostrando **N-Ã-O** pintados em suas barrigas peludas, **NÃONÃONÃONÃONÃO**, fazendo uma onda. Queria pedir: *Pergunte de novo*. Pergunte um milhão de vezes e

essa sempre vai ser minha resposta. *Não* é o início e o fim desta história. Posso não saber a quantos metros da casa fiz xixi ou o que comi mais cedo naquele dia de janeiro. Mas sempre vou saber essa resposta. Eu estava finalmente respondendo à pergunta que ele nunca se dera o trabalho de fazer.

Eu: Não.

Promotora: Sem mais perguntas.

Juiz: Certo. Vamos fazer um recesso.

Senti a onda de adrenalina ser lavada, exausta até os ossos. Estava na hora da defesa, mas eu não queria falar. Precisava de ar fresco, me sentar embaixo de uma árvore, sair daquele prédio. A promotora me informou que já eram quatro horas, o tempo havia acabado. Um milagre. Eu podia ir embora, voltaríamos na segunda-feira. Juntei o bolinho de lenços no banco, saí correndo pela porta, devolvi a bolinha de borracha à defensora, dei um abraço nela. *Bom fim de semana, vejo você na segunda.*

Fiquei parada sozinha no estacionamento na companhia de um policial jovem, ainda abalada. Onde estavam Lucas, Tiffany? O tempo estava nublado, tudo cinza, sem sombras. Não me esforcei para bater papo, me sentia agitada e também leve, cansada demais para demonstrar educação. Meu celular apitou. *Estamos esperando você no tribunal, na pizzaria.* Eu me despedi do policial e me afastei. Ele insistiu em me escoltar, andando depressa para me acompanhar. Perguntou como eu estava. Falei que estava nervosa com a segunda-feira, com o advogado de defesa. Ele disse: *Não se preocupe com ele, o cara é um babaca.* A sinceridade dele me surpreendeu. Eu tinha me acostumado à formalidade de todos. Quando me viu rir, ele também sorriu. *Você vai vencer o cara, afirmou. Vai ficar bem.*

Eu me virei para a porta, vi Lucas e Tiffany de suéteres de gola redonda, uma pizza quente entre os dois, sorrindo. *Você está viva!* Apoiei a cabeça na mesa, a bochecha pressionando a madeira fria. Os braços dele me envolveram, alívio. Minha irmã esfregava minhas costas, afastando o cabelo do meu rosto. Eu estava morrendo de fome, comecei a enfiar na boca uma fatia de pizza atrás da outra. Fechei os olhos, senti o queijo derretido, os pedaços de azeitona e cebola. Goles gelados de Coca-Cola, porções

crocantes da borda da pizza. Lucas me surpreendeu com um saco de balas de gelatina, fez uma delas dançar e me deu um beijo na bochecha. Eu estava segura, ficando sonolenta. Eles haviam criado um lugar caloroso para que eu pudesse desabar sem ter que pedir ou explicar nada. Senti que eu estava dissolvendo, o mundo voltando a ser um lugar gentil.

Quando anoiteceu, minha mãe insistiu em acender os fogos de artifício que tinham sobrado do Ano-Novo chinês. Falei que estava cansada demais, sem vontade. Mas ela insistiu que devíamos acendê-los naquela noite, como se fossem bananas prestes a apodrecer. O céu estava escuro. As velinhas foram acesas, fluxos de luz cintilante. Meu pai segurou uma em cada mão, de pé no trampolim da piscina, e balançou os braços, um maestro descontrolado. Lucas perseguiu minha mãe, que corria de chinelo em volta da piscina, lançando feitiços sem sentido nas plantas, as florezinhas amarelas, as torres ovais de cacto. Eu corria pela casa para pegar Tiffany, pedindo que ela saísse porque nossos pais tinham enlouquecido. Minha mãe me deu a última velinha. Eu estava assistindo à luz faiscante craquelar e cuspir, descendo pela vareta. Quando o último brilho se apagou, minha mãe disse: *Ao novo ano, novos começos, a todos nós saudáveis, todos nós felizes, todos nós juntos, que o futuro seja ótimo!* Uma pequena oração, uma cerimônia de ano-novo em março, cinco luzes brilhantes em uma noite sem lua.



Lucas voltou para a faculdade. Passei o fim de semana me distraindo com tarefas banais, mas havia algo que eu não conseguia esquecer. Eu ficara envergonhada no avião, ao acordar e perceber que tinha dormido de boca aberta. Demorei a perceber quantos homens tinham me visto nua naquela noite. contei: Peter (1), que perseguira Brock (2), Carl (3), que se agachara ao meu lado. Caras da fraternidade (4, 5, 6, 7), que haviam chamado a polícia. Um homem (8) que fora visto parado, lançando a luz de uma lanterna sobre meu corpo, antes de fugir da cena do crime. O policial Taylor (9) foi enviado ao local, um cara (10) o levou até mim. Depois tinham vindo

o delegado assistente Braden Shaw (11) e seu parceiro Eric Adams (12). Seguidos pelo paramédico Shaohsuan Steven Fanchiang (13) e seu parceiro Adam King (14), que beliscara a ponta dos meus dedos até eu abrir os olhos por um instante, respondendo à dor, antes de desmaiar de novo. Durante todo esse tempo, eu havia ficado ali deitada, o mamilo esquerdo exposto, a bunda nua, a pele da barriga enrugada, enquanto sapatos encerados pisavam nas folhas ao meu redor. Os policiais se agachavam, fazendo anotações, *glúteos totalmente visíveis, seio esquerdo exposto, roupas bagunçadas em posições variadas, região do sutiã uma grande bagunça*. Fui fotografada no chão. Aquelas fotos, junto com as do hospital, foram exibidas pelo projetor para que todos na sala de audiências vissem. Naquele momento, eu perdi a conta.

Eu estava morrendo de medo do interrogatório de segunda-feira. Me lembrei de uma noite na faculdade em que meu amigo bêbado arrastou um bloco de concreto por todo o caminho até em casa. Quando perguntamos por quê, ele respondeu: *Porque eu precisava de alguma coisa para segurar a porta!* Nós rimos porque não fazia sentido, mas, no mundo dele, naquele momento, a ideia parecia perfeita. Imaginei como apresentaria aquilo para o tribunal. *Bom, você não acha um bloco de concreto pouco razoável? Por que não escolheu algo mais leve? Ou não comprou um peso de porta de verdade pequeno e de borracha? Onde aproximadamente estava o bloco quando você o encontrou? Você o roubou? Quão bêbado estava quando o encontrou? Você dormiu com a porta aberta ou fechada? Para que queria deixá-la aberta?*

Vi *Grease* — Nos tempos da brilhantina pela primeira vez aos nove anos. Adorei Sandy, com saia pêssogo e rabo de cavalo sedoso. O filme inteiro seguiu tranquilamente até a cena final. De repente, aquela mulher de calça de couro preta e sombra roxa surgiu e entrei em pânico, pensando: *Onde Sandy foi parar? Ela está bem? Deve ter ido para outra escola. Será que ela sabe que John Travolta a está traindo com essa mulher de cabelo comprido que masca tabaco? Por que ninguém mais está preocupado?* Fiquei observando o grupo de amigos correr pelo parque de diversões sem ver Sandy em lugar nenhum e fiquei arrasada. É por isso que, por muitos anos da minha infância, odiei esse filme.

Levei anos para perceber que estava vendo dois lados da mesma pessoa. Na época, aquilo me pareceu inconcebível. O visual e a atitude de cada uma

das versões não tinham nada de parecido; como devíamos diferenciar uma da outra? Como tênis brancos de cadarço se tornavam sapatos de salto que apagavam guimbas de cigarro? A defesa também criaria uma nova persona; a versão que ela mostraria ao júri seria uma pessoa que eu nunca tinha visto.

SEGUNDA-FEIRA, SEGUNDA SEMANA

Todos estavam de volta aos seus lugares, como se nunca tivéssemos saído dali. Antes que o depoimento começasse, a promotora me fez ficar de pé, com minha nova blusa azul e uma canetinha vermelha na mão, diante do tribunal, um grande pedaço de papel atrás de mim. Tive vontade de desenhar, quis que os jurados gritassem objetos e animais para que eu pudesse trazê-los à vida diante deles, para oferecer uma imagem do meu eu verdadeiro antes de voltar a ser Emily.

A folha de papel exibia uma linha do tempo que parecia uma espinha vertical, marcada por anotações em verde e azul, de pessoas que haviam deposto antes de mim. A promotora pediu que eu escrevesse o horário em que havia tentado ligar para Julia e Tiffany. Hesitei, relutei em dar as costas para todos enquanto escrevia. Então recuei, encostei o ombro no papel e curvei o punho de um jeito estranho para marcar a folha com os horários que lembrava por causa do registro de ligações. Meus números vermelhos saíram tortos, espremidos entre outros horários. Ela não tinha mais perguntas. Eu me sentei.

O advogado de defesa se levantou sem tirar os olhos do bloco de anotações. Era um homem compacto, rígido. Ele não me cumprimentou, não deu bom-dia, não sorriu. *Chanel, com relação ao depoimento que você deu hoje de manhã sobre as fotos e... e o que você viu no seu celular no dia seguinte, você não só não se lembra de nenhuma conversa, como também não se lembra de fazer aquelas ligações, certo?*

Senti um arrepio, os horários escritos com canetinha vermelha varridos com apenas um golpe. Ele encarava o bloco de anotações como se fosse meu currículo e aquilo fosse uma entrevista, se perguntando por que eu achava que tinha qualificações suficientes para aparecer ali.

Você tem ideia de que horas eram na sua última lembrança na casa da Kappa Alpha, quando estava no pátio com sua irmã?

Declarei um horário.

Mas você não tem como saber que horas eram. Isso é uma estimativa, não é?

Eu já sentia que sabia menos do que imaginava.

Certo, você declarou... No início do seu depoimento na sexta-feira, você declarou sua altura e seu peso. Os valores que você nos deu eram sua altura e seu peso em 17 de janeiro de 2015?

Minha mente ficou em branco. Eu não sabia meu peso em 17 de janeiro.

Em um momento do seu depoimento, quando falou do plano de ir para a casa da fraternidade, você disse que ia com sua irmã, mas que se sentia mais mãe dela do que irmã. O que... O que quer dizer com isso?

Será que tinha sido um erro dizer aquilo? O advogado soava irritado, como se tivesse centenas de pessoas na fila esperando que eu falasse com ele. Perguntou se eu havia sido deixada naquela noite no estacionamento do Tresidder Memorial Union. Eu nunca tinha ouvido aquele nome, só pensava no local com uma área asfaltada.

Foi no estacionamento próximo à livraria de Stanford, respondi.

Atrás da livraria ou em frente a ela?

Mas a resposta não era nenhuma das opções: era o estacionamento ao lado da livraria, que ficava no centro do campus. Como eu podia explicar aquilo? Ele me perguntou qual era o prédio mais próximo de onde eu havia sido deixada. Mas eu não sabia o nome dos prédios próximos ao campus.

Defesa: Você também disse que, logo depois de chegar à casa da Kappa Alpha, fingiu receber as pessoas, cantando e envergonhando sua irmã. Foi o que você decidiu fazer naquela hora, certo? Aquilo foi intencional.

Eu: Foi intencional receber as pessoas ou bancar a boba?

Defesa: Bancar a boca.

Eu: Foi.

Isso era ruim? Ser boba era ruim?

Defesa: Certo. E foi a mesma coisa quando você bebeu toda a vodca do copo vermelho. Você tomou tudo de uma vez, correto? Você virou o copo.

Eu: Virei.

Defesa: Certo. E foi uma decisão sua, certo?

Baixei os olhos, consciente de que tinha sido uma decisão ruim.

Defesa: E você saía muito na faculdade, não saía?

Ele leu as anotações como se fosse uma acusação, não uma pergunta.

Eu: Eu saía bastante. Mas não me consideraria festeira.

Defesa: Bom, mas você disse à polícia quando deu seu depoimento que tinha uma vida universitária agitada, certo?

Que polícia? Ao detetive Kim? Eu tinha falado aquilo?

Eu: Claro, eu...

Defesa: Certo.

Eu: Sou uma pessoa sociável.

Defesa: E sempre...

Eu estava sendo atropelada. A promotora interveio.

Promotora: Meritíssimo, eu gostaria de pedir que eles não se interrompessem...

Juiz: É verdade.

Promotora: ... e que ele permitisse que ela desse uma resposta completa.

Juiz: Vamos... Vamos fazer uma coisa de cada vez. Próxima pergunta.

★

Defesa: Certo. E você já apagou outras vezes, certo?

Eu me perguntei aonde ele estava me levando.

Defesa: E, quando apagou outras vezes, costumava acontecer no fim da noite, certo?

Eu: Ou trechos da noite de que não me lembrava...

Defesa: E...

Eu: ... não necessariamente no fim.

Era um jogo de velocidade, as pedras desaparecendo sob meus pés. Eu não conseguia correr tão rápido quanto ele, mas estava determinada a acompanhá-lo.

Defesa: Bom, quando você deu seu depoimento à polícia, disse ao detetive... ou à guarda DeVlugt que normalmente era no fim da noite que apagava, certo?

O nome DeVlugt não me trazia nenhuma lembrança... Era a policial de cabelo comprido? Vi as sobrancelhas dele se erguerem, escutei-o bufar alto,

irritado quando eu demorava demais.

Eu: Certo. É. Mas então eu me lembrava de outras partes.

Defesa: Certo. Naquele mesmo intervalo de tempo, você se lembra de ter ouvido seu celular tocar, como se alguém estivesse tentando entrar em contato com você?

Eu: Acho que o deixei no silencioso porque não gosto do barulho que faz quando tiro fotos e eu estava tirando fotos.

Defesa: Você se lembra especificamente de silenciar o celular naquela noite?

Eu: Eu silencie meu celular com frequência. É muito fácil fazer isso, já que é só passar o dedo na tela.

Defesa: Eu sei, mas não é a resposta que preciso para essa pergunta.

Ele baixou o bloco de anotações, os braços agora flexionados na altura do quadril. O advogado inclinou a cabeça, com uma expressão perplexa. Eu havia feito algo errado. Tudo em mim demonstrava surpresa, meu corpo tenso como se observasse uma cobra começando a armar o bote. Ele estava claramente irritado. Ainda estávamos falando do celular?

Defesa: A pergunta é: naquela noite, você se lembra especificamente de ter feito isso, de tê-lo silenciado?

Eu: Estou dizendo que sempre silencie o celular, especialmente quando estou tirando fotos.

Ele baixou os braços, balançou a cabeça, e começou a folhear rapidamente suas anotações.

Defesa: Está bem. Você se lembra de testemunhar na audiência preliminar deste caso em outubro? A seguinte pergunta foi feita... Promotora, isto está na página cinquenta, linhas dez a vinte e um. A seguinte pergunta foi feita: “Naquela noite, enquanto você estava na festa com seu celular, o aparelho estava programado para que, quando tocasse, você ouvisse. O toque era claro, certo?” Resposta: “Acho que estava para tocar. Às vezes eu desligo porque, quando estou tirando várias fotos, não gosto do som que ele faz. Então eu coloco no silencioso. Acho que estava no automático. E o volume estava alto.” Foi isso que você disse na época, isso está certo?

Derrotada pelas minhas palavras. Humilhação. Eu não havia estudado o suficiente. Tinha falhado ao antecipar o jeito como ele me transformaria em minha própria inimiga. O modo como ele podia dar um passo para trás e dizer: Não estou acusando você, só estou repetindo o que você disse antes.

De repente, eu estava olhando para mim e pensando em como poderia argumentar comigo mesma.

A promotora se levantou para contra-argumentar.

Promotora: Acabaram de lhe perguntar, Chanel, sobre a audiência preliminar e seu celular. Você se lembra disso?

Eu: Lembro.

Promotora: Meu colega deixou de fora a última parte da frase. Você também disse: “Mas também é possível que eu o tenha silenciado”?

Eu: Disse.

Ela o pegara. Ele tinha propositalmente parado de ler o trecho antes, havia cortado a citação. Ela começou a me incentivar a sair da armadilha em que ele me forçara a entrar. Ela me perguntou se os apagões anteriores tinham sido diferentes do que acontecera no dia 15 de janeiro. Falei que, quando eu apagava antes, *nunca havia aparecido seminua ao ar livre*. Quis fazer uma reverência para ela. Ela me deu mais chances de esclarecer:

Promotora: Quando voltou a morar na casa dos seus pais, como descreveria quanto você bebia?

Defesa: Protesto. Relevância.

Juiz: Mantido.

Promotora: Sua tolerância mudou por causa da faculdade... por causa da experiência que ganhou na faculdade?

Eu: Mudou.

Defesa: Protesto. Relevância.

Juiz: Negado.

Promotora: Mudou como?

Ela estava tentando me dar a chance de falar que, na época do estupro, minha tolerância ao álcool havia baixado muito desde a época da faculdade, enquanto ele tentava desconsiderar as perguntas dela. Eu estava tentando contar a mesma história a partir de dois filtros diferentes; pelas perguntas da promotora e pelas perguntas da defesa. As perguntas deles criavam a narrativa, construindo a estrutura que moldava o que eu havia dito.

Quando era interrogada pela promotora, eu me sentia eviscerada, forçada a encarar minhas lembranças dolorosas, a revivê-las para que o júri pudesse

vê-las. Ser questionada pela defesa era asfixiante. Ele não queria abrir o território emocional que ela procurava; ele queria sufocá-lo, desconsiderar minha experiência, me encaixar em estereótipos de apagões e festas, fazer perguntas técnicas que amarravam meus cadarços uns aos outros e me faziam tropeçar quando ele me forçava a correr.

Outra coisa estava acontecendo, que reconheci da audiência: a frequência da expressão *certo?*. Ele inseria respostas nas perguntas, em vez de deixá-las abertas: *Certo? Não está certo? Correto? Certo?* Para um observador, podia parecer que ele estava apenas verificando os fatos. Mas muitos não estavam certos. Aquilo me deixava preocupada, discordando repetidamente dele na frente dos jurados. Será que eles não acreditariam no homem de terno que parecia ter tudo organizado em vez de na moça com a lembrança falha? Quem era eu para dizer: *Espere um pouco, na verdade...* Senti o tempo todo que ele estava me puxando pela mão em uma direção e eu, travando os pés no chão, tentava resistir.

Quando me perguntou quantas vezes eu havia apagado depois de beber, eu dissera quatro ou cinco. Detectei uma mudança repentina na sala, cabeças se inclinando para baixo para anotar aquela informação extraordinária, uma pausa enquanto canetas escreviam à minha volta. Droga, pensei. Imediatamente eu soube que, naquela noite, leria aquele fato nos jornais. Eu me perguntei se, ao pedir que eu fosse sincera, a promotora havia dito para eu ser sincera àquele ponto. Se devia ter dito duas ou três. Eles nunca saberiam. Mas não teria me parecido correto, porque não importava quantas vezes eu já tinha apagado. Aquele apagão continuava sendo diferente. Eu não estava ali para mentir sobre quem eu era nem para pedir desculpas pelo meu passado. Ainda assim, me dei uma bronca, a falha em meu caráter afundando ainda mais toda a minha equipe.

A última pergunta que a defesa me fez, de rosto fechado e voz direta, foi: *E seu jantar foi arroz com brócolis?* Eu o encarei, esperando a piada, mas não detectei nenhum tom engraçado.

O fim foi abrupto. Quando fui dispensada, fiquei sentada por um instante, como se tivessem me girado e depois pedido que eu andasse em linha reta.

Saí correndo do tribunal, desci a escada e me tranquei no carro, antes de reclinar o banco até ficar deitada, reta.

Eu deveria estar sentindo uma onda de alívio, mas só senti incômodo. Não sabia se tinha ido bem ou acabado com minha credibilidade. Em um cenário em que cada palavra era proposital, por que ele terminara com brócolis e arroz? Depois que saí, percebi que meu pai havia feito quinoa, não arroz, e a quinoa pode ter diminuído minha tolerância ao álcool. Escrevi uma mensagem para a promotora para esclarecer que era *quinoa, não arroz, será que ela podia avisar a eles*, mas hesitei, sabendo que ela já estava ocupada fazendo perguntas para a testemunha seguinte. Eu havia perdido minha chance. E qual era a importância do toque do celular? Nunca vou me esquecer do modo como o advogado olhou para mim, como se eu tivesse insultado a mãe dele. Por que tanta raiva? Era melhor ter tocado ou estar no silencioso? Qual opção ganharia o caso? Quinoa ou arroz? A frente ou os fundos da livraria? Três apagões ou cinco? Tínhamos desviado dos momentos mais pesados e nos fixado nos mínimos detalhes, muitos dos quais eu parecia ter esquecido. A defesa tivera meses para formular perguntas que eu só tivera segundos para responder.

Fechei os olhos e me lembrei de outra coisa que ele tinha dito: *Não é a resposta que preciso para essa pergunta*. Eu me senti ingênua ao perceber que ele não estava interessado nas minhas respostas. Ele já sabia as respostas que queria; só precisava que eu as dissesse. Também ouvi um padrão subjacente: *Foi o que você decidiu fazer naquela hora, certo? Aquilo foi intencional. E foi uma decisão sua*. Ele sujou minha noite com intenções e decisões ruins, sugerindo que tinham tudo a ver com o fim que levou. Se eu havia decidido ir à festa, me embebedado de propósito, será que era tão difícil acreditar que tinha a intenção de ficar com alguém, ser vítima de uma mão boba? Bati depressa na testa com a palma da mão, dizendo: *Idiota, idiota, idiota*.

Meu depoimento acabara, mas estava na hora de me preparar e ser forte. Dali a algumas horas, Tiffany ia testemunhar. Quando pus as mãos no volante, eu os vi outra vez: cortes em forma de parênteses escarlate. Parecia que um xarope para tosse vermelho havia derramado sob minha pele. Não importava quão controlada eu parecesse, meu estresse tinha encontrado uma

saída, punhos cerrados no banco de testemunhas, unhas se beliscando feito caranguejos lutando até a morte, embora eu não tivesse sentido nada.

Em casa, havia um bilhete do meu pai no balcão: *Meninas, estarei pensando em vocês hoje. Lembrem-se: a verdade vai libertar vocês. Tem macarrão com queijo, salmão e canja para o coração. Sejam fortes!* Uma caçarola de vidro de macarrão com queijo tinha esfriado por ter ficado fora do forno. Peguei uma porção com uma colher de metal.

Tiffany estava no quarto dela se arrumando. Pôs uma blusa vermelha, trocou por uma preta, voltou para a vermelha, suou até manchar a roupa, depois ergueu os braços para que eu usasse o secador nas áreas escuras. Eu me ocupei ajudando minha irmã... Se ficasse parada pensando por tempo demais, não a deixaria voltar para aquele lugar.

Mais cedo naquele mesmo dia, antes de sair do tribunal, eu tinha visto um homem asiático de calça social e bolsa-carteiro parado no corredor. Eu ficara sabendo que um especialista em DNA testemunharia e me perguntei se era ele. Depois ficaria sabendo que o nome dele era Craig Lee, biólogo forense, e que foi acompanhado por Shaohsuan Steven Fanchiang, o paramédico, e Alice King, a perita, que testemunharam a meu favor enquanto eu estava em casa, garantindo que Tiffany e eu nos alimentássemos e ficássemos prontas. Enquanto eu tomava conta dela, eles estavam lutando por nós duas.

Tiffany nos levou de carro de volta ao tribunal. Perguntei como ela estava, mas minha irmã tinha se distraído com uma lagarta colada no para-brisa, seus pelinhos brancos voando ao vento. Ela disse que precisávamos salvá-la. Falei que íamos nos atrasar, mas, quando vi, ela estava parando em um estacionamento, desligando o motor. Soltei o cinto de segurança, vasculhei o espaço entre os bancos e achei um recibo amassado. Saí do carro e fui enfiando delicadamente o papel sob as patinhas minúsculas do inseto, antes de colocá-lo na grama. Quando voltei ao carro, Tiffany me perguntou se eu a vira se arrastar para longe, para termos certeza de que estava viva. Saí de novo, confirmei que estava se mexendo. Só então pude voltar ao carro.

Minha irmã tinha duas amigas, Elizabeth e Anusha, na sala de espera. Fiquei feliz pelo modo como elas haviam deixado um pouco mais familiar aquele lugar estranho. A personalidade que chorara apenas algumas horas

antes já havia se transformado em uma pessoa diferente, animada e tranquilizadora. Quando chegou a hora, mandei minha defensora acompanhá-la.

Eu não era mais necessária. Naquele momento, eu deveria estar indo para casa. Mas eu não queria ir embora ainda. Desci o corredor que levava à sala de audiências. Será que alguém ia me ver e me acusar de tentar ouvir? Espiei pela janelinha da porta.

Quando eu tinha dez anos, e minha irmã, oito, estávamos na China e tínhamos ido a uma piscina coberta, enorme e vazia, com paredes de vidro feito uma estufa, a água se estendendo tanto a ponto de criar o próprio horizonte. O vidro estava embaçado por causa do calor e do tom amarelado. Era uma manhã de dia de semana e apenas uma mulher mais velha cortava a superfície da água, indo e vindo pela piscina. Meu pai me deu uma chave de cobre que destrancava um vestiário privativo, localizado no fim da piscina, depois logo adormeceu em uma espreguiçadeira perto da entrada.

Nós destrancamos o vestiário e corremos descalças pelos bancos, tudo aquilo nosso. Uma porta na parede dos fundos levava a um pequeno chuveiro. O box do chuveiro se fechou e nós começamos a pegar xampu e moldar o cabelo em moicanos. Minha irmã quis voltar para a piscina, mas não conseguia abrir a porta. Com certeza ela não estava fazendo aquilo direito, por isso fui até lá e sacudi a maçaneta até perceber que estávamos presas. Ela ficou parada, de maiô metálico colorido, óculos de natação grudados na testa, cotovelos apoiados na barriguinha, as mãos segurando o rosto, me olhando, esperançosa. Expliquei que estava um pouco emperrada e só precisávamos esperar nosso pai chegar. Ficamos sentadas em silêncio embaixo do chuveiro. Voltei a colocar xampu na cabeça, mas a brincadeira perdera a graça. A água logo ficou fria. Eu não sabia dizer “socorro” em chinês. *Quando contar até três, grite OLÁ, está bem?*, pedi. Antes de eu chegar ao três, ela estava gritando como eu nunca tinha ouvido. O que mais me assustou foi o silêncio que se seguiu aos berros — nenhum passo, ninguém sacudindo a maçaneta.

Sempre que minha irmã está chorando, eu estou pensando. Subi na pia para olhar para fora. Não havia nada além da rodovia. Imaginei nossas pernas

nuas correndo por uma estrada, ao lado de um rio de caminhões. Depois notei as entradas da ventilação na base da porta de madeira. Empurrei a primeira ripa com a palma da mão até ela estalar como um osso frágil. Quebrei a segunda. Quebrei a terceira, os pedaços cheios de farpa caídos, derrotados em torno dos meus joelhos. Com as mãos machucadas, olhei para trás para conferir se minha irmã podia me ajudar, mas ela continuava tapando os olhos. Descansei por um instante, depois quebrei as seis ripas até só restar uma moldura de madeira com pregos aparentes de ambos os lados, parecidos com dentes. Dobrei todos os pregos, curvando-os para longe de mim. Encolhi a barriga, enfiei com cuidado os braços e a cabeça na abertura. As pontas dos pregos arranharam a pele sobre minhas costelas. Eu estava livre, mas a tranca continuava quebrada. Estiquei o pescoço para olhar para ela pelo buraco e disse: *Fique aqui e conte até cem. Quando você acabar, estarei de volta.* Corri por toda a piscina e acordei meu pai. Assim que ele abriu os olhos, comecei a chorar, gritando o nome da minha irmã.

Meu pai chamou um homem para consertar a maçaneta enquanto minha irmã chorava sozinha do outro lado da porta. O cara disse que ela emperrava às vezes. Fiquei furiosa, não está vendo que minha irmã está presa? Quando a porta se abriu e ela correu para o meu pai, olhei para a pequena pilha de madeira quebrada e pensei: *Eu tirei a gente dali. Sempre vou dar um jeito.*

Eu estava parada no corredor ladrilhado, de casaco preto, olhando pela janela fina e vertical da porta da sala de audiências. Estava vendo minha irmã sentada ali, bem na frente da sala, sua cabeça do tamanho de uma ervilha diante do microfone, a boca se movendo. Eu queria estender a mão acima dela, feito uma garra em uma máquina, e tirá-la com cuidado dali, levá-la comigo, para que deixássemos tudo aquilo para trás. Meus olhos queimavam enquanto eu a observava presa do outro lado da porta.

Encontrei Athena em uma padaria enquanto esperava Tiffany terminar o depoimento. Ficamos comendo *homentasch* de damasco na chuva. Perto das cinco da tarde, voltamos para o tribunal, esperando que ela saísse a qualquer segundo. Havia uma repórter solitária do lado de fora. Os jornais não podiam falar comigo, mas o olhar dela se fixou em nós duas e nos acompanhou. O modo como ela inclinava o celular me deixou paranoica,

com medo de estar tirando fotos. Aquilo me deixou nervosa, por isso entramos e passamos pela revista quando a porta do elevador se abriu, e Brock apareceu, as mãos no bolso, seguido por toda a sua família e seu advogado. Imaginei que fossem parar, recuar, que se formasse uma fronteira invisível que não pudessem atravessar. Mas eles olharam para mim e continuaram andando, sem que eu tivesse tempo de me mexer. Simplesmente fiquei parada, de costas, enquanto passavam por mim como se eu não fosse ninguém. Quando olhei para mim mesma pelos olhares deles, encolhi cem vezes, nada além de uma vítima de cabeça vazia, a mancha podre na vida dele. De repente, minha defensora apareceu e disse que Tiffany já estava esperando no carro.

Ficamos sentadas no carro estacionado, enquanto as janelas embaçavam. Tiffany disse que iríamos embora quando a chuva diminuísse. Eu sabia o que ela queria dizer com aquilo, que precisava ficar sentada, sem pensar em nada por um instante. Fiquei sabendo que o tempo havia acabado, portanto ela teria que voltar na manhã seguinte. Eu queria perguntar como tinha sido, que ela me contasse tudo, mas estava paranoica com a possibilidade de ser acusada de compartilhar informações. Mesmo em um carro trancado, isolado pelo rugido da chuva, o medo de estar sendo observada, de fazer algo errado, sempre acabava com a conversa.

Naquela noite, assistimos a um filme com Tom Hanks para nos distrair. O celular dela tocou, interrompendo o silêncio. Era a promotora, e minha irmã saiu para o corredor. Quando voltou, seus olhos estavam úmidos. Ela se sentou no sofá e encarou a tela. *Eu estraguei tudo*, disse ela. *Isso é impossível*, respondi. *Estraguei, sim*, insistiu ela. Não adiantou tentar reconfortá-la, pois ela insistia que eu não entendia, que não estava lá. Odiei não poder saber o que estava acontecendo. Depois eu ficaria sabendo que minha irmã tinha afirmado que, ao me deixar sozinha por um tempo naquela noite, ela havia pensado que eu ia ficar bem. A defesa estava usando aquilo para argumentar que, quando me encontrara, Brock não tivera motivo nenhum para pensar que eu não estava bem. Se pudessem provar que ele realmente acreditava que eu estava coerente o bastante para consentir, eles ganhariam o caso. *Eu quis dizer que achei que você ia ficar bem*, disse ela. Eu sabia o que ela queria

dizer: que não achava que a irmã mais velha ia ser estuprada. Alaleh havia ligado para dizer que ela precisava esclarecer isso e se manter firme, porque a defesa atacaria esse ponto no dia seguinte.

Eu estava pronta para pegar minhas chaves e sair de casa. Queria ir até a casa do advogado de defesa, subir correndo pela escada acarpetada e sacudi-lo até que acordasse em seu pijama estúpido, os óculos na mesa de cabeceira. Eu arrancaria os cobertores quadriculados de cima dele, revelando suas pernas brancas peludas e suas meias três quartos. Perguntaria se ele sabia como estava deixando minha irmã chateada, será que ele não podia descobrir a porra de um jeito de fazer aquilo de maneira decente, manter aquilo entre mim e Brock, olhar para as provas rabiscadas no quadro, a taxa de álcool em meu sangue, o recado no celular, o que mais você quer, quer destruir minha irmã no processo, porque eu vou acabar com você. De alguma forma, aquilo havia se tornado culpa de todos nós, mas não dele.

Fiquei ali sentada, vendo minha irmã desabar diante de mim, a agonia dela ao tentar carregar tudo nas costas e, por fim, entendi. Ele sabia que parte de nós sentia culpa, as vozes insistentes que nos diziam que havíamos cometido um erro. *Não foi você que foi embora? Quem disse que ela estava bem?* Ele tinha encontrado aquilo, se agarrado a esse fato, o valorizado, ampliado até a culpa nos consumir. Até sermos tão dominadas pela responsabilidade, estarmos tão cegas de dor que perderíamos a capacidade de ver.

Estava acontecendo com ela e comigo, nós duas engolindo realidades distorcidas, nossas palavras sendo desvirtuadas até ficarmos em dúvida, sermos desacreditadas, dispensarmos a nós mesmas como falhas e imperfeitas. Havíamos batido com a cabeça na parede por vontade própria, confusas, pedindo desculpas, sem saber que direito tínhamos de falar. Eu descobrira o segredo do jogo: aquilo não era uma questão de justiça, mas um teste de resistência. O erro do advogado tinha sido perseguir uma pessoa por quem eu iria até o fim do mundo. Pois bem, se só eu estivesse sendo atacada, talvez pudesse ter desistido, recuado para dentro das minhas dúvidas. Mas ela? Ele havia me perguntado, mais cedo, o que eu quis dizer ao falar que era mais mãe do que irmã dela. Quis dizer: *Não sei, me diga você.* O que acontece

quando uma pessoa fica entre uma mãe urso e o filhote, você já ouviu falar da destruição, dos rostos arrancados?

Analisei minhas anotações e meus incentivos meticulosamente datilografados, joguei-os na gaveta e criei um novo mantra: *Foda-se o arroz frito*. Foda-se o que você tomou, como tomou, quando tomou, com quem, foda-se se dancei na mesa, foda-se se dancei na cadeira. Você quer a verdade, somente a verdade, nada além da verdade? Toda a sua resposta estava sentada com os ombros curvados, a cabeça baixa, o cabelo perfeitamente cortado. Quer saber por que toda a droga da minha família está sofrendo, por que perdi o emprego, por que tenho um valor de quatro dígitos na conta, por que minha irmã está faltando aula? Porque em uma noite fria de janeiro, eu saí de uma casa e aquele cara, aquele cara ali, *decidiu* que sim ou não, estivesse eu me mexendo ou imóvel, ele queria transar com alguém, *estava a fim* de transar com alguém, e aquilo aconteceu comigo.

Aquilo não me tornava deficiente. Não me tornava inadequada. Mas me deixava com raiva. Minha irmã me fez ver o que eu precisava ver. A dor, quando examinada de perto, se tornava compreensão. Eu sabia agora o que o advogado tinha decidido fazer e não ia deixar isso acontecer. Ele achava que podia nos destruir, mas, daquele dia em diante, eu ia começar a construir.

8.

O julgamento continuaria pelo resto da semana, embora eu não pudesse entrar no tribunal. Estava vivendo em meu estranho universo paralelo: ficava fazendo coisas inúteis em casa durante o dia e, à noite, conferia a cobertura dos jornais locais. Na terça-feira, Tiffany terminou o depoimento e perguntei à promotora quem viria em seguida. *Um especialista em apagões*, respondeu ela. Esperei um instante, achando que ela ia dizer que estava brincando. Minha vontade era falar: *Eu sou a especialista em apagões aqui, não sou?* A especialista, a dra. Fromme, tinha recebido 10 mil dólares do lado de Brock para testemunhar. Ela afirmou que eu poderia ter estado pronta, disposta e capaz de consentir, mesmo que não lembrasse.

Na quarta-feira, dia do depoimento de Brock, amarrei os cadarços dos meus tênis de corrida. Ele sacaria uma versão elaborada de mim, a tiraria como um manequim empoeirado da caixa, a arrastaria para o palco, se esfregaria nos quadris dela em uma dança estranha, formando sorrisos em seus lábios, a decoraria com beijos, a alimentaria com palavras que havia escrito. Achei tudo aquilo nojento, sufocante, meu corpo preso nas mãos dele naquele pequeno prédio quadrado. Corri vários quilômetros, percorrendo trilhas estreitas, passando por colinas com cavalos de barriga arredondada.

A notícia apareceu naquela noite, a matéria brilhando na tela retangular. Desviei o olhar e depois o foquei novamente, me perguntando se deveria ler o que ele tinha dito. Decidi olhar por alto, passar a página depressa, mas parei quando vi a seguinte palavrinha: *sim*. Conte quantas vezes a atribuiu a mim: segundo Brock, eu dissera *sim* quando ele me convidou para dançar, *sim* quando me convidou para ir ao quarto dele, *sim* quando quis me dedar.

Em uma aula de literatura e cinema que fiz, o sr. Hernandez nos mostrou uma cena no filme *Tubarão* em que Martin, o personagem principal, está prestes a entrar no barco e se despede da esposa, Ellen. Ela está com medo de perdê-lo, e em vez de dizer *Por favor, tome cuidado, eu amo você!*, fala: *Coloquei outro par de óculos no seu... meias pretas e tem aquela coisa para o seu nariz, o óxido de zinco, o protetor labial está na nécessaire.* E ele, em vez de responder *Não se preocupe, vou voltar para você!*, diz: *Não use a lareira do porão porque eu ainda não consertei a válvula.* Ela assente e pergunta: *O que vou dizer para as crianças?* Ele responde: *Diga que fui pescar.*

O amor está implícito, o amor são as meias pretas que ela pôs na mala, a promessa de que ele vai voltar para consertar a válvula, a vontade de proteger os filhos, a atenção aos detalhes da vida um do outro, a vontade enorme de confortar o outro diante da gravidade do que vai acontecer. As mensagens mais importantes são sentidas, nunca declaradas de maneira explícita. Isso é um diálogo real.

E então temos o depoimento de Brock.

Perguntei se ela queria que eu a tocasse.

Ela respondeu?

Respondeu.

O que ela disse?

Disse que sim.

Ele admitiu que tinha tentado beijar Tiffany.

Promotora: Ela falou alguma coisa sobre isso?

Não. Só foi embora.

Ele disse que havia tirado minha calcinha, puxado-a pelas minhas pernas e por cima de cada bota. Falou que eu tivera um orgasmo. *Enfiei meus dedos nela por um minuto e achei que ela havia chegado ao orgasmo e depois... Bom, nesse meio-tempo, perguntei se ela tinha gostado e ela respondeu: Aham.* Quando eu soube disso, estava sentada, mas me arrastei para o chão e me deitei. Ele disse que ficara enjoado depois de roçar em mim. Falou que tinha decidido ir embora, mas *percebi que havia um cara parado ao meu lado.* Disse que ficou com medo porque eles estavam falando *uma língua estrangeira.* Contou que eles quebraram seu pulso. Quando estava algemado, não se queixou de dor no

pulso. Mas, naquele momento, disse ao júri que teve que engessar o braço. Que tinha ficado com hematomas e arranhões. Quando Brock explicou que só havia corrido porque teve medo de os dois o machucarem, Alaleh perguntou: *Você não ficou com medo de que eles pudessem machucar Chanel?* Ele respondeu: *Não olhei mais para ela.* No segundo ano da escola, tínhamos uma moeda chamada fofinhos, pequenos pompons coloridos. Se nos comportássemos bem, entregássemos o dever de casa no dia certo, recebíamos fofinhos. A quantidade de fofinhos que Brock conseguira no início era muito pequena. Mas, no dia do depoimento, ele entrou na sala com um caminhão transbordando de fofinhos, esparramando no chão, inundando a sala até a altura dos joelhos, e de uma hora para outra ele poderia ganhar um prêmio pela fortuna acumulada. Eu me perguntei se os jurados veriam que os fofinhos dele eram falsos.

Promotora: Então, sentado aqui hoje, você admite que correu?

Brock: Sim.

Promotora: Então o que contou ao detetive Kim era mentira, não era?

Brock: Era.

As vítimas costumam ser, automaticamente, acusadas de estarem mentindo. Mas, quando a mentira de um agressor é exposta, o estigma não se mantém. Por que nos preocupamos tanto com as falsas acusações das vítimas, mas quase nunca consideramos quantos homens mentiram, diminuíram fatos ou manipularam pessoas para encobrir os próprios atos?

Brock fizera tudo parecer fácil demais. Se eu tivesse mesmo consentido, ele teria dito isso ao policial assim que foi preso. O último roteiro que ele havia criado era óbvio demais para ser verdadeiro, conveniente demais para ser crível. A reconstrução dele era apenas uma história fraca, quase cômica. Era ofensivo estar do outro lado daquele diálogo imbecil.

Liguei para Lucas, rindo. *Ele disse que eu queria! Esse material é precioso! Isso é bom para a gente, não é? Ele está perdido, acabou. Quero dizer, alguém está caindo nessa? É idiota demais.* Mas Lucas ficou quieto do outro lado da linha, disse que ia vomitar e pediu licença por alguns minutos. Enquanto ouvia o silêncio, senti minhas entranhas se enrijecendo, a raiva surgindo. *Você precisa entrar no meu jogo. Tem que dizer: Esse cara é um idiota! Tem que dizer: Você já*

ganhou! Eu não podia ficar enjoada, achar aquilo um absurdo, decidir não ouvir. Se eu parasse por um instante que fosse para absorver o que estava acontecendo, não chegaria ao fim.

Quando Lucas ficou quieto, minha ilusão foi interrompida, e eu tive um vislumbre do que estava enfrentando, da brutalidade daquilo, da opressão. As regras do tribunal não necessariamente me protegeriam: o juramento segurando a Bíblia era apenas uma promessa vazia. Sinceridade era coisa de criança. Brock diria e faria o que precisasse; descaradamente cheio de si. Ele tinha dado permissão a si mesmo para me violar de novo, dessa vez pondo palavras em minha boca. Fizera de mim seu boneco de ventríloquo particular, enfiara as mãos e me colocara para falar.

Na quinta-feira, o tribunal estava fechado. Meu amigo Matt e eu fomos ao meu restaurante indiano favorito, ficamos sentados do lado de fora pescando arroz laranja de uma latinha de metal. Havia um jornal local na mesa, Brock andando de terno na primeira página. Olhei para aquilo algumas vezes, com medo de demonstrar interesse demais. Matt conferiu o jornal. Eu estava mordendo uma samosa quando ele disse: *Você ficou sabendo da menina que foi estuprada?* Eu me fiz de desentendida. *Há pouco tempo?*, perguntei. *Não, foi, tipo, um ano atrás*, respondeu ele. *Ah, falei.* Senti uma onda crescer, minha cabeça submergir, então a água recuou e eu estava de volta ao restaurante. *Como você ficou sabendo?*, perguntei. *Ele é conhecido por aqui e está todo mundo postando no Facebook*, explicou. Quando saímos, guardei o jornal com a justificativa de que havia um cupom ali que eu queria usar. Enquanto Matt dirigia, eu o folheei casualmente. *Você acha que foi culpa dela?*, perguntei. Ele estremeceu e balançou a cabeça de forma brusca. *Claro que não*, disse. Era tudo que eu precisava saber. Fomos para minha casa, e Matt tocou bandolim no sofá enquanto eu tentava acompanhá-lo no piano, aproveitando minha liberdade até o julgamento recomeçar no dia seguinte.

Na sexta-feira, o último dia, o advogado de defesa de Brock levou quatro testemunhas de caráter. Ninguém de Stanford depôs, o que significava que apenas pessoas da vida passada de Brock tinham ido falar sobre a personalidade atual dele. A seleção incluía seu melhor amigo da adolescência, uma ex-namorada, o treinador do ensino médio e a professora de francês da

escola. Também fiz seis anos de francês, mas nunca pensei em chamar Madame Jensen para contar para vocês que fiz uma excelente apresentação sobre *O Pequeno Príncipe*. O que essas pessoas tinham ido lá dizer? Ele nunca havia mostrado o pênis em sala, ou bolinado o treinador.

Se fosse fazer uma performance, eu colocaria Brock no chão, sob um corpo seminu, com aquelas quatro pessoas de pé em torno dele, em um semicírculo, salpicando a cena com as mesmas coisas que haviam dito no tribunal. A professora de francês, por exemplo: *Esse nunca, nunca, nunca seria o tipo de comportamento, o comportamento sexualmente agressivo ou estuprador, que eu associaria a Brock Turner*. Eu destacaria o *nunca, nunca, nunca* e o colocaria para tocar repetidamente, com Brock mexendo os quadris no ritmo de cada *nunca*. Enquanto ele despisse o corpo inconsciente, *não acredito que ele faria algo para machucar alguém*. E, quando ele saísse correndo, o treinador diria: *Acho que Brock é muito respeitoso e educado e que, bom, ele sabe o que é certo e o que é errado*.

Aqueles lugares-comuns não me surpreenderam. O que eu queria saber era por que, em um julgamento que deveria analisar fatos, horas tinham sido reservadas para enchê-lo de elogios. O passado de Brock incluía a infância, a formação, os estágios, os relacionamentos fofos que tivera. Meu passado eram os apagões, do primeiro ao quinto. Minha personalidade estava sendo julgada tanto quanto a dele; meu comportamento, minha compostura, minha popularidade também estavam em questão. Mas não havia nada que sugerisse que eu era uma pessoa que tinha sido tirada de uma vida completa, cercada de pessoas que me amavam.

A promotora não perdeu tempo com a contra-argumentação:

Bom, você com certeza... Já esteve presente quando ele bebeu demais?

Não.

Nunca o viu bêbado?

Não.

E não estava com ele na noite do dia 17, estava?

Não.

Então não tem ideia do que aconteceu naquele dia?

Não.

As perguntas dela foram breves, confirmando rapidamente que aquelas pessoas eram inúteis. Ela perguntou se a professora de francês já havia conversado com Brock sobre os desejos e preferências sexuais dele, e a mulher respondeu que não. Quando interrogou a ex-namorada, ela disse:

E vocês nunca tiveram relações em público, não é verdade?

Hum, seja mais espe...

Claro. Nunca fizeram sexo em público?

Não.

Certo. Isso seria incomum?

Mais tarde, alguém descreveria para mim a expressão de choque exibida pela ex-namorada, como ela recuou a cabeça quando a promotora perguntou sobre relações sexuais em público. Eu quis dizer: É, é assustador, sexo atrás de uma lixeira. A promotora disse que a única vez que viu Brock chorar foi quando a ex-namorada testemunhou.

Eu estava disposta a dispensar aquelas histórias insignificantes, considerando que não mereciam energia nem atenção, mas, ao lê-las agora, preciso fazer uma pausa. Durante o julgamento, o júri foi obrigado a escolher: ou Brock era correto ou monstruoso. Mas eu nunca questioneei que todas aquelas coisas que haviam dito sobre ele eram verdade. Inclusive, preciso que você saiba que eram verdade. O cara simpático que nos ajuda na mudança e auxilia idosos na piscina é o mesmo cara que abusou de mim. Uma pessoa pode ser capaz das duas coisas. A sociedade em geral não consegue entender que essas verdades costumam coexistir, que não são mutuamente excludentes. Pessoas boas podem esconder características ruins. Essa é a parte assustadora.

Brock tinha uma irmã da minha idade. A professora de francês tinha três filhas; o treinador, uma filha e dois filhos, todos mais ou menos da minha idade. Mas o fato de terem namoradas, irmãos e filhas não me ajudou em nada. De alguma maneira, eu era diferente, estava fora do alcance da empatia deles. Naquele tribunal, minha identidade havia sido reduzida a algo que entrava na categoria “outro”.

No sábado, quando os depoimentos acabaram, achei que ficaria aliviada. Mas na realidade me senti paralisada. A cada dia, eu tinha menos controle. O

juízo se perdera, se afastara das perguntas essenciais, tudo mais corrosivo e irrelevante do que eu havia imaginado. Li no jornal como eu tinha *chorado descontroladamente*, li notícias sobre *a região vaginal da mulher*, sobre como o *nativo de Ohio olhara nos olhos da mulher e cruzara a perna direita sobre a esquerda, batendo o pé*. Na internet, às vezes parecia que eu não tinha feito nada além de chorar. Na vida real, minhas funções básicas começavam a falhar: parei de dormir, me esqueci de comer, não conseguia nem cagar direito. Depois de duas semanas, minha mente havia se fechado, meu corpo, murchado.

Minha mãe ligou. *Você pode visitar o Gong?* Ele ia viajar para a China, e ela o levava ao aeroporto. As malas estavam feitas, o cabelo, penteado, o passaporte, renovado, as óperas chinesas tinham sido baixadas, panelas e potes, guardados, e os sapatos estavam alinhados ao lado da porta. Do outro lado do mundo, um parente estaria esperando para levá-lo a um restaurante que servisse folhas de mostarda em conserva, macarrão de arroz e ovos de codorna. Mas, quando chegaram ao quiosque do aeroporto, tinham percebido que uma única letra do nome chinês dele havia sido digitada errado. A companhia aérea não o deixara embarcar e minha mãe o levava para casa. Tinha sido a primeira vez que ela vira lágrimas escorrerem pelo rosto dele. Então pediu que eu fosse animá-lo. Enquanto dirigia até a casa dele, fui ficando irritada.

Como que uma letrinha podia tê-lo impedido de ir para o outro lado do mundo? Eu mal o cumprimentei quando cheguei. Fui até o telefone e comecei a fazer ligações. Meu avô e o amigo dele olharam para mim, a boca ligeiramente aberta enquanto eu gritava com um agente de viagens que não podia fazer nada. *Ele tem que estar na porra da China, me diga como isso pode fazer sentido, bom, tem que haver algum escritório aberto*. Ele nunca tinha me visto agir daquela maneira. Senti a mão dele em minhas costas, me tranquilizando, dizendo que eu podia ir para casa, que os dois iam resolver aquilo. Mas eu estava enlouquecida. Uma única letra! Era incompreensível que todos os planos dele tivessem sido comprometidos por causa de um único erro de digitação. Como uma coisa tão pequena podia estragar tudo?

No julgamento, todas as provas haviam sido apresentadas. Mas e se houvesse um erro, um detalhe minúsculo esquecido, uma letra. Se uma colher de chá de dúvida pingasse na cabeça de um jurado, tudo estaria acabado, não haveria viagem, todos voltaríamos para casa, derrotados.

Acordei na manhã seguinte com uma tigela de ovos cozidos no balcão, piscinas rasas de corante rosa e amarelo. Tinha esquecido que era Páscoa. Só meu pai insistiria, durante o julgamento de um caso de estupro, que tínhamos que vasculhar as papoulas do jardim para encontrar ovos coloridos. Na calha, na casa de passarinhos. Tiffany voltou para a faculdade com uma sacola enorme de ovos para começar o último trimestre. Eu dormi bem, aliviada por ela ter fugido daquele navio naufragando, ter voltado ao caminho certo e poder estudar livros, não transcrições de depoimentos. Tecnicamente, eu também poderia ter saído da cidade, mas queria ver o fim do caso. E também fiquei porque não tinha rotina para retomar.

Tudo que restavam eram os argumentos finais antes de os jurados começarem a deliberar. A promotora disse que nunca tinha visto uma vítima acompanhar os argumentos finais. Ela me aconselhou a não assistir à primeira metade da sua apresentação por causa dos elementos visuais. Haveria um intervalo na metade, e então eu poderia entrar. Ela pareceu satisfeita por eu estar disposta a assistir. *O júri vai ver que você se importa.* Mais pontos no placar invisível.

Minha família e meus amigos se reuniram para os argumentos finais na manhã de segunda-feira. Meu pai estava no tribunal com minha mãe, a vovó Ann, Anne e Athena. Finalmente meu banco estava quase tão cheio quanto o de Brock. Fiquei sentada sozinha em um banco de madeira no corredor para esperar. Sabia que as pessoas estavam vendo coisas que iam esconder de mim. Mas mantive a curiosidade em rédea curta, imaginando que estivessem me protegendo por um bom motivo. Ao ler agora a transcrição do discurso de Alaleh, tenho noção do que perdi. *Ela não tinha ideia de que estas fotos haviam sido tiradas... Vejam o vestido e como ele a deixou... Mas estas fotos falam por ela quando ela não podia falar por si mesma.*

Meu pai saiu do tribunal balançando a cabeça e murmurando sozinho. Passou direto por mim. Assustada, chamei: *Pai.* Ele olhou para mim e a

tensão em seu rosto desapareceu. Parecia zozinho. *Você viu aquela foto de você deitada na...?* Fiz que não com a cabeça. *Você parecia morta*, explicou ele. *Como se alguém tivesse errado ao tentar jogar um corpo na lixeira. Se alguma coisa não acontecer logo, vou entrar com um processo.*

Meu pai não é de processar ninguém. Ele deixa néctar para beija-flores ao lado da jarra de água da geladeira e reabastece o comedouro dos passarinhos todo fim de semana. Sempre que eu usava a palavra *odeio* na infância ou na adolescência, ele dizia: *Cuidado, essa é uma palavra forte*. Ele é o cara que aplaude o homem tocando clarinete na rua. Nas tardes de verão, prepara risoto cantando com Crosby, Stills, Nash e Young. Mas ouvi um tom de raiva em sua voz, como se ele fosse destruir aquele lugar inteiro se eu pedisse.

As pessoas começaram a sair para o intervalo. Vi um homem se aproximar de Alaleh, um adesivo laranja-neon na camisa escrito JÚRI, e achei engraçado ver que os jurados estavam com adesivos iguais às bananas no mercado. *Desculpe incomodar*, disse ele, *mas tenho uma consulta no dentista na quinta-feira. Você acha que devo cancelar?* Sorri para mim mesma, sabia a resposta antes que ela dissesse. Uma provinha da minha vida, dos planos abandonados, dos finais desconhecidos.

Brock saiu da sala. Eu deveria ter ficado no closet das vítimas. Ele passou por mim, guiado pela mão do pai às suas costas. O pai dele me encarou, depois ergueu os olhos e continuou andando. Foi apenas um segundo, mas o suficiente para minhas entranhas se revirarem. Eram coisas que eu sentia, mas não podia explicar. As afrontas silenciosas que não eram registradas. Os irmãos dele ficaram no corredor. Repórteres andavam de um lado para outro. Um deles havia encurralado as amigas de Tiffany na semana anterior, tentando fazer algumas perguntas quando ela ficou sozinha. Observadores chegavam todos os dias para tirar uma casquinha. Eu estava cansada de existir como um objeto a ser observado, impotente, enquanto minha narrativa era escrita por mim.

Quando o intervalo terminou, me juntei à minha família no tribunal. Gostei de me misturar como observadora. A promotora se levantou para encarar o júri. *Bom, a questão é que esse tipo de crime costuma se basear na*

oportunidade. Não importa se a vítima é bonita, se a vítima se comporta de maneira específica ou está vestida de maneira específica. Tudo que importa é ela ser incapaz de dizer não, estar ali, vulnerável. Eu assentia, tudo brilhantemente claro e direto.

Um julgamento é uma busca pela verdade. Claro, a verdade nem sempre vem em um pacote bonitinho com um laço em cima. Às vezes, existem tentativas deliberadas de prejudicar nossa capacidade de ver a verdade.

Ela nos mostrou slides que comparavam os fatos que não batiam dos depoimentos de Brock, expôs a lógica incompreensível, as novas informações que haviam se materializado do nada. Explicou que o fato de ele ter corrido demonstrava consciência da culpa. Foi maravilhoso ver alguém lutando por mim. Eu me imaginei falando através dela, usando palavras como *conluio* e declarações como *vou provar para vocês*. Ela desconstruindo os argumentos dele, fio por fio, até a fachada começar a se desfazer. *E vou pedir que deem um veredito justo para Chanel, um que demonstre que o que ele fez com ela não é aceitável, nem o jeito como ele fez. Não é aceitável que nenhuma pessoa viole um ser humano daquele jeito.*

Quando ela terminou, contive a vontade de aplaudir.

Assim que a promotora se sentou, a defesa se levantou. Por um segundo, pensei em sair da sala. Queria terminar com aquele ânimo, aquela plenitude. Mas ouvi *senhoras e senhores*; era tarde demais. A defesa começou pedindo que o júri considerasse Brock inocente.

Me deixem explicar por quê, disse ele. *Quando saí da Kappa Alpha, Chanel parecia bem, então não fiquei com medo de deixá-la ali. Quem nos disse isso? Foi Tiffany, a irmã dela. Quem a conhece melhor do que Tiffany, dentre todas as pessoas que testemunharam neste julgamento? Ninguém. Tiffany a conhece melhor... Foi assim que ela descreveu a irmã que conhece desde sempre.*

Comecei a me levantar. Mas ir embora ou ficar não importaria, ele ia continuar. Então, me preparei para o que vinha. Não notei que tinha esmagado a mão da minha mãe. Ela se inclinou para mim e sussurrou em meu ouvido: *Não preste atenção nele*. Essas palavras permitiram que eu me controlasse.

Sabemos por Brock Turner e pelas provas de DNA que ele pôs os dedos na vagina dela. Juntei os joelhos com força. É razoável inferir que ele não os pôs lá e ficou

parado. Ele os movimentou para a frente e para trás. Isso condiz com o que a enfermeira do Sart descobriu. Então ela não acrescenta muita coisa às provas do caso. Alaleh havia nos empurrado para a luz e estávamos sendo arrastados de volta para a escuridão, a lógica desfigurada. Minha mãe sussurrou: Velhinho minúsculo e mau.

Para explicar as inconsistências de Brock, ele disse: *Não é incomum que as pessoas não se lembrem de detalhes dos acontecimentos, principalmente de coisas rápidas, sob tensão emocional.* Brock podia ter a cabeça confusa. As vítimas costumam ser inconsistentes em razão de bloqueios traumáticos ou apagões provocados por bebidas alcoólicas. As inconsistências dele vinham do que foi dito antes e depois de ter contratado um advogado. Quando Brock foi preso e interrogado pelo delegado, não foi por falta de memória que ele deixou de mencionar o diálogo entre nós. Mas por ainda não ter um advogado para ajudá-lo a construir uma narrativa, fornecer palavras a ele, desanuviar sua mente e descobrir qual história podia libertá-lo.

Os argumentos da defesa se enfraqueceram, escaparam pelos meus dedos. Ele disse que eu havia soado embriagada no recado da caixa postal porque era meu *jeito bobo* de falar com meu namorado. Falou que, quando eu disse que recompensaria Lucas, *ele sabia o que havia insinuado... Acho que isso demonstra muito bem o que Chanel estava pensando às 00h18... Ela diz isso duas vezes e diz por um bom motivo.*

Ele pôs os dedos na vagina de Chanel... E fez isso quando ela consentiu, consciente, e não havia por que acreditar, pelo que viu e ouviu, que ela não era capaz de consentir algo naquele momento. Ele ficou parado ali, com o bloco de anotações, feito um aluno pouco animado lendo o relatório sobre um livro. *Peço que vocês tirem o peso que está nos ombros dele há quatorze meses...* Instintivamente, olhei para os ombros de Brock.

O advogado do qual eu tivera tanto medo, que me tirara o sono por meses, estava diante de mim, o rosto sério e enrugado, depois de fazer um monólogo pouco convincente. Como aquele podia ser o argumento final de um ano de investigação? Se vai lutar contra mim, lute contra mim. Mas era aquilo? Todas aquelas pessoas que haviam sido convocadas, enfrentado semanas de debate depois de quatorze meses de espera. Todo aquele prejuízo

e desperdício de energia para um final decepcionante, uma bobagem sobre *a vagina dela ou seja lá o que for*. Quando a promotora estava falando, dava para sentir a sala se moldar em torno dela, os olhos voltados para ela, de um lado para outro. Ela falou com ânimo, urgência e inteligência, as palavras foram dispostas à nossa frente, cobrindo a sala com razão e verdade. Senti que uma mudança real estava acontecendo, que a sala toda se expandia. Ela deferiu seus golpes sem crueldade; apenas deixou claro: Não estamos perseguindo você, o que está em questão é o que você fez, estamos aqui para que pague por isso.

Mas, quando a defesa terminou, as palavras dele não se assentaram, apenas flutuaram, quase sem peso, sem ter onde pousar, sem provocar nada. O ar da sala ficou parado, como velas sem vento, todos nós à deriva em um mar calmo. Fiquei incomodada com a entonação de pergunta com que ele terminava as frases, como se questionasse os próprios argumentos, sabendo que haviam sido construídos sobre uma base fraca.

A promotora se levantou para a réplica. Imaginei a defesa tremendo, quase desmaiando. Tudo que ela precisava fazer era dar o último soco e o sino tocaria. *Não vou contestar tudo porque sinceramente acho que alguns dos argumentos não são... não merecem nada...* O fato de a defesa se agarrar a isso para dizer que *Tiffany afirmou que Chanel estava bem não absolve o acusado...* Era obrigação dele, antes de inserir os dedos na vagina de alguém, garantir que a pessoa podia consentir, independentemente do que a irmã achava sobre o estado dela. A promotora voltou o holofote para ele, como deveria ser. Indicou que para completar o estupro bastava ele abrir o zíper da calça. Eu nunca havia chegado àquela conclusão: a única coisa entre minhas pernas abertas e a ereção dele eram os dentes dourados de um zíper.

Nenhuma mulher, nenhuma mulher quer ver sujeira entrando na própria vagina cinco minutos depois de conhecer um cara. Nenhuma mulher. Não só Chanel. Nenhuma mulher. Ela, eu, todas as mulheres presentes na sala. Era como se estivesse jogando para a plateia, pedindo que se colocassem no meu lugar.

Você não é uma pessoa boa ou ruim, mas o que fez naquela noite não é aceitável, não está certo e desrespeita a lei. Quando retirávamos todos os termos complexos e as formalidades, a verdade era sólida e pura. Não é certo, nunca

é certo uma pessoa ferir outra. Não há asteriscos, não há exceções a essa regra.

Não esqueçam que neste caso existe uma vítima que ele violou. Quando se lembrarem de que essa vítima existe, vão ver que só há um veredito sensato, o de culpado de todas as acusações... O peso que ele carrega neste caso é o peso da culpa. Voltei a olhar para os ombros de Brock. Isso, sim, eu estava vendo.

Alaleh nos encontrou e pediu que fôssemos para casa esperar. O júri deliberaria todos os dias, das nove às cinco, e o veredito podia levar alguns dias ou algumas semanas. Assim que saísse, ela me mandaria uma mensagem e eu teria quinze minutos para chegar ao tribunal. O que significava que eu estava de plantão, incapaz de ficar a mais de alguns quilômetros do tribunal.

Na terça-feira de manhã, fiz uma lista de todos que eu teria que avisar assim que o veredito fosse anunciado. Calcei minhas sapatilhas pretas e vesti uma blusa que tomei o cuidado de não amassar. Repassei desodorante a cada hora. Prendi o cabelo em um coque justo, que foi afrouxando aos poucos. À tarde, minha mãe me ensinou a fazer meu prato favorito com camarão. Juntas, nós descascamos camarão, picamos alho, salpicamos pimenta em flocos. As meias-luas cinzentas e aguadas caíram na panela, espirrando óleo quente e sujando minha blusa. Corri para lavar. Podiam me ligar a qualquer minuto.

Fiz uma pesquisa na internet e encontrei um artigo do *Mercury News* em que haviam escrito *Chanel Doe*. Comecei a tremer diante do meu disfarce revelado, esperando a onda de notificações. A repórter estivera na mesma sala que eu; me senti traída por ela ter me exposto de maneira tão descuidada. A promotora consertou o pequeno vazamento, mas o dano já tinha sido feito. Eu não confiava em ninguém, não conseguia me livrar de uma sensação permanente de invasão. A vovó Ann me disse que uma repórter tinha se inclinado na direção dela no tribunal para sussurrar: *Que partido vocês defendem?* Minha avó a silenciou com um gesto. Liguei para saber como ela estava. Como ela já não ouvia bem, não havia escutado a maior parte do que fora dito no tribunal (uma pequena bênção). Mas tinha prestado atenção sobretudo na linguagem corporal. Estava confiante na postura da promotora, nas expressões. Pediu que eu tomasse um banho

quente e pusesse o pijama. *Estou com os dedos das mãos e dos pés cruzados*, disse ela.

O sol se pôs e nada de Alaleh. Tirei as sapatilhas, me encolhi na cama. Tudo bem. Eles só precisam de um pouco mais de tempo. Mas o aperto no peito não me deixava respirar direito. Será que não tinham ouvido o que foi dito?

Eu sabia que não ia dormir, então me enfiei embaixo das cobertas e fiquei assistindo a *Mister Rogers' Neighborhood*. Quando era pequena, eu ficava hipnotizada pela coreografia da cena de abertura: ele entra, retira o paletó, o pendura no armário, coloca um suéter, tira os sapatos sociais, calça um tênis Keds macio e amarra o cadarço. O ritual prometia controle e segurança por meia hora. Deitada na cama, concentrada no brilho do meu celular, arrastei a bolinha pela barra de rolagem do vídeo, rebobinando o trecho para vê-lo outra vez. Assisti ao zíper do suéter subir e descer, ser aberto e fechado, aberto e fechado, os cadarços amarrados e desamarrados. Quando o sol nasceu, saí de baixo das cobertas, calcei as sapatilhas, preendi o cabelo e voltei a me sentar na cama.

Por quanto tempo seres humanos conseguem viver em suspenso? Eu me senti como uma vaca solitária, com uma corda ao redor do pescoço, encarando um prédio de metal, onde veria enormes casulos rosados enfileirados com costelas brancas, pendurados por correntes. Atrás de mim, havia um campo, o aroma de grama no vento. Uma de duas coisas ia acontecer: eu seria levada pela corda até a passarela de metal para me tornar uma gosma vermelha ou seria solta no pasto ensolarado. Até isso ser decidido, eu só podia ficar parada, sentindo a corda pinicar minha pele.

O sol chegou ao ponto mais alto no céu, depois foi se pondo. Eram quatro horas. Se o júri não decidisse na hora seguinte, a quarta-feira acabaria. Quinta-feira era dia de folga. Sexta, feriado. Sábado. Domingo. O que significava que eu teria que esperar pelo menos outros quatro dias. Se o júri o considerasse inocente, eu teria que me convencer de que esses casos são muito difíceis de ganhar. De que aquilo não me tornava um fracasso. Tentei me preparar, mas sabia que, se perdesse, tinha medo do que podia fazer.

Quando Lucas ligou, apoiei o celular no rosto enquanto lágrimas escorriam. Ele não parava de me dizer para sair, respirar ar fresco. Mas eu só cocei a cabeça, ensebando os dedos. A gola do meu suéter de tricô estava solta, a calça preta tinha fios de cabelo aleatórios grudados. O aparelho vibrou na minha bochecha enquanto ele falava, uma mensagem. *Chegou a hora*, falei e desliguei antes que ele pudesse responder.

Logo eu estava de pé indo para o banheiro. O veredito seria lido em quinze minutos. Levaria oito minutos de carro até o tribunal, doze com trânsito, o que significava que eu tinha três minutos para me arrumar. Não conseguia pensar na ordem que eu deveria seguir, se deveria lavar o rosto, chamar alguém, calçar os sapatos ou trocar de blusa. Joguei água no rosto, mas parei no meio do caminho, percebendo que deveria avisar todo mundo antes. Eu me virei para pegar o celular, o queixo pingando e os polegares molhados, encharcando a tela. Não sabia o que digitar. Larguei o aparelho e ajeitei depressa o cabelo com os dedos. Tinha que tomar um banho, não dava tempo. Fiquei paralisada à pia, a torneira aberta. A lista. Liguei para minha avó, os longos toques agoniantes, *Chegou a hora*. Desliguei. Digitei cada mensagem com as mãos trêmulas. A chave do meu carro havia sumido. Não encontrava o celular. Estava na pia. Fui para a sala de estar. Minha mãe estava sentada à mesa com uma amiga, tomando chá. Falei: *É agora*. Quando olhou para mim, seu rosto mudou e ela se levantou na mesma hora. Ela me levou pela mão de volta para o banheiro, tirou um gloss de uma gaveta de madeira. Passou em mim e eu observei meus lábios ficarem rosados, brilhantes e salpicados de purpurina. Arranquei um pedaço de papel higiênico e o limpei, precisava ser levada a sério. *Isso deixa você mais iluminada*, disse ela. Eu a vi parada ali, o gloss em uma das mãos, desesperada para me reavivar. Eu me virei para me olhar no espelho com os olhos dela: era uma pessoa de cabelo escorrido, braços finos e olhos cansados, alguém que havia se esquecido de cuidar de si mesma. Eu me virei para minha mãe, deixei que ela pintasse meus lábios outra vez e saí, incapaz de esperar, pedindo que ela me encontrasse no tribunal.

Minha mente já estava dentro da sala, enquanto parte de mim pensava nos sinais vermelhos e verdes. Segui como passageira dentro do meu próprio

corpo, olhando pela janela como se estivesse de carona, o carro seguia deslizando como se percorresse trilhos, fazendo todas as curvas certas. Temi ser a única presente, será que as pessoas haviam recebido as mensagens, iam aparecer? Não me lembro de estacionar nem de chegar, quando dei por mim estava sentada na primeira fila, eram 16h24, e Athena estava à minha esquerda, minha avó, à minha direita, Anne, elas tinham ido.

Ouvi meu coração disparado feito uma bolinha de tênis em uma secadora. Eu me perguntei se ia ter um infarto. Uma pessoa tão jovem pode infartar? Precisava abrir um buraco no peito para liberar a pressão. O juiz falava, mas eu não ouvia por causa dos batimentos cardíacos. A ideia de surtar ali, de ter que ir embora, era insuportável. Tentei me orientar. Encarei as costas cinzentas e retas do terninho de Alaleh. Vi a mão da minha avó envolvendo meu joelho trêmulo. Expirei, pressionei a mão aberta no peito, visualizei meu corpo se esvaziando. Em minha cabeça, fiz os pulmões desaparecerem, o coração desaparecer, me tornando uma casca simples e vazia. Estava cercada por uma quantidade infinita de ar. Inspirei devagar e depois expirei, inspirei, depois expirei.

Ouvi o juiz falando, repassando as perguntas que haviam sido mencionadas pelo júri enquanto deliberava. *Então, por fim, recebemos a pergunta do jurado número cinco que declara ou pergunta: “O contato com a mucosa dos grandes lábios ou qualquer porção dos pequenos lábios é considerado penetração?”* Vi os lábios como um pedaço de sashimi, sendo revirado nas mãos deles, existindo sozinho, independentemente de mim. Por fim, o juiz perguntou: *Jurado número cinco, o júri chegou a um veredito?*

Um homem entre os jurados se levantou. *Sim, meritíssimo.* O juiz disse: *Por favor, entregue o formulário com o veredito ao delegado.* Eu não esperava que a resposta viesse em um pedaço de papel. Observei o membro do júri se debruçar na cerca dos bancos em que estavam sentados para entregar o papel ao delegado. Ele caminhou tranquilamente, como se levasse um repolho para seu carrinho de compras, *vá logo, porra*, atravessou a sala e entregou a folha à secretária judicial. Eu quis dar um pulo do banco e arrancar o veredito das mãos dela.

A secretária judicial se levantou, o cabelo louro armado brilhando sob a claraboia, os óculos espelhados me impedindo de ver suas pupilas, uma camisa rosa-escuro, o papel à sua frente. Eu nunca tinha visto aquela mulher. Aparentemente ela estivera ali o julgamento todo, tinha sido a pessoa que ficava a meio metro de mim estendendo a Bíblia enquanto eu jurava antes do depoimento, mas aquela era a primeira vez que eu a notava. Ela não tem microfone, não tem microfone! E está falando muito baixinho! Não acredito. *MAIS ALTO*. Eu me inclinei para a frente, estreitando os olhos, como se aquilo fosse me ajudar a ouvir, encarando seus lábios formando as palavras.

O povo do estado da Califórnia, a acusação, contra Brock Allen Turner, o acusado, informação número B1577162... ela leu cada número. Eu ia desmaiar... Veredito do júri. Veredito: Primeira acusação, Código Penal seção 220 (a) (1), crime... Só estava procurando o som forte do “c”... Nós, o júri, consideramos o acusado, Brock Allen Turner, culpado de um crime, uma violação do Código Penal da Califórnia, seção 220 (a) (1), agressão com intenção de cometer estupro de uma pessoa sob efeito de álcool ou inconsciente. Dia 30 de março de 2016, pelo representante, jurado número cinco.

O ar é rompido pelo uivo de alguém sendo esfaqueado. Minha cabeça virou para a direita, e vi os pés pontudos da mãe de Brock se estenderem para o ar e despencarem de novo para o chão. Ela pisava com força, gritando naquela sala paralisada pelo silêncio. O pai dele havia jogado o corpo sobre o dela, como se a protegesse de uma chuva de flechas. De repente, me senti vulnerável, meu rosto descoberto e desprotegido. Com que cara estou, será que deveria estar reagindo? Os gritos dela tentaram penetrar em mim, mas eu precisava esquecer o som, me concentrar. Eu me virei para a frente da sala, esquecendo os berros. Havia outras duas acusações.

As palavras da mulher continuaram baixinhas quando ela prosseguiu, havia números demais. Mas ouvi o estalar do beijo de Athena em minha bochecha. Isso devia significar que tínhamos vencido em duas acusações, estávamos na segunda. Senti as marés emocionais da sala subindo de ambos os lados. Havia tristeza e comemoração sufocada, gritos abafados, o ar transbordando com ruídos indistintos. Encarei aquela mulher à frente da sala,

seu cabelo louro e os olhos por trás dos óculos, e percebi que era um anjo. Ouvi *culpado* uma última vez e foi então que soube. Tínhamos conseguido.

A secretária judicial pediu que cada jurado declarasse seu voto. Ela leu a primeira acusação. *Este é seu veredito pessoal?* O primeiro jurado respondeu: *Sim*. Ela passou para o segundo jurado. *Sim*. O terceiro. *Sim*. O quarto. *Sim*. O quinto. *Sim*. Vi um homem abrir um sorriso sutil quando declarou o voto, como se aquilo também fosse uma vitória dele. Vi algumas pessoas assentirem enquanto diziam aquela sílaba. O júri, um grupo de pessoas para mim, começou a se separar em indivíduos. Pela primeira vez, me permiti vê-los. Observei cada rosto, quis gravá-los na memória, traçando o contorno do perfil de cada um, os tufo de cabelo nas bochechas, a largura dos óculos, do couro cabeludo, cílios, covinhas, costeletas. Ela passou para a segunda acusação e, mais uma vez, eles repetiram, *sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim*. Ela leu a terceira acusação, este é seu veredito pessoal,

sim,

sim,

sim,

sim,

sim,

sim,

sim,

sim,

sim,

sim,

sim,

sim.

Era um ritmo puro e constante batendo em mim. O recitar da verdade. Os *sins* continuavam sem interrupção, feito passos que nos levavam a algum lugar. Enquanto meus olhos acompanhavam cada um deles, senti a raiva escorrer de mim, abrindo espaço para outra coisa.

Achei que olharia para a cara de pena do advogado de defesa, veria a cabeça de Brock baixa e pediria confetes, triunfante. Mas não pensei em

fazer nem sentir nada daquilo. Enquanto eu observava os jurados, todos os outros sons desapareceram.

Foi como olhar do mar para a areia e perceber que havia me distanciado. Que havia me deixado levar. Quem era aquela pessoa sentada ali, tão faminta por ouvir que a resposta era sim? Pensei em Emily naquela manhã, parada no chuveiro, se esforçando para se manter de pé, cercada por vapor. Em algum momento no meio do caminho, eu havia me tornado as vozes que diziam que ela era uma humilhação, que deveria aprender a pensar realisticamente. Eu disse que ela merecia os danos, questionei seus instintos. Como eu queria abandoná-la. Como havia feito pouco caso da vida dela.

Fiquei sentada, triste, inspirando ar úmido, os olhos fechados, o peito tremendo. Eu me desliguei do tribunal, a agonia grande demais, a cabeça apoiada em um pedido de desculpas. Me desculpe. Você não é louca. Por muito tempo, acreditei que precisava de permissão para voltar à minha vida, esperei uma validação. Prometi a mim mesma que nunca questionaria se merecia coisa melhor. A resposta seria sempre *sim* e *sim* e *sim*.

A conversa havia mudado, o juiz estava determinando a sentença, quando decidiria quanto tempo Brock ficaria preso. Ele indicou um calendário na parede: *as sentenças são dadas nas quintas-feiras não realçadas no nosso calendário*. Olhei para as pequenas fileiras vazias de caixas, alguns quadrados marcados de um amarelo-vivo. Prestei pouca atenção, a sentença era um detalhe.

A promotora pediu que Brock fosse detido. Mas as algemas nunca o tocaram, o advogado argumentou que ele deveria continuar livre. Ele vai voltar para casa com a família, livre por dois meses até que a sentença seja dada em junho. Estávamos liberados.

Saí da fileira, ansiosa para ir embora. Eu estava a poucos metros do abraço coletivo da família dele. Uma energia quente vinha dali, ameaçando consumir tudo com sua tristeza. Alguns membros da família me encararam com os olhos vermelhos como se eu fosse o inimigo. Retribuí o olhar com meus próprios olhos vermelhos, sem ceder. *Vocês estão olhando para a pessoa errada*.

Minha avó e Athena seguravam meus cotovelos e percebi que estava sendo levada. Saímos do tribunal como em um desfile, a mídia reunida atrás

de nós com suas bolsas e seus pequenos gravadores. Eu estava encolhida, a cabeça baixa, os pés se arrastando com pressa, com medo de sermos engolidos pela massa atrás de nós caso diminuíssemos a velocidade. Eu precisava chegar à porta do escritório da promotoria para ser isolada do público.

Quando passei pela porta, todos que estavam no escritório começaram a encostar nas paredes, se esconder atrás de cubículos. Eu me lembrei do primeiro dia em que havia ido até lá, minha mãe massageando minha mão enquanto eu respondia às perguntas com timidez. Eu me virei para ver Alaleh correndo até mim, os braços abertos. Por fim, apoiei o rosto no ombro dela, nós duas paradas no meio da sala, nos abraçando, chorando.

Meu grupinho entrou em uma pequena sala de reunião. Sem comemoração, estávamos abalados, finalmente nos libertando do medo acumulado que carregávamos por saber como havíamos chegado perto de um resultado diferente. *Achei que meu corpo não valia nada. Achei que não me importava, mas me importo.* Estranhamente, eu assinto, como se ouvisse isso pela primeira vez. Os olhos da promotora estão arregalados, brilhando, e ela também está assentindo. Se alguém tivesse me perguntado sobre Brock naquele instante, eu teria dito: *Quem?* Os pensamentos sobre ele tinham evaporado.

O chefe da minha promotora, o sr. Rosen, disse que estava orgulhoso de todos, de toda a nossa dedicação. As coisas seriam melhores por nossa causa. Ele e a promotora saíram para falar com os repórteres, que esperavam feito mosquitos na escadaria da frente do prédio. Antes de sair, ela me entregou dois envelopes com o topo amassado, já abertos para garantir que seria seguro lê-los. Eu me perguntei de quem eram, como alguém sabia como me encontrar.

Pedi a todos que fossem para minha casa, ia encontrá-los lá. Um policial me escoltou pela porta dos fundos do prédio. Do lado de fora, me virei pela última vez e vi os seguranças parados diante da janela, os rostos retorcidos de dúvida. Fiz sinal de positivo para eles e todos começaram a sorrir, acenar, aplaudir e sacudir o punho fechado atrás do vidro. Então me escondi entre os carros para atravessar o estacionamento. Precisava ligar para Tiffany.

Ela atendeu quando estava prestes a começar uma aula para calouros. *Nós conseguimos, falei, as três.* As palavras dela chegaram entrecortadas, nenhuma das duas sabia o que dizer. Era a primeira vez que sentia alegria porque finalmente podia dar a ela algo de bom, e um alívio desabrochou em mim. Mais tarde ela diria que, ao chegar à frente da sala, tinha começado a chorar. O choro havia se tornado uma gargalhada, e os alunos, sem saber o que fazer, começaram a rir também. *Desculpe, disse ela, é que estou tendo um dia ótimo.*

Liguei para Lucas e o ouvi gritar, as lágrimas em sua voz. Dirigi para casa pelas mesmas ruas, mas me sentia totalmente nova. Algo foi descascado, eu estava radiante. Vi o estacionamento onde costumava ficar a plantação de abóboras. O rio onde eu pegava insetos. O Taco Bell aonde costumávamos ir depois dos bailes da escola. Eu estava de volta, minhas antigas personalidades desfilando atrás de mim. Tinha dado a elas um final mais feliz. Finalmente estava em casa.

Vi minha avó, mãe e Athena pela janela da cozinha para o pátio. Segui direto para seus abraços e beijos na testa. Minha avó serviu um copo de suco de uva gelado e quebrou pedaços de chocolate meio amargo no balcão. Enfiei o chocolate na boca, deixando-o derreter na boca, antes de virar o copo de suco doce. Eu me sentia revivendo, as mãos macias da minha mãe acariciando meu cabelo, massageando meu pescoço com cuidado.

Minha avó disse que tinha ensaiado um discurso caso as coisas não saíssem como queríamos, e fiquei sabendo que todos estavam se preparando para cuidar de mim, caso as coisas não saíssem conforme o planejado. Athena disse que se sente grata por ter estado lá, que algo havia surgido dentro dela, como se finalmente tivesse obtido justiça por seu estupro. Meu pai ligou do trabalho: *Meu amor, como você está se sentindo, você conseguiu, sua mãe está aí, você está bem, como a Tiffy reagiu?*

A noite chegou, colorindo a cozinha com um tom lavanda suave enquanto todas iam para casa. Reservei o primeiro voo para a Filadélfia de manhã, ansiosa para voltar a ser Chanel. Joguei todas as minhas roupas suadas do tribunal no cesto e arrumei a mala. Meus pais enfiaram a cabeça para dentro do meu quarto. *Tem certeza de que você quer ir de manhã, posso cortar*

alguns morangos, você pode ficar aqui o tempo que quiser, leve um casaco quente para o avião.

Fiz uma lista de todos que eu havia encontrado naquela jornada. Pessoas que tinham entrado na minha vida e me ajudado sem pedir nada em troca. Não sei como agradecer a elas, a não ser levando a vida que tinham me devolvido. Peguei minha caderneta e desenhei doze rostos pequenos, conjurando pela memória. Das pessoas que se dispuseram a ser testemunhas. Então me lembrei dos envelopes em minha bolsa.

O primeiro tinha um cartão com um macaco que dizia *Aguente firme*, de Washington. O segundo envelope era azul-claro, de Ohio, um estado que eu tinha passado a temer de maneira irracional. Foi uma mulher chamada Nadia que me mandou. O cartão tinha uma foto em preto e branco na frente: uma menininha usando um casaco florido, meias de babados acima dos tênis, segurando uma pedra cheia de limo, três vezes maior do que ela. Abri o cartão e olhei as frases rabiscadas em azul:

Muitas de nós lemos sobre você.

Quando vi este cartão na loja, sabia que tinha que comprar para você, porque esta menininha me lembra a sua força.

Estou mandando este cartão para que você saiba que não está sozinha.

Não posso imaginar o inferno pelo qual está passando.

Estamos impressionadas com sua coragem, resiliência e força.

Saiba que tem um exército enorme de soldados apoiando você.

Esse *você* soa heroico, mítico. Durante todo o ano anterior, eu havia vasculhado comentários, procurando sinais de apoio. Conferi os editoriais dos jornais locais, procurando alguém que se posicionasse a meu favor. Eu me tranquei no carro em estacionamento, chorando com atendentes de serviços de ajuda, convencida de que estava enlouquecendo. Durante o ano inteiro, a solidão havia me seguido, na escada do trabalho, na Filadélfia, no banco de testemunhas, de onde eu tinha visto uma plateia quase vazia.

Mas, durante todo aquele tempo, havia olhos em mim, torcendo por mim, de seus quartos, carros, escadas e apartamentos, todas nós protegidas dentro da nossa dor, do nosso medo, do nosso anonimato. Eu estava cercada por sobreviventes, era parte de um *nós*. Elas nunca foram convencidas a me

verem como um personagem menor, um corpo mudo; eu era a líder na linha de frente, lutando, com uma infantaria atrás de mim. Elas estavam esperando que eu conseguisse justiça. Aquela vitória seria comemorada em silêncio em quartos de cidades e estados a que eu nunca tinha ido.

Por muito tempo, eu havia imaginado que estava andando por uma planície seca, vazia. Aquele cartão era a poça. A noção de que, logo abaixo da superfície, mais água corria para riachos, rios e oceanos. De que aquilo era só o começo. Eu não estava sozinha. Elas haviam me encontrado.

9.

Fui quase correndo para a terapia, pela calçada lotada, passando pelo iHop, por portas giratórias, para anunciar para minha terapeuta que tínhamos ganhado as três acusações. Eu queria uma medalha emocional. Apenas sete meses antes, havia me sentado no sofá, paralisada pela ideia de ir ao tribunal. Eu já não tinha motivo para me preparar, seríamos apenas duas pessoas conversando, como no último dia de aula antes das férias.

Você já soube da boa notícia? Eu me sentei, as mãos unidas, *todas as três*. Ela me parabenizou. Fiz uma pausa e senti meu rosto mudando. Enquanto estive longe, muito havia acontecido. Foi como se tivessem aberto uma tampa dentro de mim: comecei a despejar frases, usando todo o ar da sala, *e aí e aí e aí*, e a hora acabou. A intensidade se manteve, o ar do consultório ficou poluído com tudo que eu havia descarregado. Em vez de feliz, fiquei brava. Ela mal havia falado.

Voltei andando com as mãos nos bolsos, frustrada. O veredito devia ter limpado toda a bagunça que veio antes. O que mais eu podia querer? Estava irritada por ainda estar irritada. Mas não deveria estar surpresa. Tinha visto uma matéria no *The Washington Post* anunciando o veredito: *Críticos afirmam que o júri foi rigoroso com Turner e tratou um momento ambíguo, desencadeado pelo consumo de álcool, com uma certeza absoluta*. Dizia: *Com a sentença marcada para o dia 2 de junho e uma possível apelação, o futuro antes promissor de Turner ainda é incerto. Mas sua extraordinária, ainda que breve, carreira de nadador já foi manchada, como um troféu enferrujado*. Ele ainda era a perda notável.

A sentença seria dada em 2 de junho e era recomendado, embora não obrigatório, que eu estivesse presente. Os três crimes de Brock somados podiam chegar a uma pena máxima de quatorze anos de prisão. A promotora havia recomendado seis anos. Ela pediu que eu escrevesse uma declaração de

impacto da vítima, duas a três páginas sobre como aquela experiência havia me afetado. Se eu quisesse lê-la em voz alta, eles comprariam minha passagem para casa. Se não quisesse, minha defensora podia ler para mim. Eu precisava enviá-la até o fim de maio para que o juiz tivesse tempo de analisá-la antes de dar a sentença. Tiffany e Lucas também podiam escrever declarações. Era opcional, tínhamos tempo para pensar. Falei que escreveria, desliguei o telefone e esqueci aquilo. Tinha oito semanas, em sete das quais eu não planejava fazer nada além de levar uma vida normal.

Cinco dias depois de voltar, eu havia escrito um novo show de comédia, feito o teste e sido selecionada para a apresentação de primavera. Na comédia, eu podia ser descontrolada e absurda de formas que não eram questionadas. Em uma reunião, nosso presidente, Vince, estava escrevendo nossas apresentações. Para mim, ele disse: *Por favor, uma salva de palmas, porque essa é a única coisa que ela está fazendo na vida.* Aquilo combinava com o estereótipo da esposa. *É maldoso demais?*, perguntou ele. Eu fui a pessoa que ri mais alto. *Se você soubesse...*

Duas semanas depois do julgamento, voltei a subir no palco do Helium Comedy Club e fui recebida com aplausos e gritos. Fui engolida por elogios e amor. Nosso grupo ganhou tanto dinheiro com a venda de ingressos que decidimos nos dar ao luxo de um jantar na Barclay Prime Steakhouse, na Filadélfia. Eu nunca tinha ido a um restaurante tão chique, onde o garçom andava com uma caixa de veludo cheia de facas, pedindo que cada um escolhesse uma. Enquanto eu cortava o filé mignon macio, quis trocar o pedaço de carne por dinheiro que pudesse guardar. A refeição custou mais do que eu tinha no banco.

Estava com muita vergonha de contar para Lucas ou para minha família que minha conta estava quase zerada. Em um mês, Lucas ia se formar e se mudar para São Francisco, com uma fila de oportunidades de emprego esperando por ele. Eu estaria desempregada, incapaz de sair para jantar ou pagar o aluguel. Não tinha planos para o futuro, a não ser a última visita ao tribunal. Planejava morar de novo com meus pais, voltar a economizar. Estava grata por ter meu antigo quarto como opção, mas era angustiante recomeçar do zero.

Outra coisa estava acontecendo, mas guardei para mim mesma: entre jantares e festas de formatura, eu me fechava no banheiro, os ombros tremendo e lágrimas escorrendo. Durante o julgamento, eu havia me isolado para enfrentar tudo. Mas, diante da minha libertação, meu corpo se via indefeso contra as ondas de angústia, que surgiam com a urgência de uma ânsia de vômito, então eu me trancava para controlar a respiração, os olhos ardendo. Estava com medo de como meu corpo não parava de ditar aqueles surtos. Eu agarrava a pia, abrindo a torneira para abafar os sons. *Por que você está triste?*, pensava sempre. *Você ganhou.* Não queria que Lucas me ouvisse, percebesse que eu ainda estava destruída, incapaz de deixar tudo aquilo para trás.

Na minha caixa de entrada chegou uma mensagem de Michele Dauber, uma professora de Stanford e ativista que exigia que a universidade se esforçasse mais para evitar casos de abuso sexual no campus. Ela também era uma antiga amiga da família que eu não via desde a adolescência. Quando eu estava no ensino fundamental, a filha dela e eu fazíamos parte do mesmo grupo de amigos e íamos de bicicleta até a Blockbuster para alugar *Carrie, a estranha* e comíamos Cheetos, enfiadas em sacos de dormir na pequena casa de hóspedes.

Quando minha história foi divulgada, assisti da cama aos repórteres entrevistarem Michele na porta de casa, o lugar que eu frequentara de tênis Skechers enlameados no ensino fundamental. Eu queria a sabedoria dela, mas sabia que, se falasse com ela, seria acusada de ter um objetivo claro. Até a matéria do *The Washington Post* tinha citado um crítico que dissera: *A promotora estava seguindo as exigências das ativistas femininas de Stanford.* Vi Michele dar declarações sobre o caso, sem saber que eu era Emily, fascinada com nossa proximidade. Por muitas vezes, quis dizer: *Sou eu.*

Ela havia ligado os pontos depois da série de matérias que repetia o nome da minha irmã, minha escola, minha universidade. Disse que havia perguntado à filha e depois à minha melhor amiga de infância, Nicole, se era verdade. Eu teria contado a Nicole, mas ela passara o ano todo estudando urdu na Índia. Tanto Michele quanto Nicole mandaram centenas de pedidos de desculpas: *Se eu soubesse, teria ajudado.* Nicole comprou uma passagem

para casa na época da sentença. Michele perguntou a líderes estudantis de Stanford se eles estavam interessados em coletar assinaturas de apoio dos alunos. Os líderes escreveram cartas pedindo pelo menos dois anos de prisão, citando a necessidade de criar um precedente e impedir a violência sexual no campus. Ela disse que um grupo iria à audiência usando fitas, em solidariedade, mas eu estava nervosa demais e recusei a ideia com cuidado, mantendo meu mundo pequeno, protegido, muito bem selecionado. Liguei para minha amiga Mel, minha melhor amiga da faculdade, que imediatamente comprou uma passagem para vir de Los Angeles. Liguei para Miranda, que me levaria para as fontes quentes para relaxar. Contei a Cayla, que faltou ao trabalho e veio de São Francisco. Fiquei emocionada com a rapidez com que todos se planejaram para comparecer. Eu já podia contar o número de amigas envolvidas em ambas as mãos.

Abril passou e o fim de maio se aproximava. Eu ainda não havia começado a declaração, ficava dizendo a mim mesma: *em breve*. A promotora me mandou uma mensagem: Será que podia mandar algo para ela nas duas semanas seguintes?

Durante os dezessete meses anteriores, toda vez que eu pensava no caso, eu anotava a ideia no bloco de notas do celular e a marcava com as iniciais de Brock. Por fim, me sentei e procurei por “B.T.”. Vi surgirem dezenas de anotações que, depois de escrever, eu nunca mais tinha voltado a abrir. Copiei tudo e coleí em um documento do Word. Eu tinha dezenas de páginas de anotações aleatórias. Eu me sentei e li tudo em uma tacada. Saí do quarto e só voltei à mesa três dias depois.

Em todos os meus anos de aulas de escrita, os professores sempre nos diziam que, se um tema fosse difícil demais, era preciso deixá-lo de lado por um tempo. Criar distância. Mas eu tinha um prazo. Eu também nunca havia enfrentado uma tarefa como aquela, fazer uma lista de danos emocionais. A premissa era deprimente. Por que eu deveria registrar todos os meus possíveis danos irreversíveis? Eu tinha um panfleto sobre “Como criar uma declaração de impacto”, que sugeria questões: *Como você se sente quando acorda? Com que frequência chora? Defina, em porcentagem, quanto tempo do dia você passa triste. Já pensou em suicídio?*

Certa tarde, recebi uma ligação de um número desconhecido. Deixei que caísse na caixa postal. No recado, a mulher se identificou como uma oficial do departamento de custódia. Eu havia aprendido a ser desconfiada. Liguei para a promotora, perguntando se podia falar com a oficial. A promotora disse que a mulher queria saber minha opinião sobre a sentença e que eu deveria ligar para ela e explicar que estava escrevendo uma declaração que poderia compartilhar.

Fiquei surpresa pela ligação. Estava acostumada a não ter voz, a raramente poder dar minha opinião. Supus que a sentença para cada crime seria mínima. Imaginei que aquela seria uma maneira simpática de ela me deixar contribuir e resolvi dar minha opinião, mesmo que não valesse de nada, como moedas lançadas em uma fonte de desejos.

Expliquei à oficial que estava escrevendo uma declaração. Mas ela começou a me fazer perguntas. Respondi que foi muito difícil para mim, sobretudo ver minha família sofrer. Coloquei uma das mãos na testa e fechei os olhos, tentando me concentrar, me ater às perguntas dela, sempre mais perguntas. Disse que havia sobrevivido a um tiroteio na escola, um ato cometido por um homem que nunca recebera a ajuda de que precisava. Eu não queria que Brock surtasse e punisse mais mulheres, precisava ter certeza de que ele ia fazer terapia, ter aulas no presídio. *Então você não quer mais do que um ano?*, perguntou ela. Fiquei confusa, nunca tinha dito aquilo. Ela explicou que eu dissera “presídio” e que o presídio do condado era uma prisão onde ele podia ficar no máximo um ano. Presídios não tinham pena máxima. *Ah*, respondi. *Bom, oferecem alguma aula no presídio?* Eu me perguntei por que ninguém me explicara aquilo.

Acima de tudo, eu queria que Brock assumisse o que havia feito. Perguntei se ela tinha falado com ele, e ela disse que não, mas que ia se encontrar com ele na semana seguinte. Falei que para mim era difícil responder àquelas perguntas sem ouvir o que ele tinha a dizer. *Você quer que ele entenda*, disse ela, afirmando que compreendia. A conversa tinha sido rápida. Falei que estava escrevendo uma declaração e ficaria mais à vontade se pudesse mandá-la por e-mail quando tivesse terminado. Mas ela respondeu que minhas declarações já estavam de bom tamanho, tinha feito

algumas anotações e que não seria necessário enviar nada. *Você foi ótima*, falou. Desligamos.

Senti um incômodo insistente. Quis que outra pessoa estivesse presente durante a conversa. Disse a mim mesma que estava sendo paranoica, que ela tomaria conta de tudo.

Dias depois, recebi uma ligação da promotora, sua voz frágil. *Você pode me dizer o que falou para ela?* Passei o ano inteiro nervosa, com medo de estragar tudo simplesmente por ignorância: podia misturar os acontecimentos durante o depoimento, usar a roupa inadequada no tribunal, usar um tom de voz estranho. Ela me explicou que a oficial do departamento de custódia tinha proposto uma sentença mais leniente, dito que eu só estava preocupada com o tratamento, não com a prisão, sugerido que Brock não merecia ficar preso. Eu me perguntei como podem ter finalmente me dado a oportunidade de falar sem na verdade me permitir falar o que queria. Leis existem, pensei. Como é possível que eu estrague tudo a esse ponto?

Falei a ela que ligaria de novo para a oficial, mas a promotora afirmou que era tarde demais, o relatório já havia sido apresentado. Ela me mandaria a recomendação da oficial do departamento de custódia e a declaração de Brock, para que eu pudesse responder aos dois em minha declaração. Abalada, abri o relatório.

A oficial havia transformado minha declaração em um único parágrafo. Tinha pegado minhas palavras, mas construído as próprias frases, tirando todo o contexto. *Só quero que ele melhore como pessoa*, dizia. Ela me deu um tom de perdão e submissão, escondendo bem a agonia. Reduziu meu sofrimento à frase: *Não estou feliz com isso*. Chegara a uma conclusão própria: *Ele não precisa ficar atrás das grades*. Aquela mulher, que estivera ausente durante toda a batalha, havia chegado para roubar minha vitória. Durante meses, eu vinha escalando aquele buraco, e minhas mãos finalmente tinham agarrado a beira do penhasco. E então eu via a terra se transformar em lama sob meus dedos, enquanto caía de volta.

A oficial afirmou ter ficado *impressionada com a capacidade da vítima de digerir objetivamente a gravidade e os desdobramentos do comportamento do acusado*. Aquela palavra, *digerir*. Ela havia confundido minha força com digestão. Talvez

esperasse uma vítima histérica, chorona e contundente. Ela não podia ouvir meus músculos se contraindo, não tinha visto Lucas me encontrando deitada, muda, no sofá, após o telefonema, exausta de resgatar aquelas lembranças.

Como mulher, eu tentara declarar minha opinião sem parecer vingativa nem controladora demais. Por isso reprimi a vítima irritada. Então me perguntei se havia sido elegante demais, se minha postura tinha sugerido que o ato dele fosse de poucas consequências. Quando pedira que ele fizesse aulas e terapia, ela confundira aquilo com uma passividade zelosa, uma absolvição cuidadosa. O que eu quis na verdade foi chamar atenção para a saúde mental dele porque, com base na minha experiência, quando homens ficam chateados, solitários ou se sentem abandonados, nós somos mortas.

Uma sentença moderada no presídio do condado, liberdade condicional e tratamento para estupradores são respeitosamente recomendados. Aquilo me destruiu. *Moderada* sugeria que o crime dele era de pouca gravidade, pouca intensidade, tolerável. Era humilhante: *Este caso, quando comparado a outros crimes de natureza similar, pode ser considerado menos sério em razão do nível de embriaguez do acusado.*

Ela havia entrevistado Brock e relatava: *O acusado demonstrou arrependimento e empatia sinceros em razão à vítima.* Eu me perguntei se ela sugeria uma pena mais leve porque Brock finalmente havia assumido a responsabilidade. Abri o outro PDF:

Juro que nunca teria feito nada daquilo se [ela] não tivesse consentido... Só estávamos no calor do momento. Se, em algum momento, tivesse achado que ela não estava respondendo, eu teria parado na hora... Nunca quis tratá-la como nada além de uma pessoa excepcional... Durante o julgamento, não quis vitimizá-la de forma alguma. Era só meu advogado e a maneira dele de abordar o caso... Tenho que sacrificar tudo... As coisas podem passar de diversão para destruição em apenas uma noite. Ele explicou que estava trabalhando em um programa em que dava palestras contra a cultura do álcool nos campi universitários e a promiscuidade sexual que a acompanhava.

Não li mais nada, não precisava. Enquanto rolava a página, percebi que, no fim do relatório, havia quase quarenta cartas escritas e assinadas por orientadores, professores e treinadores de Ohio. Dei uma olhada, depois

parei em uma carta dos avós dele: *Brock é o único sendo responsabilizado pelas ações de outros adultos irresponsáveis.*

Havia outro formulário preenchido pela oficial com quem eu havia conversado. Em “raça da vítima”, ela havia marcado *Branca*. Eu nunca teria marcado apenas *Branca*. Qualquer um que notasse que sou branca também notaria que sou igualmente chinesa. Esse simples detalhe era a prova do pouco tempo que ela havia dedicado a me conhecer e supusera que eu era branca pelo telefone, sem nem se dar ao trabalho de perguntar.

Abstraí o que a promotora havia dito e liguei para o departamento de custódia. Digerir porra nenhuma, digerir, eu tiraria o pino da granada, seria a vítima que ela esperava. Ouvi os toques longos e frágeis, argumentos se formando na minha cabeça, mas uma gravação pediu educadamente que eu deixasse um recado, um bipe, depois silêncio. Desliguei o telefone e apoiei a palma das mãos na mesa. Encarei o porta-lápis, a foto de uma praia na parede. Tudo estava tão calmo... Nada combinava com o que eu estava sentindo, minha raiva não tinha para onde ir. Bati no porta-lápis e os cilindros finos se espalharam pelo chão. *SOU CHINESA*. Gritei, dando um soco na mesa, jogando a cadeira para longe. *SOU CHINESA*.

Fui para a sala de estar e Lucas se levantou, me segurando pelos ombros, me acalmando. *Está tudo bem, tudo bem, o que houve?* Ele falava com um tom de voz calmo, me estimulando a fazer o mesmo. Empurrei as mãos dele. Falei: *Você tem que ficar com raiva. Quando ler isto, quero que fique com raiva.* Eu queria que ele ficasse tão puto que seu corpo não pudesse reagir de outra forma, queria que ele soubesse como eu estava me sentindo. Queria que ele fervilhasse de raiva, que quebrasse coisas.

Violência sexual classificada como *moderada*, por que não deveríamos ficar putos? Talvez não fosse calma o que eles queriam esse tempo todo, mas algo reprimido, quieto, contido. Minha declaração não seria mais uma anotação triste em meu diário sobre meus sentimentos. A promotora havia pedido que eu falasse diretamente com o juiz, mas eu falaria direto com Brock. Liguei para a promotora outra vez: *Há algum limite de tamanho para minha declaração?* *Tecnicamente, não,* respondeu ela.

Digitei furiosamente, até meus dedos não aguentarem mais. Eu me afastava da mesa, andava em círculos até conseguir me sentar de novo. A raiva motiva, mas em excesso também incapacita. *Agora. Tenho que fazer isso agora.* Mas eu parava toda hora, enxugava o rosto com as mãos. Não conseguia lidar fisicamente com aquilo, não conseguia transformar minha raiva em um tap-tap ritmado de teclas, não conseguia me preocupar com sintaxe enquanto meu corpo desabava.

Liguei para minha amiga Mel, abalada. Ela disse: *Me conte o que aconteceu.* Expliquei a série infinita de problemas, as desculpas vazias. Quando enfim parei, ela respondeu: *Acabei de digitar tudo que você disse. Vou mandar para você por e-mail. Use isso.*

Naquela noite, Margaret Cho ia se apresentar no mesmo Helium Comedy Club. Em 2015, ela havia lançado um clipe chamado *I Wanna Kill My Rapist*. Eu a admirava por não ter remorso, ser sincera e um dos poucos modelos asiático-americanos presentes na cultura mainstream quando eu era criança. Eu me sentei no canto da plateia e a vi sair pela mesma porta que eu havia usado para subir no palco. Ela usava sapatos de salto alto vermelhos, uma calça amarela no estilo *Kill Bill* e uma camiseta preta que dizia OUI. Depois da apresentação, enquanto o público ia embora, fui direto para a porta verde e bati. Na mesma hora, dois guarda-costas se aproximaram, me impedindo de entrar. *Mas eu me apresentei aqui,* falei. Uma mulher que trabalhava no teatro pediu que eu fosse embora. Sempre faço o que mandam, mas meus pés continuaram plantados no chão. Outros dois funcionários tentaram me afastar sacudindo um pano de prato, pedindo que eu saísse. De repente, vi a cabeça de Margaret surgir entre os ombros dos guarda-costas. Eu a chamei. *Sou comediante também,* falei. Nós conversamos com os homens ali no meio, e ela olhou nos meus olhos, sorrindo. *Eu só queria dizer que gostei do seu clipe,* falei. Ela me agradeceu e me perguntou meu nome. *Chanel,* respondi. Ela assentiu. *Foi um prazer, Chanel.* Encostamos nossas mãos sobre os ombros daqueles homens e ela foi levada embora.

Enquanto me virava, algo desmoronou. Eu me sentei em uma cadeira de madeira segurando a cabeça, no teatro vazio, e comecei a chorar. Não conseguia parar. Enquanto voltava a pé para casa, chorei descaradamente.

Tentei sorrir enquanto chorava para não assustar ninguém na rua. A raiva havia explodido, tinha liberado o desespero. Ela entendia como nos sentíamos quando alguém queria nos ver destruídas. Gritar e esfernejar não é sinal de que enlouquecemos. É sinal de que passamos para o nosso próprio lado. Estamos, finalmente, aprendendo a lutar contra aquilo. A raiva tinha chegado para acabar com a timidez.

Mas como fazê-los ouvir? Eu não queria ser desmerecida como a vítima enfurecida. Eu me lembro de aprender que a raiva era uma emoção secundária, a emoção primária era próxima da dor. Eu os faria ouvir a mágoa sob a fúria. Para me acalmar, preendi na parede os cartazes brancos que Lucas havia comprado para mim depois do nosso primeiro encontro. Desenhei uma estrada enorme, uma curva, criaturas passando por ela em carruagens e monociclos: uma lesma usando um lenço esvoaçante, flamingos com nós no pescoço, um antílope andando de moto. Desenhei até minha mente se acalmar.

No dia seguinte, liguei para meu amigo Matt, que ainda não sabia que eu era Emily. Todos à minha volta tinham sido treinados a esperar pouco de Brock e do sistema falho. Eu queria um choque novo, queria ouvir a incompreensão inicial, *como pode uma coisa dessas*. Eu me senti louca, estava louca, só precisava ouvir alguém dizer: *Isto também me deixa louco*. Quando contei, a tristeza e a frustração dele me acalmaram. Ele é cristão e me perguntou se podia rezar por mim. E ele rezou, bem ali, ao telefone. Não pediu força a Deus, mas informou a Ele que sabia que eu era forte o bastante para passar por aquilo.

Eu havia contado minha história muitas vezes, mas para minha família e meus amigos eram versões censuradas. No tribunal, só pude falar através das perguntas que me fizeram. Peguei minha cópia gasta de *Palavra por palavra*, de Anne Lamott, que havia me guiado durante a faculdade. Ela escreveu: “Lembre-se de que é dona do que aconteceu com você... Não pode escrever com base no lado sombrio de outra pessoa, só a partir do seu.” Pela primeira vez, eu contaria minha versão da história. Uma carta de mim para Brock.

Esta noite, disse a mim mesma, você vai se sentar e sentir tudo aquilo. Coisas sombrias e nojentas vão sair rastejando de você. Imagens vão

reaparecer. A sensação de incerteza e isolamento que teve a cada fase do processo vai voltar. Você vai se sentir enjoada, vai se sentir triste. Não vai ser divertido, vai parecer impossível, mas tem que ser feito. Deve ser feito. A versão atual de mim mesma atravessaria um túnel comprido e escuro para encontrar a menina que havia acordado no leito de hospital, pegaria a mão dela e começaria o caminho de volta pela sequência de lembranças horríveis, enquanto lentamente descobria a verdade. Enquanto digitava, o rosto contorcido, eu frequentemente falava em voz alta, às vezes a pele do meu pescoço repuxava, eu sussurrava, meus olhos se embaçavam com lágrimas, eu sibilava, me levantava, desabava na cadeira, andava em círculos, mas as duas personalidades em minha cabeça continuavam andando, meu eu atual lembrando o tempo todo ao antigo que ele não podia parar e se encolher num cantinho, que deveria continuar. Escrevi tudo até o presente, então parei. As minhas versões do presente e do passado se abraçaram e a do passado desapareceu. Eram sete da manhã e, em nove horas, eu havia escrito 28 páginas incoerentes, meu primeiro rascunho. Olhei pela janela, o sol nascia. Olhei para Lucas, dormindo tranquilamente. De pijama, comi um pouco de cereal, ouvindo a colher bater na tigela em silêncio, vendo o sol amarelo diluído cobrir os prédios. Vi um ônibus lá embaixo, um retângulo pequeno parando no ponto, pessoas atravessando a rua. Outro dia começava. Eu estava bem. A história não havia me engolido.

Nos dias seguintes, eu acordava e ia para minha cadeira sem nem escovar os dentes. Comia apenas quando Lucas colocava um prato na minha frente. Os banhos demorados que eu costumava adorar se tornaram chuveiradas rápidas. Não tinha tempo a perder. Gritei a declaração em voz alta do início ao fim para acertar as palavras. Fiquei com medo de que os vizinhos chamassem a polícia enquanto eu gritava *VOCÊ FOI CONDENADO POR ME VIOLENTAR, INTENCIONALMENTE, À FORÇA, SEXUALMENTE, COM INTENÇÃO MALICIOSA*. Queria pregar um papel na porta: *Só estou ensaiando*.

Eu vivia pedindo extensão do prazo, um ou dois dias a mais. Quando o tempo acabou, mandei o texto. O juiz teria uma semana para lê-lo antes da sentença.

Fiquei doente quase no mesmo instante. Perdi totalmente a voz. Não fiquei rouca, fiquei sem voz, raspas de som entre respirações. Fui até a Rite Aid comprar pastilhas para tosse de limão e hortelã e meu cartão foi recusado. Na mesma hora deslizei a embalagem de volta pelo balcão, pedi desculpas com um aceno e fui embora. Quando conferi minha conta pela internet, tinha 2 dólares e 83 centavos. Aquela tinha sido a conta que um ano antes eu havia aberto com muito orgulho quando consegui meu primeiro emprego. Vasculhei o quarto, procurando coisas que tinha comprado e podia devolver. Achei um livro com o recibo ainda enfiado entre as páginas. Era *Você fica tão sozinho às vezes que até faz sentido*, de Charles Bukowski. Tinha sido atraída pelo título. Fui até a livraria e recebi os 16 dólares de volta.

No dia da formatura de Lucas, fui sozinha até a cerimônia, sem voz, vestindo o casaco grande e preto dele. Os pais dele tinham vindo comemorar. Eles nos levaram à Fogo de Chão, uma churrascaria brasileira, onde todos recebemos um porta-copos: vermelho de um lado, verde do outro. Se colocássemos o lado verde para cima, garçons nos perseguiriam com espetos de carne, cortada direto no prato. O lado vermelho significava que estávamos satisfeitos naquele momento, por favor, nos deixe em paz. Adorei o controle: virar um papel podia fazer os garçons se movimentarem à minha volta, o vermelho fazia tudo aquilo parar.

Os pais de Lucas ainda não sabiam sobre o caso. Tinham planejado uma viagem em família para o Lago Tahoe no dia 2 de junho, o dia da sentença, mas Lucas disse que tinha que ficar em Palo Alto para “ajudar um amigo” e iria de carro no dia seguinte encontrar com eles. Eu confiava neles e sempre me sentira bem-vinda, esse nunca havia sido o problema. Ser abusada sexualmente não era algo que eu imaginava compartilhar com a maioria das pessoas. A natureza pública do caso tinha me colocado em uma posição estranha. Eu me senti péssima por eles terem visto pelos jornais o desenrolar da história, sem saber que o filho estava envolvido, mas fiquei dividida: era direito meu ter privacidade ou era direito deles saber? Também queria dar a eles a chance de me conhecerem melhor como Chanel, antes de me conhecerem como Emily.

Passamos nossos últimos dias na Filadélfia encaixotando meus livros que ficavam no parapeito da janela, embalando as panelas e frigideiras que eu havia acumulado durante o ano. Deixei um cartão ao lado da máquina de chocolate quente para Anthony, torcendo para que ele encontrasse em suas visitas matinais. Abracei as mulheres da portaria, dei canetinhas e livros para as filhas delas, que eu havia conhecido através de fotos e histórias. Lucas e eu ficamos sentados no apartamento vazio, comendo sopa enlatada fria. Perguntei se podia ler a declaração dele e ele hesitou, com medo de me magoar. Garanti que ficaria bem.

Chanel odiava falar sobre a noite em que foi estuprada... Ele havia escrito sobre como eu me tornara verbalmente hostil, irritada, abrasiva sempre que o caso era mencionado. Eu me lembrei do celular quebrado, das brigas aos berros. Lembrei que, no meio de um filme, enquanto um estupro acontecia na tela, gritei *Desligue, desligue, cadê a droga do controle?*, fui embora e bati a porta. Ele escreveu sobre minha incapacidade de dormir sozinha, a insegurança física, as luzes acesas. Tinha notado as vezes em que eu havia saído do apartamento para andar sem destino pela cidade, precisando ficar sozinha. Escreveu sobre o processo ter sido mais invasivo, público e longo do que tínhamos previsto. *Chanel me permitiu, secretamente e apenas por causa da nossa proximidade, alguns vislumbres da dor causada pela violação pública do seu corpo...* Por favor, não confunda essa força com o impacto profundo, negativo e permanente que surge do fato de um homem agredir sexual e publicamente uma mulher inconsciente e o ano de julgamento midiático que seguiu esse fato. Era muito sofrido ver como aquele acontecimento horrível havia se metido em nosso relacionamento enquanto lutávamos para incorporá-lo em nossa vida.

... Chanel costuma se esconder no banheiro do nosso apartamento e trancar a porta... às vezes por horas, sem motivo. Eu a escuto chorando do outro lado da porta do banheiro. Senti as bochechas ficarem vermelhas, repentinamente mortificada. Estava com vergonha do meu comportamento, da minha incapacidade de esconder a dor. *Chanel é uma mulher corajosa e deveria ser elogiada por sua força emocional.*

Desculpe, pediu ele. Achei que esse fosse o objetivo. Você sabe quanto é forte, não sabe? Assenti, lágrimas brotando em meus olhos. Estava um pouco

envergonhada, mas sobretudo comovida. Ao pedirem que ele escrevesse uma carta sobre as mudanças que havia notado em mim, ele não dissera: *Bom, não sei, eu não estava lá*. Podia ter deixado minha dor afastada, a uma distância segura, ou se retirado totalmente do caso. Em vez disso, tinha estado do outro lado da porta do banheiro, ouvindo, tentando descobrir como cuidar do meu novo eu.

Quando Tiffany mandou sua declaração para minha mãe, ela respondeu com algumas palavras. *Desculpe, minha Tiffy, não consigo ler, choro demais*. Eu me preparei para ler. Era tão doloroso quanto eu havia imaginado, mas também tinha um tom diferente.

Os momentos em que você a estuprou foram apenas o começo; você a levou junto na sua queda porque fracassou. Viu uma garota bêbada sozinha, incapacitada... Por que não tentaria encontrar as amigas dela? Eu estava tentando encontrá-la. Você quase destruiu a alma dela, mas não conseguiu. Não pode desfazer o mal que lhe causou, a escuridão que jogou sobre nós, mas agora finalmente pode nos deixar em paz para que nos curemos. Só sinto pena de você porque não conheceu minha irmã antes de estuprá-la. Ela é a pessoa mais maravilhosa do mundo.

Eu nunca tinha ouvido minha irmã falar naquele tom. *Você fracassou. Deixe a gente em paz*. Fiquei impressionada com a força dela. Talvez minha irmã mais nova não fosse mais aquela menininha que eu imaginava. Talvez, quando fui para a faculdade com ela depois da audiência, quem estivesse com medo de ficar sozinha fosse eu. Talvez eu quisesse que ela tomasse conta de mim, dormisse comigo no intervalo das aulas. Durante todo aquele tempo, eu havia tentado preservar uma ilusão de que podia ser competente o tempo todo, nunca depender de ninguém. Mas eles haviam percebido.

Julia também deu uma declaração, mas a carta dela foi quase toda sobre as mudanças que tinha visto em Tiffany. Era impressionante, os efeitos se espalhavam mais do que eu poderia ter imaginado. Eu encarava minha dor como uma nuvem de chuva particular, mas ler aquelas cartas foi como ver o céu se fechando. Quando todos os danos haviam sido datilografados e exibidos, foi inacreditável. Todo mundo havia se tornado vítima daquele crime. Cada um tinha a própria história, cada um se escondia atrás da própria

porta para sofrer em segredo. Eu precisava achar um jeito de espantar aquelas nuvens.

O relatório da oficial do departamento de custódia tinha sido um obstáculo, mas tínhamos chance com minha declaração de doze páginas, algumas cartas de familiares e amigos e mais de duzentas assinaturas de alunos de Stanford. Fui informada que teria um tempo limitado e precisaria ler uma versão resumida da minha declaração. Eu me concentraria no que queria dizer para Brock. Previ que ele ficaria preso por pelo menos dois anos, que aquilo seria sua despedida. A promotora disse que talvez quiséssemos sair do tribunal depois que eu lesse a carta; se Brock fosse algemado e levado embora, a família dele ficaria muito exaltada. Eu me lembrava dos pés batendo, dos gritos, não me esquecera da angústia e do caos que acompanhavam aquelas vitórias. Não importava o tamanho da minha raiva, eu nunca ficaria feliz ao ver outras pessoas sofrendo.

Na viagem de volta, peguei o computador para fazer algumas edições, os cotovelos grudados no corpo, digitando com dois dedos. De repente, uma mulher na fileira à minha esquerda gritou: *Ele não está bem, alguém ajude*. Vi o homem ao lado dela tremer, o pescoço curvado como se estivesse mole, a boca escancarada. Tinha uma foto da família impressa na camiseta dele. O filho pequeno encarava o pai. A filha adolescente estava sentada ao meu lado. Dois homens se materializaram dizendo que eram médicos. Enquanto a mãe continuava ansiosa, *façam alguma coisa*, vi a menina gesticular silenciosamente para que o irmão se sentasse em seu colo. Ela o abraçou, depois explicou com calma para os médicos que o pai costumava ter convulsões. Eu a vi encarar as pessoas que esticavam o pescoço para o corredor. *Queria que nos dessem um pouco de privacidade*, disse ela. Entendi a sensação de querer puxar uma coberta por cima do sofrimento enquanto o público o tratava como espetáculo. A mãe dela estava exasperada, o irmão, de boca aberta, mas ela nem piscava. *Digerir*.

Tiffany foi de carro para casa na noite da sentença. Ia passar um dia e teria que voltar para fazer as provas finais. Ela se deitou na minha cama, leu rapidamente as cartas de apoio a ele das pessoas de Ohio. Notei que aquilo a incomodava. Eu estava sentada à mesa, fazendo os ajustes finais na minha

declaração. Pedi a ela que parasse de ler, para não se preocupar. Eu tinha uma coisa melhor.

Dormi bem naquela noite, a ansiedade se calou. Lembrei a mim mesma que só estava ali para encerrar o assunto. Naquela manhã, vesti o suéter cor de aveia. Seria a terceira e última vez que o usaria no tribunal. Coloquei um biscoito na bolsa. Tiffany tinha saído cedo para encontrar as amigas no tribunal. Saí de casa com a declaração impressa nas mãos, esqueci a chave, me trancando do lado fora, e não pude pegar o carro. Tiffany teve que voltar para me buscar. Enquanto ela dirigia, fiquei sentada no banco do carona reescrevendo as frases, distraída, falando comigo mesma. Quando estávamos sentados no closet das vítimas, li novas frases para Lucas, *isso faz sentido?, esta frase está boa?*

Eu sabia que alguns amigos iriam, mas não sabia o que sentiria ao ver tantos rostos familiares se materializarem ao meu lado no tribunal. Mel, Cayla, Athena, Nicole, Michele e a filha, a vovó Ann, Anne, Julia, Myers, as amigas de Tiffany, minha mãe e meu pai. Todos tinham se afastado da própria vida sem pensar duas vezes para estar ali. Aquele mundo lúgubre que eu acreditava ser só meu, um reino triste tinha virado uma sala comum. Disse a mim mesma: *Está vendo, seus amigos e parentes querem lutar do seu lado, basta você deixar.*

Sorri para o detetive Mike Kim, me senti invencível, animada até. Mas algumas coisas me abalaram. Achei que fosse dar a declaração no banco de testemunhas, como tinha sido no depoimento, voltada para a plateia. Mas na realidade eu ficaria de pé, de costas para todos no tribunal, olhando diretamente para o juiz. Entendi então por que a promotora havia pedido que eu escrevesse a declaração para ele. Brock e seu advogado ficariam sentados a uma mesa, de costas para mim.

Também percebi que os jurados não estariam lá, seus bancos ficariam vazios. Fiquei triste por eles não estarem ali para me verem retomando minha identidade, reescrevendo a única versão de mim que tinham visto. À minha direita, o chefe da minha promotora, o sr. Rosen, estava sentado com dois pedaços de papel no colo. Um discurso para o caso de tudo dar certo, outro caso fosse uma sentença ruim. Ele não parava de trocar de folha.

Enquanto esperávamos sentadas, percebi que meu caso era apenas um da fila, os assentos estavam repletos de estranhos. Toda a minha família assistiu a um homem receber a sentença por dirigir embriagado. Depois, uma moça chinesa de blusa vermelha se levantou, segurando uma pilha fina de papéis. Sua voz tremia, o inglês não era sua primeira língua. Ela falou do ex-noivo, das agressões físicas. Perguntou ao juiz se podia mostrar fotos do seu rosto depois da surra. O juiz abriu um sorriso rígido e falou: *Por que não mostra de uma vez?* Ela ergueu uma série de fotos ampliadas. A parte de baixo do seu rosto parecia coberta de ketchup. Ouvimos suspiros. Lentamente percebemos que o homem parado a apenas alguns metros à direita dela, as mãos unidas tranquilamente atrás das costas, havia feito aquilo. A moça afirmou estar usando a mesma camisa na qual tinha sangrado. Enquanto ela falava, a mão do juiz se levantou, perguntando quanto tempo ela ainda tinha. Fiquei chocada. Eu não sabia que ele podia nos interromper. Ela disse que estava quase terminando, recomeçou, brigando com seu inglês para acelerar o discurso. Meus olhos iam dela para o juiz, comecei a ter medo de que ela não conseguisse terminar. Dava para ver a folha que ela segurava. Estava no último parágrafo, quase lá. O juiz voltou a interrompê-la, lembrando que ela precisava encerrar. Já estava organizando os papéis. A moça garantiu que só tinha mais algumas frases. Ela estava de pé, a alguns metros do agressor, lutando pela própria vida em uma língua estrangeira, em um país estrangeiro, mas ouvindo indiretamente: Seus problemas estão tomando tempo demais. O homem, culpado por agressão grave, tinha pedido uma punição leve. Ela perguntou: *Da próxima vez que eu for espancada, posso pedir uma oferta melhor?*

Eu havia me esquecido, temporariamente, de onde estava. O homem foi sentenciado a 72 dias de prisão durante os finais de semana, para que pudesse manter o emprego nos dias úteis. Eu nem sabia que uma pessoa podia ficar presa só nos finais de semana. Preso nos sábados e domingos, de volta ao escritório toda segunda-feira. Eu me senti oca por causa das imagens do rosto dela coberto de sangue, enquanto o juiz a acelerava, rápido, rápido.

Alguém estava me cutucando. *Está pronta?* Olhei para meu pacote, entrando em pânico. Não, não estou. Não tinha resumido o suficiente, precisava cortar mais parágrafos, cadê minha caneta. Fui chamada até a frente

da sala. Eu me levantei mecanicamente e abri caminho de lado pela fileira, batendo nos joelhos das pessoas enquanto me obrigava a me concentrar. A promotora ficou ao meu lado. Tentei alisar os papéis cheios de dobras no púlpito. Basta olhar para as palavras, basta ler. Quando comecei, ouvi minha voz tremer, como se balançasse em uma ponte estreita. Por favor, siga em frente, você não chegou até aqui para ser interrompida na primeira página. Não chore, você já chorou demais.

Então senti a mão da promotora no meio das minhas costas, me mantendo de pé. O peso leve da mão dela me acalmou, me disse: *Estou bem aqui*. Logo ouvi pessoas fungando, estavam chorando. Está funcionando, eles estão ouvindo, pensei. Minha oratória melhorou, minha força voltou. Percebi que estava falando alto, os gritos ampliados pelo microfone. Não ajustei o volume. Olhei para o juiz, encarando seus olhos várias vezes, lembrando que eu não havia terminado. Daquela vez, memorizei o rosto dele. Apontei para as costas da cabeça branca do advogado de defesa. Ele não se virou para me encarar. Fitei a lateral do rosto impassível de Brock, seu perfil estoico. Estava enraizada, apontando para ele. Queria que todos fossem consumidos pela minha voz, ficassem sob meu controle.

Um silêncio acompanhou minhas palavras finais. Enquanto me sentava, fui recebida de volta pelos abraços de todos, como se eu descesse do céu e eles me acolhessem. As pessoas estavam abaladas, chorando. Elas se inclinaram para sussurrar, apertaram meu braço, esfregaram minhas costas. Eu estava tremendo, voltando a mim mesma com os toques delas. Acomodada entre Lucas e Tiffany, senti meu abdome relaxar. Tinha conseguido. Mostrara todas as cartas. Era aquilo, estava acabado.

Para minha surpresa, o pai de Brock se levantou. Admirei aquilo, achando que ele pediria desculpas pelo filho. Mas, quando ficou de pé, ele não olhou para mim. Foi direto para o púlpito, ajustou o cinto e olhou nos olhos do juiz. *Brock daria qualquer coisa para voltar no tempo e fazer tudo diferente naquela noite.*

Logo estávamos ouvindo uma história de Brock no ensino fundamental, provas de soletração semanais, beisebol, escoteiros. Pisquei algumas vezes, me perguntando o que estava acontecendo. Se uma vítima fala, mas

ninguém a nota, ela pode fazer algum barulho? Ele explicou que Brock tinha sido aceito na universidade antes de passar por uma avaliação atlética, que despertava muito interesse em técnicos da primeira divisão. Em determinado momento, o pai dele fez uma pausa, a voz embargada, enquanto o juiz aguardava com paciência. Brock tinha a maior média de todos os calouros da equipe de natação. Recebera uma bolsa de 60% do valor da anuidade. Stanford tinha uma taxa de aceitação de 4%.

Ele explicou: *[Brock vinha tendo] problemas para se enturmar. Pensando agora, fica claro que ele estava desesperado para se encaixar em Stanford e foi absorvido por uma cultura de consumo de álcool e festas. Aquilo, aquela cultura era incentivada por vários veteranos dele da equipe de natação e claramente teve um papel importante nos acontecimentos de 17 e 18 de janeiro de 2015. Pensando agora na breve experiência de Brock em Stanford, acredito que nem de longe fosse a melhor coisa para ele. Eu nunca havia pensado que saudade de casa podia ser uma defesa. Ele afirmou que a vida de Brock tinha sido profundamente alterada... Ele nunca voltaria a ser uma pessoa tranquila e feliz, com uma personalidade simpática e um sorriso receptivo.*

Tínhamos ido ao enterro de Brock. *Eu sempre me empolgava para preparar para ele um grande bife de costela na grelha ou para comprar seu salgadinho favorito... Agora ele só come para sobreviver. Ouvi minha família ficar agitada.*

Esses vereditos destruíram e abalaram ele e nossa família de várias maneiras. Ele falava dos vereditos como se fossem uma doença repentina. Vereditos do quê? De culpa. Culpa pelo quê? Estupro. Estupro cometido por quem? Brock. Seu filho destruiu e abalou sua família. Mas ele nunca poderia dizer aquilo.

É um preço alto a pagar por um ato de vinte minutos em seus vinte e poucos anos de vida. Fiquei paralisada. Só queria que ele terminasse.

Ele não tem antecedentes criminais e nunca foi violento com ninguém, inclusive em seus atos da noite de 17 de janeiro. Esse argumento me pareceu um golpe direto, um recado só para mim. Olhei para a parede branca. Senti a tensão surgir em todas as fileiras, como se uma briga fosse começar. A postura de Brock de repente fez muito mais sentido. Ele vivia protegido sob um teto onde o veredito nunca seria aceito, onde ele nunca seria responsabilizado.

Depois foi a vez de Brock. Eu nunca tinha ouvido a voz dele. Por mais de um ano ele havia sido um rosto silencioso no tribunal. E ali estava ele, encurvado, segurando uma única folha de papel dobrada ao meio. A luz que passava pelo papel mostrava apenas algumas frases digitadas. Encarei a leveza daquilo; eu podia soprar de onde estava e a folha escaparia de suas mãos. Olhei para o pesado pacote grampeado que eu tinha no colo, minha declaração editada. Ele falou devagar, cada palavra puxada como se fosse um balde pesado saindo de um poço, irritantemente monótona. *Sinto muito por cada momento e intervalo de tempo... Minha mente, meu coração e meu corpo agonizam por causa do sofrimento e da dor que causei a Chanel, Tiffany...*

Quis arrancar nosso nome da boca dele. A declaração lida por ele tinha dez frases, pedidos de desculpas genéricos e planos de alertar estudantes sobre os perigos do álcool, e acabou em menos de um minuto. Ele tinha nos arrastado para um pequeno círculo. Fiquei sentada, sem acreditar. Havíamos chegado até ali, depois de tanta coisa, depois de um veredito, para perceber que nada parecia ter mudado.

O juiz pediu um breve recesso. Todos estavam fervilhando de raiva, uma tempestade se formava. *Putá que pariu, o que foi isso.* Eu estava perturbada, mas disse a mim mesma que não importava, que aquela era a última tentativa desesperada deles antes de serem jogados na sarjeta. O juiz tinha me ouvido.

O juiz reabriu a sessão citando algumas falas minhas. Disse que lera aquelas frases em voz alta porque eram relevantes para a decisão sobre a sentença. Aquilo me deu esperança. Mas o juiz falava baixinho, como se estivéssemos em uma biblioteca e ele não quisesse incomodar ninguém. Seus olhos estavam voltados para as anotações, seguindo de um lado para outro. Ele mencionou alguns códigos penais e, em algum momento, disse as palavras *seis meses*. Fiquei sentada pacientemente, esperando que anunciasse a sentença final. Mas ele começou a explicar sua lógica. Disse que, *naqueles casos, a liberdade condicional era proibida*, e eu pensei: É, ótimo, *a não ser em casos excepcionais...* Eu não sabia que meu caso era excepcional.

Devemos dar peso ao fato de o acusado ter se embriagado, embora tenha sido voluntariamente, em relação a um acusado que comete uma agressão com intenção de estuprar, um acusado totalmente sóbrio. Há menos culpa moral ligada ao acusado que

está legalmente embriagado. Eu tinha ouvido aquela mesma lógica na declaração da oficial do departamento de custódia. O álcool libertava Brock da culpa moral.

O juiz declarou motivo após motivo: ele era jovem, não tinha antecedentes criminais, não usara armas e *o nível de perda financeira da vítima não é considerável.* Ele disse que o crime não havia demonstrado sofisticação criminal, que Brock não tinha se aproveitado de uma posição de confiança para cometer o crime e que o registro como estuprador já era uma consequência. *Obviamente, a sentença de prisão terá um grande impacto nele.* Eu não conseguia entender, queria me inclinar para a frente e cutucar a promotora: *O que está acontecendo?*

Ele mencionou *as consequências adversas na vida do acusado por causa da condenação criminal. E serão graves.* Disse que as cartas de defesa do caráter dele demonstravam consequências enormes. Se o puníssemos, também afetaríamos sua comunidade. *Com relação à atenção que a mídia deu ao caso, isso não só impactou a vítima, mas também o sr. Turner. Quando, em alguns casos, não há divulgação, as consequências que abatem as pessoas presentes na vida do acusado podem ser minimizadas.* Ele havia sofrido com a atenção da mídia, não conseguira manter o que fizera em segredo. Revirei as frases do juiz em minha mente, analisando-as, incapaz de entendê-las. Então ele esclareceu.

A sétima coisa é se o acusado se arrependeu. E talvez esta seja uma das questões mais conflitantes e difíceis deste caso. Porque o sr. Turner veio até aqui hoje e disse estar sinceramente arrependido por toda a dor que causou a Chanel e à família dela. E eu acho que é um arrependimento genuíno. Chanel declarou que ele não assumiu de fato responsabilidade pelo que fez. E acho que, em determinado momento, ela escreveu ou disse que: “Ele... ele não entende.” E então temos o sr. Turner expressando arrependimento, algo que acho, subjetivamente, que seja verdade, e Chanel não vê isso como uma expressão verdadeira de arrependimento porque ele nunca disse: “Eu fiz isso. Eu sabia quanto você estava bêbada. Sabia que estava apagada e ainda assim fiz isso.” E... acho que provavelmente nunca vamos chegar a esse ponto.

“Chanel não vê isso.” Era eu, o problema era eu. Minha incapacidade de ver algo que o juiz via. Eu havia sido levada a pensar que foi por isso que todos tínhamos ido até ali naquele dia, para chegar a esse ponto. Agora estava

vendo o juiz apagar esse ponto, me deixando do meu lado e Brock, do outro, digno de compaixão. Todos à volta dele haviam conseguido mantê-lo dentro da sua ilusão. Eu tinha tentado tirá-lo de lá. O juiz acreditara nele. Finalmente senti o chão pender, tudo escorregar para o lado dele.

Quero dizer, acredito no que ele diz quando fala que, subjetivamente, esta é sua versão dos acontecimentos. O júri, é óbvio, acreditou que essa não era a sequência de eventos... Quando um júri dá um veredito, todos devem respeitá-lo. Todos devem aceitá-lo, inclusive o sr. Turner. Mas não estou convencido de que a falta de aceitação total do veredito deva pesar contra ele quando falamos de uma expressão de arrependimento, porque acredito que o remorso dele é verdadeiro. Um pedido de desculpas é válido sem mudança? Se ele disser que sente muito, mas insistir que não é culpado, não parece mais manipulação do que reconciliação? Eu estava assistindo ao juiz liberar o peixe de volta para a água, nadar para longe, para as profundezas. Durante todo aquele tempo, achei que o juiz era a cabeça, e o júri, o corpo. Eles eram um só. Mas o júri tinha ido e vindo, e agora só a cabeça falava.

Acho que ele não será um perigo para outras pessoas... As cartas sobre seu caráter sugerem que, até hoje, ele havia respeitado as regras sociais e legais de maneira superior a uma pessoa que respeita as regras costuma fazer. Se havia algo que tínhamos aprendido com tudo isso era que, na verdade, Brock era superior a uma pessoa normal. Taxa de aceitação de 4%. Não era um momento para condenar, mas para elogiar.

E, por fim, acho que outro fato que se relaciona razoavelmente com a sentença são as provas de caráter — as oferecidas durante o julgamento e nesta audiência de sentença; as provas de caráter em relação ao passado do sr. Turner até o momento do incidente.

O incidente. O resultado infeliz. Vinte minutos de ação. Na natação, um centésimo de segundo é a diferença entre a vitória e a derrota. Mas eles queriam considerar vinte minutos insignificantes. Vinte minutos tinham sido só o começo: quem estava contando os voos de seis horas que havíamos pegado para atravessar o país? Quem estava contando as visitas ao médico, as horas passadas retorcendo as mãos na terapia, as noites em claro? Quem estava contando as idas às lojas, me perguntando: Será que esta blusa é apertada

demais? Quem estava contando os dias sem escrever, ler nem criar, e que eu passava me perguntando por que deveria acordar de manhã? Quem estava contando isso?

O juiz abriu espaço para objeções. Minha promotora se levantou, disparou tudo que estava errado. Fiquei surpresa por ela reunir tantos pontos tão em cima da hora. Ela apontou que seis meses no presídio do condado significariam apenas três: cada dia de bom comportamento diminuiria um dia. Junho, julho, agosto. Brock estaria em casa no fim do verão, muito antes do Dia de Ação de Graças. Ela disse: *No mínimo, isso deveria merecer um ano no presídio... no mínimo.* Como havíamos chegado ao ponto de implorar por um ano? Quando o poder tinha sido tirado de nós?

Olhei para as pessoas ao meu lado, a promotora se esforçando para ganhar força, todos em frangalhos. Virei o rosto para o lado deles, queixos erguidos, mãos unidas, controlados. Ninguém desabava de tristeza nem gritava. Em vez disso, havia um ar tranquilo, uma postura calma. Será que sabiam disso desde o início? O advogado de defesa empurrou a cadeira para trás ao se levantar, elogiou a precisão do juiz, repetiu as circunstâncias diferentes que pediam uma sentença mais leve e seis meses no presídio do condado seria perfeito.

Minha última esperança era o departamento de custódia. Uma mulher que eu nunca tinha visto se levantou. Ela disse: *Depois de ouvir o que a vítima tinha a dizer hoje e revisar os documentos que foram apresentados por ambos os lados... o departamento de custódia fez uma recomendação justa e completa.* Senti meu peito afundar, mas me mantive completamente imóvel. Tudo tinha sido em função daquele momento. *Você foi condenado a seis meses de prisão no presídio do condado. Tem um dia de crédito.* Ele teve um dia retirado da sentença, já que havia passado a noite na cadeia quando foi preso. Nem foi um dia inteiro, pensei. Era inacreditável.

Caso queira recorrer da sentença, deve apresentar o formulário para revisão da sentença ao secretário judicial deste tribunal nos próximos sessenta dias. O advogado de defesa falou: *Acredito que haja um advogado presente no tribunal que vai representar o sr. Turner no recurso da sentença. Ele poderia falar com a corte rapidamente?* Eu me virei para a direita quando um homem de barba branca

se levantou, o peito largo, segurando uma pasta, usando um terno bem cortado. Ele parecia uma versão um pouco mais elegante do antigo advogado de Brock. Era contra ele que eu teria que lutar? Eu me virei para a frente. Achei que tinha matado um dragão, mas lá estava um dragão ainda maior. Eu estava cansada demais para brigar, queria que tudo acabasse, queria me encolher em sua boca. Ele anunciou que já havia preparado o formulário para recorrer da sentença, perguntou onde podia apresentá-lo. Brock podia estar *verdadeiramente arrependido*, mas tinha contratado um advogado ainda mais poderoso para me pintar mais uma vez como mentirosa, bêbada, interessada.

O juiz agradeceu e fomos dispensados.

Imaginei que aquilo era uma peça, estávamos no palco, que a qualquer minuto o cenário seria levado para longe, bom trabalho, pessoal. Era só disso que precisávamos, obrigado por terem vindo. *É isso?*, perguntou minha irmã. Eu queimava por dentro, não conseguia falar. Eu me sentia humilhada, não queria que ninguém tivesse vindo. Era por isso que era melhor não deixar ninguém entrar, por isso era melhor fazer as coisas sozinha. Senti uma raiva visceral de mim mesma por apresentar aquele desabafo dramático, aquele monólogo enlouquecido e emocionado. Não havia conseguido identificar o clima da sala. Foi excessivo, foi excessivo e ainda assim não foi suficiente.

No ensino fundamental, tínhamos que escrever em nossos diários amarelos todos os dias. Um dia, estávamos lendo em silêncio enquanto a professora dava notas aos diários no fundo da sala. Ouvi meu nome e, quando me virei, vi que ela erguia o diário, as páginas voando frouxas. *Chanel, não existe dia 42 de janeiro!* Eu havia escrito após o dia 31 de janeiro, passando ao dia 32, ao 33, até o 42 de janeiro. A sala inteira riu e eu fiquei vermelha de vergonha. Havia regras óbvias no mundo que eu não percebera. Quais outras coisas eu não sabia? Naquele instante, o juiz erguia minha declaração, todos riam, meu rosto queimava. Janeiro tem 31 dias, estupradores pegam três meses de cadeia, e todos no mundo sabem disso, menos eu.

Já volto. Pedi licença depressa para sair da sala de audiências; minha bolsa, eu tinha que pegá-la no closet das vítimas. Desci pelo corredor, tentei girar a

maçaneta, mas estava trancada. Eu me virei para ver se alguém podia pegar a chave, vi o olhar de todos fixo em mim. Todos que eu amava estavam me olhando com preocupação, precisando de um pouco de esperança, *e agora?*, e pior ainda era a sensação de que eu não tinha nada para dar a eles. Que sentia muito, porque aquilo era tudo que tinha, e achei que poderia nos salvar, mas havia falhado. Minhas palavras não valiam nada.

Vi Julia andar de um lado para outro, atrás do grupo. Erguendo e baixando os braços, ela chorava com a voz embargada, dizendo: *Odeio esse cara, odeio esse cara*. Ela representava o que estávamos sentindo, se expressava por todos nós, enquanto ficávamos parados, abalados e assustados, incapazes de sentir por ora.

A promotora apareceu com a chave. Ela sempre demonstrara muita força, sempre dizia: *Vamos conseguir*. Mas estava pálida, sem saber o que dizer.

Nós nos reunimos em uma sala nos fundos. Ouvi a raiva na voz do meu pai ao falar com o sr. Rosen: *O pai dele nem olhou para ela, como ele pôde não ter olhado para ela?* Eu havia voltado a ser invisível, alguém que precisava de pais para lutar por mim, patética e impotente. O sr. Rosen disse que fui ótima, mas eu também sabia qual discurso ele estava segurando. O colega dele afirmou que tinha sido a declaração mais incrível que ouvira em vinte anos. Explicou que eu dissera o que muitas vítimas sentiam mas não conseguiam expressar. Assenti, sabendo que ele devia dizer aquilo para todas as vítimas, que era apenas um discurso. O detetive me lembrou de que nunca teriam chegado até ali sem mim, minha defensora me garantiu que era verdade. Os elogios foram derramados em mim feito água. Apenas olhei para eles, acostumada demais àquela postura tranquila, à abertura de braços cuidadosa, aos tons delicados. Eu não queria aquilo, a pena, o consolo.

Eu não tinha visto que aquele era apenas um caso entre muitos outros, encaixado em uma programação. O homem que havia espancado a mulher tinha recebido uma sentença de 72 dias, que, conforme percebi, seriam apenas 36; caíam pela metade de acordo com a mesma regra. Aos meus olhos, tinha sido muito sério, mas o juiz provavelmente via casos como aquele o tempo todo, o meu era só mais um no meio. De repente, me peguei questionando o que fizera aquele ano inteiro, pelo que estava

sofrendo. Não podia me lembrar por que havia saído do emprego, por que estava morando na Costa Leste. Dobrei minha declaração em quadrados cada vez menores e a escondi na bolsa.

O sr. Rosen e Alaleh me perguntaram se podiam divulgá-la. Falei: *Claro, se vocês acharem que vai ajudar*. Eu a imaginei no fórum de uma comunidade ou no site do jornal local. Michele disse que íamos continuar lutando, o que deveria ser visto como um conforto. Assenti, mas, para mim, não dava mais. Alaleh e o sr. Rosen saíram para falar com as câmeras ansiosas na escadaria do prédio. Ele disse: *A punição não corresponde ao crime. A sentença não levou em consideração a verdadeira seriedade desta agressão sexual, nem do trauma que ainda pesa na vida da vítima. Um estupro em um campus não é diferente de um estupro fora de um campus. Estupro é estupro*.

Minha família e eu descemos pela escada dos fundos. Pela primeira vez, não corri. Não senti mais a urgência de me proteger, eu já havia perdido minha armadura. O dia estava ensolarado e silencioso. Carros passavam a caminho da avenida Califórnia para o almoço. Para a maioria das pessoas, era apenas uma tarde comum. Tentei me reconfortar dizendo: *Você vai poder ser uma pessoa normal outra vez*. Mas a liberdade não deveria ser assim. Vi a família dele e o advogado de defesa a trinta metros, no estacionamento, parados em um círculo. Eu me imaginei indo até eles, já que as barreiras tinham se dissolvido, e os confrontando. Como vocês podem continuar não me vendo? Minha família não parava de dizer: *Vamos para casa, o que ainda estamos fazendo aqui*. Fiquei apenas parada na calçada, silenciosamente convencida de que, se esperássemos mais um minuto, eles nos chamariam de volta, diriam que havia sido um erro. As pessoas foram embora uma a uma e, ainda assim, eu fiquei.

Meus amigos me levaram para tomar frozen yogurt. Nós nos sentamos em torno da mesa e pesquisamos no Google a diferença entre presídio e penitenciária, tentando entender. O presídio costuma ser para crimes pequenos; podemos pegar seis meses por cavar um buraco para fazer uma fogueira na praia, pilotar um drone, alterar um extintor de incêndio, invadir uma obra. Falamos: *Talvez eu devesse cavar um buraco na areia e ser mandada para um presídio para cuidar dele com minhas próprias mãos*. Falamos sobre a

menção do pai dele ao bife, sobre a proficiência de Brock na soletração. Falei que uma vez tinha sido eliminada de um concurso de soletração por errar “abobrinha”. Percebemos que metade de nós ainda não sabia soletrar a palavra. Nós nos revezamos e compartilhamos histórias de agressões, assédios, virgindades roubadas, toques indesejados, em uma barraca, em uma festa, momentos em que queríamos ter exigido mais por nós mesmas. Todas tínhamos uma história, muitas histórias. Dentre todas, eu havia chegado mais longe em termos de obter justiça. Supus que a justiça era aquilo, ficar sentada, exausta, com um copinho derretido de frozen yogurt.

À medida que a tarde caía, Lucas foi para o Lago Tahoe encontrar a família. Tiffany voltou correndo para as provas finais da faculdade. Minhas amigas voltaram para seus escritórios. Em casa, meus pais se enfiaram cada um em seu canto. À noite, eu já estava totalmente sozinha de novo. Eu não conseguia mais me lembrar de uma ocasião em que não tivesse passado esperando ansiosamente por aquele momento. Pelo menos havia acabado. Vi um e-mail de Michele, que havia entrado em contato com Amy Ziering, a produtora do documentário *The Hunting Ground — Escola do estupro*. A filha de Amy havia sugerido que a declaração fosse publicada no BuzzFeed por uma jornalista de confiança chamada Katie J.M. Baker. Achei que não havia problema. Procurei emprego e trabalhos temporários em classificados online. Queria dar aulas de arte em um acampamento. Queria me sentar ao ar livre em uma mesa de piquenique e colar penas em varetas, queria algo que oferecesse pouco risco, comer sanduíches de manteiga de amendoim de sacos de papel marrom. Não me importava de receber oito dólares por hora, de morar no mesmo quarto que eu tinha no colégio. O que quer que fosse fazer, seria minha escolha. Anotei os nomes de alguns acampamentos. Seria ótimo. Lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos. Fechei todas as abas.

Dizem que, quando somos estupradas, existe um reino, um tribunal, no alto de uma montanha, onde podemos obter justiça. A maioria das vítimas é mandada embora no pé da montanha, elas ouvem que não têm provas suficientes para concluir a jornada. Algumas vítimas sacrificam tudo para escalar até o topo, mas são mortas no caminho, o peso da prova impossível de suportar. Eu segui em frente, acompanhada de um time forte, que me

ajudou a carregar o peso, até chegar ao topo, o lugar que poucas vítimas alcançavam, a terra prometida. Tínhamos conseguido a prisão, o veredito, a pequena porcentagem que conquista a condenação. Era hora de ver a justiça agindo. Mas havíamos aberto as portas e não encontramos nada. Aquilo me deixou sem ar. Pior ainda era olhar para o pé da montanha, onde eu imaginava vítimas ansiosas olhando para cima, acenando, aplaudindo, animadas. *O que você viu? Como se sente? O que acontece quando chega lá?* O que eu poderia dizer a elas? Não existe sistema para vocês. A dor do processo não vale a pena. Esses crimes não são crimes, mas inconveniências. Podíamos lutar até cansar, mas pelo quê? Se for estuprada, corra e nunca olhe para trás. Essa não era uma sentença ruim. Era o melhor que podíamos esperar.

No início da sentença, o juiz dissera que a pergunta tinha sido: *Uma penitenciária federal é a resposta certa para a destruição da vida de Chanel?* Achei que a formulação da frase havia sido estranha. Para ele, meu emprego perdido, a cidade natal manchada, a pequena poupança, os prazeres roubados só tinham resultado em noventa dias em um presídio.

Eu me perguntei se, aos olhos deles, a vítima se mantinha estagnada, vivendo para sempre naquele intervalo de vinte minutos. Ela continuava paralisada, enquanto Brock se tornava cada vez mais multifacetado, suas histórias se desenvolviam, um espectro de vida e lembranças se abria para ele. Brock podia ser uma pessoa. Onde estava a história de redenção da vítima? Ninguém falava sobre as coisas que ela podia ter feito. Eu havia exposto todo o meu sofrimento, mas me faltara um elemento-chave. O juiz tinha dado a Brock algo que nunca oferecera a mim: empatia. Minha dor nunca seria mais valiosa do que o potencial dele.

Não haveria transformação. Atrás das grades ou não, o juiz o libertara, permitira que ele voltasse para os cantos de sua mente onde não podia cometer erros. Então qual era o significado de tudo aquilo? Qual era o objetivo, o fim? Ele nunca havia sido forçado a imaginar a vida do ser humano que sofrera suas ações. Na verdade, a batalha tinha cimentado Brock em suas distorções, fortalecido a necessidade de manter sua posição.

Eu me perguntei se estava enxergando uma verdade que havia sido a última a entender: Você vale três meses. Uma parte mais inteligente de mim

sabia que aquilo não era verdade, mas eu não podia fingir que tinha consciência disso. Naquele momento, não havia nada a fazer além de ceder. Aceitei que aquela seria uma das noites mais sofridas da minha vida.

Eu me permiti sofrer. Um choro pesado tomou conta de mim. Meus braços seguravam com força o travesseiro, o queixo enfiado na almofada, eu olhava para a frente. *Aguente firme*, falei. Senti os dentes no travesseiro, sufoquei meus gritos, tomando cuidado para não acordar meus pais. Minha vida envenenada, três meses.

Mas eu também sabia que aquela sensação não duraria para sempre. Assim que o sol nascesse, o pior teria ficado para trás. Quando o sol nascesse, eu estaria em uma nova vida. E nessa nova vida eu nunca mais pisaria em um tribunal. Onde está o sol agora?, pensei. Eu não parava de olhar para fora, o mundo infinitamente escuro, esperando que as cores surgissem. A escuridão continuou imóvel por horas e eu quis correr para o leste, onde o sol passaria mais cedo por cima de mim. Sozinha em meu quarto, os olhos fechados, eu o imaginei se movendo, o poder brilhante se aproximando de mim, a Terra girando de forma pesada e lenta. Se conseguir sobreviver a essa noite, prometo que vai sobreviver a todos os outros dias.

Abri meu caderno. Encarei a folha em branco. Então escrevi: *Você vale mais do que três meses*. Mais uma vez. *Você vale mais do que três meses*. Meu rosto desabou, se contorceu, minha mão tentando ser mais rápida do que minha cabeça. Escute o que seu corpo está tentando dizer. *Você vale mais do que três meses*. Uma voz em minha cabeça disse: Do que você gosta? Respondi: Gosto de desenhar. E o que vai fazer? Vou desenhar, vou falar. *Você vale mais do que três meses*. Não sou um fardo. Não sou limitada, estou sempre me expandindo. Seu sofrimento significa alguma coisa. *Você vale mais do que três meses*. Eles nunca poderiam ter me rejeitado de verdade porque nunca haviam me conhecido completamente. *Você vale mais do que três meses*. Eu nunca fui só o estupro. Eu sentia que estava lutando, passando a caneta pela página. *Você vale mais do que três meses*. Minha mão enrijeceu, depois amoleceu. A luz em meu quarto era cinzenta. Abri as cortinas para olhar para fora, contornos de árvores e carros surgindo. Baixei a caneta. Dormi.

IO.

De manhã, meus olhos estavam ardendo, e um novo dia brilhava lá fora. Eu quis aproveitar minha libertação das garras afiadas do caso. Ia preencher minha sexta-feira com calma e sol. Ia pedalar na Tofu até os pântanos de sal para ver as cegonhas brancas. Ia comprar um milk-shake na sorveteria. Ia nadar. Naquele instante, esses eram todos os planos que eu tinha para minha vida.

Mas meu telefone estava cheio de ligações perdidas e mensagens. Um e-mail de Amy: Katie J.M. Baker estava esperando minha permissão para publicar a declaração no BuzzFeed. Nada na cobertura do caso havia me dado motivo para achar que uma repórter estaria fazendo aquilo para o meu bem. Mas Katie já tinha lidado com aquele tipo de caso e eu estava tão exausta, a declaração parecia tão pouco relevante, que eu não dava a mínima para onde iria parar, contanto que meu nome não fosse publicado. Eu me sentei na cama, dizendo *aloooooou* para me livrar da voz rouca matinal, depois liguei para ela. A repórter pareceu animada, efusiva e gentil. Falei que eles podiam cortar o que quisessem. Ela explicou que os editores não iam tocar no texto. Aquilo me pareceu estranho; eu sabia que havia páginas demais, frases longas, vírgulas erradas. Em vez disso, ela me perguntou se eu gostaria de acrescentar alguma coisa. Falei: *Quero que o juiz saiba que ele acendeu uma fálscia.*

A declaração foi publicada às quatro daquela tarde. No alto da página, havia um retângulo vermelho destacando algumas frases em letras brancas. Uma formatação poderosa. Mas olhar para aquilo era como estar parada em um auditório vazio, decorado com faixas de papel crepom, com medo de ninguém aparecer. Eu não ia aguentar. Desliguei o computador, fui para a cozinha. Tirei as forminhas de gelo do congelador, coloquei cubos de gelo

no copo. Desejei ter uma geladeira prateada da qual o gelo saísse sem que fizéssemos esforço. Era só nessas coisas mundanas que eu queria passar o resto da vida pensando.

Voltei ao artigo. No canto superior esquerdo, havia um contador. Em vinte minutos, quinze mil pessoas tinham visualizado a página. Katie começara a me encaminhar e-mails dos leitores.

Estou chorando. Não posso escrever muito porque estou no trabalho, mas vou dizer que...

Chorei pela sua dor e pelas suas conquistas. Não sou de chorar...

Apesar de ficar enojada depois de ler seu artigo, eu...

Foi difícil ler, tive que parar e voltar muitas vezes. Quase não cheguei ao fim, mas fiquei feliz por ter conseguido...

Talvez eu tenha vomitado no trabalho porque me identifiquei com grande parte disso, mas foi reconfortante ter, por um instante...

Quase todas as mensagens que recebi começavam com a pessoa dizendo onde estava chorando. Ficaram com raiva, depois arrasadas, então agradeciam, falavam que todos deveriam ler aquilo. Foi uma reação complexa demais para categorizar, mas parecia que, ao fim da leitura, elas encontravam certa clareza. Fiquei impressionada com o bafafã, um pouco preocupada por ter feito tanta gente chorar.

Vi os números aumentarem. Algumas horas depois, quando as visualizações chegaram a oitocentas mil, liguei para o meu pai e pedi que entrasse na internet. *Buzz bee? Onde eu encontro... Você pode me mandar o link?* Lucas estava fazendo uma trilha de bicicleta pela floresta. Quando me mandou uma foto de capacete, respondi: *Tem uma coisa acontecendo. Tiffany estava estudando para as provas finais. Eu não queria distraí-la. Continue estudando, não entre na internet!*

Quando os acessos chegaram a um milhão, mandei uma mensagem para minha mãe, que estava no mercado. *Minha história viralizou.* Ela respondeu: *A mamãe comprou quatro tipos de sorvete para você!* Três emojis de fogos de artifício. Acho que nenhum de nós havia entendido o que aquilo significava. Os e-mails não paravam de chegar. Eu estava nervosa demais para olhar a seção de comentários, esperando o mesmo desprezo que tinha ouvido do

juiz. Mas, quando olhei, encontrei palavras carinhosas. *Ela olhou diretamente para o sol e descreveu tudo para a gente. Você significa muito para este mundo. DIVULGUE ISSO.* O detetive Kim me mandou uma mensagem: *Você é uma estrela.* Uma mensagem de Tiffany: *Sua voz foi o suficiente para acabar com todos os comentários ambíguos, maldosos e que culpavam as vítimas.*

Quando chegou em casa, meu pai começou a imprimir alguns comentários; ele gostava de sublinhá-los e de se sentar para lê-los. Eu também estava fascinada com as palavras que as pessoas usavam. *Eloquente. Lancinante. Emocionante. Visceral. Corajoso. Irrefutável. Uma nova heroína nasce.* Emily era uma heroína. Corajosa e articulada, desafiadora e firme, uma figura de verdade e força. Eu ainda não via a mim mesma naquela pessoa.

Acho que, se tivesse lido isso anos antes, eu teria me sentido menos culpada, menos idiota, mais forte, mais validada, e saberia que valia mais como ser humano.

No fim daquela sexta-feira, eu estava encarando a tela brilhante. Meu pai veio me dar boa-noite, sorrindo: *Talvez a Casa Branca seja a próxima a ligar!* Era uma frase típica de pai, que sempre tentava alcançar a lua. Na manhã de sábado, os acessos continuavam aumentando. Minha casa estava fervilhando, cheia de amor, repleta de certeza. Katie me encaminhava centenas de e-mails. Minha mãe entrou no meu quarto com uma tigela de mingau de arroz, pediu que eu não ficasse tão perto da tela do computador, *isso faz mal aos olhos.* Mas eu estava viciada no fluxo infinito de mensagens, sentia a necessidade de me preencher com isso antes que o momento passasse. Nos dezoito meses anteriores, sempre que meu caso aparecia no jornal, eu via notícias mais importantes ganharem destaque. No domingo à noite, imaginei que minha comemoração já teria acabado. A nova semana começaria, o mundo redirecionaria sua atenção. Quando fui dormir, anotei o número de acessos:

Domingo, 5 de junho, 23h, 4.432.947

Pouco depois, a declaração foi publicada no *The Guardian*, no *The Washington Post*, no *Los Angeles Times* e no *The New York Times*. Eu era um dos assuntos mais comentados no Twitter, as notificações não paravam de chegar. Michele me contou que Ashleigh Banfield ia ler minha carta na CNN. Minha primeira reação foi dizer que ela não precisava ler o texto

todo. Mas ela ocupou um bloco inteiro do jornal. A declaração estava se espalhando à força pelo mundo, abrindo caminho. Comecei a mandar mensagens para mim mesma com os números, como se pudesse mapear a trajetória.

Segunda-feira, 6 de junho, 20h50, 6.845,577

Terça-feira, 7 de junho, 20h40, 10.163.254

Quarta-feira, 8 de junho, 17h04, 12.253.134

Quinta-feira, 9 de junho, 23h30, 14.523.874

Sexta-feira, 10 de junho, 12h40, 15.250.000

Surgiram vídeos de pessoas lendo a declaração inteira em voz alta. Os telefones dos serviços de assistência a vítimas de estupro tocavam, ligações e voluntários aumentavam. O prefeito de Nova York, Bill de Blasio, leu o texto com a esposa, Chirlane McCray. A deputada da Califórnia, Jackie Speier, liderou uma sessão de uma hora de leitura no Congresso. O deputado Ted Poe, do Texas, afirmou: *Ela escreveu a Bíblia do que acontece com as vítimas de abuso sexual*. O elenco de *Girls* dedicou um vídeo ao caso, *She is Someone*. O podcast *My Favorite Murder* fez uma cobertura. A revista *Glamour* mais tarde honraria Emily Doe como uma das Mulheres do Ano de 2016. A declaração foi traduzida para o francês, alemão, português, espanhol e japonês. Uma universitária da Coreia chamada Youngki Kim pediu permissão para traduzi-la para o coreano. A declaração foi apresentada em língua de sinais em um vídeo produzido por Crystine, que não sabia que tínhamos estudado juntas no ensino médio. Um grupo feminista da China postou fotos de mulheres segurando cartazes: *Ninguém tem o direito de estuprar. Mesmo que ele seja bom nadador, continua sendo estupro*. Recebi e-mails do mundo todo. *Apesar de estar basicamente do outro lado do Oceano Pacífico, me sinto muito próxima dela e da sua dor e muito grata a todos que se dispuseram a ajudá-la*. Outra mensagem: *Você tocou uma pessoa em uma cidade pacata da Índia com seu sofrimento, sua perseverança, sua vontade*. Um homem na Austrália me disse que estava chorando na varanda às três da manhã. Passei dias sentada em meu quarto, com o laptop ao lado de uma tigela suja de mingau, chorando. Cada mensagem me levava para mais perto de um lugar onde eu começava a me ver com mais clareza.

Um dos ex-colegas de escola de Brock, AJ, escreveu o seguinte post: *Por fim, quero fazer uma declaração. Antes de tudo isso, eu sabia que nunca ia esquecer você. Há oito anos, você me chamava de veado e tinha formado uma opinião antes de saber quem eu era. Olhe onde estamos agora. O “veado” aqui sabe tratar seres humanos, de qualquer espectro de gênero, com dignidade e respeito, e você é o rosto do abuso sexual nos Estados Unidos da América.*

Fui de carro encontrar Alaleh no tribunal. Tinha um cartaz preso à porta do escritório dela: #SejaUmSueco. O pequeno tribunal havia sido inundado de envelopes coloridos, que entupiam as caixas de correio. Ela me entregou uma bolsa pesada, que agarrei com ambos os braços. Nós duas ainda estávamos em choque, sem saber o que fazer com aquele novo final que nos havia sido dado. Enquanto carregava a sacola para o carro, escutei o barulho dos pequenos tesouros ali dentro: um colar com um símbolo de Ganesha para me proteger. Brincos com pingentes de bicicleta. Cartas de uma professora da Nova Zelândia, de uma equipe de softball no Arizona. Uma mulher havia tirado fotos maravilhosas de pinheiros para substituir as lembranças ruins por beleza. Uma aquarela de um farol. Duas barras roxas de chocolate de uma mulher da Irlanda para reabastecer a cesta que vovó Ann tinha me dado.

Se, naquela manhã que acordei num leito de hospital, alguém tivesse me dito que, um ano e meio depois, uma mulher na Irlanda estaria lambendo um selo para me mandar uma caixa de chocolate, eu teria rido. Minha mãe estava certa: *Você tem que esperar para ver como sua vida vai ser.*

Um dia, a Casa Branca entrou em contato. Joe Biden escreveu uma carta para mim. Eu não conseguia acreditar. Eu ainda tinha muros erguidos para me proteger, com medo de me abrir totalmente para o que estava acontecendo. Disse a mim mesma que deveria retirar essas barreiras internas por um instante, para ouvir de verdade.

Na carta, ele escreveu: *Nos vemos por aí.* O que significava o vice-presidente dos Estados Unidos ter parado tudo que fazia de importante para escrever *Nos vemos por aí?*

O estupro acaba com o ego. Perdemos a noção de como e quando nos é permitido ocupar um espaço. Somos levadas a duvidar de nossa capacidade,

desacreditadas quando falamos. Minha declaração havia pegado fogo, entrado em erupção, era indomável. Mas eu ainda mantinha um medo secreto, de que haveria um limite, um final para aquela estrada, onde diriam: *Você já chegou longe demais, a saída é por aqui*. Eu estava esperando ser reduzida outra vez, voltar ao lugarzinho a que imaginava pertencer. Eu havia crescido à margem: na mídia, asiático-americanos recebiam papéis menores, submissos, personagens secundários de fala mansa. Ao longo da vida me acostumei a não ser vista, a nunca me conhecerem de verdade. Não me parecia possível ser a protagonista. Quanto mais reconhecimento eu recebia, mais sentia que não deveria ser alvo de tanta generosidade. Ainda assim, as pessoas não paravam de me colocar para cima, até eu receber um recado da casa mais poderosa do país. O vice-presidente não estava se rebaixando ao meu nível, ele estava me elevando para me reverenciar, me agradecer.

Ele havia parado para ler minha declaração, o que isso significava? Que milhões de pessoas tivessem parado o que estavam fazendo para absorver aquilo? *Vejo o potencial ilimitado de uma jovem incrivelmente talentosa, cheia de possibilidades. Vejo os ombros nos quais nossos sonhos para o futuro repousam*. Pela primeira vez, eu estava começando a entender o que meu pai quis dizer ao falar que estava orgulhoso de mim. Acho que, entre milhões de pessoas, fui a última a saber que eu era corajosa e importante.

Biden disse: *Você deu a elas a força de que precisam para lutar. E, assim, acredito que vai salvar vidas*. Pensei no homem com aquele casaco preto pesado sentado perto dos trilhos em uma cadeira dobrável, contratado para salvar vidas. Percebi que, desde os dezessete anos, esse era o trabalho que eu queria. A única diferença era que eu estava sentada em uma cadeira de casa, escrevendo palavras que fariam as pessoas ficarem onde estão, enxergarem seu valor, a beleza da própria vida. Por isso, se você chegar ao pior dia da sua vida, torço para alcançá-la, para guiá-la de volta com cuidado.

Mesmo quando 99% das coisas eram positivas, o 1% ainda despertava meus piores medos. Quando o telefone de casa tocou, a ilusão de segurança foi rompida. Era a apresentadora de um grande *talk show* matinal. Ela disse: *Também sou descendente de asiáticos, podemos ser amigas*. Era como se eu dissesse: *Você fica bonita enquanto dorme*. Como ela podia me ver? O telefone de Lucas não parava de tocar, a página de Tiffany no LinkedIn chegou a centenas de acessos. Um repórter entrou em contato com os avós de Julia, para chegar a Julia, para chegar até mim. A mídia ofereceu esconder meu rosto e distorcer minha voz, *para me proteger*, explicaram. Cartas perturbadoras de desconhecidos começaram a chegar em minha casa. Eu as enviei para o laboratório para que as digitais fossem coletadas. Repórteres batiam em nossa porta, e meu pai dizia: *Não sei do que está falando*, antes de fechá-la, enquanto eu me escondia sob as cobertas.

A declaração seria lida dezoito milhões de vezes apenas no BuzzFeed. Dá para achar basicamente qualquer coisa na internet, mas eu continuei anônima. Vi aquilo como prova da gentileza do mundo; não haviam me empurrado para os holofotes, para um microfone, dizendo: *Queremos mais*. Não tinham pedido minhas credenciais, não haviam perguntado: *Bom, mas, no fim das contas, quem é você?*

Uma mulher assinou sua carta como *Cordialmente, Emily Doe do Passado*. Muitas escreveram para me dizer que já estiveram no meu lugar, quiseram me mostrar quem as sobreviventes se tornavam, contavam de suas carreiras, seus filhos, seus companheiros amorosos. É assim que sua vida pode ser daqui a dez, vinte anos. Elas me deram milhares de possibilidades para o futuro. Em meu anonimato, experimentei a vida delas e as vi experimentarem a minha. Elas voltaram a ser jovens, finalmente declararam o que mereciam, reivindicando tudo o que tinha sido tomado. A cura era possível naquele vazio.

A declaração havia aberto um espaço, um lugar para sobreviventes entrarem e contarem em voz alta suas verdades mais pesadas, revisitarem partes intocadas do passado. Se eu tivesse declarado minha identidade, esse espaço teria desabado, o telhado cederia sob o peso de outras distrações: minha história, etnia, família. Os poucos que tinham descoberto minha

identidade haviam copiado frames de vídeos antigos de recitais de poesia e divulgado com a legenda: *Brock Turner está com febre amarela. Eu não encostaria minhas bolas na xota chinesa dela. Chinezinha maluca. Mulheres asiáticas não aguentam beber. Brilho asiático, rosto vermelho, magrinha, vagabunda.*

Em vez disso, me tornei a moça de cabelo azul, a mulher de piercing no nariz, tinha 62 anos, era latina, era um homem de barba. Como podiam vir atrás de mim quando éramos todos nós? Um dos grandes perigos de ser vítima é ser identificada, ver a culpa cair em todas as suas características e histórias. No tribunal, vão tentar fazer você acreditar que não é como os outros, que é diferente, uma exceção. Você é mais suja, mais burra, mais promíscua. Mas é um truque. O estupro nunca é pessoal, o recaimento da culpa é.

Como nenhuma foto minha foi publicada, fiquei curiosa para saber quais fotos acompanhariam as matérias: a silhueta de uma moça olhando pela janela, uma lágrima em uma bochecha, uma boca tapada com fita. Tudo aquilo era correto em termos de solidão, de silenciamento. Porém, o mais incrível era que a vítima também era uma menina sorridente de avental verde, que fazia café e tinha acabado de entregar o troco ao cliente. Ela havia acabado de dar aula para alunos do primeiro ano. Estava de fone, batendo o pé ao ritmo da música no metrô. As vítimas estão em todos os lugares.

Quando penso naquele verão, me lembro de cenas que foram entregues a mim através de milhares de cartas em sacolas de supermercado pela minha promotora. Uma mulher que disse que estava sentada no sofá com a filha, cercada por caixas, se preparando para fugir do ex-marido abusivo, me dizendo que sabia que elas não estavam mais sozinhas. Uma mulher que tirara o cartão de Natal com a foto da filha de sua baia do trabalho e escrevera no verso: *É ela que você está salvando*. Uma mulher que havia acordado o marido, acendendo a luz da mesa de cabeceira, para contar a história a ele. Recebi um e-mail de uma menina de dezesseis anos que disse que estava conseguindo se levantar da cama de manhã pela primeira vez em dois anos. Foi a imagem que ficou para mim: a cama já vazia.

Posso contar que, no ano anterior ao julgamento, passei as noites abrindo em segredo uma cortina que escondia uma vida paralela à que eu estava

levando, uma vida em que nada daquilo havia acontecido. Eu imaginava o que estaria fazendo, quem eu seria; meu trabalho de nove às cinco, dias ensolarados, um corpo saudável, festas de fim de ano. Então eu fechava a cortina, voltando para a minha realidade. Hoje vejo a cama vazia dela e sei por que vivi aquela jornada: era a única maneira de chegar até ela. Finalmente aceitei o que havia acontecido, consciente de onde aquilo tinha me levado. Nunca mais toquei na cortina, sabendo que, um dia, uma menina de dezesseis anos se levantara da cama e voltara lentamente à vida.

Meu aniversário de 24 anos coincidiu com a cerimônia de formatura de Stanford. Alguns alunos de capelo ergueram cartazes e o sol brilhou nos papéis cobertos de letras vermelhas em negrito: STANFORD PROTEGE ESTUPRADORES. BROCK TURNER NÃO É EXCEÇÃO. VOCÊ É UMA GUERREIRA. Recebi a coragem desses alunos como um presente de aniversário. Eu imaginava uma mãe segurando a câmera em uma das mãos e fazendo gestos para que ele baixasse o cartaz com a outra: *Jason, largue isso um minutinho e sorria*. E Jason respondendo: *Mãe! Isso é importante!* Significava muito para mim que eles tivessem levado a dura verdade para uma comemoração alegre. Torci para que Stanford percebesse logo que só poderia varrer seres humanos para baixo do tapete até certo limite, e então tudo viria à tona. O palestrante da noite e diretor de documentários Ken Burns disse: *Se alguém contar que sofreu abuso sexual, leve a sério e escute. Talvez um dia tornemos a expressiva declaração da sobrevivente tão importante quanto a carta do dr. [Martin Luther] King escrita da prisão de Birmingham*. Uma comparação generosa.

O sr. Rosen propôs uma nova sentença obrigatória para os condenados por abuso sexual de uma pessoa inconsciente ou embriagada e expandiu a definição de estupro na Califórnia. Duas propostas se tornaram lei ao serem assinadas pelo governador do estado, Jerry Brown. Alaleh me mandou por e-mail uma cópia do documento assinado, como um certificado que me dava o direito de dormir tranquilamente, sabendo que aquela sentença ridícula nunca se repetiria. Voltei a acreditar na justiça.

Michele Dauber lançou uma campanha para destituir o juiz Persky. Nunca se tinha ouvido falar daquilo; nenhum juiz havia sido retirado do cargo na Califórnia desde 1932. Michele queria incluir o pedido na eleição

seguinte, que aconteceria em dois anos. Nicole se tornou uma das codiretoras da campanha e das operações de campo: ela incentivava voluntários, passava horas escrevendo cartas, mantendo todos animados. Explicou que eles teriam que conseguir 58.634 assinaturas no condado de Santa Clara para pôr o nome de Persky na eleição de junho. E, quando a eleição acontecesse, precisariam de pelo menos 50% dos votos para que ele fosse destituído.

Era comum as pessoas me sugerirem: *Você tem que ler isto*. Queria responder: *Fui eu que escrevi*. Certa vez, uma amiga falou: *Eu soube que é de alguém que a gente conhece*. Fiquei paralisada, analisando o rosto dela para ver se estava me testando, mas pelo visto não. Fingi indiferença, dei de ombros, *não soube de nada*. Quando minha irmã conheceu um cara no bairro que tinha um cachorro chamado Brócolis, ele explicou: *Bom, no começo, o nome dele era Brock, mas você soube da história do Brock Turner?* Minha irmã assentiu. *Isso manchava a reputação do meu cachorro, então eu troquei*. Encontrei uma nova psicóloga em São Francisco, mas levei meses e várias sessões para contar que eu era Emily Doe. Inicialmente só falei que tinha sofrido um abuso sexual e ela me respondeu: *Você leu a declaração da vítima de Stanford?* Ela me recomendou minha própria história, disse algo sobre reflexão e força, sobre virar o jogo. Eu assenti e mudei de assunto. Eu queria ser conhecida como Chanel, com meu jeito desastrado, minha confusão, minha rotina, antes de ser vista como Emily, que era desafiadora e corajosa, que parecia ter todas as respostas.

Comecei a ver o mundo através de um filtro suave. Se alguém buzinasse para mim no trânsito, eu olhava pelo retrovisor e pensava: *Talvez você tenha chorado por mim*. Em filas grandes no mercado, eu me perguntava se a mulher à minha frente tinha escrito uma carta para mim, se havia confidenciado a mim alguma tristeza.

Quando saí do tribunal naquele dia de junho, depois de ler minha declaração, coragem era a última coisa que passava pela minha cabeça. Agora eu já entendia que, na vida que havia me sido dada, eu tinha feito uma coisa boa, criado força a partir da dor, oferecido consolo ao ser sincera sobre as

dificuldades que as vítimas enfrentam. Por sua vez, elas haviam me mostrado quem eu era. Agora era só uma questão de descobrir como agradecer.

A romancista Anne Lamott entrou em contato comigo por intermédio de Katie. Pedi conselhos para ela, que respondeu:

Acho que vai sentir um puxão na manga e algo lá dentro de você vai responder em relação ao que deve fazer ou tentar... Sabe quando mergulhamos em uma onda que vai quebrar em nossa cabeça? Escrever me ajuda a fazer isso, a me afastar do turbilhão e do abalo iminente e a encontrar certo refúgio no processo, no ato de anotar lembranças, visões, reflexões...

Depois de lutar por tanto tempo para me afastar daquele caso, achei que não fazia sentido mergulhar de novo. Mas também entendi que passar por ele era uma maneira de seguir em frente, que eu precisava recuar antes de avançar novamente. Eu já tinha minhas instruções. A declaração era a onda. Estava na hora de mergulhar ainda mais fundo, voltar ao início.

II.

Naquele verão, eu disse a mim mesma que o pior havia passado, que a vida normal podia recomeçar. Mas eu já não sabia o que era normal. À noite, meus pesadelos se intensificaram. O alívio e a alegria pareceram temporários. Eu tinha certeza de que, se estava sendo culpada pelo sofrimento de Brock, alguém ia querer me atormentar para acertar as contas. Estas eram as regras do universo de Elliot Rodger: *Eu desejava as meninas, mas elas nunca correspondiam... É uma injustiça que não pode deixar de ser punida.* Eu guardava uma sacola de cartas ao lado da cama e ia lendo aos poucos para preservá-las pelo máximo de tempo possível. Toda noite, eu lia duas ou três. Elas me ajudavam a dormir, um recado amoroso de uma mãe de Wisconsin era minha canção de ninar.

Lucas e eu percorremos as colinas íngremes de São Francisco à procura de apartamentos, perdendo os primeiros que tentamos alugar. Histórico de crédito no banco, trabalho e referências de locatários anteriores eram os campos da minha ficha que ficavam sempre em branco. Eu queria escrever *boa inteligência emocional, proficiência em autoanálise, passei por muita merda que não posso explicar.* Por fim, achamos uma casa quadrada e minúscula que chamamos de *caixa de lencinhos*. Plantamos suculentas cor de jade nos fundos, espalhamos sementes para os pássaros na cerca, colocamos no parapeito da janela da cozinha um vaso de manjerição, que amarelou em um dia. Comprei o que adultos domesticados compram: panos de prato quadriculados, um secador de salada. Tomei o cuidado de não divulgar o endereço novo em lugar nenhum, fiz da minha casa um esconderijo. Ali eu planejava reconstruir minha vida, começar a escrever.

Você vai e volta de South Bay?, perguntou um amigo. *O quê?*, retruquei. Eu tinha esquecido que o antigo escritório em que eu trabalhava ficava trinta

minutos ao sul dali e que meus amigos ainda achavam que eu estava lá. *Ah, não tem problema. Às vezes é ruim, mas tudo bem. Ouço podcasts.* Eu queria dizer que o trajeto durava doze segundos, da cama até a mesa, e às vezes era interrompido para fazer café de pijama.

Recém-formado, Lucas estava negociando o próximo emprego. Antes de cursar administração, ele havia sido consultor, viajava quatro dias por semana e recebeu uma oferta incrível para voltar. Mas só de pensar em ficar longe dele eu entrava em pânico. Eu não queria que ele fosse afetado pelos meus bloqueios. Queria dizer: *Seja livre, sou uma mulher independente!* Mas aquilo me parecia impossível.

Se alguém me perguntasse: *Você consegue dormir sozinha?*, a resposta curta era sim. A resposta elaborada era que eu colocava um cabideiro de metal para segurar o portão perto das quatro da tarde. À medida que o sol se punha, eu acendia todas as luzes. Conferia se o aquecedor estava ligado no andar de baixo, o que me poupava de ter que descer depois que escurecesse. Tiffany costumava construir armadilhas para o Papai Noel, cercando a lareira com cadeiras cobertas de sinos e sacos plásticos. Eu empilhava cadeiras diante da porta. Desenhava um ponto com canetinha no topo do spray de pimenta para garantir que estava borrifando na direção certa. Dormia com uma tesoura grande na cama, porque facas podem escorregar da mão, enquanto nas tesouras podemos encaixar os dedos e abrir um buraco na jugular de alguém. Então eu me deitava no sofá, nunca no quarto, e observava a escuridão engolir minha casa, o mundo se fechar, exigindo que eu me defendesse sozinha.

Do que você tinha medo exatamente?, alguém podia questionar. *Você não foi estuprada em uma casa, não houve invasão.* Mas era o sono que me assustava, o estado inconsciente, vulnerável, no qual tudo podia acontecer. Na noite em que fui abusada, eu perdi a chance de lutar. Estava tentando derrotar o sistema, dormindo com um olho aberto, outro fechado, adormecendo e acordando. Nas vezes em que havia pegado no sono, eu acordava com alarmes apitando no meu peito, *o que foi que eu perdi?* Às cinco da manhã, quando a luz se tornava uma promessa, eu adormecia ao som de jornais sendo jogados, dos primeiros ônibus passando, dos pássaros.

Ficava sempre grogue no dia seguinte, atrasada em relação à rotação regular do mundo. Quando o carteiro tocava a campainha, eu fazia o ritual sonolento de tirar minhas invenções do caminho, gritando que ele esperasse enquanto eu desfazia a barricada de cadeiras. À luz do dia, aquelas proteções pareciam bobas, as barricadas e o spray de pimenta, provas de realidades estranhas e imaginadas em minha cabeça, de batalhas particulares que eu estava lutando. Nos anos anteriores, não dormi nenhuma vez sozinha por mais de três dias.

Minha capacidade de pegar no sono costumava ser motivo de orgulho. Quando fiz intercâmbio na China, durante a faculdade, todos reclamavam que tinham sido acordados pelos zeladores, que queriam consertar os aparelhos de ar-condicionado em cima da cama. Eu disse: *Não consertaram o meu*. Mas minha colega de quarto explicara que homens de macacão verde-hortelã tinham ido lá, as botas deles ao lado da minha cama enquanto eu roncava ali embaixo. Foi engraçado na época, mas hoje isso me aterroriza.

Quando descubro que alguma amiga mora em uma quitinete, fico chocada. *Mas quem é sua testemunha? Quem vai proteger você de todas as coisas que podem acontecer? Não entende que, se estiver sozinha, nunca vão acreditar em você?* Tento imaginar esse tipo de vida, voltar para casa sozinha, preparar macarrão tomando uma taça de Riesling, assistir à TV, bocejar, escovar os dentes e encerrar o dia. Invejo as pessoas que vivem sem preocupações.

Eu me lembro de ter nadado nua durante a faculdade. Meu maior medo na época era de que a água estivesse fria demais. Cinco ou seis de nós, homens e mulheres, escapavam das festas em apartamentos na praia e desciam correndo a escada de madeira até a areia úmida, com toalhas de banho nos ombros. Tirávamos a camisa, ficávamos como viemos ao mundo. Jogávamos as roupas em pedras cheias de limo e corríamos para a água gelada. Mel e eu inclinávamos a cabeça para trás, gritando e rindo. Pegávamos as algas que enroscavam em nossos tornozelos e as colocávamos nos ombros uma da outra, feito cachecóis brilhantes. Nadávamos até um ponto fundo e calmo do mar, apenas a cabeça para fora, brilhando ao luar como se estivesse salpicada de papel laminado.

Quando eu nadava nua, só havia a grande extensão de céu, mar aberto e o círculo da lua branca e pura. A luz era suave; a paisagem, ilimitada. Os pênis não passavam de formas de macarrão, e os seios, montes de massinha boba. Todos eram estranhos, naturais e livres.

Aquelas eram as melhores noites: nós nos revezávamos para ficar embaixo do chuveiro quente, a areia se acumulando no ralo. Preparávamos quesadillas, usávamos camisetas velhas, nos enrolávamos em cobertores antigos, nos deitávamos a três na mesma cama, feito ursos em uma toca. Adormecíamos às quatro da manhã, as roupas cheias de sal, areia acumulada nos cantos das orelhas, cabelos molhados enchando os travesseiros. Eu me lembro de tudo com carinho, mas não sei como fazer isso de novo.

Certa noite, Lucas e eu estávamos voltando de carro do sul da Califórnia e passamos por Santa Bárbara. Pedi a ele que saísse da rodovia, pegasse uma saída por onde eu não passava havia três anos. Nós estacionamos e eu o levei pela escada de madeira até a beira da água. Era tão bonito quanto eu lembrava, porém não era mais meu. Olhei para a esquerda e para a direita, para a longa extensão de praia escura que eu não conseguia ver direito, e me perguntei como ficava tão pelada e animada, chamando atenção para mim mesma. A vulnerabilidade da pele nua. Teria sido tão fácil me machucar, eu não teria tempo de resistir. Nem roupas para vestir. Se algo tivesse acontecido, ninguém teria acreditado em mim. *Bom, você já não estava pelada? Bêbada na praia à noite? O que esperava que acontecesse?* Não teria bastado dizer: *Eu queria que fôssemos só eu, alguns amigos e o mar.*

Certa sensação de liberdade sem receios foi roubada de mim no dia do estupro. Como distinguir espontaneidade de irresponsabilidade? Como provar que nudez não é sinônimo de promiscuidade? Onde fica o limite entre o cuidado e a paranoia? Eu continuava de luto por isso, sem saber como recuperar aquela sensação. Ainda assim, guardava as lembranças bem próximas e recordava que era possível ficar nua entre homens e não estar pedindo por algo mais. A menina que corria de braços abertos para o mar não estava mais ali. Em seu lugar havia uma mulher enrolada em dois casacos, que encarava a água escura, confundindo montes de alga com corpos adormecidos, pedras com homens agachados. Lucas pegou minha mão e me

perguntou se eu queria caminhar. Balancei a cabeça, subindo depressa a escada de madeira.

Enquanto mexia nas transcrições, encontrei uma lista que não deveria ver. Três folhas com descrições das fotos que haviam sido apresentadas como prova. *Fotografia do lado esquerdo da cabeça da srta. Doe, com vegetação no cabelo. Fotografia das escoriações abaixo da clavícula direita. Fotografia das escoriações na base do pescoço e no alto das costas. Fotografia em close das nádegas com escoriações múltiplas. Fotografia da régua que mostra a medida das escoriações na pele próxima da roupa do hospital. Fotografia da genitália feminina. Fotografia da genitália feminina com detritos dentro dos pequenos lábios.*

Meu corpo dividido em quadrados, exibido em um grande projetor. Minha bunda, meus seios, minha vagina foram expostos em uma tela, lábios com mais de um metro de altura, para que o juiz, Brock, seu irmão, seu pai e todos os repórteres e desconhecidos presentes vissem. E, enquanto isso acontecia, eu devia estar no fim do corredor, ajeitando a blusa no espelho do banheiro, assentando o cabelo com água, tentando parecer apresentável. Como me sinto humilhada por ter entrado lá sem saber, sorrindo.

Saber disso me dá vontade de engolir um fósforo, pôr fogo em minhas entranhas, transformar meu estômago em uma caverna vermelha e úmida, com fumaça saindo pelas orelhas, pelo nariz e pelos olhos, até eu me tornar uma casca vazia. Uma concha escura e oca.

O sexo vai ao tribunal para morrer. Observei a boca do advogado de defesa, a língua e o hálito velhos, lábios da cor de homus estragado, *a vagina de Chanel. Esfregando para a frente e para trás.* Aquilo bastou para me deixar enojada, para querer cortar a língua dele fora. Não preciso disso, de sexo, pensei, posso passar a vida inteira sem.

Sexo não tinha carinho. Sexo significava inserir A em B, partes categorizadas separadamente, a *nádega esquerda* chamada de *prova 43*. Sexo significava penetração digital ou peniana, a profundidade a que entrava ou ficava fora de mim. O que dele tinha tocado o que dela no lugar tal. Sexo era cascalho duro cravado na palma das mãos. Sexo era ser perfurada, ter os pulmões esvaziados. Mesmo depois que os hematomas sumiram, depois de horas no divã da terapeuta, eu ainda não sabia como habitar meu corpo. Se

sexo era algo que me machucava, como podia trazer prazer ou segurança? Eu queria tapar meus buracos, trancar o lugar todo, as máquinas em mim desligavam, as engrenagens enferrujavam, ficavam mudas.

Do ponto de vista técnico, é ilegal mencionar o histórico sexual de uma vítima no tribunal. Mas, mesmo que isso nunca tenha sido declarado de maneira explícita, alusões foram feitas. *Você tem namorado? Vocês eram monogâmicos? Você é sexualmente ativa?* Senti que, se continuasse interagindo com meu corpo, se voltasse a desejar abertamente sexo, estaria provando que a defesa tinha razão. O advogado de defesa falou da minha vida sexual como se fosse algo que eu estava escondendo, como se expor aquela informação desse a Brock o direito de fazer o que quisesse. Eu era a vítima cujas escolhas sexuais eram indiscriminadas demais para serem respeitadas.

Durante o sexo, meu corpo começava a perguntar à minha mente: *O que está acontecendo? Onde você está? Com quem você está?* Eu me tranquilizava com sinais conhecidos: a cor dos meus lençóis, a textura do cabelo de Lucas. Relaxe. Mas algo dentro de mim não parava de puxar os fios conectores, mudando as rotas, plugando-os nas entradas erradas. Meu corpo não parava de pedir permissão: *Posso fazer isso? Vamos ser culpadas por isso?* Eu precisava de um rosto, precisava de luz, precisava que não houvesse surpresas, precisava de um passo a passo, *estou na minha casa e tenho permissão para gostar disso*. Aquilo me intimidava, não me permitia fazer amor de forma apaixonada, livre, libertadora, emocionante, barulhenta. Na verdade, eu me reportava a uma pequena secretária meticulosa: *O que está acontecendo? Onde você está? Com quem está?*

A expressão “abuso sexual” nos engana um pouco porque parece ter menos a ver com sexo e mais com poder. Abuso sexual é roubo. Uma vontade unilateral, a sensação de dominar o outro. Sexo de verdade deve ser uma troca, o poder é passado de um para outro, responsivo, fluido e brincalhão. O prazer de prestar atenção, de se conectar ativamente com o parceiro.

Promotora: Então a resposta para minha pergunta é: você não pensou nela?

Brock: Acho que seria impossível pensar nela na hora.

A pergunta essencial de todo o julgamento tinha sido se eu havia consentido. Sim ou não. Agimos como se houvesse um único sinal de trânsito, vermelho ou verde. Mas sexo é uma estrada marcada por cruzamentos, para que lado vamos, quando devemos reduzir a velocidade, ceder, parar, acelerar.

O consentimento verbal costuma ser ridicularizado por acabar com o clima. Mas pense em quanta comunicação fazemos de forma orgânica na vida. Uma mesa com amostras em um mercado: pegamos um biscoito, fazemos contato visual com o vendedor, *posso?*, e ele assente, *fique à vontade*. Sutil e rápido.

O que nunca falei em voz alta é que o estupro nos faz querer virar madeira, dura e impenetrável. O oposto de um corpo que supostamente deve ser carinhoso, poroso, macio. Às vezes, fico irritada demais, murmurando depois de ler uma notícia sobre um estupro, *preciso cortar um pinto fora*. Às vezes meu desejo flutua e mergulha até desaparecer. Eu não teria notado se não tivesse um parceiro, mas, quando negamos afeição pela sexta vez, algo está errado. Às vezes ele pede que eu apoie a cabeça em seu peito, só precisa do toque, de um toque simples, para saber que ainda estamos conectados.

Esse distanciamento do meu corpo não começou depois do estupro. Mas, em um mundo em que a confiança já é distribuída com parcimônia para jovens mulheres, minha cota foi rapidamente reduzida no tribunal. Passei a adolescência mergulhada em banhos de aveia por causa de eczemas. Um menino me chamava de onça pintada, então eu usava bronzeadores artificiais para cobrir a pele manchada e descolorida. Vestia meia-calça cor de pêssego no ensino médio, feito uma epiderme artificial. Foi só na faculdade que passei a usar vestidos. Ainda assim, minha relação com meu corpo continuava sem muito ânimo.

Eu me pergunto se há um momento na vida de toda mulher em que ela sente que está engolindo pedras. Talvez ela se pergunte por que a menstruação está atrasada, ou por que acordou em uma cama desconhecida, ou encontre uma lista de partes do seu corpo bem divididas em números. Será que isso lhe dá vontade de engolir pedras? Grandes, lisas, sem mastigar.

Imagino essas pedras se acomodando em meu estômago, formando uma pilha, depois me vejo indo para um lago, não para morrer, mas para deixar meu corpo afundar, enquanto apenas minha alma emerge da água. Muito mais limpa, eu poderia começar de novo, sem peso nenhum.

Em uma pequena livraria à beira de um lago, encontrei uma passagem escrita por Deepak Chopra: *O corpo precisa se reinventar. Para ter uma vida relevante, você tem que usar seu corpo — não pode sentir nada sem ele —, por isso seu corpo também deve ser relevante.* Vi pombos no parque estufando o peito e montando uns nos outros. Até os pombos transavam, entendiam que aquilo era natural, não um ato vergonhoso. Você tem vinte e poucos anos. Como pode não celebrar sua testa lisa, suas belas clavículas e seu coração vermelho e maduro? Eu tenho um homem carinhoso ao meu lado todos os dias. Deveria estar celebrando isso também, quando ele sai em meio ao vapor do chuveiro, aproveite! Sexo não deve ser apenas tolerado, mas prazeroso.

Dentre todas as possibilidades, foi andando de patins que percebi o que estava perdendo. Lucas e eu estávamos patinando e rodando em volta de uma igreja vazia, salpicada de luzes de discoteca. Parei em um banco encostado na parede. Vi meninas com os braços relaxados, o quadril balançando, mostrando ligeiramente o umbigo. A tranquilidade dos movimentos delas, todas muito serenas, muito presentes, todas charme, músculos e fluidez. Eu ansiava por aquilo. Como deveria ser? Apresentar meu corpo sem medo de ser ferida ou analisada, totalmente livre e graciosa.

Eu achava que ioga era para pessoas que seguiam rotinas de cuidado com a pele e tinham boa postura. Comecei de forma desajeitada e envergonhada, olhando em volta para conferir as posições, até o instrutor dizer: *Se você errar, ninguém vai dar a mínima, sabe. O que pode acontecer?* Gostei da hora e meia no tapete, do retângulo cor de damasco colado ao chão, uma pequena fronteira afastando distrações externas. Lentamente, aprendi a voltar minha atenção para dentro, a me alongar do tendão de Aquiles à ponta dos dedos. Imaginei as células contraídas dentro de mim se estendendo.

Na recepção, há uma caixa de pecinhas brancas. Podemos colocá-las em nosso tapete para dizer: *Não toque.* Gosto de como isso comunica um desejo sutil, queria poder grudar uma na minha testa em público. Eu sempre pegava

uma da caixa. Agora não pego mais, e às vezes o instrutor põe a mão em minhas costas, e aquela gravidade, aquela pressão firme, enche meus olhos de lágrimas. Não estou chorando. É o carinho de um toque, meu pulso vivo sob um contato, conexão, algo que borbulha por mim e é liberado pelo olho na forma de uma gota. Estar totalmente dentro do meu corpo faz com que eu me sinta linda, poderosa, me faz querer ser consumida, compartilhar todas as pequenas partes de mim.

Não existe motivo para privarmos o corpo de amor, beleza, criatividade e inspiração, disse Chopra. Elaborei uma lista de memórias sensoriais que guardava desde a infância, me lembrando de como me sentia ao ser alimentada e tranquilizada. Arroz cozinhando, a chuva caindo lá fora. Ficar parada em uma toalha quentinha por causa do aquecedor alto, os pés pingando no piso de madeira. O cheiro do sol no asfalto. Água fria em meu rosto de manhã. Comer uma tigela de cereal à meia-noite. O som de uma folha virando quando alguém lia para mim. O baque de um pêssigo caindo. O aroma empoeirado da areia. O calor do chocolate quente, a camada grudenta de marshmallows derretidos. Miolos de pão esponjosos sugando molhos de tomate e vodca. Eu me lembro do que sou capaz de sentir. Os modos de consumir, meus sentidos se abrindo para receber, tranquilos, indulgentes.

Quando estava com medo do escuro, no nosso primeiro ano na cidade, tentei ressignificar a escuridão. Disse a mim mesma que deveria admirar os montes negros das colinas, os vizinhos roncando com difusores de aroma capim-limão, os coiotes passeando pelo parque. Com o sexo, comecei aos poucos, saboreando as pequenas coisas: a simplicidade de dormir um ao lado do outro. A proximidade, o silêncio. Sexo é essa sensação descascada. Pensei sobre a linguagem do sexo; eu gostava da expressão *fazer amor*, corpos se remexendo e criando suor e calor até o amor acontecer de fato, *puf puf puf*, aparecer como uma série de luzes rosadas intermitentes que flutuam e voam por cima da cama enquanto estamos deitados, a pele brilhando.

Ainda assim tenho dificuldade fora dos limites de casa e de mãos familiares. Meu Papanicolau estava atrasado, um exame que parece o nome de uma doença encontrada nas fezes de pinguins. Eu planejava escrever um

recado no formulário de entrada: *Vítima de estupro, prossiga com cuidado*, mas não havia abertura para isso. E, sobretudo, não queria dar brecha para um interrogatório. Queria enfrentar aquilo sozinha, entrar e sair como uma pessoa normal. Decidi que ia encher o médico de perguntas para ir devagar com o processo. Mas uma jovem enfermeira de rabo de cavalo entrou para observar, mudando a dinâmica. Eu via a enfermeira me encarando, senti que eu estava ficando em silêncio, extremamente irritada, *o que você está olhando, não sou uma amostra, me deixe em paz, pare*. Minha barriga se contraiu, uma onda de náusea. Um veleiro apareceu no teto. Ouvi: *Pronto! Vou deixar você se vestir*.

Os dois saíram. Não sei quanto tempo se passou. Minha mente estava cheia de nada. Eu não conseguia calçar os sapatos. Deveria ter levado alguém para me instruir a passar os braços pelas mangas da blusa. Dei uma olhada nas estrelinhas azuis da roupa de hospital. A porta se abriu, a enfermeira de rabo de cavalo pôs a cabeça para dentro. *Ah!* Ela logo pediu desculpa, percebendo que eu não havia me trocado. Não consegui pensar rápido o bastante para verbalizar: *Não vá*. Se tentasse me levantar, ia desmaiar. Minutos se passaram, e ela voltou e me encontrou exatamente como antes. Perguntei se tinha algo para comer. Ela voltou com um achocolatado farinhento e eu o bebi com a mão trêmula. *Não sou muito boa com essas coisas*, falei, a voz falhando. Algo foi registrado. *Tudo bem*, disse ela. *Pode ficar tranquila*. Ela ficou sentada comigo até eu me controlar e ir embora. Apoiei a testa no volante, exausta. Queria uma pecinha branca.

Uma professora certa vez explicou que temos uma planta arquitetônica invisível no útero para nos construirmos. A partir da mesoderme, surgem os ossos, os tecidos conectivos e o coração das pessoas. *Sabemos como nosso ser se forma*, disse ela. *Ainda temos essa informação, ela ainda nos informa*. Mesmo que elementos do meu eu físico tivessem sido reduzidos, eu acreditava que podiam ser recuperados. Tinha confiança de que, quando desse ao meu corpo amor, toques suaves, alongamento, luz do sol, força e sexo, o que tinha sido perdido cresceria de volta em uma forma nova.

Penso no lago que havia em nosso jardim durante a minha infância. Nos peixinhos dourados que trazíamos para casa, balançando-se em sacos plásticos

na superfície da água. Meu pai explicava que eles precisavam de tempo para se ajustar à temperatura do lago antes de serem soltos. Se uma criatura tão pequena exigia tanto cuidado, imagine o processo complexo que uma vítima tem que atravessar para se reintegrar à vida diária. Não existe jeito certo, temos que escutar o que é bom e confortável para nosso corpo. Talvez agora você esteja morrendo de medo, balançando-se dentro do saco plástico transparente e pensando: *Estou presa, não é assim que deveria ser.* Mas basta lembrar que a temperatura está mudando devagar, você está se ajustando. Vai chegar ao lago. Com um pouco mais de tempo, vai se libertar.



Lucas aceitou um emprego na cidade. Eu estava dormindo tranquilamente. Ainda assim, queria companhia em casa. Queria um pitbull ou um pastor alemão, um cachorro atlético com escápulas fortes, olhos atentos e um focinho largo. Fomos até o abrigo, observamos por cima das cercas de correntes. Ao voltar para o carro, passamos por uma placa amarela encostada na calçada: “Abrigo Mutville para cães idosos.” Seguimos as setas amarelas ao subirmos por uma escada. Jazz tocava em uma sala grande iluminada pelo sol, cheia de caminhas. Quarenta cachorrinhos farejavam tudo. Um quadro branco na parede estava cheio de nomes: Walnut, Ethel, Eggroll, Tootsie, Cashew, Professor Plum, Bumblebee, Javier. Descobrimos mais sobre o programa de adoção temporária; podíamos levar um cachorro para casa até ele encontrar um dono permanente. Um lhasa apso cego com mordida cruzada atingiu meus tornozelos, os pés batendo de forma penosa no chão como se as patas estivessem presas em cordas de marionete. Uma franja comprida crescia por cima dos seus olhos esbranquiçados. Seu nome era Puffin.

Lucas comprou meias verdes especiais para o cachorro que o impediam de escorregar no nosso piso de madeira. Eu fazia mingau para ele. Ele passava a maior parte do tempo sentado, com a cabeça inclinada, de meias verdes, encarando a geladeira. Como era cego e surdo, eu sabia que, se eu fosse

assassinada, ele ficaria sentado ao lado do meu cadáver, esperando o café da manhã. Certa noite, quando Lucas estava fora, visitando a família, ouvi um som estranho, como o pipocar de um barquinho a gasolina. Vi a barriga dele subir e descer e percebi que eu havia oferecido um lugar em que ele se sentia seguro o bastante para dormir. A cura se tornou o ronco de um cachorro velho.

Durante um ano, abrigamos seis cachorros, um de cada vez. Passei horas enxugando xixi do meio dos fios, navegando arquipélagos de cocô seco. Se soubessem quantas toalhas de papel usei, eu seria presa. Meu tapete felpudo foi sujo, enrolado, jogado fora, substituído, jogado fora. Tivemos Butch, que entrava em nosso banheiro para fazer xixi na privada. Remy, que, conforme brincávamos, poderia carregar detectores de metal, já que andava sem parar de um cômodo para outro. Squid, o salsichinha, que sabia cantar. Salvador, que adorava churrasco coreano. Eles agiam feito crianças, rolando da cama ou escorrendo em uma grade, caíam dos degraus se tirássemos os olhos deles. A maioria tomava vários remédios e eu salpicava o que pareciam saquinhos de cocaína na comida deles. Aquilo me lembrava que ter necessidades especiais não tornava ninguém difícil demais, não consumia muito tempo; na verdade, tornava alguém digno de compaixão e amor.

Eles me levavam para passear, muitas vezes exigiam que eu os carregasse, quando suas pernas traseiras bambeavam. Eu comia quando eles comiam, uma lição simples de cuidado pessoal. Minha pequena casa se tornou um lugar de recuperação e transição, onde os limpávamos, cortávamos suas unhas, penteávamos o pelo, os preparávamos para uma casa permanente. Eu gostava de ver a confiança e a personalidade deles aparecer, à medida que se sentiam mais à vontade e se tornavam eles mesmos.

Foi Tiffany quem encontrou o cachorro que acabou ficando. Uma lulu-da-pomerânia de dez anos, branco e marrom, uma esponja de pouco mais de três quilos, com uma série de dentes minúsculos. Tinha sido abandonada perto de Sacramento. Uma pequena encarnação da alegria, sempre sorrindo como se tivesse acabado de descobrir que ia para a Disney. Vários pedidos de adoção chegaram, mas não respondi a nenhum. Ficava olhando para ela por muito tempo.

Esse não era o plano. Abrigar os cães era temporário até arranjarmos um cachorro grande e barulhento. Depois de um abuso sexual, o mundo nos manda erguer a guarda, revidar, tomar cuidado. O mundo não nos lembra que devemos ceder, dar uma volta. Que não precisamos passar o tempo todo descobrindo como sobreviver. Ninguém diz: *Adote um lulu-da-pomerânia*. E eu havia planejado me cercar de portões mais altos e dentes mais afiados, mas talvez não precisasse disso. Talvez fosse possível construir aquela segurança dentro de mim mesma.

Demos à nossa cadela o nome de Mogu (*cogumelo* em chinês). Todos os dias, ela me lembra o slogan da Mutville: “Nunca é tarde demais para um novo começo.” Era uma promessa feita a ela e a mim mesma. Não importa qual seja nosso passado, nós não temos que voltar.

Durante aquele ano, com uma série de cachorrinhos dormindo em meu colo, soltando puns no meu quarto, eu escrevi. Eu me sentei para encarar as transcrições pela primeira vez; centenas de páginas de tudo que havia sido dito nos dias em que eu não tinha ido ao tribunal. Descobri que o trajeto era longo, exigia viagens diárias de volta ao meu passado. Fiquei impressionada que, mesmo com a validação de milhões de pessoas, a sensação de raiva voltasse como se nunca tivesse sumido. Fiz anotações em caneta vermelha nas transcrições: *idiota babaca merdinha*. Mesmo com toda a clareza e a catarse daquela declaração, eu ainda sentia dificuldade. Sabemos que os antagonistas da vítima são os agressores e os advogados, mas nos esquecemos do inimigo que é a própria vítima. Ideias antigas sobre quem eu era ressurgiram, me disseram que eu era problemática, indigna. Parte da vergonha havia se calcificado, não podia ser rompida por elogios.

Em alguns dias, eu não fazia nada. Fechava a porta do escritório como se selasse a máquina do tempo na qual não ousava entrar. Nos piores dias, eu abandonava tudo e ia correndo com meu casaco preto de pena de ganso comprar um sanduíche banh mi, folhas de coentro coladas nos lábios, olhos secos e vermelhos. Depois me sentava no carpete da seção infantil da biblioteca. Eu queria mundos mais leves e doces. Lucas me via chegar tarde, descabelada, com os braços cheios de livros infantis sobre dragões e

panquecas, e me perguntava com uma hesitação comedida: *Sobre o que você escreveu hoje?* Era o jeito de ele descobrir que vozes habitavam minha cabeça.

Muito tempo havia passado desde a última vez que coloquei os pés naquele tribunal, mas tenho medo de ficar presa para sempre no banco de testemunhas. Minha cabeça está um passo atrás de onde costumava ficar. Eu chamo isso de defasagem. Antes eu vivia em tempo real. Mas tinha passado a avaliar o momento antes de me mover na direção dele. Estou sempre pedindo permissão, antecipando ter que me apresentar para um júri invisível, respondendo a perguntas diante da defesa. Quando pego uma peça de roupa, a primeira coisa que penso é: O que vão achar se eu usar isto? Quando vou a algum lugar, penso: Vou saber explicar aonde estou indo? Se posto uma foto, penso: Se isto fosse apresentado como prova, eu ia parecer boba, meus ombros descobertos demais? O tempo que passo questionando o que estou fazendo, analisando as coisas e me convencendo a voltar à normalidade se tornou um problema.

Certa noite, eu tive que comprar gim para uma festa. Mas fiquei parada com o carrinho, encarando a garrafa de vidro azul, pensando: Que experiência existe aqui dentro? Quem vai beber, será que alguém vai se machucar, vão me perguntar de que marca era? Em festas, meço tudo. Quando não há copinhos para destilados, uso as tampas, curvada para esconder minhas técnicas obsessivas. Vejo pessoas servindo drinques e não consigo parar de olhar. Você serviu sem medir, penso. *Não pode fazer isso, vão perguntar quanto, quantos mililitros, um terço ou meio copo, que tipo de copo?* Se alguém entra no banheiro ou vai embora com um cara, fico tensa: *Como assim ela foi embora, aonde ela foi, com quem ela foi?* Preciso saber que todo mundo vai chegar bem em casa. Mando mensagens para minhas amigas e, de manhã, recebo uma resposta: *Cheguei! Desculpe, acabei dormindo.* Elas não sabem que passei a noite inteira agoniada, repassando as piores possibilidades na cabeça.

Quando eu contava à terapeuta sobre bebidas ou experiências sexuais passadas, ela dizia: *Bom, como você se sente em relação a isso?* Eu respondia: *Bom, não importa, o problema é o que vão pensar.* Eu declarava isso como um fato. E ela afirmava: *É impossível viver se submetendo a esse nível de análise.*

Ao ler o depoimento de Brock, notei como nossas noites tinham sido descritas de maneira diferente. Ao interrogá-lo, a defesa começou com as seguintes perguntas: *[Roçar outras pessoas] é comum nessas festas, pelo que você via? As pessoas dançam em mesas? Isso também é comum? E a bebida? Beber parece parte importante dessas festas? Para a maioria das pessoas que está presente? A maioria das pessoas presentes estava bebendo, não é verdade?*

Nessas frases, encontrei: *comum, comum, parte, a maioria, a maioria*. Esse padrão não era coincidência. Ele estava levando Brock de volta para o rebanho, onde podia se misturar ao conforto do coletivo. Compare isso ao interrogatório a que ele me submeteu: *Você ia a muitas festas. Já apagou outras vezes. Era sempre você e você*, as lentes focadas tão perto que eu era retirada do ambiente. Para Brock, o objetivo era integrar, para mim era isolar.

Descobri que a defesa havia mandado um e-mail para a dra. Fromme dizendo: *Posso pedir o registro médico dos socorristas que a levaram para o hospital Valley Medical. Perguntar se eles podem prejudicar nosso caso em vez de ajudar?* Fromme respondeu: *Não sei dizer se o histórico médico pode nos ajudar ou nos prejudicar... Isso pode ser ruim para nós*.

Durante o depoimento, a dra. Fromme usou frases como: *eu não colocaria a mão no fogo nesse caso. Ai, droga, não conheço bem os termos legais. Não sou especialista em Excel. Eu posso dizer que*. Eu não suportava a minimização supostamente inofensiva enquanto meu corpo era depreciado.

A dra. Fromme declarou que a fala incoerente não queria necessariamente dizer que eu era incapaz de agir de forma voluntária. Ela comparou aquilo à aplicação de procaína no dentista: *Não dá para falar direito, mas ainda assim você consegue pensar normalmente. Fala enrolada nunca impediu ninguém de fazer uma compra idiota no eBay, por exemplo*. Isso deveria ser óbvio: ser estuprada não é o mesmo que fazer compras na internet e bebidas alcoólicas não são procaína. Se meus atos haviam sido voluntários, não seria possível que eu o tivesse empurrado para longe? Quem podia garantir que eu tinha agido de maneira complacente?

Eu era sempre lembrada de que eles estavam apenas fazendo seu trabalho. Hoje sei que talvez seja o trabalho deles, mas é preciso ser determinado tipo de pessoa para fazer isso. O julgamento revelou realidades assustadoras e

desconcertantes, aumentou meu nível de amargura. Eu me tornei cética. A tortura nos enlouquece, nos deixa cheios de raiva. Quando começavam a atacar meu tendão de Aquiles, eu tinha vontade de revidar. Não queria ser uma pessoa melhor, queria fazê-los se sentirem menores, queria atacar.

Mas eu dizia a mim mesma: não se transforme neles. Concentre-se em quem você quer ser. Eu me esforcei muito para reescrever as primeiras versões deste livro reduzindo o sarcasmo, os ataques diretos. Jurei não minimizar nem desumanizar. O objetivo nunca deveria ser insultar, apenas ensinar, expor problemas maiores para que possamos aprender alguma coisa. Queria continuar sendo eu mesma. Por isso não uso minha força para atacar, mas para ter controle sob minha voz. *Dois ciclistas*. Para cada pessoa que quer me machucar, há mais gente querendo ajudar. Eu queria que tivéssemos levado um especialista em agressores, em vítimas e em consentimento para educar melhor o júri. Nós analisamos a fundo as ações da vítima em vez de examinar o padrão de comportamento dos agressores sexuais. Como o álcool dá uma vantagem ao agressor, reduzindo a resistência, enfraquecendo os membros.

Brock: Ela escorregou.

Defesa: E você se lembra de como ela estava vestida naquela noite? O que estava usando?

Brock: Ela estava de vestido.

Defesa: Certo. E, quando ela escorregou, o que aconteceu com o corpo dela?

Por que havia um momento para descrever minhas roupas? Meu vestido explicava o comportamento dele? Entrei no sistema judiciário esperando que fosse algo organizado, civilizado, construtivo. Mas estava descobrindo quais vozes eram ampliadas em um tribunal e quais eram caladas. No dia da sentença, o juiz havia citado uma carta escrita por uma amiga de Brock. Vou omitir o nome, pois acredito que ela tenha aprendido com seus erros. A carta dizia: *Acho que não é justo condenar os próximos dez anos ou mais da vida dele porque uma menina que só se lembra de quanto bebeu resolveu abrir um processo. Não estou colocando a culpa diretamente nela pelo que aconteceu porque isso não seria certo. Mas quando vamos parar de ser politicamente corretos a cada segundo do dia e dizer que os estupros nos campi nem sempre acontecem porque os homens são*

estupradores... É totalmente diferente de uma mulher que é sequestrada e estuprada enquanto está andando até seu carro no estacionamento. Isso é um estuprador. Já os universitários não são estupradores. São meninos e meninas idiotas que beberam demais e não têm consciência de onde estão e de que o raciocínio lógico deles está prejudicado.

Quando minha declaração foi publicada, a carta dela foi descoberta. Naquelas férias de verão, ela ia fazer uma turnê com sua banda de três mulheres, mas os estabelecimentos cancelaram, um após outro, anunciando que não toleravam a cultura do estupro. A banda teve o contrato com a gravadora rescindido, a turnê, cancelada, e ela divulgou um pedido de desculpas. O mais perturbador era que, das 39 cartas escritas, esta tinha sido a única que o juiz citara na sentença. O erro dela era esperado, o do juiz, não.

Ao citá-la como fonte, ele havia validado a definição ultrapassada e distorcida que a menina tinha do estupro. Sabemos que estupros cometidos por conhecidos são muito mais comuns do que por estranhos. Quando minimizamos a gravidade dos estupros cometidos por conhecidos, ou dos estupros de pessoas embriagadas em festas, a cura acaba demorando muito mais, o processo de recuperação é destruído e o agressor nunca é detido.

A mãe de Brock escreveu: *Quando acordo todos os dias, a primeira coisa que penso é: “Isso não está acontecendo, não pode estar acontecendo. Por que ele? Por que ELE? POR QUÊ? POR QUÊ?”* Nunca me perguntei por que eu. A única coisa que havia passado pela minha cabeça quando minha irmã me buscou naquela manhã foi: *Graças a Deus foi comigo.* Graças a Deus foi comigo e não com ela, com Julia, com uma menina de dezoito anos que teria que abandonar a faculdade. Era um privilégio meu já ser formada e estar em uma situação estável. Eu tinha uma casa, não muito longe do tribunal, onde podia me recuperar das sessões. Tinha pais que apagavam a luz do meu quarto à noite e me cobriam com um cobertor quando eu adormecia. Tinha dinheiro guardado. De uma maneira estranha, eu estava preparada para enfrentar aquela jornada.

Apesar de milhares de pessoas conhecerem minha história, contei sobre o estupro a apenas duas pessoas que não eram da minha família naquele ano. No ano seguinte, contei a mais algumas. Um ano depois, contei a três

pessoas. O estranho é que revelar isso a alguém que não conheço é fácil. Para conhecidos é muito mais difícil. Talvez porque eles guardem pedacinhos do meu passado: quem eu era, o que acreditavam que eu era. É difícil ver tais ideias se dissolverem e se reconfigurarem em torno dessa identidade nova. Quando conto a um parente ou amigo, observo os olhos deles. Costumam ficar confusos, como se esperassem que eu dissesse que não é verdade. Quando meu pai contou à vovó Ann que eu era a vítima, ela não parava de dizer: *O quê? O quê?* Fazia meses que ela vinha acompanhando o caso nos jornais. Só conseguia dizer: *Não é verdade. Não pode ser a Chanel.* Não importa quanto eu esteja curada, o estupro em si sempre vai ser uma coisa triste. Tenho que aceitar isso. Tenho que parar de acelerar a história para a parte em que as cartas chegaram aos montes. Tenho que guardar espaço para o sofrimento.

Passo mais dias encolhida do que animada, sendo sempre lembrada de quanto é feito contra as vítimas. Mas não importa quanto desespero ou exaustão eu sinta, acho que nunca vou deixar de querer um mundo melhor e ver provas disso. E querer já basta.

A piada favorita da minha mãe é aquela da aranha e da centopeia tomando chá. A centopeia se levanta e se oferece para ir comprar um lanche. Ela sai e horas passam. A aranha está com muita fome, se perguntando o que aconteceu, e abre a porta. Mas acaba encontrando a centopeia sentada no tapete, ainda calçando os sapatos. Imagino que sou a centopeia, me esforçando para amarrar os cadarços da minha centena de sapatos minúsculos. Eu demoro mais para fazer as coisas do que a maioria das pessoas. Mas vou calçar cada sapato até conseguir me levantar e andar outra vez.

I 2.

Apenas cinco meses depois que li minha declaração no tribunal, Trump foi eleito. Fui tomada pela mesma sensação de quando o juiz havia dito *seis meses*. Surpresa. Decepção. Desolação.

Quando a gravação de Trump do *Access Hollywood* foi divulgada, qualquer pessoa comum reconheceu que ele havia dito algo vulgar, obsceno, nojento. Anderson Cooper perguntou diretamente a Trump se ele entendia que estava falando de abuso sexual e o país inteiro o viu dar de ombros e dizer: *É só papo de vestiário*. Entre o público, ficamos cansados. Ouvimos a fita ser tocada mil vezes, debatida duas mil vezes, xota xota xota, impressa, no rádio, democratas e republicanos discutindo, *você é inapropriado, você não é inapropriado*, até nossos ouvidos ficarem dormentes. Nós nos acostumamos aos mesmos padrões de desvio de atenção, defesa, diluição. *A fita era de 2005, eram só homens falando feito homens*, as pessoas queriam que deixássemos aquele assunto de lado e seguissemos em frente.

A linguagem me incomodou, porém o que mais me incomodou foi o contexto. *Eu só consigo ver as pernas. Ah, são bonitas*. Trump e Billy Bush estavam avaliando a mulher, não por bobagem ou por meio de lembranças, mas em um ônibus que estacionava lentamente ao lado dela. Ela estava presente, visível, mas excluída. Eu a imagino parada do lado de fora, sorrindo e esperando com paciência. Ela é o cervo enquanto nós percebemos os leões da montanha à espreita nos arbustos, e eu queria cochichar para que ela prestasse atenção. Fugisse. Quando os dois homens desceram do ônibus, o modo grosseiro de falar sumiu enquanto eles assumiam suas personalidades públicas. *Que tal um abraço para o Donald?* Enquanto eu a via cumprimentá-los de maneira calorosa, andando entre os dois de braços entrelaçados, fiquei morrendo de medo, lembrando como não temos consciência das coisas.

Foi só papo de vestiário, uma conversa particular de muitos anos atrás. Em vez de pedir desculpas, ele arrastou a conversa do ônibus para um vestiário, outro lugar inacessível para as mulheres. Ele nunca disse que deveria ser diferente, só que era particular. Queria nos manter de fora, sem que ninguém ouvisse. Não se arrependia do que havia dito, só de ter sido flagrado. Trump parecia alguém que eu conhecia.

Eu simplesmente começo a beijar. Só beijar. Nem espero. “Eu a beijei”, disse Brock. “E você não pediu permissão a ela antes de beijar, pediu?”, perguntou a promotora. “Não”, respondeu Brock. *Fui para cima dela como se fosse uma vadia.* “Beijei a bochecha e a orelha dela”, explicou ele. “Toquei nos seios dela. Baixei o vestido.” *Agarre todas pela xota.* “Tirei a calcinha dela... e depois a dedei.” *Tentei comer a menina.* Vivemos em uma época em que se tornou difícil diferenciar as palavras de um presidente das de um estuprador de dezenove anos.

A sociedade dá às mulheres a tarefa quase impossível de separar o inofensivo do perigo, exige a capacidade de prever o que alguns homens são capazes de fazer. Quando chamamos o que ouvimos de estupro, Trump diz: *Acho que vocês não entenderam. São só palavras. Estão exagerando, ficaram ofendidas demais, histéricas, grosseiras, relaxem!!!* Então abstraímos declarações ameaçadoras e sinais de perigo, nos desculpendo por nossa paranoia. Vamos a uma festa ou a uma reunião achando que é só uma festa ou uma reunião. Mas, quando alguém tira vantagem de nós e voltamos nos arrastando, perturbadas, eles dizem: *Como pôde ter sido tão inocente, não notou o perigo, baixou a guarda, o que você achava que ia acontecer?* Trump deixou claro que a partida foi comprada, que as regras não param de mudar. Não importa qual seja a sua definição de estupro porque, no fim, é ele quem decide.

Às 13h10, na gravação do *Access Hollywood*, ouvimos Tic Tacs caindo da caixinha. *É melhor eu comer umas balinhas para o caso de começar a beijá-la.* Algumas pessoas vão dizer: *Ele só está sendo homem! Comeu balas! Em um ônibus!* Mas fiquei abalada do mesmo modo que, quando ouvimos uma porta se fechar com um homem atrás de nós, nosso corpo fica tenso. Mulheres foram treinadas para notar micromovimentos, para analisar e antecipar todas as ações subsequentes, sempre calculando a que distância palavras

ameaçadoras estão da nossa realidade. Temos a tarefa de nos defender em qualquer situação possível, planejar rotas de fuga, andar com as chaves entre os dedos, um instinto natural incorporado à nossa rotina.



No dia 6 de julho de 2016, um mês após minha declaração ter sido divulgada, Philando Castile, um jovem negro, estava voltando de carro do mercado quando um policial o parou por causa da luz de freio quebrada e atirou sete vezes nele. A noiva dele, do banco do carona, o filmou caindo, a camisa branca manchada de vermelho feito a bandeira do Japão, enquanto uma menina de quatro anos via tudo do banco de trás. Provas, pronto, esse caso vai conseguir o veredito certo, pensei. Está bem aí, não tem como disfarçar, não tem motivo para se safar.

Mas, no dia 16 de junho de 2017, o júri declarou o acusado inocente. Em Oakland, as pessoas tomaram as rodovias. Algumas pessoas chamaram aquilo de caos, mas eu vi razão. Meu depoimento estava incompleto porque eu havia apagado. Philando não podia testemunhar porque estava morto, nem ao menos podia ir ao julgamento do próprio caso. Eu queria que o promotor tivesse chamado Philando para depor, forçado o juiz a encarar o banco de testemunhas vazio, o nome dele ecoando no silêncio, e tivesse seguido com as perguntas: *De quais apelidos você chamava a menininha? Seus braços ficavam cansados quando você a carregava? Você sabia, quando estava se vestindo naquela manhã, que aquelas seriam as roupas com as quais morreria? Que sabor de bolo escolheu para o seu casamento?*

O policial afirmou que ficara com medo e tivera motivos para acreditar que Philando ia pegar uma arma. Explique essa situação. Um homem sentado, com o porta-malas cheio de compras derretendo, usando uma camada fina de algodão, com uma menininha no banco de trás. Pronto para sacar uma arma, atirar pelo colete à prova de balas do policial, e fugir dirigindo dali? Por que Philando atiraria em um homem inocente quarenta segundos depois de conhecê-lo? Por que o policial atirou?

Vamos voltar à aula de cinema e literatura do sr. Hernandez, vamos voltar a *Tubarão*. O sr. Hernandez chamou atenção para o fato de só vermos o tubarão cerca de oitenta minutos depois que o filme começa. Em vez disso, ouvimos histórias de terror, vemos de longe a barbatana sinistra; somos preparados para ficar com medo, para que, quando o tubarão faça sua grande estreia, possamos ver tudo que nos ensinaram a ver: o tubarão impiedoso, sedento por sangue. Antes de o policial parar Philando, ele havia relatado que o homem parecia um suspeito de roubo, comentara sobre o *nariz largo dele*. Quando se aproximou da janela, o policial não viu Philando, viu tudo que pensava sobre narizes largos: negritude, armas, somou tudo em sua cabeça para chegar à *ameaça*. O problema não é quem somos, o problema é quem vocês acham que somos. As realidades que jogam em cima de nós, como a que Philando seria violento, a que eu estaria pedindo para fazer sexo atrás de uma lixeira.

O policial de Philando disse, ao depor: *Achei que ia morrer, e achei que se ele, se ele tinha a... a coragem e a audácia de fumar maconha na frente de uma menina de cinco anos e pôr os pulmões e a vida dela em risco ao expor a garota à fumaça, e a passageira do banco da frente estava fazendo a mesma coisa, então por que, por que ele ia se importar comigo?* No depoimento dele, ouvi a expectativa conhecida de que a vítima precisa ser perfeita para ter direito à vida. *A audácia de fumar maconha* era motivo suficiente para morrer. A defesa me chamar de *alma da festa* significava que eu também merecia ser estuprada.

Brock tinha escrito em sua declaração: *Por ser de uma cidade pequena de Ohio, nunca realmente participei de festas ou comemorações que tivessem bebidas alcoólicas*. Um mandado de busca tinha sido obtido para a apreensão do celular de Brock, revelando mensagens sobre as férias de verão anteriores à ida dele para a faculdade, fotos dele bebendo, fumando de um cano, um bong: *Você acha que posso comprar uns óleos para a gente fumar?* Óleos são uma forma extremamente concentrada de cannabis. *Ih, cara, tomei ácido com o Kristian na semana passada*. Mensagens dos amigos. *Estou louco por um bom ácido. Topo com certeza*. Mensagens sobre *candyflippin*, uma mistura de LSD e MDMA. *Tenho que experimentar essa porra. Soube que é incrível*.

Não me importei, isso não é prova de que ele é uma pessoa ruim, não estou aqui para julgar o consumo de drogas dele. Caia de boca nesse bong, cara. Você pode tomar chá de cogumelos no café da manhã, no almoço e no jantar. Pode fumar até cansar, o que quer que isso signifique. Quer saber por quê? Porque a vida é sua e você é livre para usar as drogas que quiser. Mas o que não pode fazer é entrar no julgamento com a declaração: *Eu não tinha experiência com bebida e festas, só aceitei as coisas que [os caras da equipe de natação] me mostraram como sendo normais... Fui destruído pela cultura das festas e pelo comportamento arriscado de que participei em quatro meses de faculdade.*

No dia em que o veredito do meu caso foi anunciado, um artigo do *Washington Post* citou Brock dizendo que, dali a dez anos, ele gostaria de estar fazendo residência para ser cirurgião. A irmã dele escreveu: *Adeus, Olimpíadas. Adeus, carreira de cirurgião ortopedista.* Outra carta dizia: *Como talvez tenham ficado sabendo, Brock foi para a faculdade com o objetivo de estudar Engenharia Biomédica... A personalidade dele combinava muito com o típico estudante de engenharia: respeitoso, comedido, modesto...* Encontrei o currículo dele no relatório da oficial de custódia. Na época do estupro, ele havia trabalhado como salva-vidas por dois anos e depois em uma loja chamada Speedy Feet. Mas eu nunca tinha lido aquilo em lugar nenhum. Ele não havia sido forçado a constatar os fatos do seu presente. Falavam sobre seu potencial perdido, o que ele nunca seria, e não o que era. Todos falavam como se o futuro estivesse esperando pacientemente a chegada dele. A maioria de nós sabe que o futuro não nos foi prometido. É construído todos os dias por meio das escolhas que fazemos. Nosso futuro é merecido, pouco a pouco, através de esforço e atos. Se não agirmos de acordo com o que queremos para esse futuro, o sonho acaba.

Se a punição for baseada no potencial, pessoas privilegiadas vão receber sentenças mais leves. Brock foi protegido por projeções do que pessoas como ele se tornam ou devem se tornar na vida adulta. *Cirurgião ortopedista. Engenheiro biomédico. Atleta premiado. Atleta olímpico.* O juiz argumentou que ele já havia perdido coisas demais, desistido de muitas oportunidades. E o que acontece com quem começa com pouco a perder? Em vez de um atleta de Stanford de dezenove anos, vamos imaginar que um jovem latino de

dezenove anos, que trabalha na cozinha da fraternidade, cometa o mesmo crime. Será que essa história terminaria de um jeito diferente? Será que o *The Washington Post* o chamaria de cirurgião?

O que quero dizer pode ser resumido na frase que Brock escreveu: *Eu apenas existia em uma realidade em que nada podia dar errado ou ninguém podia achar que o que eu estava fazendo era errado*. O privilégio acompanha as pessoas de pele clara e ajudou a manter a crença dele de que as consequências não podiam atingi-lo. Nesse sistema, quem é intocável? Quem é descartável? Quais vidas temos a intenção de preservar? Quem sai impune? Quem é o verdadeiro problema, a pessoa que atira, a que enfia os dedos em outra, a que criou um problema quando não havia nenhum? Brock disse que não havia conseguido contar ao detetive milhares de detalhes cruciais ao ser preso porque... *minha mente estava a um milhão de quilômetros por hora e eu não conseguia pensar claramente no que tinha acontecido*. Enquanto isso, espera-se que as vítimas sempre pensem com clareza, não podemos usar o medo como desculpa. A violência sem sentido segue firme e forte, enquanto vocês pedem mais e mais provas, nos dizendo: Não basta, tente de novo.

Mesmo quando queixas de abuso sexual são levadas à polícia, apenas uma pequena porcentagem chega aos promotores. Isso não acontece porque os promotores não acreditam nas vítimas, mas porque eles sabem que a necessidade de provar tudo é enorme, já que é preciso provar que o estupro ocorreu *acima de qualquer dúvida*. Os promotores não nos fazem passar por todo o processo quando há poucas provas e a chance é pequena desde o início, o que significa que, mesmo que a vítima queira dar queixa, nem sempre depende dela.

Isso deixa apenas a possibilidade de abrir um processo civil, o que exige uma quantidade menor de provas, *a preponderância de provas*. Ainda assim, a vítima tem que achar, convencer e contratar um advogado que aceite o caso. Em um processo civil, o nome dela não é protegido e a vítima provavelmente vai ser acusada de estar processando para ganhar dinheiro. E o processo pode durar entre dois e três anos.

Quando uma vítima é estuprada em um campus universitário, muitas vezes tudo que ela quer é garantir que está segura e que ele nunca vai repetir

o crime. Universidades têm sido acusadas de não ter sofisticação necessária para lidar com esses casos, por causa da confusão atual sobre os diversos sistemas disciplinares, por isso as vítimas, mais uma vez, são aconselhadas a procurar a polícia. Crimes sérios devem ser resolvidos por sistemas sérios, eu concordo. Mas a vítima estaria sacrificando a própria educação para passar anos lutando no sistema judiciário criminal. As faculdades não são equipadas para realizar processos completos, mas têm o poder de criar ambientes seguros e infligir punições limitadas, como retirar o agressor do campus. É uma verdade absoluta e inegável que todos merecem julgamentos justos, ainda mais quando as consequências são graves. Seria um absurdo se as universidades pudessem mandar homens para a prisão. Mas não é isso que estamos pedindo. A faculdade pode apenas dizer: *Você não pode mais estudar aqui, não pode mais usar nossa biblioteca, ou o refeitório, vai ter que procurar outra biblioteca ou refeitório.* Se os alunos podem ser expulsos rapidamente por plágio ou tráfico de drogas, a mesma punição deveria ser aplicada caso haja provas suficientes para sugerir que eles são uma ameaça para os outros. *Ah, mas a reputação dele! É aí que ele vai sofrer mesmo.* Meu conselho é: se ele está tão preocupado com a reputação, não estupe ninguém.



Brock escreveu: *Antes de isso acontecer, eu nunca havia tido problemas com a justiça e planejo continuar assim.* Em 15 de novembro de 2014, três meses antes do meu estupro, o guarda Shaw viu alguns jovens andando pelo campus de Stanford com latas de cerveja. Quando foram chamados, eles correram. Um deles foi pego, preso e confessou que o cara que havia fugido era Brock. Ele foi chamado de volta. A polícia relatou: *Ele voltou usando um smoking laranja-vivo e o guarda Shaw sentiu cheiro de álcool nele... Ele carregava uma mochila preta com cervejas Coors Light, além de uma cerveja na mão. Admitiu ter tentado esconder a cerveja e sabia que não devia estar carregando aquilo porque ainda não tinha 21 anos. Afirmou que, ao ver o guarda Shaw, havia tomado a decisão de fugir. Enquanto corria, ele ouviu o grito pedindo que parasse, mas continuara em frente.*

Disse que tinha sido uma decisão momentânea e que se arrependia dela. O guarda Shaw seria o responsável por fotografar meu corpo três meses depois desse incidente.

Seis meses após o abuso que sofri, duas moças haviam procurado o detetive Kim e relatado que tinham encontrado Brock em uma festa da fraternidade Kappa Alpha no final de semana anterior ao meu estupro. O relatório da polícia dizia: *Ele pôs seu chapéu nela e ela o tirou. Ele então começou a dançar atrás dela e tentou virá-la para que o encarasse. Ela ficou incomodada e tentou virar o corpo para o outro lado, para que ele não ficasse diretamente “atrás” dela. Ele começou a “pegar” nela e pôs as mãos na cintura e na barriga dela. Chegou até a pôr as mãos na parte superior das coxas dela. Ela se sentiu ainda menos à vontade e desceu da mesa. Disse que o acusado a havia “assustado” com sua persistência.*

O mesmo local, uma semana antes. Fiquei grata pelas meninas terem se esforçado em procurar o detetive do meu caso, sabia que teria sido mais fácil ver o jornal e dizer: *Caramba, foi o mesmo cara da festa, e seguir a vida.* Em vez disso, elas haviam contribuído com sua história e retomado calmamente a vida.

Pouco depois da prisão do acusado, no início da manhã do dia 18 de janeiro de 2015, os detetives viram uma mensagem de texto do aplicativo “Group Me” na tela do acusado. Dizia: “De quem são esses peitos?” As imagens tinham sido apagadas por uma terceira pessoa do grupo. Especulou-se que Brock havia fotografado meus seios e espalhado a imagem. Se isso é verdade, não quero saber.

As histórias sobre Brock fugindo da polícia com uma mochila cheia de cerveja, se esfregando em meninas, fumando maconha, viajando com ácido e fotografando peitos nunca apareceram na imagem que os amigos e parentes dele e a mídia projetaram. *The Washington Post* o chamou de *extremamente certinho e com rosto de bebê*, um querubim de bochechas rosadas. Os autores das cartas insistiram que *ele foi erroneamente pintado como criminoso. Todos o chamaram de homem inocente, que está lutando pela liberdade. Que adora se divertir. Não tem um centímetro de maldade no corpo dele. Fica vermelho por qualquer coisa. Se pudesse escolher uma palavra, seria carinhoso... Algumas pessoas se*

comparam a labradores... Gêntis, carinhosas, talentosas. Humildes, responsáveis, confiáveis. Não machucariam nem uma mosca.

Mesmo depois da condenação, acreditavam que ele continuava merecendo a impunidade. O apoio deles nunca acabou, eles se recusavam a chamar o caso de estupro, só diziam *essa bagunça horrível, essa situação infeliz*. E, ainda assim, afirmaram: *Brock não acha que está acima da lei ou que tem algum privilégio especial... Como mulher, nunca me senti intimidada por ele de maneira alguma*. Na declaração de três páginas e meia, em espaço simples, da mãe dele, eu não fui mencionada nenhuma vez. A supressão é uma forma de opressão, a recusa a ver algo.

No dia 20 de janeiro de 2017, quatro meses depois da gravação do *Access Hollywood* ser divulgada, o país viu Trump sorrir, erguer a mão e assumir o cargo de presidente dos Estados Unidos. Eu tremia. Era o barulho, o som de milhares de Tic Tacs saindo da caixinha. *Você pode fazer o que quiser*.



A notícia me pegou na neve. Era dia 2 de dezembro de 2017, um ano e meio depois da sentença. Lucas e eu estávamos na casa de férias de um amigo. Meio dormindo, ouvi o *shush shush* da calça dele na neve, panelas na cozinha, a água da torneira correndo, o ar quente saindo da ventilação. Peguei o celular, dei uma olhada rotineira com os olhos semicerrados, ainda na cama. Vi ligações perdidas, a notícia tinha saído, o veredito de Brock havia sido contestado. Acusações de um julgamento injusto, citando provas insuficientes. O documento tinha 172 páginas. *The New York Times* escreveu que cerca de sessenta delas eram sobre minha embriaguez. A paisagem coberta de neve e os abetos sumiram. Eu precisava voltar, descobrir o que aquilo significava, ligar para a promotora, meus pais, dizer: *É, eu soube da notícia, sim, vou ficar bem*.

Apelações são incrivelmente comuns e todos têm direito a uma, mas pensar que o caso não estava mais encerrado, que havia uma chance, por menor que fosse, de haver um novo julgamento, me deixou com um nó no

estômago. A promotora disse que não havia nada a ser feito. O procurador geral do estado passaria os meses seguintes escrevendo uma resposta. Depois que fosse apresentada, o advogado de apelação de Brock, o dr. Multhaup, poderia argumentar para um painel de três juízes, em algum momento do ano seguinte, mas não se sabia quando. O advogado de cabelo branco que eu tinha visto no dia da sentença fora substituído por aquele homem com entradas na cabeça.

Uma ligação de Tiffany. Ela havia saído de um brunch, deixando a mesa cercada de amigos. *O que isso significa? Estamos bem?* Ela estava sozinha ao ar livre e eu, sentada em um quarto sob a neve, desejando que estivéssemos juntas. Todos na casa estavam terminando de comer torradas, colocando óculos de proteção no rosto, envolvidos em uma realidade da qual eu não fazia mais parte. Lucas voltou para o quarto, notou que eu estava distraída, grudada ao celular, em vez de estar me vestindo, e perguntou o que acontecera. Quando contei, ele se demonstrou determinado a não deixar a notícia estragar nosso dia. Nós íamos esquiar. Balancei a cabeça.

Ele já tinha visto aquilo acontecer várias vezes. Mais do que ficar irritado com a apelação em si, ele estava chateado por ver o que aquilo fazia comigo. Queria me soltar daquelas garras, me levar para um teleférico, onde eu devia estar. Mas eu não queria me mexer nem fingir estar feliz pelos outros. Por fim, Lucas disse que me deixaria em paz e levaria o celular, podíamos nos encontrar quando eu estivesse pronta. Ouvi todos saindo pela porta até finalmente a casa ficar silenciosa.

Cento e setenta e duas páginas. Olhei para o sumário, vi seções dedicadas à *irmã da srta. Doe*, ao *namorado da srta. Doe*, a *Julia*. Vi as pessoas que amo sendo novamente desmontadas, culpadas com uma nova série de argumentos mais virulentos e ofensivos do que antes. Quis arrancar o nome delas das folhas, mantê-las ainda mais perto de mim, fora do alcance do advogado.

Eu havia escrito a declaração para dizer chega. Parem de pisar em mim, de negar minhas verdades, de revidar. Já cansei, já aguentei demais, não suporto mais. Isso acaba agora. Aquela era a maneira de eles dizerem: *Não*. A maneira de eles dizerem: *Aqui temos 172 páginas de não*s. Viviam em uma caixa à prova de som e planejavam me manter sufocada lá dentro com eles.

Vocês entendem o que estão exigindo quando pedem a ela que fale? *Por que ela não procurou a polícia?* Eu tinha delegados, um detetive, paramédicos, patrulhas, uma ambulância. Eu tinha o fato de o terem algemado, me fotografado, gravado depoimentos das testemunhas, anotado cada detalhe do meu corpo — da correntinha fina em torno do meu pescoço aos cadarços dos meus sapatos —, coletado minhas roupas, as roupas dele. Dei queixa menos de 24 horas depois do estupro e ali estava eu, três anos depois, lendo as afirmações do advogado de apelação de que eu estava *claramente na frente da lixeira*, obviamente não “*atrás*” dela. Como havia sido “*apenas uma massagem exterior*” da minha “*abertura genital*”, que éramos *jovens enamorados expressando seus desejos sexuais*. Quando vocês dizem *procure a polícia*, o que imaginam? Eu era grata pela minha equipe. Mas a polícia passa para outros casos enquanto a vítima é deixada no processo judicial angustiante e demorado, durante o qual ela vai ser obrigada a questionar, e depois esquecer quem é. Você só foi abusada fisicamente? Aqui estão algumas informações sobre como pode entrar em um processo de vários anos de abuso verbal. Muitas vezes, parece mais fácil passar pelo estupro sozinha do que pelo desmembramento que acontece quando pedimos ajuda.

Ao procurar ajuda, a vítima é vista como alguém que está atacando o agressor. São duas coisas diferentes: buscar ajuda é o principal motivo dela, a prisão dele é um efeito colateral. Mas aprendemos que, se falarmos, algo de ruim vai acontecer a ele. Vamos ser culpadas por todo emprego que ele não conseguir, toda partida que ele não jogar. A família, os amigos, a comunidade, a equipe dele vão levar você para o inferno, tem certeza de que quer isso? Nós a forçamos a pensar muito bem no que aquilo vai significar para a vida dele, apesar de ele nunca ter pensado no que as próprias ações fariam com a vítima. De forma inerente, a vítima fica em desvantagem. Ela é o único objeto do abuso sexual e esperava que, sozinha, pudesse destruir as convicções deles, apoiadas em anos de histórias simpáticas. Eles dirão: *Nós nunca o vimos se comportar dessa maneira, então você deve estar mentindo*. Essa sensação pode ser encontrada na declaração da irmã de Brock: *As provas apresentadas durante o julgamento e as conclusões obtidas sobre o caráter dele foram*

tiradas de uma só noite da vida dele, por estranhos que não o conhecem, a fração de uma fração da vida dele. Vítimas não são frações; nós somos inteiras.

Quando a sociedade questionar a relutância de uma vítima em prestar queixa, vou estar aqui para lembrar que vocês estão pedindo que sacrifiquemos nossa sanidade para combater estruturas antiquadas que foram criadas para nos rebaixar. Vítimas não têm tempo para isso. Elas também são estudantes, professoras, mães, que não podem desistir do trabalho ou do estudo. Um adulto comum mal arranja tempo para renovar a carteira de motorista. Não faz sentido pedir causalmente às vítimas que deixem a vida de lado para passar mais tempo correndo atrás de uma coisa que, para início de conversa, nunca pediram. Isso não tem a ver com a falta de esforço das vítimas. Tem a ver com o fracasso da sociedade em criar sistemas nos quais as vítimas sintam que existe uma chance de obter segurança, justiça e compensação e não de voltarem a ser traumatizadas, envergonhadas diante do público, psicologicamente atormentadas e verbalmente mutiladas. A pergunta que de fato precisamos fazer não é *Por que ela não denunciou?*, mas *Por que ela denunciaria?*

Brock sempre vai ser o *nadador que se tornou estuprador*. Ele era incrível até que caiu na tentação. Tudo que eu fizer no futuro será realizado pela *vítima que escreveu um livro*. O talento dele precede a tragédia. A vítima supostamente nasceu com a tragédia. Eu só passei a existir quando ele me feriu. *Ela encontrou a própria voz!* Eu tinha uma voz, ele a arrancou de mim e me deixou tateando, cega por um tempo, mas eu sempre a tive. E hoje a uso como nunca tinha feito. Não devo a ele meu sucesso, minhas vitórias; ele não me criou. O único crédito que Brock pode ter é o de ter me estuprado, e ele nem ao menos conseguiu admitir isso.



Em 17 de junho de 2017, o primeiro julgamento de Bill Cosby terminou sem uma decisão: seis jurados ficaram apenas coçando a cabeça, sem serem convencidos, e daí que havia as duas pílulas, é, mas, é que, não tenho

certeza, precisamos de mais informações. Era de se esperar que Andrea Constand tivesse desanimado, desistido depois de um julgamento tão penoso. Mais uma prova de que *eles podem fazer de tudo*. Mas, em 26 de abril de 2018, o veredito do segundo julgamento foi lido em voz alta, enquanto Cosby estava com os braços presos atrás das costas. Mais de cinquenta mulheres se juntaram a ela e declararam: Não, Cosby, você não pode.

Você não pode beijar sem perguntar antes, não pode agarrar a vagina de alguém, não pode disfarçar o que está fazendo, não pode desligar o microfone, não pode descartar a ideia com um aceno de mão, não pode nos fazer esquecer porque caminhamos ao ritmo dessa promessa de duas palavras. Por muito tempo, os homens podiam, podiam de verdade, se safar disso. Eles se safavam, mas o que faziam nunca passava, por mais que nossas mentes quisessem esquecer, aquilo se tornava uma lembrança concreta. Nossos corpos a mantinham guardada, mesmo que nossa cabeça a jogasse no lixo muitas vezes, mesmo que ouvíssemos várias vezes que devíamos esquecer, assumir a culpa, crescer, mesmo que muitos anos se passassem, que formássemos famílias, tivéssemos filhos, nossos filhos tivessem filhos, nosso corpo ainda lembrava. E, enquanto nossas mentes tentavam deixar o assunto de lado, tarde da noite, deitadas sozinhas, acordadas, nosso corpo protestava: *Você não pode fazer isso*.

Em outubro de 2017, Ashley Judd e Rose McGowan estavam na linha de frente enquanto Weinstein caía. Homens do alto escalão caíram um após o outro, ou melhor, as mulheres os denunciaram e, por causa disso, esses homens caíram. Mas nunca era olho por olho, e sim olho por dezenas de olhos. Esses homens erraram ao não perceberem que, com o passar dos anos, enquanto caçavam uma mulher atrás da outra, estavam criando várias testemunhas, mais de uma apoiadora e, graças a Deus, porque aparentemente uma só nunca basta. Cosby, sessenta. Weinstein, 87. Nassar, 169. Os jornais usavam expressões como *avalanche de acusações*, *tsunami de histórias*, *mudança da maré*. As metáforas eram apropriadas porque eram catastróficas, devastadoras. Mas foi errado comparar esses casos a desastres naturais, pois não eram nem um pouco naturais, e sim causados unicamente pelo homem. Chame-os de tsunami, mas não perca de vista o fato de que cada vida é uma única gota,

então quantas gotas foram necessárias para criar uma única onda? A perda é incompreensível, desconcertante, enlouquecedora... Devíamos ter parado isso quando era apenas uma goteira boba. Mas não, a sociedade está sendo inundada por sobreviventes vindo à público, dezenas para cada homem, para que, um dia, já idoso, ele possa ter uma provinha de como as coisas foram para elas durante todo aquele tempo.

O movimento Me Too, iniciado por Tarana Burke, tornou visível o número avassalador de situações em que o estupro e o assédio acontecem, o modo como a violência está entranhada em nossa vida, e trouxe à tona inúmeras conversas e gestos que havíamos aprendido a descartar como insignificantes. *Me Too*, que significa “eu também”, é uma frase que encerra, mas deveria ser vista como *além disso*. É inseparável de uma massa maior, é imune ao isolamento. Ao declarar essas palavras, não temos que divulgar nossas histórias em detalhes explícitos; apenas assentimos, erguemos a mão. Falar não nos força a ficar sob o holofote, mas ajuda a contribuir com um conjunto brilhante e incontável de pessoas. O movimento Me Too nos trouxe o alívio de finalmente termos a chance de deixar nossas histórias de lado e ver como é andar, respirar e balançar os braços um pouco sem elas.

Algumas pessoas chamaram esse movimento de caça às bruxas. Disseram: *Ela está perseguindo o cara*. Eu pergunto: Desde quando? Marque o dia. Repasse os fatos. Quase posso garantir que, depois do estupro, ela tentou seguir com a vida. Pergunte o que ela fez no dia seguinte e ela dirá: Bom, fui trabalhar. Ela não pegou uma forquilha e contratou um advogado. Arrumou a cama, abotoou a camisa, tomou um banho atrás do outro. Tentou acreditar que não havia mudado; tentou seguir com a vida até suas pernas falharem. Todas as mulheres que denunciaram fizeram isso depois de chegarem a um ponto em que não conseguiam viver mais nenhum dia na vida que haviam tentado construir. Por isso, se voltaram lentamente para trás e encararam a situação. A sociedade acha que vivemos para perseguir o homem. Quando, na verdade, vivemos para vivermos. É isso. Ele acabou com aquela vida e nós tentamos seguir em frente, mas não deu. Toda vez que uma sobrevivente aparecia, as pessoas saíam logo dizendo: O que ela quer, por que demorou tanto, por que agora, por que não na época, por que não mais

rápido. Mas os danos não respeitam prazos. Quando as vítimas aparecem, por que não perguntamos como elas conseguiram conviver com aquela mágoa por tanto tempo, quem as ensinou a nunca a revelar.

Vítimas costumam ser acusadas de querer vingança, mas a vingança é um motor pequeno. Sei bem que não posso achar que a paz chega quando o martelo bate, quando as algemas são fechadas. Ele pode estar em uma cela, mas nunca vai saber como é ser expulso do próprio corpo. Não lutamos pelo nosso final feliz. Lutamos para dizer: *Você não pode*. Lutamos para que tenham responsabilidade. Lutamos para estabelecer um precedente. Lutamos porque rezamos para sermos as últimas a sentir esse tipo de dor.

Quando o livro de Hillary Clinton, *O que aconteceu*, foi lançado, soube que ela citou meu parágrafo final: *Nas noites em que se sentir sozinha, vou estar com você...* E depois escreveu: *No início da manhã de 9 de novembro, quando chegou a hora de dizer o que eualaria no meu discurso de derrota, me lembrei dessas palavras. Inspirada por elas, escrevi as seguintes: “Para todas as meninas que estão vendo isso, nunca duvidem de que vocês são valiosas, poderosas e merecedoras de todas as chances e oportunidades do mundo e devem correr atrás dos seus sonhos e realizá-los.” Onde quer que ela esteja, espero que Emily Doe saiba quanto as palavras e a força dela significaram para tantas pessoas.*

Em um momento de perda monumental, Hillary Clinton havia consultado minha declaração em busca de esperança. Ela tinha voltado ao meu momento mais sombrio para iluminar o futuro.

I 3.

Em janeiro de 2018, mais de 160 jovens ginastas trocaram pés descalços nos colchões de vinil por sapatilhas nos pisos frios com o intuito de se posicionar, uma após a outra, diante de um púlpito e ler declarações para Larry Nassar, que tinha o rosto coberto de barba, como se estivesse sujo de lama. Quando deram a notícia, eu estava cortando cenouras e tofu, dando comida para Mogu, a TV ao fundo. Enquanto as vozes daquelas meninas entravam no cômodo, deixei tudo queimar, o vapor subindo e eu hipnotizada, assistindo ao discurso delas. As palavras eram feitas de aço. Mesmo quando as vozes delas estremeciam, os olhos permaneciam vidrados. Pensei que se eu, como sobrevivente, sou feita das mesmas fibras que elas, se é verdade que somos feitas de tecidos similares, então sou inabalável. Algo em meu peito pegou fogo naquele dia: me senti capaz de erguer um carro, escalar uma montanha. Tive orgulho de fazer parte do que significa ser sobrevivente. A força que elas irradiavam. *Meninas não são crianças para sempre*, disse Kyle Stephens. *Elas se tornam mulheres fortes que voltam para destruir seu mundo*.

Talvez Larry achasse que o tempo estava do lado dele e tentasse aprimorar sua técnica conforme os anos passavam com tranquilidade. Mas, durante todo aquele período, elas estavam se tornando mais fortes, procurando o clima certo para emergir com segurança. Ainda assim, entendi qual era a fonte de poder delas; aquele tom é obtido só depois de passarmos por uma quantidade insuportável de tortura.

Mas havia algo diferente. Meus olhos não paravam de se voltar para a mãe de pé ao lado da filha que lia, uma sombra escura, o rosto impassível, sem voz ao fundo. As filas de pais na plateia, desanimadas e solenes. Raramente vemos essas vítimas de segundo grau, o forte contraste entre as filhas poderosas, enérgicas e o eco dos amigos e parentes delas, em um nível maior

de tristeza, as entranhas despedaçadas. A cena era assustadora. A inversão de papéis, adultos reduzidos a observadores impotentes, recuando para assistir às filhas de quinze anos se posicionarem e exigirem compensação. Por trás de cada discurso poderoso, uma segunda camada de pensamentos parecia se formar nos olhos dos pais, um diálogo de culpa, talvez, denso e pesado. Uma dor, *você é jovem demais para aprender essa lição*, e ainda assim um questionamento: *O que eu podia ter feito para evitar isso?*

Quando a vovó Ann perguntou à minha mãe: *Como foi quando Chanel lhe contou?* Minha mãe disse quatro frases:

Tonto não lembrar.

Minhas pernas bambearam.

Fui eu que a levei de carro.

Devia ter dado a volta, levado meus bebês para casa.

Julia diz: *Fui eu que convidei você para a festa.*

Tiffany diz: *Fui eu que fui embora.*

Lucas diz: *Fui o último a falar com você pelo telefone.*

Quantas vezes eu disse a eles: vocês são o motivo da minha sobrevivência, não do meu dano. Ainda vejo em meus pais que, quando o caso é mencionado, o rosto deles se fecha, assim como as nuvens fecham o tempo quando tapam o sol por um instante.

Quando as ginastas falaram, foi a primeira vez que me permiti ver uma sala de audiências na tela. Nos últimos anos, eu tinha evitado cenas de julgamentos na TV, em programas, filmes e até desenhos que abordavam procedimentos legais. Vi um bebê vestido de juiz no Halloween, a pequena túnica preta, o martelo, e odiei aquele bebê, odiei os pais que viram graça, e percebi que estava maluca.

Eu havia considerado o sistema judiciário brutal demais; exigia muito tempo. Minha fé vinha diminuindo. A quem deveríamos recorrer? Por que é tão difícil ouvir uma história em que a vítima é bem cuidada, em que a justiça é realmente feita? Então surgiu a juíza Aquilina. Eu nunca havia questionado o tempo curto que tive para ler minha declaração até a juíza Aquilina abrir espaço para 169 declarações. Ela deixou claro que todas eram importantes. Convidou a compensação e a compaixão a um espaço que eu

associara apenas à tortura. *Deixem a culpa aqui. Ela não merece mais o tempo da família de vocês.* A juíza expulsou as forças negativas. *Parem de envergonhar e culpar os pais,* disse ela. *Acreditem em mim, vocês não tinham como saber. E não podiam ter feito nada diferente.* Pediu às mulheres: *Deixem a dor aqui, saiam e façam coisas maravilhosas.* Eu não sabia que instruções como aquelas eram possíveis. No tribunal, o juiz é o capitão do navio. Meu capitão nos fez naufragar. Já essa juíza virou o navio para o horizonte. Eu torcia para que Stanford se tornasse aquele tipo de instituição, quisesse ser líder na proteção de sobreviventes.

Eu nasci no hospital de Stanford e, quando era pequena, achava que isso automaticamente me tornava inteligente. Andei de bicicleta por palmeiras e eucaliptos, sob telhados vermelhos. Ainda não sei o nome da maioria dos prédios do campus, mas consigo fazer um passeio guiado por minhas lembranças, apontar para qualquer lugar do campus e dizer: *Foi aqui que...* Foi aqui que montei uma mesa para vender biscoitos para o clube de escoteiros. No ensino fundamental, eu tinha vergonha da minha altura, então a vovó Ann me levou aos treinos de basquete feminino de Stanford para me mostrar o futuro das mulheres altas. Eu usava os binóculos do meu avô em todos os jogos, rodava pequenas toalhas na torcida, adorava o mascote dançante vestido de árvore que parecia um grande rolo de papel higiênico com olhos arregalados e folhas murchas. Foi em Stanford que fiz aulas de chinês perto da fonte e uma aula de informática, onde aprendi a digitar e editar vídeos. Criei meu primeiro vídeo sobre um garfo que tinha superpoderes (o *Fork Master 3000*, que cravava buracos e escovava o pelo do próprio animal de estimação). Tiffany e eu encontrávamos bolas de golfe na grama ao lado do campo de golfe de Stanford, achávamos que eram ovos especiais e as levávamos para casa para chocá-las.

Cerca de vinte alunos da minha turma do ensino médio foram aceitos na universidade. Visitar um amigo em Stanford era algo comum, íamos a festas no estilo *silent disco* ou jogávamos cartas nos feriados. Stanford era composta por amigos, ídolos, professores. Eu posso nunca ter sido aluna de lá, mas aquela era minha comunidade antes de eu saber que era uma universidade. Era minha casa.

Depois que fui estuprada, não ouvi nada além de silêncio da instituição por dez dias. O reitor de Stanford tinha meu nome, mas ninguém entrou em contato comigo. Ninguém disse: *Como você está? Chegou bem em casa?* Percebi que, como não era aluna, não merecia apoio. Mesmo assim esperei que estendessem a mão durante aquele período crucial. Eu ainda não havia aprendido a pedir ajuda, mas, se tivessem oferecido, as coisas podiam ter sido diferentes. Talvez eu não tivesse passado tanto tempo no carro ligando para serviços de atendimento a vítimas. O que quero dizer é que eu gostaria de ter visto alguma demonstração de preocupação, algum direcionamento que me ajudasse, algum reconhecimento do que havia acontecido.

A ausência de Stanford se tornou uma presença constante toda vez que eu passava por Palo Alto. O estupro me machucou fisicamente, mas coisas piores foram danificadas. A confiança nas instituições foi danificada. A fé no lugar que achei que me protegeria foi prejudicada. Eu podia aguentar a apatia, a omissão de um pedido de desculpas, porém o que mais me perturbava era a incapacidade de fazerem a pergunta mais importante: *Como podemos garantir que isso não se repita?* Eles haviam tratado meu estupro como um acontecimento singular, isolado. Depois do afastamento voluntário de Brock, os responsáveis da instituição me ligaram uma vez para informar que ele não podia voltar ao campus. Além disso, quase nada foi feito. Meu estupro aconteceu e foi esquecido. Mas nada nunca é tão simples assim.

Brock não era uma maçã podre, ele apenas ameaçava expor os problemas maiores e subjacentes de violência sexual no campus. Stanford deveria ter aproveitado a oportunidade para fazer uma revisão sistemática dos procedimentos e políticas para esses casos. Para garantir que, quando uma vítima é ferida, existam serviços que possam ser prestados imediatamente. Para reavaliar a segurança no campus. Para dar apoio às sobreviventes. Eles deveriam ter dito: *O que aconteceu com você importa para a gente.*

Alguns dias depois de a minha declaração viralizar, Stanford publicou um comunicado: *Há muitas informações incorretas circulando sobre o papel de Stanford. Neste caso, a Universidade de Stanford, seus alunos, suas políticas e seus funcionários fizeram tudo que podiam.* Disseram que, ao descobrirem minha identidade, a universidade procurou a vítima em termos confidenciais para oferecer apoio a ela.

Quando li a declaração deles, contumaz, quase orgulhosa, *Stanford leva agressões sexuais extremamente a sério e tem sido uma líder nacional ao tomar medidas concretas...* foi como se espremessem limão na ferida.

Jennifer J. Freyd, uma ex-aluna de Stanford e professora de psicologia, escreveu uma carta aberta para a direção da universidade. Ela condenou a *postura defensiva e autocongratulatória* deles. Debateu um termo que eu nunca tinha ouvido, *traição institucional*, que pode causar às vítimas *danos piores do que os provocados pela agressão sexual em si. A ironia é que a traição institucional não é só ruim para as pessoas que dependem da instituição, como volta para assombrar a própria universidade.*

Naquele verão, Michele apareceu nos jornais, lembrando que Stanford ainda não havia se desculpado. Ela disse que meu estupro *não tinha sido imprevisível, nem aleatório, eles haviam criado condição para aquilo acontecer.* Ela só podia ser demitida por justa causa, então estava protegida para criticar abertamente a atitude da universidade. Supus que fosse um esforço inútil.

A notícia da declaração havia chegado ao auge e desaparecido, as férias tinham começado e acabado. Em 31 de agosto de 2016, dois dias antes de Brock sair do presídio, recebi um telefonema de Michele: *Tenho boas notícias.* Uma mulher em um cargo alto tinha informado a Michele que Stanford queria pedir desculpas e pagar minha terapia. Vou chamar essa mulher de Semente de Maçã. Comer uma semente de maçã não causa mal nenhum. Mas quantidades excessivas podem ser tóxicas, sutis e corrosivas, impossíveis de digerir. Semente de Maçã disse que me mandaria o documento por e-mail, e eu só precisava assinar para receber o dinheiro. Falei que me recusava a receber qualquer quantia até que aceitassem me encontrar, conversar sobre como tinham lidado com meu estupro e entender o que podiam melhorar para o futuro. Michele sugeriu que aceitássemos a oferta antes que Stanford mudasse de ideia.

Fiquei irritada com o fato de a ligação ter chegado dois dias antes da libertação de Brock. Questionei a motivação deles, a vontade de limpar o nome da instituição e evitar a propaganda negativa antes que a mídia voltasse a citar meu caso. Procurei Lucas: *O que devo fazer?* Ele falou: *Se estiverem falando sério, a oferta vai ser mantida por alguns dias.* Ele também questionou o

que queriam em troca. Então perguntei a eles. *Precisamos que você se comprometa a não nos processar.*

Por fim, entendi que eles não me viam como pessoa, mas como uma ameaça legal, um grande risco.

Quis torcer o nariz, não preciso de Stanford. *Quem é Stanford?*, disse Michele. *Sabe que Stanford é um fundo corporativo de bilhões de dólares? Você não pode personificar uma instituição complexa.* O que eles vendem é uma marca, uma experiência. Assim como Mickey Mouse é um homem adulto, sendo pago para ficar mudo dentro de uma casca sufocante, rígida, coberta de pelo preto, com luvas brancas grossas. Mas ela também disse que Stanford não era um monolito, era feita de pessoas diferentes com motivações diferentes. *Há pessoas que você pode odiar e há outras que estão tentando lhe ajudar. Escute as que estão tentando ajudar.* Michele acreditava em Semente de Maçã, no potencial para mudanças. Michele teve a ideia de substituir as lixeiras por um jardim com uma placa, que teria uma citação de minha escolha. Achei que seria legal e concordei.

No dia 2 de setembro de 2016, conferi as notícias no celular e vi Brock sair pelas portas de vidro do presídio com uma camisa de botão, iluminado por flashes e cada vez mais microfones, antes de ser colocado com cuidado em uma SUV. Eu sabia que ia acontecer. Mas, naquele dia, senti que havia piscado e lá estava ele, solto. Na internet, encontrei pessoas postando listas de coisas que tinham durado mais do que a sentença dele. *A estimativa de vida de um Kiko Marinho. O tempo que Macarena ficou entre as cem músicas mais tocadas (Odyssey). Meus pelos das pernas durante o inverno (HerCampus). O tempo que espero a resposta de uma mensagem (coniethegoat). A conversa da minha mãe quando ela encontra as amigas (amy).*

Cliquei em outro vídeo que mostrava ele fazendo check-in em um hotel com os pais, rodeado de cinegrafistas. *Tem algo a dizer para a vítima?* Por um segundo, prendi a respiração, escutando. Ele estava diante de um elevador, usando óculos de sol, olhando para os pés, os lábios formando uma linha fina, os pais bufando. Não sei o que eu ainda esperava.

Tive que sair de casa. Corri até uma lanchonete. Um homem sentado ao balcão sorriu e perguntou: *Você é do Colorado?* Percebi que estava usando

meu moletom do Colorado. *É um estado lindo, assim como você. Sou de uma cidade pequena ao norte de...* Saí para o pátio dos fundos. Pedi panquecas de mirtilo, seis. Quando voltei e passei pelo homem, eu o encarei, peguei açúcar de confeitiro e xarope de bordo e voltei à minha mesa no canto da lanchonete. Já tinha aprendido a me conectar de volta à realidade, a filtrar meu mundo e resumi-lo a um número restrito de fatos fixos e concretos: *Estou comendo panquecas deliciosas. Está fazendo sol. Estou aquecida. Estou vendo begônias cor-de-rosa.*

Brock estava livre, a vida continuava e eu tinha começado uma negociação com Stanford. Estava tentada a recusar totalmente o dinheiro, meu orgulho grande demais. Sobretudo, eu temia a culpa, a vergonha e o estigma que acompanham todas as vítimas que recebem qualquer valor em dinheiro. Mas, se minha irmã quisesse fazer terapia, eu queria que ela tivesse essa opção. Se eu recusasse o dinheiro e ela me pedisse ajuda, o que eu diria? Procuraria meu pai? Eu o forçaria a trabalhar mais? Queria poder cuidar deles, finalmente lhes dar algo de bom. Se eu aceitasse, será que estaria deixando todas as outras vítimas do campus para trás?

Depois de um ano e meio de julgamento, eu nunca havia recebido um centavo do sistema judiciário. Como tudo estava resolvido, eu tinha que pedir o reembolso, apresentar as contas do hospital e da terapia que Brock seria obrigado a pagar por ordem do tribunal. Mas, como ele estava desempregado, tinham me dito que seria necessário estabelecer um parcelamento e que ele pagaria aos poucos com o passar dos anos. Eu queria cortar todos os laços com ele. Além disso, ele já se via como vítima e, se recebesse um boleto pelo correio, tive medo de que o advogado de apelação dele ficasse ainda mais motivado a lutar contra mim.

Michele me apresentara a um advogado que havia mostrado nossas opções, e todas se resumiam a mais dois ou três anos na justiça. Enquanto ele explicava como uma deposição funcionava e lembrava que meu caso estava quase prescrevendo, a logística da coisa ficou toda confusa em minha cabeça. Eu sabia que não tinha forças. Stanford estava me oferecendo 150 mil dólares no total, o que cobriria terapia para mim e para minha irmã por alguns anos. Vítimas são criticadas quando recebem qualquer valor. Poucos entendem

que é caro se curar. Que deveríamos alocar mais fundos para as vítimas, para terapia, mais segurança, possíveis gastos com mudança, ajuda para retomar a vida, comprar coisas tão simples quanto roupas para ir ao tribunal. Como Michele lembrou: *Prevenir agressões sexuais é muito mais barato do que tentar resolver o problema depois que acontece.*

Pedi que houvesse um responsável pelo caso, alguém que existisse apenas para cuidar das necessidades das vítimas, mantê-las informadas, garantir o apoio adequado. A falta de apoio que eu havia sentido não se repetiria. Eu precisava que eles reavaliassem a política de contatar as vítimas depois de um estupro. Eu queria que o Departamento de Segurança Pública do campus fosse treinado para informar melhor às vítimas sobre o processo e as opções delas, sobretudo quando tivessem que decidir se iam prestar queixa ou não. E, por favor, iluminem a área escura atrás da fraternidade.

Michele pediu que melhorassem a iluminação em outras áreas e colocassem câmeras de vigilância nas partes ao ar livre e de alto risco. Ela exigiu ainda mais medidas sistêmicas, *a análise da cultura da violência sexual em programas esportivos*, a revisão das práticas do sistema das fraternidades e ações para ampliação da transparência dos dados sobre o assunto, para que fossem mais inclusivos e expansivos.

A reunião aconteceu em 6 de setembro de 2016, quatro dias depois de Brock ser libertado do presídio. Eu queria demonstrar uma raiva contida, uma convicção forte. Vá até lá e faça exigências! Entrei, cumprimentei pessoas. E então meu rosto logo desmoronou. Eu disse algumas frases antes de esquecer o que tinha ido lá dizer. Não intimidei ninguém nem impus nada. Foi como se meu peito tivesse uma pequena bolsa de ar, enquanto eu sussurrava sobre como queria que alguém tivesse me ajudado. Michele a confrontou, criticando Stanford por não ter me procurado depois do estupro. Eles tinham meu telefone e meu nome, sabiam como me encontrar. Semente de Maçã pediu desculpas.

Ela disse que, na época, *não havia um procedimento claro sobre como conectar não alunos aos recursos*. Disse que quiseram respeitar meu *anonimato e minha vontade*. Explicou que tinham tentado me ajudar, possuíam um registro que

dizia que haviam oferecido recursos para tratar minha saúde mental, mas eu nunca aparecera.

Minha mente vasculhou lembranças antigas. Quando... quando eles haviam feito isso? Tinha sido tarde da noite, sentada em meu carro trancado, no estacionamento da Ikea? Eu vasculhara minha bolsa, encontrara o telefone do serviço de apoio às vítimas de Stanford. Pedi à moça que só ficasse comigo, eu precisava saber que não estava sozinha. Quando finalmente me acalmei, a moça ao telefone me disse que não conhecia o procedimento para não alunos, mas que eu podia ir até lá, aparecer na sala deles no dia seguinte, bastava me identificar. Quando a ligação terminou, a mulher sem rosto havia sido engolida pelo vazio e eu tinha sido deixada com perguntas. Se eu fosse até lá, quem ia encontrar, teria que contar tudo para a recepcionista? Será que iam designar um terapeuta qualquer para mim? Eu não podia ligar de volta para o serviço de apoio, pois seria conectada a outro atendente. Em parte, eu não tinha procurado ajuda por não saber onde me encaixar, pela hesitação que ouvira na voz da mulher: *Não costumamos fazer isso, mas...*

Achei que a ligação tinha sido confidencial. De repente, fiquei envergonhada ao perceber que aquilo tudo havia sido culpa minha, fui eu que não apareci. Além disso, eu não era aluna, não existia protocolo, o que eles podiam ter feito comigo? O papel foi impresso, assinado enquanto ainda estava quente. Semente de Maçã estava atrasada para alguma coisa e, quando a porta se fechou, percebi que aquilo era tudo, eu havia assinado o que ela precisava. Michele estava otimista, a conversa continuaria, mas fiquei com medo de que as promessas com relação ao dinheiro tivessem sido vagas.

Voltei para casa naquela noite e analisei a situação. Na noite em que havia ligado, eu já tinha chegado a um fundo do poço perigoso e procurado alguém em meio ao desespero. Ela não entendera: atender a ligação de um serviço de apoio a vítimas é diferente de tomar iniciativa, de oferecer recursos para a vítima mais cedo, de intervir antes que ela desabe. *Eu tentei*, devia ter respondido. *Fui eu, não vocês. Eu liguei para vocês.* Eu deveria ter forçado a barra. Já não havia sentido algo parecido no sistema judiciário?

Chanel não vê isso. A manipulação sutil, a virada no jogo, que colocava a culpa e o peso de volta na vítima.

Eu tinha ido à reunião em busca de uma conversa aberta e pessoal sobre reparações necessárias, pedidos sensatos, soluções possíveis. Deveria ter percebido que, de um ponto de vista legal, eles não tinham motivo nenhum para admitir que haviam falhado. Semente de Maçã também estava sob pressão, falando em nome de acionistas e advogados, agindo como porta-voz da universidade.

Naquela noite, me senti enjoada e fui dormir cedo. Às duas da manhã, acordei vomitando em nossa lixeira nova de vime, um líquido espesso escorrendo pelas fendas da madeira trançada. Tirei a roupa e me deitei em posição fetal no tapete do banheiro, me arrastei para o espaço entre a privada e o chuveiro, a bochecha encostada no ralo. Parecia que alguém estava cortando a parede do meu estômago. O banheiro inteiro fedia. Fiquei deitada ali por nove horas.

Não podia acreditar que havia pegado uma intoxicação alimentar. Era estranho porque, na China, eu tinha comido carne cozida em um óleo estranho, comera em lugares onde homens entravam descalços na água para pegar peixes, os limpavam em pilares de madeira e os cozinhavam no vapor na minha frente. Escrevi uma lista em um post-it rosa: *Quinta-feira, massa com pesto. Sexta-feira, frango.* As cólicas continuaram. Meus pais me visitaram uma semana depois, viram que eu havia parado de comer e me mandaram ir ao médico.

Por que veio aqui hoje? Eu me sentei no papel barulhento e apresentei o post-it rosa: *Quinta-feira, massa com pesto. Sexta-feira, frango,* e continuei recitando o que tinha comido até o médico dizer: *Você deve ter pegado uma virose.* Ele me aconselhou a tomar subsalicilato de bismuto. Balancei a cabeça. *Já acabei com o meu, isso só serve para deixar meu vômito rosa.* O médico disse que eu deveria experimentar as pastilhas mastigáveis, não a versão líquida, e esperar que a virose passasse. Então me dei conta. Eu havia feito a lista errada. *Quinta-feira, reunião em Stanford. Sexta-feira, estuprador fora da cadeia.* Um ataque de pânico, uma reunião fracassada, culpa por causa do dinheiro, a política da negociação, tudo reprimido em minhas entranhas. Eu não sabia

como explicar nada daquilo. *Também tenho sentido ansiedade.* O médico perguntou: *Você já tentou fazer terapia?* Assenti. *Está bem, então talvez seja uma coisa que a gente deva explorar da próxima vez, mas ansiedade é algo comum, por isso vamos esperar alguns meses e...* Olhei para o chão.

Depois que minha declaração foi divulgada e a enxurrada de apoio chegou, eu achava que meus dias seriam mais tranquilos. O pior ficara para trás. Senti que tinha poder. Tinha ficado tão animada, alguém comentou que eu havia *feito história*. Se era possível fazer história, então com certeza era possível redirecionar tudo, eu podia mudar o mundo do dia para a noite. Fui toda inocente para aquela reunião, achando que *eu* ia acabar com a violência sexual nos campi durante aquela uma hora.

Mas Michele sabia como essas coisas demoram. Ela vinha lutando contra Stanford havia mais de uma década. *Mudanças sociais são uma maratona*, dissera ela. *Não uma corrida de cem metros. Fazemos tudo que podemos no tempo que temos.* E por tempo ela queria dizer uma vida, que talvez nem vivêssemos para ver tudo aquilo resolvido, mas ainda assim lutaríamos. Eu estava entendendo o processo excruciantemente longo de mudanças substanciais, como os sistemas são enormes e arraigados, como são impossíveis de serem destruídos, como eu era minúscula.

Uma semana depois, pedi desculpas ao advogado, desculpas por não ter feito o suficiente. Esperava que ainda pudéssemos trabalhar juntos para mudar Stanford. Ele disse: *Nós dois esperamos que isso seja um passo muito importante para você... admiramos sua força enorme... Você é uma pessoa iluminada e nisso Turner não conseguiu tocar.*

O sócio dele afirmou: *Espero que a ansiedade por não ter feito o suficiente desapareça logo, porque você fez tanto...* Mas a vergonha gritava em minha cabeça: *burra, insignificante, egoísta*, abafando aquelas vozes incentivadoras.

Um cheque chegou pelo correio. Fui de carro até um banco novo, abri uma conta e dei a senha ao meu pai para que ele usasse o dinheiro para emergências familiares. Coloquei uma quantia nos investimentos da minha irmã para a aposentadoria.

Certa noite, ouvi meus pais falando sobre dificuldades financeiras e meu rosto ficou vermelho. Eu queria que o dinheiro resolvesse tudo, todos

deveriam estar felizes. Sem mais sofrimento nem dificuldades. Eu havia acabado com nossa tristeza. Pelo menos isso eu tinha feito.

Como o local logo seria convertido em jardim, Michele me levou para vê-lo à luz do dia pela primeira vez desde o estupro. As cólicas voltaram.

Fiquei impressionada ao ver como tudo aquilo era pouco inspirador, nada inspirador; um gramado ralo e cheio de terra, árvores de galhos murchos, um pequeno aclave cheio de folhas de pinheiro, merda e latas de cerveja, colheres de plástico e vidro quebrado, um sachê de ketchup e duas lixeiras pretas. Era aquilo? Só aquilo? Onde toda a minha vida havia sido definida, o lugar que tinha sacrificado relacionamentos, gerado desemprego, perda de identidade, tudo reduzido e roubado por aquele quintal de fraternidade patético e ridículo. Como os anos haviam passado sem que eu conseguisse me livrar daquele lugar, como podia estar negociando com Stanford uma coisa tão simples como a porra de um poste? Um poste! Toda a minha vida e minha dor pareceram uma piada ali. Tive vontade de rir, de enfiar os punhos no chão, arrancar nacos de terra, quebrar as portas de vidro da varanda com as cadeiras de madeira sobre as quais me lembro que dancei. Mas não falei nada, fiquei piscando ao sol e, depois de alguns minutos, me virei e voltei para o carro de Michele.

Seis meses se passaram. Semente de Maçã me mandou uma mensagem pelo meu advogado. *Espero que você esteja feliz.* Responsáveis seriam designados para os casos, haveria mais iluminação. Ela me informou que dados sobre meu estupro deveriam ter sido enviados pela promotoria, nunca tinha sido responsabilidade deles. Eles nunca diriam *Tínhamos a obrigação de proteger você, mas falhamos. Tínhamos a obrigação de acompanhar o caso e não fizemos isso. Tínhamos a obrigação de procurar você antes, vamos fazer isso da próxima vez.*

Frequentei o programa de arte-terapia para sobreviventes de violência sexual e conjugal do campus. Certa noite, viajei uma hora de São Francisco até uma salinha escondida atrás de um refeitório. O workshop foi dado por duas mulheres: uma trabalhava como atendente do serviço de apoio às vítimas, e a outra, não. Quando falei que iria, fiquei paranoica, com medo de registrarem isso, de darem o recado para Semente de Maçã. Se um dia eu

dissesse que Stanford deveria ter feito mais, eles diriam: *Temos um registro aqui que diz que Chanel se beneficiou muito das canetinhas e materiais de artesanato*. Eu disse a mim mesma que ia apenas observar.

Havia uma jarra de água de metal e balinhas de goma em um canto. Chovia demais. O workshop não incluía debates, então trabalhamos em silêncio, moldando argila. Havia pequenos cartões que podíamos virar nas mesas caso quiséssemos falar. Se os virássemos, a atendente vinha cochichar conosco. Ficar sentada com outras sobreviventes me trouxe paz. Não havia pressão para falar nem fingir alegria. Parte de mim ficou ansiosa, desejando secretamente que as meninas que trabalhavam em silêncio ao meu redor se curassem, e, por consequência, comecei a direcionar parte daqueles desejos para mim mesma. Eu me perguntei o que aquilo significava, aquelas estudantes, que deveriam ter muito dever de casa e ainda assim tinham ido até lá passar duas horas fazendo pequenas esculturas. O que era aquele desejo, o que as levava até ali, o que precisava ser alimentado? E onde estavam os agressores que tinham nos levado até ali? Por que éramos nós que estávamos reunidas em silêncio em uma noite chuvosa, amassando argila, enquanto eles seguiam com a vida?

Tentei voltar quando podia. Houve uma sessão chamada *Desmascarando a raiva*. Nós íamos fazer máscaras de papelão que personificassem a raiva; uma máscara seria uma maneira de identificar a presença da emoção, mas criaria distância suficiente para não sermos totalmente consumidas. Eu planejava fazer uma máscara enorme. Quando cheguei, vi que era a única presente; eu, as duas mulheres e uma série de banquinhos vazios. A atendente perguntou se eu queria ficar para conversar e falei que sim, então a outra moça foi embora para que eu pudesse falar tranquilamente. Talvez aquela fosse minha chance de dizer o que nunca havia conseguido para Semente de Maçã. No entanto, voltei a chorar, revisitando a sensação de abandono, o pedido fraco de desculpas, as feridas emocionais, a recusa em admitir a falta de cuidado. Como era patético continuar esperando que alguém restaurasse minha fé naquele lugar que eu tinha valorizado desde a infância.

Aqui você pode se sentir em casa, disse ela. *E aqui a raiva pode ganhar forma*. Raiva do agressor, dos observadores, da sociedade era uma resposta saudável

e normal. *Algumas pessoas direcionam a raiva para si mesmas por acharem que é o único jeito seguro de senti-la.* Aquilo podia gerar autoimagens negativas, culpa pelo trauma, dificuldade de se reconciliar com crenças anteriores de justiça, de significados.

A pergunta me atingiu de novo: *Quem é Stanford?* Se ela é Stanford, então a instituição é gentil e me leva em consideração. *Quem é Stanford?* Um menino lá fora tocava “Feliz Navidad” na tuba. Ele é Stanford? Semente de Maçã é Stanford? Passei as duas horas seguintes cortando uma grande máscara plana de papelão, com chifres retorcidos e um focinho. Dirigi de volta para casa por uma hora, exausta, apoiei a máscara na parede e a observei escorregar até o chão.

Quando conto para as pessoas que Stanford estava mais preocupada em se preservar do que em cuidar de alguém, elas respondem da maneira mais gentil possível: *É sério?* Mas por quê? Por que é sério? Por que esperamos tão pouco das universidades? Por que é raro ouvir uma história em que a faculdade reagiu corretamente e trabalhou com a vítima para melhorar a segurança no campus? As poucas de nós na sala de arte-terapia eram apenas uma amostra, pois existem salas cheias de sobreviventes no país inteiro, buscando todo tipo de ajuda.

Muitas vezes, as vítimas são as pessoas que largam a faculdade ou pedem transferência. Elas saem de fininho enquanto a universidade continua seu caminho, sem empecilhos. Não sou inocente por esperar algo melhor, não sou maluca por querer mais. Aprendi como a transparência cura. Assumir a responsabilidade cura. Semente de Maçã disse: *O fato de uma violência tão silenciosa ter sido cometida em nosso campus bucólico... não sai da minha cabeça.* Nessa frase, ouvi a descrença, como uma coisa dessas podia ter acontecido aqui? Ela falava como se fosse uma mancha em um campus impecável. Mas sabemos as estatísticas, todos aqueles corpos vermelho-vivos, ela e ela e ela. É algo comum, onipresente para as pessoas que passam por isso.

Voltei à arte-terapia. A mulher começou falando sobre evolução, será que podíamos pensar em algo que evolui? Quando ficamos em silêncio, ela sugeriu um sapo, nos falou sobre as etapas da vida dele. Pensei por um instante, olhando mais uma vez para as jovens estudantes. Será que estão aqui

porque um dia esperam se tornar sapos? Por definição, será que eu não seria um sapo? Eu havia passado pelo sistema judiciário, ganhado pernas, enfrentado meu agressor, declarado minhas verdades. Mas não me sentia diferente delas.

Não importa quanto eu me torne formidável ou segura, sempre serei um girino. Acho que isso é ser uma vítima, conviver com aquela coisa frágil, agitada dentro de você. A maioria das pessoas diz que o desenvolvimento é linear, mas, para as sobreviventes, é cíclico. As pessoas andam para a frente, as vítimas andam em círculos. Nós nos fortalecemos em torno de um espaço de dor, nos tornamos mais velhas e repletas, mas o núcleo vulnerável nunca some. Mais do que me tornar um sapo, acho que sobreviver significa conviver para sempre com aquele girino frágil.

Semente de Maçã havia me pedido uma citação para ser gravada na placa de bronze do jardim. Dei a ela as frases da minha declaração que falavam sobre reaprender meu valor, que começavam com: *Você me tornou uma vítima... Tive que me forçar a reaprender meu nome verdadeiro, minha identidade. Reaprender que não sou apenas isso... Sou um ser humano com uma ferida irreversível, minha vida ficou em suspenso por mais de um ano, esperando que eu percebesse que tenho meu valor.* Semente de Maçã rejeitou essa citação. Meu advogado insistiu: *Um jardimzinho bonito com uma mensagem boba que ninguém nota, na verdade, é menos útil que a lixeira que havia ali.* Semente de Maçã cedeu e concordou em fazer um protótipo. Durante meses, recebi muitos e-mails com plantas elaboradas para o jardim: *banco de pedra, seixos escuros de rio, terra adubada, banco de madeira com braços, cor das pedras: Hillsborough e Willow Creek (50% de cada cor), argamassa de laje de cor a ser determinada, fonte de pedra da Stone Forest, localização exata do banco a ser determinada, reboco alocado apenas na parede de fora, amostras para serem analisadas pelo paisagista.* Mas nenhuma análise da lei Title IX estava sendo feita, nenhuma revisão dos procedimentos. Nada de placa.

Recebi um e-mail certa noite informando sobre a programação da cerimônia: abertura com o reitor (cinco minutos), um anúncio sobre os serviços de apoio (cinco minutos), um discurso/carta de Emily Doe (cinco minutos), palavras de encerramento, um instante de silêncio em apoio às

sobreviventes de violência sexual (cinco minutos). O que fazer quando você é convidada para a cerimônia de inauguração do jardim do seu estupro, programada para durar vinte minutos? Eu queria fazer um discurso: *Obrigada pelas pedras*. Por estarem tão preocupados com a publicidade a ponto de tomarem a iniciativa de criar uma demonstração pública de apoio, chamarem cinegrafistas, criarem um itinerário arrumadinho, o corte figurativo da fita. Eles me deram três datas para escolher. Fiquei feliz pela área ter sido limpa, por saber que alunos poderiam encontrar consolo ali, mas achei estranho não ver a placa. Pedi ao meu advogado que informasse educadamente que não haveria cerimônia.

Pensei mais na raiva, na obra de arte que eu ia criar. Um tributo mais apropriado: uma obra chamada *Construção*, onde cada vítima receberia um prego por cada dia que havia convivido com o que lhe aconteceu. Haveria uma pilha de madeira aleatória no meio do campus. As vítimas poderiam chegar quando quisessem e fincar os pregos na madeira. As pessoas ouviriam as batidas o dia inteiro, todos aqueles furos, aquela interrupção incessante. Seria bem parecido com o ato de sobreviver, tentar seguir adiante com a vida e cumprir com nossas obrigações, enquanto o passado nos esmurra, nos distrai, nos impossibilita. No fim, haveria uma imensa estrutura de madeira, presa por pregos aleatórios, enorme, inútil, pontuda e perigosa no meio de tudo. As pessoas seriam forçadas a dar a volta, a obra tamparia a vista bonita das árvores. O que também é parecido com um estupro, o que podemos fazer com isso, onde devemos colocar, o que é.

Ou talvez uma instalação com luzes. Eu poderia ir até lá à noite e instalar abajures com extensões por todo o campus, grandes lanternas de papel penduradas nas árvores, cobrindo o campus com lâmpadas fortes até que cada canto escuro estivesse iluminado. Eu chamaria a obra de *Tudo que eu queria*.

Ou algo mais perturbador: eu faria esfregões, prendendo fios de cabelo escuros e compridos na ponta de cabos de madeira e os arrastaria pelos galhos e pelas folhas dos pinheiros. Varreria todas as plantas e o lixo, criando trilhas pelo campus, o guardião de uma vítima. Essa obra performática seria chamada de *Queríamos respeitar seu anonimato e sua vontade*.

Um ano depois da reunião que tivemos, um mês depois da instalação do jardim, ainda não havia placa. Quando meu advogado perguntou sobre isso, Semente de Maçã escreveu que o espaço deveria ser *inspirador* e não era correto *atacar* ou *condenar um único indivíduo*. Disse que eles não colocariam uma placa ali porque tinham que *priorizar o bem-estar de todos os alunos*. Ela propôs a seguinte citação:

Estou bem aqui, estou bem, está tudo bem, estou bem aqui.

Existe um mundo em que isso é engraçado, em que a ironia e o absurdo daquilo são bem evidentes. Essas haviam sido as palavras que usei para tranquilizar minha irmã ao sair do hospital, no momento em que eu não estava nada bem. De certa forma, aquilo resumia minha experiência e eu quase aprovei tudo, mas, claro, não podia, já que a frase tinha sido totalmente retirada de contexto. Comecei a achar que, se tivessem um jardim para cada pessoa estuprada em Stanford, será que não precisariam de hectares intermináveis de jardins, de empresas de paisagismo contratadas para toda a eternidade? Colinas secas, cobertas de bancos, carregamentos inteiros de pedras? Cada um marcado com uma placa, com a mentira que contamos a nós mesmos: *Estou bem, está tudo bem*.

As outras duas citações sugeridas por Semente de Maçã vinham do parágrafo final da minha declaração. *Nas noites em que se sentir sozinha, vou estar com você*. Aquelas palavras haviam sido escritas a partir de uma esperança profunda, cultivada sozinha em um apartamento bem alto na Filadélfia, onde a esperança era a única coisa que eu tinha. Eu escrevera aquelas palavras para sobreviver. Como eles podiam ter me abandonado nos dois anos anteriores e reaparecido assim, tomando aquelas frases de mim? Para esconder o estrago, depois apresentar tudo arrumado. Eu queria oferecer aos alunos um sentimento de solidariedade, mas não podia dar a Stanford palavras de esperança quando nunca tinha sido isso que me eles incentivaram a ter. Não podia vender um sonho falso para as vítimas, uma existência tranquila e otimista. Nas noites em que estamos sozinhas, ninguém aparece. *Por favor, nos diga qual dessas citações funciona melhor*.

Eu deveria ter desistido naquele dia, dito chega. Em vez disso, sugeri outra citação: *Você roubou meu valor, minha privacidade, minha energia, meu tempo, minha segurança, minha intimidade, minha confiança, minha voz, até hoje.* Semente de Maçã explicou que havia compartilhado a citação com o Serviço de Apoio às Vítimas e a frase seguinte começava com *apesar de apreciarmos*, e aquela palavra outra vez: *preocupados*.

Ela explicou que podia ser *incômodo e perturbador*, em vez de promover a cura. Disseram que eu podia escolher entre as que haviam selecionado ou achar outra que fosse mais *animadora e positiva*.

Como sobrevivente, sinto que é meu dever oferecer uma visão realista da complexidade da recuperação. Não estou aqui para transformar a bagunça que ele fez no campus em algo positivo. Não é minha responsabilidade criar, a partir do que ele fez, palavras regenerativas que a sociedade consiga digerir. Não existo para ser a chama eterna, o farol, as flores que nascem no seu jardim. Mandeí um e-mail para meu advogado: *Quando tiver oportunidade, por favor, informe a [Semente de Maçã] que decidi não enviar uma citação.*

Não sei direito como devo viver como sobrevivente, como devo apresentar minha história e a mim para o mundo, quanto ou quão pouco devo revelar. Já me vi em muitas situações em que não mencionei meu caso porque não queria incomodar ninguém nem acabar com o clima. Porque quis preservar o conforto alheio. Porque já ouvi que o que tenho a dizer é sombrio demais, triste demais, *violento* demais, que desperta sensações ruins, vamos aliviar um pouco a barra. Você vai ver que a sociedade sempre vai pedir o final feliz, vai dizer: volte quando estiver melhor, quando o que você tiver para dizer nos fizer sentir melhor, quando tiver algo mais *animador, afirmativo*. Nunca pedi aquele horror; foi algo jogado em mim e, por muito tempo, temi que tivesse me tornado horrível também. Aquilo me transformou em uma história triste, desagradável, que ninguém queria ouvir.

Mas quando escrevi as partes feias e dolorosas na declaração, uma coisa incrível aconteceu. O mundo não tapou os ouvidos, ele se abriu para mim. Não escrevi para provocar as vítimas. Escrevi para confortá-las, e descobri que as vítimas se identificam mais com a dor do que com os lugares-comuns. Quando escrevo sobre fraqueza, sobre mal conseguir enfrentar essa situação,

minha esperança é que se sintam melhor porque a sensação é parecida com o que estão vivenciando. Se eu dissesse que estava curada e redimida, teria medo de fazer uma vítima se sentir insuficiente, como se não tivesse se esforçado o bastante para cruzar uma linha de chegada inexistente. Escrevo para ficar ao lado delas durante o sofrimento. Escrevo porque as palavras mais tranquilizadoras que recebi foram: *Tudo bem não estar bem*. Tudo bem desabar, porque é isso que acontece quando somos destruídas, mas quero que as vítimas saibam que não serão abandonadas, que estaremos com elas no processo de reconstrução.

Semente de Maçã não ouviu o segredo na citação presente nas últimas duas palavras, *até hoje*. Não posso prometer que sua jornada vai ser boa. Na verdade, garanto que não vai ser. Não posso prometer dias gloriosos ou uma redenção brilhante. Estou aqui para garantir o contrário: você vai enfrentar os dias mais difíceis da sua vida. A agonia é incessante, implacável, mas, quando começar a perceber que tudo passou, haverá uma pequena virada, uma chama, uma mudança minúscula. É sutil e aparece quando menos imaginamos. Espere por ela. Essa é a regra do universo, é a única coisa na vida que sei que é verdade. Não importa quanto sua jornada tenha sido horrível e longa, prometo que vai ter uma virada. Um dia, vai melhorar.

As vítimas existem em uma sociedade que diz que nosso propósito é ser uma história inspiradora. Mas, às vezes, o melhor que podemos fazer é dizer que ainda estamos aqui, e isso deveria bastar. Negar a escuridão não aproxima ninguém da luz. Quando ouvir falar de um estupro, em todos os mínimos detalhes perturbadores, resista ao instinto de dar as costas. Pelo contrário, analise a história, pois, sob todo o sangue e os relatórios da polícia, há uma pessoa linda e completa procurando maneiras de habitar o mundo novamente.

Na época, Michele e Semente de Maçã já não se falavam mais, muita traição, muita desconfiança, Michele estava abismada, Semente de Maçã não ia ceder. Mais de um ano se passara desde a primeira reunião, promessas não tinham sido cumpridas, nenhuma investigação havia sido feita. *The Fountain Hopper*, uma publicação estudantil anônima, revelou a notícia das citações

rejeitadas e enviou por e-mail a história para todo o campus com o título: O ÚLTIMO “FODA-SE” DE STANFORD À VÍTIMA DE BROCK TURNER.

Nas palavras de Semente de Maçã, *eu termino onde começo*. Um ano depois de Brock ter sido solto, eu havia recebido dinheiro, vomitado, feito algumas aulas de arte, recebido plantas, mas nenhuma placa, nenhuma fonte borbulhante. Uma luz foi instalada, muito bem, obrigada. As lixeiras foram colocadas na parte da frente da casa, e paredes de cedro foram erguidas em torno delas. Fui rígida comigo mesma por muito tempo, por sentir que não tinha feito o suficiente. Mas estou aprendendo.

Tenho medo de que Stanford veja isso como um ataque, uma tentativa de manchar a reputação deles, e decida publicar uma declaração me pedindo que pare de chamar seus funcionários de sementes venenosas. Mas, antes de assumir uma posição de defesa, espero que escutem, porque, por mais estranho que pareça, isto é uma carta de amor. São minhas infinitas tentativas de reconciliar e reconstruir o mundo em que cresci. Escrevo na esperança de as universidades perceberem o poder que têm para ajudar ou prejudicar uma vítima. Quando uma sobrevivente vier até vocês, ouçam o que ela tem a dizer. Ofereçam ajuda quando os outros virarem as costas. Não escrevam e-mails educados afirmando que fizeram o melhor que podiam, dizendo que isso, na verdade, não era seu dever. Simplesmente ajudem. Se acuso Stanford de não apoiar as vítimas, é porque espero que provem que estou errada, digam que cuidam de suas vítimas e depois mostrem a todos como fazem isso.

Incentivo vocês a se sentarem naquele jardim, mas, quando fizerem isso, fechem os olhos, porque vou contar sobre o verdadeiro jardim, o lugar sagrado. A cerca de trinta metros de onde vocês estiverem sentados há um lugar onde os joelhos de Brock atingiram a terra, onde os suecos o derrubaram no chão, gritando: *Que merda você está fazendo? Você acha que isso é aceitável?* Ponham as palavras deles em uma placa. Marquem aquele lugar porque, em minha mente, ergui um monumento ali. O lugar a ser lembrado não é onde fui estuprada, mas onde ele caiu, onde fui salva, onde dois homens declararam pare, chega, aqui não, agora não, nunca.

Quando o seguraram, os dois me libertaram. Sem eles, eu nunca teria a chance de falar, não haveria audiência, julgamento, declaração nem livro. Por causa deles, estou aqui agora. Eles me deram uma oportunidade de crescer, lutar e voltar a ser eu mesma. Levou muito tempo, foi um processo difícil, mas eu não seria nada sem essa chance.

Costumo ter medo de falar, de confrontar advogados e instituições maiores e com mais recursos do que eu, mas, quando sinto medo, basta pensar nos dois. Penso em como quero retribuir o favor, tirar o peso de vocês, ser a pessoa que grita que aquilo está errado, imobilizar os demônios de vocês no chão, para que finalmente se libertem, tenham a chance de começar sua jornada, crescer sozinhas, descobrir sua voz, encontrar seu caminho de volta. Quero ficar e lutar, enquanto vocês seguem a vida.

I 4.

É escrevendo que eu processo o mundo. Quando tive a oportunidade de escrever este livro, qualquer Deus que exista lá em cima disse: *Você realizou seu sonho*. Respondi: *Na verdade, eu teria preferido um tema mais leve*, e Deus afirmou: *Rá-rá! Você achou que poderia escolher*. Este foi o tema que me foi dado. Se outra coisa tivesse acontecido comigo, eu teria escrito sobre essa coisa também. Quando fico nervosa com o que ocorreu, digo a mim mesma: *Você é um par de olhos*. Sou uma cidadã comum que foi escolhida aleatoriamente para receber um cartão de acesso completo ao sistema judiciário. Com direito à sensação de invasão, vergonha, isolamento e crueldade. Meu trabalho é observar, sentir, documentar, reportar. O que estou aprendendo e vendo que outras pessoas não estão? A que portas meu sofrimento leva? As pessoas às vezes dizem: *Não consigo nem imaginar*. Como posso fazê-las imaginar? Escrevo para mostrar como as vítimas são tratadas na nossa época, para registrar o clima da nossa cultura. Isto é um marco e espero que, daqui a vinte anos, as tristes consequências que permeiam a vítima pareçam estranhas a todos.

Ao longo do julgamento, o juiz pareceu um pico negro, aparafusado no banco mais alto no meio da sala de audiências. Nós nos levantávamos e nos sentávamos em torno dele, nos referindo a ele apenas como *Meritíssimo*. Nunca pensei em questionar se era possível mover as peças de lugar.

Sempre que eu ficava abalada ou magoada, minha mãe dizia: *Vá ler história*. Era a solução dela para tudo. Por muito tempo, acreditei que história era um livro grosso que carregávamos na mochila, não algo que podíamos criar. Era uma hora em uma sala de aula refrigerada depois do almoço, assistindo a encenações das batalhas da Guerra Civil. Nosso professor nos fazendo comer cream crackers velhos para que sentíssemos na pele a dieta de

um soldado na Segunda Guerra Mundial. Eu ainda levaria muito tempo para perceber que a história está acontecendo agora e nós somos parte dela.

A história acontece quando encontramos pessoas que passaram pelo que estamos passando. Que não apenas estiveram lá, mas sobreviveram àquilo. Que não só sobreviveram, mas mudaram as condições existentes. Cujos esforços as informaram. A história mostra o que as pessoas enfrentaram antes de nós. Um ano antes de eu nascer, Anita Hill testemunhou diante do senado. Em 2018, mandou uma mensagem de apoio para Michele, agradecendo a ela por ter forçado os juízes a levar o estupro a sério e assinou: *Tudo de melhor, Anita*. A história mostra que, mesmo quando somos minoria, mesmo quando ninguém acredita em nós, não significa que estamos erradas. Na verdade, significa que a sociedade está demorando a nos alcançar. E, se essas minorias não cedem, não desistem de suas verdades, o mundo muda sob seus pés.

O *San Francisco Chronicle* relatou que o juiz disse: *Permitiram que uma caricatura de mim nascesse*. Ele protestou contra a natureza unidimensional da nova identidade. Eu entendi, porque era o que eu havia sentido como vítima. Todos os traços de personalidade tinham desaparecido, reduzindo minha identidade a um rótulo, o de vítima bêbada.

Assinaturas ainda estavam sendo recolhidas para que o juiz participasse da eleição daquele ano. Nicole me contou sobre os voluntários, o casal de aposentados que viajava uma hora todo fim de semana para montar uma mesa na feira de Palo Alto. Ouvi falar de uma menina parada com uma prancheta coletando assinaturas, quando um homem se aproximou e a agrediu verbalmente. Ela se sentou, chorou, enxugou as lágrimas e continuou. Vários voluntários eram sobreviventes, vulneráveis a ataques durante a campanha. Mesmo assim, eles continuavam indo.

Por muitas vezes, estranhos lembraram que *a vítima não devia ter bebido a ponto de desmaiar*, e parte do trabalho de Nicole era ajudá-las a saber como responder. Jim McManis, o advogado de Persky, declarou: *Aquela mulher não foi agredida*. Aqueles insultos, que tinham o objetivo de acuar as vítimas, só as incentivavam mais.

Todo Natal, meu Gong Gong compra uma coisa no Walmart para mim e para Tiffany e, todo ano, eu o imagino percorrendo os corredores e pensando: *O que uma criança de oito anos quer? E uma de nove?* Já ganhamos chinelos, um vaso listrado, um unicórnio de pelúcia, um fichário roxo, um kit de manicure, lenços para o cabelo, velas repelentes de mosquito. Por causa de sua idade avançada, eu o levei de carro à loja pela primeira vez. Era uma tarde de terça-feira nublada, e, enquanto andávamos pelo estacionamento, vi as cabeças planas de Brock e do juiz penduradas em uma mesa perto da porta da frente. Conforme nos aproximamos, vi um senhor atrás da mesa. Fiquei em silêncio, como se estivesse vendo um cervo na floresta. As pessoas passavam para lá e para cá, a tarde e o vento frios, as folhas voando enquanto ele batia as mãos em vários papéis. Aquele homem estava passando a tarde naquela sombra tempestuosa, esperando coletar mais algumas assinaturas. Fui até ele e disse: *Obrigada por estar aqui*. Ele respondeu: *Bom, é importante* e me desejou um bom-dia. Meu avô perguntou em chinês por que eu havia falado com ele. Como eu não podia dizer: *Uma carta que escrevi acendeu uma faísca e agora nossa comunidade está se juntando para retirar do cargo o homem que regeu meus pesadelos jurídicos*, falei que ele era pai de uma amiga. Meu avô assentiu. Nós entramos, e Gong Gong olhou os produtos com calma. Naquele ano, ganhamos laranjas de chocolate e canecas.

Vi placas surgirem nos gramados da minha cidade natal, eu não conseguia dirigir por dois quarteirões sem ter Brock me observando. Comecei a brincar de *bem-me-quer*, *mal-me-quer* com as casas do bairro. Demorei muito tempo para perceber que era possível que alguém se opusesse à destituição e ainda assim me apoiar. Havia muitos advogados, juízes e professores de Direito que concordavam que a sentença havia sido leniente demais, mas apoiavam Persky, afirmando que ele tinha seguido a lei. Aos poucos, comecei a levar menos a oposição para o lado pessoal.

Em janeiro de 2018, quase 95 mil assinaturas locais foram reunidas e apresentadas, montes de folhas entregues em pilhas de caixas brancas. Olhei para aquelas caixas no noticiário, me perguntando quantas horas haviam sido dedicadas a elas, quantas pessoas tinham se sentado na sombra e quantos

transeuntes pararam para assinar... e imagino que tenha sido por isso que aquela pilha de caixas me fez chorar.

À medida que a eleição se aproximava, passei a receber cartas assustadoras. Minha casa ficou sob vigília. Um detetive da Unidade de Vítimas Especiais chegou, alto e vestindo um terno cinza. Disse que os arbustos sob minha janela teriam que ser cortados porque quatro ou cinco pessoas podiam se esconder ali. Para mim, aquele arbusto sempre tinha sido uma planta bonita, cheia de flores, não um esconderijo para quatro ou cinco pessoas. Minha escrivaninha ficava colada na janela e podia ser vista da rua, por isso eu teria que a mudar de lugar. Tivemos que instalar uma câmera de vigilância e uma segunda tranca na porta dos fundos. Meus vizinhos foram avisados. Fui aconselhada a ficar em alerta e a evitar andar sozinha. O escritório da promotoria promoveu reuniões para discutir minha segurança e ofereceu pagar um hotel para mim.

Continuei escrevendo. Colocamos os números de telefone da polícia de São Francisco na porta da geladeira ao lado das fotos de família. Eu mantinha as persianas do escritório fechadas, ignorava a escuridão, aumentava a iluminação artificial e continuava escrevendo. Parei de ouvir música, me suspendi no silêncio, um ouvido sempre atento, enquanto continuava escrevendo. Sempre que outra carta perturbadora chegava, eu mandava uma mensagem para o detetive novo, que ia até minha casa e a acrescentava à pasta de provas, cada vez maior. Viaturas da polícia se revezavam para rondar minha casa. À medida que as ameaças aumentavam, parei de passear com Mogu. Eu acordava com os braços doendo de tanto cerrar os punhos durante a noite. Um dia, parei de escrever.

Naquele dia, parei diante da cerca viva arredondada com tesouras de jardinagem na mão. Cortei tudo, puxando galhos, quebrando caules da espessura de dedos. Uma secreção branca escapou dos caules quebrados e farpas entraram em minhas panturrilhas. Arranquei ervas daninhas do escalpo da terra, encontrei vespas presas em sacos translúcidos, lucanos saindo de buracos na terra com seus pequenos traseiros arredondados. A terra grudou em minha pele quente, meus joelhos ficaram vermelhos, marcados pela textura da calçada. O sol se pôs e eu estava tirando as luvas quando vi os

pedaços de plantas descartados no piso de cimento, os pequenos botões magenta, bem amarrados. Em meio à minha ira, eu os havia cortado. Elas deviam ser minhas flores, plantadas para florescerem sob minha janela. Uma parte tão grande da sobrevivência era composta por sacrifícios, por aparar as arestas, pela supressão da vida para que fosse possível fazer o necessário a fim de se chegar ao dia seguinte. Eu queria que aquelas pétalas coloridas desabrochassem. Corri para cima, os braços cheios de caules verdes, e os enfiei na água.

A briga pela destituição ficava cada vez mais acalorada. Placas foram roubadas de gramados, discussões seguiram tangentes, sombrias e pessoais. No dia 1º de junho, uma reportagem do *Huffington Post*, escrita por Julia Ioffe, informou: *A declaração de Emily Doe também foi tema de uma especulação fervorosa entre o grupo contra a destituição. “Não posso provar, mas acho que [Michele] Dauber escreveu a carta da vítima”, disse Cordell. Babcock repetiu a desconfiança dela. “É muito sofisticada para uma pessoa tão jovem”, afirmou ela. O advogado de Persky, outro ex-aluno de Stanford chamado Jim McManis, também tinha certeza de que Emily não havia escrito aquilo. “Uma pessoa cuja identidade não posso revelar disse que a declaração foi escrita por uma defensora profissional dos direitos das mulheres”, explicou McManis. “Não posso provar, mas valorizo a opinião da pessoa que me contou isso.”*

De certa forma, era um elogio. Eu era “sofisticada” demais para que acreditassem em mim. Também não me importei com a sugestão de que uma defensora dos direitos das mulheres tinha escrito a declaração — as minhas defensoras eram pessoas atenciosas, assertivas e inteligentes. O que me incomodou foi a insinuação de que vítimas eram fraudulentas, mentirosas, indignas de confiança. Quem eu contrataria para escrever uma narrativa de doze páginas em primeira pessoa? Como seria essa conversa? *Oi, você poderia escrever 7 mil palavras sobre as dores mais profundas que já senti na vida?*

O que eles estavam dizendo, no fundo, era que vítimas não sabem escrever. Vítimas não são inteligentes, capazes nem independentes. Precisam de ajuda externa para articular seus pensamentos, necessidades e exigências. São emotivas demais para criar algo coerente. Ela não pode ser a garota

bêbada que foi encontrada inconsciente, a que a mídia disse que *chorou descontroladamente* durante o depoimento. Em um nível mais profundo, eles queriam tirar minha escrita de mim, mas eu não ia desistir tão fácil assim. Vou contar uma história:

Quando minha mãe tinha 26 anos, ela apareceu no documentário *Bumming in Beijing*. O filme acompanhava um grupo de artistas da contracultura que viviam na pobreza e desafiavam as regras do regime comunista chinês. Naquele grupo, ela era a escritora. Ela disse: *Quando penso em ir para os Estados Unidos, é como voltar para o útero. É muito escuro e não sabemos quão brilhante nosso futuro vai ser. Assim que chegar aos Estados Unidos, acho que eu deveria procurar um emprego primeiro.*

Ao longo da minha infância, minha mãe trabalhou em uma lavanderia, como instrutora de aeróbica, guarda de trânsito, florista, em uma loja de molduras, no jornal local e como corretora de imóveis, mas, toda noite, eu a via sentada na sala de estar escura, o cobertor sobre os ombros, diante do brilho da tela do computador, escrevendo. Quando meu pai nos levava para a escola de manhã, eu passava pelo quarto dela e a via dormindo. Certa vez, eu a vi chorando; o site chinês com os livros dela havia sido banido e tirado do ar. Eu não sabia que a liberdade de expressão podia ser tirada.

Depois do meu aniversário de 24 anos, fui de trem para Nova York assinar o contrato de publicação do meu primeiro livro e comemorei comendo pêssegos grelhados de sobremesa. Mande para minha mãe uma foto do sol se pondo sobre os arranha-céus prateados. Ela respondeu: *Você é o sonho da mamãe.*

Meu estilo de escrita é sofisticado porque comecei cedo, porque escrevo há anos, porque sou minha mãe e a mãe dela. Quando escrevo, tenho o privilégio de usar uma língua que minha mãe se esforçou a vida toda para entender. Quando confronto alguma coisa, sou grata pela minha voz não ser censurada. Não subestimo minha liberdade de expressão, minha abundância de livros, meu acesso à educação, minha facilidade com a língua materna. Minha mãe é escritora. A diferença é que ela passou os primeiros vinte anos da vida sobrevivendo. Eu sou uma escritora que passou vinte anos sendo alimentada e amada em um lar e em uma sala de aula.

De certa forma, eles estavam certos. Eu não mereço o crédito. Minha mãe, sim, que segurou minha mão em filas de autógrafos; a vovó Ann, que leu para mim no sofá de veludo cotelê; a sra. Thomas do segundo ano da escola, que plastificava as capas e costurava as lombadas dos nossos livros, transformando a sala de aula em uma editora. Eu devo o crédito aos professores de inglês das escolas públicas, ao sr. Dunlap, a Wilson, Owen, Caroline, Ellen, Teddy e Kip. À minha avó Bam. Ao meu avô Lovick, um veterano da Segunda Guerra Mundial de 1,87 metro de altura que lia livros da grossura de tijolos, mas se sentava em seu escritório com uma pequena pilha de poemas meus do lado e os digitava um a um, para que nunca se perdessem. Muitas pessoas foram responsáveis por aquela declaração, todos que me ensinaram a ver o mundo, a prestar atenção, a não me calar porque minha opinião era valiosa, que me disseram que eu merecia ser ouvida e vista.

Em 5 de junho de 2018, o juiz foi destituído. Eu me lembro de uma frase dele publicada no *San Francisco Chronicle*: *As mulheres estão frustradas com o tratamento que recebem da sociedade, do sistema judiciário. Essa paixão é genuína. Precisa ser expressada.* “Expressada” é a palavra errada. Nós, vítimas, estamos cansadas de nos expressar, eu expressei muita coisa no tribunal dele. As palavras de que precisamos são: reconhecidas, levadas em conta, levadas a sério.

No dia em que li minha declaração, fui para casa acreditando que havia falhado. Quantas vítimas tinham sido insultadas, menosprezadas, porque não havia outras vozes para contradizer aquela crença? Quantas de nós tinham sido instigadas a se sentirem humilhadas, consideradas melodramáticas em vez de brilhantes, corajosas? Um homem podia ter evitado que eu despertasse milhões de pessoas. Questiono por quem sua realidade está sendo escrita. Reexamine quem a dita. Quem decide que você é importante. O juiz não era Deus. Ele era um homem, usando uma túnica preta, chefe de um pequeno domínio, governante de um reino do tamanho de uma sala na avenida Grant. Não era o único dono da verdade, o criador das regras, o detentor da palavra final. Era um funcionário eleito, afastado por 62% dos votos.

Quando ele foi destituído, não houve cerimônia formal. Imagino que ele tenha apenas acordado um dia sabendo que não ia vestir a túnica preta, abandonada, sem vida, em seu armário. *Los Angeles Times* reportou que, depois da sentença, o juiz havia dito: *Eu esperava alguma reação negativa. Mas não isso*. O juiz sabia que eu ia ficar insatisfeita com a sentença, mas não que 18 milhões de pessoas iam ficar indignadas e que 200 mil pessoas do condado votariam pela destituição dele. Não importa que todos concordem com a destituição ou não, os voluntários me ensinaram algo que vou guardar para o resto da vida: o mundo não foi consertado.

Em 25 de julho de 2018, o advogado de apelação de Brock compareceu ao tribunal diante de um painel de três juízes para apresentar a alegação de que Brock só pretendia ter *relações sexuais exteriores* comigo. O *Mercury News* relatou que o juiz Franklin Elia respondeu: *Não estou entendendo nada do que você está falando*, o que resume tudo que eu poderia dizer.

Em 8 de agosto de 2018, minha promotora me mandou uma mensagem: *Julgamento confirmado!* A apelação havia sido negada. Foi como o som de um último suspiro, uma batida, a leveza de uma ave alçando voo de um fio elétrico. Três anos e oito meses depois daquela noite de janeiro, o caso foi encerrado. A decisão me fez lembrar de um poema de Hafiz:

E então, todos os *e entãos* acabaram.
Nada resta *a ser feito* na
ordem do tempo, quando tudo está parado.

Não haveria mais ligações, informações atualizadas, o que vai acontecer em seguida, *não há como saber*. Eu esquecera que era possível existir sem ele, ter uma vida não atrelada à dele. Naquela noite, comemorei sozinha comprando Oreos, jogando-os em uma tigela com leite, deixando-os de molho e comendo tudo com uma colher. Não respondi à mensagem da promotora no dia seguinte, nem no outro, sem acreditar que realmente havia acabado. Deixei semanas se passarem, desconfiando da boa notícia, me perguntando se era verdade que eu estava finalmente livre.

Não sei direito como nem o que é estar curada, que forma isso tem, qual deveria ser a sensação. Mas sei que, quando eu tinha quatro anos, não conseguia erguer a caixa de leite, não acreditava em como aquele tijolo branco com líquido era pesado. Eu puxava a cadeira de madeira para alcançar a bancada, servia o leite com os braços trêmulos, molhando o cereal, derramando tudo. Pensando agora, não me lembro do dia em que consegui erguer a caixa com facilidade. Só sei que hoje faço isso sem pensar, me sirvo com apenas uma das mãos, ao telefone, com pressa. Acredito que as mesmas regras se aplicam: um dia serei capaz de contar essa história sem que ela me abale. Esses momentos não vão exigir toda uma produção, uma entrega, suor na testa, uma bagunça a ser limpa, toalhas de papel encharcadas. Isso vai ser apenas parte da minha vida, a cada dia mais fácil de erguer.

Ram Dass disse: *Permita que neste momento você não esteja no lugar errado da sua vida. Considere a possibilidade de que não houve erros no jogo. Faça uma pausa para considerar. Considere que não há um engano e tudo que caiu no seu colo é do jeito que é e aqui estamos.* Acredito que ser estuprada não era meu destino. Mas acredito que *aqui estamos* é tudo que temos. Por muito tempo, foi doloroso demais estar *aqui*. Minha mente preferia se dissociar. Eu achava que o objetivo era esquecer.

Levei muito tempo para aprender que se curar não é avançar, é voltar repetidamente para colher algo. Escrever este livro me permitiu voltar a esse lugar. Aprendi a me manter na dor, a resistir à fuga. Se ficava presa nas cenas do tribunal, eu olhava para Mogu e me perguntava: Se estou mesmo no passado, como este ser piscante chegou até minha casa? Reuni e re arranjei cartas de maneiras que pudessem descrever o que eu tinha visto e sentido. Enquanto revisitava aquela paisagem, ganhei mais controle, pude ir e vir quando precisava. Até perceber um dia que não havia mais nada a colher.

As transcrições que antes me abalavam passaram a ser apenas pedaços de papel. Comecei a pertencer mais ao presente do que ao passado. Não estava mais tentando chegar a algum lugar, apenas me perguntava: *Você está melhorando?* Às vezes a resposta era: *Hoje não.* Em outras, eu estava regredindo. Mas a voz em minha cabeça se tornara mais carinhosa. Fosse qual fosse a resposta, eu era paciente e compreensiva.

Do sofrimento, surgiu a confiança, me lembrando do que eu havia suportado. Da raiva, veio o propósito. Esconder isso significaria negligenciar as ferramentas mais valiosas que essa experiência me deu. Se você está se perguntando se eu o perdoei, só posso dizer que o ódio é algo muito pesado de se carregar, ocupa espaço demais dentro de nós. É verdade que nunca vou parar de torcer para que ele aprenda. Se não há aprendizado, para que a vida serve? Se o perdoei, não é porque sou santa. É porque preciso abrir um espaço em mim mesma onde os sentimentos ruins sejam deixados de lado.

Muitas de nós lutam para rastejar para longe do que nos foi dado, para nos construir fora das pequenas definições que nos foram atribuídas. Por vezes, tive medo de perder minha imaginação porque me sentia encarcerada no papel de vítima. Mas, mesmo presa, aprendi que podia me mover internamente. Quando me sentia deprimida, eu escrevia e imaginava todos os detalhes do meu futuro: os livros infantis que ilustraria, as galinhas que teria no jardim, os lençóis macios de algodão, as colheres de pau manchadas de molho no balcão. O que importava ali não era que tudo se realizasse de acordo com o plano. Mas, sim, o ato de imaginar.

Escrevi este livro porque o mundo pode ser difícil, horrível e, muitas vezes, imperdoável. Escrevi porque houve momentos em que eu não quis viver. Escrevi porque o sistema judiciário é lento como uma lesma e as vítimas são forçadas a passar muito tempo lutando, quando poderiam estar criando, desenhando, cozinhando. Escrevi para expor a brutalidade da prerrogativa, da violência de gênero e do privilégio de classe em nossa sociedade. Mas eu fracassaria se você terminasse esta leitura alheio à humanidade, sem ver o que eu vi: aquelas milhares de cartas manuscritas, o peixe de lábios verdes no fundo do mar, a piscadela da estenógrafa. Todos os pequenos milagres que me sustentaram. Podemos passar metade da vida andando a esmo, nos perguntando o que estamos fazendo aqui, de que vale nosso esforço. Mas viver é incrível — ter estado aqui, ter sentido, mesmo que brevemente, o tamanho e a profundidade da empatia das pessoas. Escrevi, sobretudo, para dizer que vi como o mundo pode ser bom.

Eu nunca poderia ter adivinhado que seria estuprada sete meses depois de ter terminado a faculdade, que moraria em Providence, me mudaria para a

Filadélfia, mergulharia de cilindro e choraria durante meu depoimento, escreveria doze páginas que se espalhariam pelo mundo, iria morar com um garoto alto e um cachorrinho e passaria dois anos e meio escrevendo. Criei uma personalidade dentro do sofrimento. Olhando para trás, o estupro hoje é indissociável da história completa. É um fato da minha vida: assim como nasci em junho, fui estuprada em janeiro. Sentimentos horríveis podem permanecer iguais, mas minha capacidade de lidar com eles aumentou. Não posso dizer o que vai acontecer em seguida porque ainda não vivi. Este livro não tem um final feliz. A parte feliz é que não há fim porque sempre vou dar um jeito de seguir em frente.

Em 23 de setembro de 2018, fizeram uma vigília à luz de velas para Christine Ford em Palo Alto, quando foi confirmado que ela testemunharia na comissão de inquérito do senado. Soou estranho chamar aquilo de vigília. Talvez fosse um fortalecimento coletivo antes de mandá-la para a batalha, pois sabíamos o que ela enfrentaria. Uma enorme lua cheia e branca pairava no céu. Saí de São Francisco, pegando estradas conhecidas. À medida que me aproximava, fui vendo grupos de pessoas iluminadas andando pelas ruas rumo ao centro, suas lanternas balançando. Todas iam se reunir no cruzamento das ruas El Camino e Galvez, perto da casa dos meus pais. Ouvi carros buzinando em apoio. Parei no acostamento, as luzes emolduradas por meu espelho retrovisor, um retângulo comprido de pontos brilhantes. Quis sair, mas fiquei ali sentada, a porta aberta, os pés na calçada, chorando. Ouvi o ar noturno repleto de buzinas, um buzinaço incessante, aquela raiva linda, o apoio da minha cidade natal, pessoas lotando as calçadas onde cresci, as ruas por onde passei com Tiffany, comendo balas de limão. Eu os ouvi cantarem: *Nós somos ela, ela somos nós*. Uma versão mais jovem de mim mesma esperara muito tempo para ver aquilo.

Minha mãe chegou, me deu um bolinho de feijão que trazia no bolso, e nos misturamos à multidão, onde vovó Ann esperava, cantando: *Nós acreditamos em você*. No dia seguinte, no meio do festival de outono, a mãe da minha mãe faleceu na China. Pensei nas duas coisas que ela dizia sempre que eu a visitava: *Você tem covinhas lindas! E pés enormes!* Os pés da avó dela

tinham sido amarrados. E os pés dela tinham dez centímetros, sendo que eu calço 39. A cada geração, nos tornamos um pouco mais livres.

Alguns dias depois, Christine Ford depôs. Acordei e vi a foto dela, os olhos fechados, a mão erguida e aberta. Prendi a respiração ao ver a cena, sabia como era, aquele símbolo de rendição, prestes a abrir a própria ferida. Não consegui me concentrar durante toda a manhã, fui caminhar por uma floresta de eucaliptos da cidade. Tinha chovido naquela manhã, e por horas me cerquei da hortelã e das folhas úmidas para respirar.

Voltei a ligar a TV para ver o juiz da Suprema Corte Brett Kavanaugh testemunhar. Exasperado, fungando, cínico, sarcástico, inflamado, com os olhos brilhando. Quando a senadora Amy Klobuchar perguntou se ele já havia bebido a ponto de perder temporariamente a memória, ele respondeu: *Você está me perguntando se já apaguei. Não sei, você já fez isso? Estou curioso para saber.* Tinham feito exatamente a mesma pergunta para mim. Eu havia ficado quieta no meu lugar, sem nunca erguer a voz ou fazer nenhuma retaliação. Eu me perguntei por que um homem, que estava prestes a se sentar no tribunal mais importante do país, não conseguia manter a compostura, só retrucar, amargurado com a injustiça daquilo tudo.

Vi o senador republicano Lindsey Graham, vermelho, os dentes à mostra, apontando. Eu costumava me encolher ao ouvir vozes severas, ficava com medo. Até aprender que ser hostil não exige nada. Nada. É fácil ser a pessoa que grita, lançar palavras que queimam como carvão, em tom vermelho-neon, feitas para machucar. Aprendi que sou água. O carvão se apaga, se extingue quando me atinge. Hoje eu entendo, aqueles pedaços de carvão quente são apenas pedras pretas afundando na água.

Durante anos, o crime de abuso sexual dependeu do nosso silêncio. Do medo de saber o que aconteceria se falássemos. A sociedade nos dava milhares de motivos: não fale se não tiver provas, se tiver acontecido há muito tempo, se você estava bêbada, se o homem for poderoso, se vai enfrentar retaliações, se isso ameaçar sua segurança. Christine Ford quebrou todas as regras. Ela não atendia a nenhum dos requisitos que a sociedade exige para ousarmos abrir a boca. Ela tinha todos os motivos para continuar

escondida, mas entrou de peito aberto no ambiente mais público, volátil e combativo possível porque tinha a única coisa de que precisava: a verdade.

As barricadas que nos prendiam não vão funcionar mais. E, quando o silêncio e a vergonha desaparecerem, nada mais pode nos impedir. Não vamos ficar paradas enquanto nossas bocas são tapadas, nossos corpos, invadidos. Vamos falar, vamos falar, vamos falar. Havia um limite que os sobreviventes aprenderam a nunca ultrapassar. Mas ela o ultrapassou no instante em que ergueu a mão.

Grande parte daquele dia foi muito além da linguagem, não foi ouvido, mas sentido. As palavras de Kavanaugh e Graham ricochetearam pela sala, maldosas e frívolas, nervosas, erráticas. Houve muito cuspe e explosões, rostos contorcidos e desfigurados, ataques verbais tão frequentes quanto nuvens de moscas, cheias de insultos e afirmações pouco claras. Quem manteve o controle naquela sala? Christine. Suas palavras brotaram de dentro do seu ser, ecoaram por toda a nação. Ela foi a montanha, e as palavras dele pareciam ventos passageiros e chuva forte enquanto ela não se movia. Quando Christine falava, todos ficavam sérios, a tristeza nos preenchia feito areia, até estarmos todos afundados em nossos assentos. A verdade pesa.

Trump a ridicularizou em um comício alguns dias depois no Mississippi: *Como você chegou em casa? Não lembro. Como você foi parar lá? Não lembro. Onde era o lugar? Não lembro. Quantos anos faz? Não sei. Em que bairro foi? Não sei. Onde fica a casa? Não sei. No andar de cima, no de baixo... Onde foi? Não sei, mas eu tomei uma cerveja. Essa é a única coisa que lembro.* A multidão gargalhou, aplaudindo. Mas tudo que vi foi Trump jogando pedaços de carvão enquanto continuávamos sendo água.

Comecei esta história sozinha, como um corpo seminu. Não me lembrava de nada. Havia tanto que eu não sabia... Fui forçada a lutar em um sistema legal que eu não entendia, o juiz careca de túnica preta, o advogado de defesa de óculos estreitos. Brock de cabeça baixa, o pai sério, o advogado de apelação. Os obstáculos aumentaram, eu estava enfrentando homens com mais educação, mais poderosos do que eu, o jogo mais difícil, mais gráfico, sério. Li comentários que riam da minha dor. Lembro que me senti indefesa, aterrorizada, humilhada, que chorei como nunca havia chorado. Mas me

lembro dos ombros rígidos do advogado quando a palavra *culpado* foi lida. Sei que Brock dormiu noventa dias no beliche duro de uma cela. O juiz nunca mais vai pôr os pés em um tribunal. As alegações do advogado de apelação foram derrubadas. Um a um, eles perderam o poder, desabaram e, quando a poeira baixou, olhei em volta para ver quem tinha sobrado.

Só Emily Doe. Eu sobrevivi porque me mantive serena, porque ouvi, porque escrevi. Porque abracei minha verdade com todas as forças, a protegi como uma pequena chama em meio a uma tempestade terrível. Erga a cabeça quando as lágrimas vierem, quando você for ridicularizada, xingada, questionada, ameaçada, quando disserem que você não é nada, quando seu corpo for reduzido a buracos. A jornada será mais longa do que você imagina, o trauma vai sempre achar um caminho para vir à tona. Não se torne as pessoas que magoaram você. Continue gentil com seu poder. Nunca lute para ferir, lute para animar. Lute porque você sabe que, nesta vida, merece segurança, alegria e liberdade. Lute porque esta é a sua vida. De ninguém mais. Eu fiz isso, eu estou aqui. Olhando para trás, todos que duvidaram, me machucaram ou quase me dominaram sumiram e eu sou a única que restou de pé. Por isso, chegou a hora. Eu sacudo a poeira e sigo meu caminho.

AGRADECIMENTOS

A vida sempre precisa de equilíbrio. Então vamos supor que você esteja tendo um dia horrível. Alguém chega e lhe dá uma fruta suculenta e, de repente, o dia ganha algo bom e, com isso, fica equilibrado. Foram estas pessoas que constantemente equilibraram tudo para mim, nunca deixaram coisas ruins demais para eu carregar sozinha.

No hospital, conheci pessoas boas. No tribunal, mais pessoas boas. Durante toda a minha vida, minha cabeça foi mantida fora d'água por pessoas boas em circunstâncias difíceis. Palavras não bastam para agradecer a todos vocês como merecem. Mas saibam que vou continuar fazendo o melhor que posso porque sei que tenho vocês. Obrigada.

Ao meu pai, por cultivar tomates frescos e incentivar Tiffany e a mim a nos tornamos quem quiséssemos. À minha mãe, eu cresço com seu exemplo. À Tiffany, a pequenina que sempre vou admirar. Ao Lucas, por me deixar encostar os pés frios em você quando me deito tarde depois de escrever, por ter me ajudado a enfrentar de cabeça erguida as piores partes. À Mogu, minha gerente de pouco menos de quatro quilos que nunca mandou um único e-mail, que dorme ao lado da minha cadeira de escritório. Eu me esforcei muito para não atropelar você com as rodinhas.

À vovó Ann e Newman. LCM. BAM. Gong Gong. Puo Puo. Minha família Miller. Os Zhang. Pelo amor infinito de vocês.

À Julia, por seu grande coração e pela sua clareza. À Anne, que nos apoiou todos os dias. À promotora Alaleh Kianerci, por sua genialidade, espero que meninas sejam como você quando crescerem. Ao detetive Mike Kim, por sua gentileza e por criar um espaço livre de julgamento quando eu estava mais vulnerável. Às defensoras da YWCA Bree Van Ness e Clare Myers, minhas companheiras de tribunal, minhas amigas de banheiro, a

presença de vocês foi essencial. Às enfermeiras do Sart, pelo cuidado carinhoso e descontração. A todos os promotores que ficaram do meu lado. Ao Sean, que lutou contra a mídia.

À Nicole, pelo pomar em que crescemos. Por uma vida iluminada para seu filhinho. À Claire, que a gente possa aproveitar bastante esses altos e baixos. À Athena, por sempre conseguir se centrar novamente. À Mel Rosenberg, sou motivada por cada passeio, cada ligação, você me conhece melhor do que eu mesma. À Cayla, por todas as noites em São Francisco, pelas tigelas de pho e xícaras de chá. À Miranda, com você, as coisas mais tristes se tornam engraçadas. Ao TJ, pela cura com rolinhos de canela e café. Adoro os amigos da Tiffany, da Terman e da Politécnica da Califórnia. À família do Lucas, por todas as refeições juntos.

À Katie J.M. Baker, que levou minha história para o mundo e me protegeu. À Michele Dauber, por definir resiliência e indubitabilidade para mim. Ao John C., por me proteger. Ao Jon Krakauer, por seu incentivo.

Peço desculpas a todos os professores de matemática que decepcionei, mas espero que meus professores de inglês estejam felizes: Hoover, Terman, Gunn, Universidade de Santa Bárbara. Obrigada, Deb, por um espaço seguro na Filadélfia. Obrigada à minha terapeuta na cidade por me acompanhar neste livro. C e S, minhas irmãs favoritas. Tardes com Bambu. Porteiros da rua Walnut. O calor da Saxbys Rittenhouse. Chessy, por sua linda carta. A cada atendente dos serviços de apoio às vítimas. A Bupis.

Muttville. YWCA. Grateful Garments. Programa de Assistência às Vítimas do Condado de Santa Clara.

Às vidas perdidas em Isla Vista: Weihai “David” Wang. Cheng Yuan “James” Hong. George Chen. Veronika Weiss. Katie Cooper. Christopher Michaels-Martinez. Os nomes de vocês estão guardados em nossa memória coletiva. Obrigada, Richard Martinez, por falar. Nós seguimos seu exemplo.

Andrea Schulz, minha editora na Viking, obrigada pela minha sanidade, por tornar agradável uma coisa impossível, por ser uma guia iluminada neste terreno enlameado. Você me tornou destemida. Flip Brody, obrigada pelo pudim de pão, por saber que eu conseguiria antes de mim mesma. Emily Wunderlich, por me levar ao degrau seguinte. Jane Cavolina, minha

copidesque, você restaurou a ordem quando minha sintaxe ficava maluca. Emily Neuberger. Aileen Boyle. Lindsay Prevette. Kate Stark. Mary Stone. Brian Tart. Jason Ramirez. Tess Espinoza e toda a equipe editorial e de produção da Viking. Lara Bergthold. Hillary Gross Moglen. Szilvia Molnar. Obrigada pelo grupo do bolo verde da Sterling Lord Literistic.

Aos suecos. Vocês nos ensinaram que todos temos a responsabilidade de falar, lutar, assegurar, dar esperança, agir. Não precisamos esperar que algo de errado aconteça para ser um sueco. Ser um sueco começa com o respeito à autonomia corporal, a linguagem que escolhemos, a compreensão de que o consentimento nunca pode ser presumido nem ignorado. Temos que proteger os vulneráveis e responsabilizar uns aos outros. Que o mundo tenha mais Carls e Peters.

A todos os nomes que não sei, às pessoas que carregaram pranchetas para recolher assinaturas para a petição, que convivem com girinos e que escreveram longas cartas para mim. Mantive a caixa de cartas atrás da minha escrivaninha enquanto escrevia. Quando a motivação diminuía, eu as lia. Vocês me ensinaram a ter compaixão por mim mesma, me incentivaram a continuar. Espero que entendam que merecem que lutemos por vocês. Sua personalidade não foi o que provocou suas feridas. Vocês não são uma estatística nem um estereótipo, então, quando minimizarem, desumanizarem, objetificarem vocês, contra-ataquem com todas as suas forças, com as experiências de uma vida. Aos sem rosto, aos que continuam anônimos. Todos nós temos um nome. Vocês me ensinaram a ter orgulho do meu.

DECLARAÇÃO DE IMPACTO DA VÍTIMA

EMILY DOE

PUBLICADA POR KATIE J.M. BAKER NO BUZZFEED NEWS EM 3 DE JUNHO DE 2016 COMO “AQUI ESTÁ A CARTA PODEROSA QUE A VÍTIMA DE STANFORD LEU PARA SEU AGRESSOR”

Meritíssimo, caso não haja problema, na maior parte desta declaração eu quero me dirigir diretamente ao acusado.

Você não me conhece, mas já estive dentro de mim, e é por isso que estamos aqui hoje.

Dezessete de janeiro de 2015 foi uma noite de sábado tranquila em casa. Meu pai fez o jantar, e eu me sentei à mesa com minha irmã mais nova, que estava passando o fim de semana conosco. Eu trabalhava em tempo integral e estava quase na minha hora de dormir. Planejava ficar em casa sozinha, assistir a um pouco de TV e ler, enquanto ela ia a uma festa com as amigas. Mas me dei conta de que era minha única noite com ela, não tinha nada melhor para fazer, então por que não, tem uma festa idiota a dez minutos de casa, eu iria, dançaria feito boba e envergonharia minha irmã mais nova. No caminho, brinquei que os alunos deviam usar aparelho nos dentes. Minha irmã zombou de mim por ir de cardigã bege, parecendo uma bibliotecária, à festa de uma fraternidade. Falei que eu era a “mãezona” porque sabia que seria a mais velha lá. Fiz caretas, baixei a guarda e bebi rápido demais, sem pensar que minha tolerância ao álcool havia reduzido muito desde a faculdade.

A próxima coisa de que me lembro é de estar em uma maca em um corredor. Tinha sangue seco e curativos nas costas das minhas mãos e nos meus cotovelos. Achei que talvez tivesse caído e ido parar na enfermaria do campus. Estava muito calma e imaginando onde minha irmã tinha ido parar. Um policial me explicou que eu havia sido assediada. Ainda assim, mantive a calma e tive certeza de que ele estava falando com a pessoa errada. Eu não conhecia ninguém naquela festa. Quando finalmente pude usar o banheiro, baixei a calça do hospital que tinham me dado, tentei baixar a calcinha e ela não estava lá. Ainda me lembro da sensação de tocar minha pele, sem encontrar nenhuma peça de roupa. Olhei para baixo e não havia nada. O pedaço fino de tecido, a única coisa que separava minha vagina de todo o resto, tinha desaparecido, e tudo dentro de mim se silenciou. Ainda não sei descrever aquela sensação. Para continuar respirando, concluí que talvez os policiais a tivessem cortado para recolher como prova.

Então senti as folhas de pinheiro pinicando minha nuca e comecei a tirá-las do cabelo. Achei que tivessem caído de uma árvore em minha cabeça. Meu cérebro estava convencendo minhas entranhas a não se contorcerem. Porque elas diziam: socorro, socorro.

Andei de sala em sala enrolada em um cobertor, deixando um rastro de folhas de pinheiro, um montinho em cada lugar em que parei. Pediram que eu assinasse papéis com os dizeres “Vítima de estupro”, e então achei que algo realmente havia acontecido. Minhas roupas foram confiscadas e eu fiquei nua, parada, enquanto enfermeiras encostavam uma régua nas diversas fricções em meu corpo e as fotografavam. Nós três escovamos meu cabelo para tirar as folhas de pinheiro, seis mãos para encher um saco de papel. Para me acalmar, elas disseram que era apenas a flora e a fauna, a flora e a fauna. Vários cotonetes foram inseridos em minha vagina e em meu ânus, agulhas para remédios, pílulas, uma Nikon foi apontada para o meio das minhas pernas abertas. Bicos longos e pontudos foram inseridos em mim, e minha

vagina foi coberta com uma tinta azul e fria para que pudessem procurar feridas.

Depois de algumas horas disso, elas me deixaram tomar banho. Fiquei ali parada, examinando meu corpo sob um jato de água, e decidi: Não quero mais meu corpo. Estava com medo dele, não sabia o que havia entrado ali, se ele tinha sido contaminado, quem o havia tocado. Eu queria tirar meu corpo como se fosse uma jaqueta e deixá-lo no hospital com todo o resto.

Naquela manhã, eu soube apenas que fui encontrada atrás de uma lixeira, com grandes chances de ter sido penetrada por um estranho, e que deveria refazer o teste de HIV porque o resultado nem sempre aparece imediatamente. Mas, no momento, deveria ir para casa e voltar à minha vida normal. Imagine ser devolvida ao mundo com apenas essa informação. Elas me deram abraços fortes, e eu saí do hospital para o estacionamento usando a blusa e a calça de moletom novas que tinham fornecido, já que só pude manter meu colar e meus sapatos.

Minha irmã me buscou, o rosto molhado de lágrimas e contorcido de angústia. Por instinto, na hora, quis arrancar a dor dela. Sorri, pedi que olhasse para mim, estou bem aqui, estou bem, está tudo bem, estou bem aqui. Meu cabelo está lavado e limpo, me deram um xampu muito estranho, calma, olhe para mim. Olhe para minha calça e blusa de moletom novas, como são estranhas, eu pareço uma professora de educação física. Vamos para casa, vamos comer alguma coisa. Ela não sabia que, sob o moletom, eu tinha arranhões e curativos na pele, minha vagina estava dolorida e com uma cor estranha e escura por causa dos exames, minha calcinha havia desaparecido e eu me sentia vazia demais para continuar falando. E eu também estava com medo, também estava arrasada. Naquele dia, fomos para casa e, durante horas, em silêncio, minha irmã mais nova me abraçou.

Meu namorado não sabia o que tinha acontecido, mas me ligou naquele dia e perguntou: “Fiquei muito preocupado com você ontem à noite. Você me assustou. Chegou bem em casa?” Fiquei horrorizada. Foi então que eu soube que havia ligado para ele à noite, deixando um recado incompreensível, que tínhamos conversado pelo celular, mas minha fala estava tão enrolada que ele ficou com medo por mim, pediu várias vezes que eu fosse procurar minha irmã. Mais uma vez, ele me perguntou: “O que aconteceu ontem à noite? Você chegou bem em casa?” Falei que sim e desliguei para chorar.

Não estava pronta para contar a ele nem aos meus pais que eu havia sido estuprada atrás de uma lixeira e não sabia por quem, quando nem como. Se contasse, veria o medo no rosto deles e o meu se multiplicaria dez vezes, então fingi que nada daquilo era real.

Tentei esquecer, mas era algo tão pesado que eu não falava, não comia, não dormia, não interagia com ninguém. Depois do trabalho, eu dirigia até um lugar isolado para gritar. Não falava, não comia, não dormia, não interagia com ninguém e me afastei das pessoas que mais amo. Por mais de uma semana após o incidente, ninguém me ligou nem recebi nenhuma informação sobre aquela noite ou sobre o que tinha acontecido comigo. O único sinal de que não havia sido apenas um pesadelo era o moletom do hospital na minha gaveta.

Um dia, eu estava no trabalho, olhando as notícias no celular, e encontrei uma matéria, na qual soube pela primeira vez que eu fora encontrada inconsciente, com o cabelo emaranhado, um colar comprido enrolado no pescoço, o sutiã para fora do vestido, o vestido pendendo nos ombros e erguido até a cintura. Eu estava nua até as botas, as pernas abertas, e tinha sido penetrada com um objeto estranho por uma pessoa que eu não reconhecia. Foi assim que eu soube o que havia acontecido comigo, sentada à minha mesa, lendo as notícias no trabalho. Soube o que tinha acontecido comigo ao mesmo

tempo que todos no mundo souberam o que havia acontecido comigo. Foi então que as folhas de pinheiro no cabelo fizeram sentido; elas não haviam caído de uma árvore. Ele tinha tirado minha calcinha, seus dedos haviam entrado em mim. Nem conheço essa pessoa. Continuo sem conhecer. Quando li sobre mim dessa forma, falei: Não pode ser eu, não pode ser eu. Eu não conseguia digerir nem aceitar nenhuma daquelas informações. Não imaginava minha família tendo que ler sobre isso na internet. Continuei lendo. No parágrafo seguinte, li algo que nunca vou perdoar: segundo ele, eu gostei. Eu gostei. Mais uma vez, não sei descrever o que senti.

É como se lêssemos uma matéria sobre um carro que foi atingido e encontrado amassado em uma vala. Mas talvez o carro tenha gostado da batida. Talvez o outro carro não quisesse bater nele, só dar uma encostadinha de leve. Carros se envolvem em acidentes o tempo todo, as pessoas nem sempre prestam atenção, será que podemos mesmo afirmar de quem é a culpa?

Então, no fim da matéria, depois que descobri os detalhes minuciosos do meu próprio estupro, havia uma lista dos recordes dele na natação. Ela foi encontrada respirando, inconsciente, em posição fetal, com a calcinha a quinze centímetros de distância da barriga nua. A propósito, ele é um ótimo nadador. Se é assim, então falem do tempo que levo para correr um quilômetro. Sou boa cozinheira, coloquem isso aí também. Acho que o fim é quando listamos nossas atividades extracurriculares para cancelar todas as coisas horríveis que aconteceram.

Na noite em que a notícia saiu, eu me sentei com meus pais e contei que tinha sido abusada sexualmente; pedi que não lessem o jornal porque iam ficar chateados, mas saibam que estou bem, estou bem aqui e estou bem. Porém, no meio da história, minha mãe teve que me segurar porque eu não conseguia mais ficar de pé.

Na noite em que tudo aconteceu, ele disse que não sabia meu nome, disse que não conseguiria me identificar em meio a outras, não mencionou nenhum diálogo entre nós, nenhuma palavra, apenas que dançamos e nos beijamos. Dançar é um termo bonitinho: será que estalamos os dedos e demos voltinhas ou éramos apenas corpos se esfregando um no outro em uma sala lotada? Ou será que os beijos foram apenas rostos pressionados desajeitadamente um no outro? Quando o detetive perguntou se ele havia planejado me levar para o alojamento, ele disse que não. Quando o detetive perguntou como tínhamos ido parar atrás da lixeira, ele disse que não sabia. Admitiu ter beijado outras meninas na festa, uma delas minha própria irmã, que o empurrou para longe. Ele admitiu querer transar com alguém. Eu era o antílope ferido do rebanho, totalmente sozinha e vulnerável, fisicamente incapaz de me defender, e ele me escolheu. Às vezes pensava: Se eu não tivesse ido, nada disso teria acontecido. Depois percebi que teria acontecido, sim, mas com outra pessoa. Você teria pela frente quatro anos de acesso a meninas bêbadas e festas e, se foi desse jeito que começou, foi bom não ter continuado. Na noite em que isso aconteceu, ele disse que achou que eu estava gostando porque eu havia esfregado as costas dele. Um carinho nas costas.

Ele nunca mencionou que eu consenti, nunca nem mencionou que conversamos, um carinho nas costas. Mais uma vez, por meio do jornal, eu soube que minha bunda e minha vagina tinham ficado totalmente expostas ao ar livre, meus seios haviam sido agarrados, dedos, enfiados em mim com folhas de pinheiro e sujeira, minha pele nua e minha cabeça esfregadas no chão atrás de uma lixeira, enquanto um calouro ereto se roçava em meu corpo seminua e inconsciente. Mas eu não lembro, então como provo que não gostei?

Achei que não era possível que isso fosse a julgamento: havia testemunhas, havia sujeira em meu corpo, ele fugiu, mas foi pego. Ele faria um acordo, pediria desculpas formais e nós dois seguiríamos a

vida. Então eu soube que ele tinha contratado um advogado famoso, especialistas para testemunhar, detetives particulares que iam vasculhar detalhes da minha vida pessoal para usar contra mim, descobrir furos em minha história para invalidar a mim e à minha irmã, para mostrar que aquele abuso sexual era, na verdade, um mal-entendido. Que ele ia fazer de tudo para convencer o mundo de que simplesmente havia se confundido.

Não só fiquei sabendo que tinha sido estuprada, como fiquei sabendo porque não conseguia lembrar, e tecnicamente não podia provar que não queria aquilo. E aquilo me distorceu, me danificou, quase me destruiu. É o tipo mais triste de confusão descobrir que sofri abuso e quase fui estuprada, descaradamente, ao ar livre, mas ainda não saber se isso pode ser considerado agressão. Tive que lutar por um ano inteiro para deixar claro que havia algo de errado nessa situação.

Quando me disseram que eu me preparasse para o caso de não ganharmos, falei: Não tenho como me preparar para isso. Ele era culpado desde o instante em que acordei. Ninguém pode me convencer a esquecer o sofrimento que ele me causou. Para piorar, fui avisada: agora que ele sabe que você não lembra, vai reescrever o roteiro da cena. Ele pode dizer o que quiser e ninguém vai poder contestar. Eu não tinha força nenhuma, não tinha voz, estava indefesa. Minha perda de memória seria usada contra mim. Meu depoimento foi fraco, incompleto, e fui levada a acreditar que talvez eu não bastasse para ganhar. O advogado dele constantemente lembrava ao júri: Só podemos acreditar em Brock, porque ela não lembra. Essa impotência foi traumatizante.

Em vez de me dedicar a minha cura, eu me dedicava a lembrar aquela noite em detalhes excruciantes, para me preparar para as perguntas do advogado, que, aliás, seriam invasivas, agressivas e criadas para me tirar do caminho certo, me levar à contradição, assim como minha irmã,

elaboradas para manipular minhas respostas. Em vez de dizer: Você notou algum machucado?, o advogado perguntou: Você não notou nenhum machucado, certo? Era um jogo de estratégia, como se eu pudesse ser ludibriada a perder meu valor. O abuso sexual tinha sido muito claro, mas lá estava eu no julgamento, respondendo a perguntas como:

Quantos anos você tem? Quanto você pesa? O que você comeu naquele dia? Bom, o que você comeu no jantar? Quem preparou o jantar? Você bebeu alguma coisa no jantar? Não, nem água? Quando você bebeu? Quanto você bebeu? De que recipiente bebeu? Quem lhe deu a bebida? Quanto você costuma beber? Quem deixou você na festa? A que horas? Mas onde exatamente? Que roupa estava usando? Por que foi àquela festa? O que fez quando chegou lá? Tem certeza de que fez isso? Mas a que horas fez isso? O que essa mensagem significa? Para quem mandou a mensagem? Quando você urinou? Onde você urinou? Com quem você urinou do lado de fora? Seu celular estava no silencioso quando sua irmã ligou? Você se lembra de silenciá-lo? É mesmo, porque na página 53, gostaria de indicar que você disse que tinha posto para tocar. Você bebia na faculdade? Diria que era a alma da festa? Quantas vezes já bebeu até apagar? Você ia a festas em fraternidades? O relacionamento com seu namorado é sério? Você mantém relações sexuais com ele? Quando começaram a namorar? Você o trairia? Já traiu alguém? A que estava se referindo quando disse que queria recompensá-lo? Você se lembra de que horas acordou? Estava usando o cardigã? De que cor era? Você se lembra de mais alguma coisa sobre aquela noite? Não? Tudo bem, então, vamos deixar Brock explicar como foi.

Fui agredida com perguntas focadas, diretas, que dissecaram minha vida pessoal, minha vida amorosa, minha vida passada, minha vida familiar, perguntas sem nexos que reuniam detalhes triviais para tentar achar uma desculpa para o cara que havia me deixado seminua antes mesmo de se dar ao trabalho de perguntar meu nome. Depois de um abuso físico, eu estava sendo agredida com perguntas formuladas para

me atacar, para dizer: Viram, os fatos que ela descreve não batem, ela está louca, é quase uma alcoólatra, provavelmente queria transar com alguém, ele é quase um atleta, os dois estavam bêbados, deixem para lá, a história do hospital de que ela se lembra aconteceu depois, por que levar isso em consideração, Brock corre o risco de perder muita coisa, então está passando por uma fase muito difícil.

Até que chegou a hora do depoimento dele, e eu aprendi o que significava ser revitimizada. Quero lembrar a vocês: na noite em que tudo aconteceu, ele disse que nunca havia planejado me levar para o alojamento. Disse que não sabia por que estávamos atrás de uma lixeira. Tinha se levantado para ir embora porque não estava se sentindo bem, mas de repente foi perseguido e atacado. Depois de dizer isso, ele ficou sabendo que eu não me lembrava.

Por isso, um ano depois, como previsto, um novo diálogo surgiu. Brock tinha uma história nova estranha, que quase soava como um romance jovem adulto mal escrito, com beijos, dança, mãos dadas e uma queda romântica no chão. E o mais importante da nova história: de repente houvera consentimento. Um ano depois do caso, ele lembrou: Ah, é, falando nisso, ela na verdade disse sim para tudo.

Ele contou que havia perguntado se eu queria dançar. Aparentemente, eu disse sim. Perguntara se eu queria ir para o alojamento dele, e eu disse sim. Então ele tinha perguntado se podia me dedar, e eu disse sim. A maioria dos caras não pergunta: Posso dedar você? Normalmente é uma progressão natural das coisas, que acontecem de forma consensual, não um questionário. Mas, aparentemente, eu dei permissão total. Brock se safou. Mesmo na história dele, eu falara três palavras no total, sim sim sim, antes de ele me deixar seminua no chão. Para referência futura, se estiver em dúvida se uma garota tem capacidade de consentir, veja se ela consegue elaborar uma frase inteira. Nem isso você fez. Basta um fluxo coerente de palavras. Se ela

não conseguir, então não. Não é talvez, é não. Onde estava a dúvida? Isso é senso comum, decência humana.

De acordo com ele, só estávamos no chão porque eu caí. Lembre-se: se uma menina cair, ajude-a a se levantar. Se ela estiver bêbada demais e cair, não suba nela, não roce nela, não tire a calcinha e insira sua mão na vagina dela. Se uma garota cair, ajude-a a se levantar. Se ela estiver usando um cardigã sobre o vestido, não o tire para tocar nos seios dela. Talvez ela esteja com frio, talvez tenha sido por isso que saiu de cardigã.

Depois disso, dois suecos de bicicleta se aproximaram e você fugiu. Quando derrubaram você, por que não disse: “Parem! Está tudo bem, vão perguntar a ela, ela está bem ali, ela mesmo vai dizer.” Afinal, você tinha meu consentimento, não tinha? Eu estava acordada, não estava? Quando o policial chegou e conversou com o sueco mau que derrubou você, ele chorava tanto que não conseguia falar por causa do que tinha visto.

Seu advogado lembrou várias vezes: Bom, não sabemos exatamente quando ela perdeu a consciência. E você está certo, talvez eu ainda estivesse piscando e não totalmente mole. Essa nunca foi a questão. Eu estava bêbada demais para falar, bêbada demais para consentir muito antes de ir parar no chão. Para início de conversa, eu nunca deveria ter sido tocada. Brock declarou: “Em momento algum, percebi que ela não estava se mexendo. Se, em qualquer momento, tivesse percebido que ela não estava se mexendo, eu teria parado na hora.” O problema é o seguinte: se seu plano era parar só quando eu parasse de me mexer, é porque você ainda não entendeu. De qualquer maneira, você nem ao menos parou quando eu estava inconsciente! Alguém interrompeu você. Dois caras de bicicleta notaram, no escuro, que eu não estava me mexendo e tiveram que lhe derrubar. Como você, que estava em cima de mim, não notou?

Você disse que teria parado e pedido ajuda. Você disse isso, mas quero que explique como teria me ajudado, passo a passo, me conte como seria. Quero saber, se os suecos maus não tivessem me achado, como a noite teria sido. Estou lhe perguntando: Você teria vestido minha calcinha de volta? Desenroscado o colar no meu pescoço? Fechado minhas pernas, me coberto? Tirado as folhas de pinheiro do meu cabelo? Perguntado se os hematomas em meu pescoço e bumbum estavam doendo? Então você teria procurado um amigo e dito: Pode me ajudar a levá-la para um lugar quente e confortável? Não durmo quando penso no que poderia ter ocorrido se os dois caras não tivessem surgido. O que teria acontecido comigo? É para essa pergunta que você nunca vai ter uma boa resposta, é isso que você não consegue explicar, mesmo depois de um ano.

Além de tudo, ele afirmou que eu tive um orgasmo depois de um minuto de penetração digital. A enfermeira disse que havia abrasões, lacerações e sujeira em minha genitália. Isso foi antes ou depois de eu gozar?

Sentar-se sob juramento e informar a todos nós que, sim, eu queria, sim, eu permiti, e que você foi a verdadeira vítima atacada pelos suecos por motivos desconhecidos é absurdo, louco, egoísta e prejudicial. Não basta eu estar sofrendo. Também tenho que enfrentar alguém trabalhando sem parar para diminuir a seriedade da validade desse sofrimento.

Minha família teve que ver fotos da minha cabeça em uma maca cheia de folhas de pinheiro, do meu corpo na terra de olhos fechados, o cabelo despenteado, as pernas dobradas e o vestido levantado. E então minha família ainda teve que ouvir seu advogado dizer que as fotos foram tiradas depois do ato, portanto podiam ser dispensadas. Dizer: Sim, a enfermeira confirmou que havia vermelhidão e feridas dentro dela, trauma grave na genitália, mas é o que acontece quando uma

pessoa leva uma dedada, e ele já admitiu ter feito isso. Ouvir seu advogado tentar me retratar como uma menina desvairada e inconsequente, como se, de alguma forma, eu estivesse passando por isso por merecer. Ouvi-lo dizer que eu soava bêbada ao celular porque sou boba e é meu jeito engraçado de falar. Indicar que, na caixa postal, falei que ia recompensar meu namorado e todos sabíamos o que eu estava pensando. Garanto que, em meu programa de recompensas, os pontos não são transferíveis, muito menos para qualquer homem, sem nome, que se aproxima de mim.

Ele causou um dano irreversível a mim e a minha família durante o julgamento, e nós ficamos sentados em silêncio, ouvindo-o moldar aquela noite. Mas, no fim, as declarações sem provas e a lógica distorcida do advogado dele não enganaram ninguém. A verdade venceu, a verdade falou por si mesma.

Você é culpado. Doze jurados condenaram você em três acusações, sem sombra de dúvida. São doze votos por acusação, trinta e seis sins confirmando sua culpa. Cem por cento de culpa, unanimidade. E eu pensei: Finalmente acabou, finalmente ele vai confessar o que fez, pedir desculpas de verdade, e nós dois vamos seguir a vida e melhorar. Então eu li sua declaração.

Se você está torcendo para que um dos meus órgãos exploda de raiva e eu morra, estou quase lá. Você está quase conseguindo. Esta não é mais uma história de sexo universitário embriagado envolvendo decisões irresponsáveis. Abuso sexual não é acidente. De alguma forma, você ainda não entende. De alguma forma, você ainda parece confuso. Agora vou ler partes da declaração do acusado e responder.

Você disse: Por estar bêbado, não pude tomar boas decisões, nem ela.

O álcool não é uma desculpa. É um incentivo? É. Mas não foi o álcool que tirou minhas roupas, enfiou os dedos em mim, deixou minha cabeça arrastar pelo chão quando eu estava seminua. Beber demais foi um erro de principiante que admito, mas não é crime. Todos nesta sala já se arrependeram de beber demais em uma noite, ou conhecem alguém próximo que já se arrependeu de ter bebido demais em uma noite. Arrepende-se de beber demais não é o mesmo que se arrepender de cometer um abuso sexual. Nós dois estávamos bêbados, a diferença é que eu não tirei sua calça nem sua cueca, não toquei em você de maneira inapropriada nem fugi. Essa é a diferença.

Você disse: Se eu quisesse conhecê-la, deveria ter pedido o telefone dela, não a chamado para ir para o meu quarto.

Não estou brava porque você não pediu meu telefone. Mesmo se você me conhecesse, eu não ia querer estar nesta situação. Meu namorado me conhece, mas, se ele pedisse para me dedar atrás de uma lixeira, eu daria um tapa nele. Nenhuma garota quer estar nessa situação. Ninguém. Não me importa se você tem o telefone dela ou não.

Você disse: Fui estúpido ao pensar que não haveria problema fazer o que todo mundo ao meu redor estava fazendo, ou seja, bebendo. Eu estava errado.

Mais uma vez, seu erro não foi beber. Ninguém ao seu redor estava abusando sexualmente de mim. Seu erro foi fazer o que ninguém mais estava fazendo, ou seja, roçar seu pau ereto dentro da calça em meu corpo nu e indefeso, escondido em uma área escura, onde os convidados da festa não podiam mais me ver nem me proteger e onde minha própria irmã não podia me encontrar. Seu crime não foi tomar Fireball. Tirar minha calcinha e jogá-la longe como se fosse um papel de bala, para depois enfiar os dedos no meu corpo, foi seu erro. Por que ainda estou explicando isso?

Você disse: Durante o julgamento, não quis vitimizá-la de forma alguma. Foi só meu advogado e a maneira dele de abordar o caso.

Seu advogado não é seu bode expiatório, ele representa você. Seu advogado falou coisas absurdamente irritantes e degradantes? Com certeza. Ele disse que você teve uma ereção porque estava frio.

Você disse que está criando um programa para alunos do ensino médio e da universidade no qual fala sobre sua experiência para “combater a cultura da bebida nos campi universitários e da promiscuidade sexual que a acompanha”.

A cultura da bebida nos campi. É contra isso que vamos nos posicionar? Acha que foi contra isso que passei o último ano lutando? E não pela conscientização sobre os abusos sexuais e estupros nos campi, ou sobre aprender a reconhecer o consentimento? A cultura da bebida nos campi. Chega de Jack Daniels. Chega de Skyy Vodka. Se você quer falar com pessoas sobre bebidas alcoólicas, vá a uma reunião do AA. Você entende que ter problema com bebida é diferente de beber e depois forçar alguém a fazer sexo? Mostre aos homens como respeitar as mulheres, não como beber menos.

A cultura da bebida e a promiscuidade sexual que a acompanha. Acompanha, como um efeito colateral, feito batatas fritas servidas com o prato principal. Onde é que a promiscuidade afeta esse caso? Não vejo manchetes dizendo: *Brock Turner, culpado de beber demais e da promiscuidade sexual que acompanha isso*. Abuso sexual nos campi. Esse deve ser seu primeiro slide de PowerPoint. Fique tranquilo, se não conseguir explicar bem o tema da sua palestra, depois eu vou a todas as escolas a que você tenha ido para fazer outra apresentação.

Por fim, você disse: Quero mostrar às pessoas que uma noite de bebedeira pode estragar uma vida.

Uma vida, a vida, a sua, você se esqueceu da minha. Vou reelaborar a frase para você: Quero mostrar às pessoas que uma noite de bebedeira pode estragar duas vidas. Você e eu. Você é a causa, eu, o efeito. Você me arrastou para este inferno com você, me afundou de volta naquela noite muitas vezes. Derrubou nossas torres, eu desabei ao mesmo tempo que você. Se acha que fui poupada, que saí dessa ilesa, que hoje saio cavalgando em direção ao pôr do sol, enquanto você sofre o maior baque, está errado. Ninguém ganha. Todos fomos destruídos, todos estamos tentando achar algum significado em todo esse sofrimento. Seus danos foram concretos: você perdeu títulos, diplomas, oportunidades. Meus danos foram internos, invisíveis, eu os carrego comigo. Você roubou meu valor, minha privacidade, minha energia, meu tempo, minha segurança, minha intimidade, minha confiança, minha voz, até hoje.

Sabe, uma coisa que temos em comum é que nós dois não conseguimos nos levantar de manhã. Não desconheço o sofrimento. Você me tornou uma vítima. Nos jornais, meu nome era “mulher embriagada inconsciente”, doze sílabas e nada mais. Por um tempo, acreditei que eu não passava disso. Tive que me forçar a reaprender meu nome verdadeiro, minha identidade. Reaprender que eu não sou isso. Que não sou apenas uma vítima bêbada em uma festa de fraternidade encontrada atrás de uma lixeira, enquanto você é o nadador premiado de uma universidade renomada, inocente até que se prove o contrário, com tanto a perder. Eu sou um ser humano que foi ferido de maneira irreversível, minha vida ficou em suspenso por mais de um ano, esperando que eu percebesse que tenho algum valor.

Minha independência, alegria natural, gentileza e meu estilo de vida tranquilo foram distorcidos até ficarem irreconhecíveis. Eu me fechei,

virei uma pessoa raivosa, autodepreciativa, cansada, irritável, vazia. O isolamento, às vezes, era insuportável. Você também não pode me devolver a vida que eu tinha antes daquela noite. Enquanto se preocupava com sua reputação destruída, eu colocava colheres na geladeira toda noite para que, quando acordasse e meus olhos estivessem inchados de tanto chorar, eu pudesse encostá-las nas pálpebras e assim diminuir o inchaço e conseguir enxergar. Eu chegava uma hora atrasada no trabalho todo dia, pedia licença para ir à escada chorar, posso lhe contar os melhores lugares do prédio para chorar sem que ninguém ouça. A dor se tornou tão ruim que tive que explicar os detalhes particulares para minha chefe, para contar a ela por que ia sair da empresa. Eu precisava de tempo, porque seguir com a rotina era impossível. Gastei todas as minhas economias para ir o mais longe possível. Não voltei a trabalhar porque sabia que teria que tirar semanas de folga para a audiência e o julgamento, que não paravam de ser postergados. Minha vida ficou em suspenso por mais de um ano, minha estrutura tinha desabado.

Não consigo dormir sozinha à noite sem uma luz acesa, feito uma criança de cinco anos, porque tenho pesadelos em que sou tocada e não consigo acordar. Comecei a esperar o sol nascer para me sentir segura o bastante para dormir. Por três meses, fui para a cama às seis da manhã.

Eu costumava me orgulhar da minha independência; hoje tenho medo de caminhar à noite, frequentar eventos em que terá bebida e amigos com os quais eu deveria me sentir à vontade. Eu me tornei um pequeno caramujo, sempre preciso estar ao lado de alguém, ter meu namorado presente, dormindo comigo, me protegendo. Tenho vergonha de como me sinto frágil, da timidez com que sigo minha vida, sempre desconfiada, pronta para me defender, pronta para me irritar.

Você não faz ideia de como tive que me esforçar para reconstruir partes de mim que ainda estão fracas. Levei oito meses para falar sobre o que aconteceu. Não conseguia mais me conectar com amigos, com as pessoas ao meu redor. Eu gritava com meu namorado, com minha família sempre que eles mencionavam o assunto. Você nunca me deixa esquecer o que aconteceu comigo. No fim da audiência, do julgamento, eu ficava cansada demais para falar. Saía daqui exausta, em silêncio. Ia para casa, desligava o celular e ficava dias sem falar. Você comprou para mim uma passagem para um planeta onde moro sozinha. Sempre que saía uma matéria nova, eu convivía com a paranoia de que minha cidade natal inteira descobriria e passaria a me ver como a menina que foi estuprada. Eu não queria a piedade de ninguém, e ainda estou aprendendo a aceitar que ser vítima é parte da minha identidade. Você tornou minha própria cidade natal um lugar desconfortável para mim.

Você não pode me devolver as noites de insônia. Meus choros descontrolados nas vezes em que assisti a um filme em que uma mulher é ferida. No mínimo, essa experiência ampliou minha empatia por outras vítimas. Perdi peso por causa do estresse e, quando as pessoas comentavam, eu dizia que estava correndo muito nos últimos tempos. Houve momentos em que não quis ser tocada. Tenho que reaprender que não sou frágil, sou capaz, sou completa, não apenas lívida e fraca.

Quando vejo minha irmã mais nova sofrendo, quando ela é incapaz de acompanhar as aulas na faculdade, quando ela é privada de alegria, quando não dorme, quando chora tanto ao telefone que chega a perder o fôlego, me dizendo repetidas vezes que sente muito por ter me deixado sozinha naquela noite, desculpe desculpe desculpe, quando ela sente mais culpa do que você, nesses momentos eu não perdoo você. Naquela noite, eu havia ligado para tentar encontrá-la, mas você me achou primeiro. Os argumentos finais do seu advogado começaram

com: “[A irmã dela] disse que ela estava bem e quem a conhece melhor do que a irmã?” Você tentou usar minha própria irmã contra mim? Seus ataques foram tão ruins, tão baixos que foi quase constrangedor. Não toque nela.

Você nunca devia ter feito isso comigo. Além do mais, nunca devia ter me forçado a lutar por tanto tempo para lhe dizer que nunca devia ter feito isso comigo. Mas aqui estamos. O estrago está feito, ninguém pode desfazê-lo. E agora nós dois temos uma escolha. Podemos deixar que isso nos destrua, posso continuar irritada, magoada e você pode continuar negando, ou podemos enfrentar isso... Eu aceito a dor, você aceita o castigo, e nós seguimos em frente.

Sua vida não acabou, você tem décadas pela frente para reescrever sua história. O mundo é enorme, muito maior do que Palo Alto e Stanford, e você vai criar um espaço para si no qual pode ser útil e feliz. Mas agora você não pode mais dar de ombros e ficar confuso. Não pode fingir que não tinha sinais de que havia algo errado. Você foi condenado por me estuprar intencionalmente, à força, sexualmente, com intenções maliciosas, mas só consegue admitir que consumiu bebidas alcoólicas. Não fale de como sua vida foi tragicamente virada de cabeça para baixo porque o álcool fez você ter atitudes ruins. Descubra um jeito de assumir responsabilidade pela sua própria conduta.

Agora quero falar da sentença. Quando li o relatório da oficial do departamento de custódia, não acreditei, fui consumida por uma raiva que, por fim, se abrandou em uma tristeza profunda. Minhas declarações foram reduzidas a distorções e tiradas de contexto. Lutei muito durante este julgamento e não admito que o resultado seja minimizado por uma oficial que tentou avaliar meu estado atual e meus desejos em uma conversa de quinze minutos, a maioria dos quais foi passada respondendo a dúvidas que eu tinha sobre o sistema

judiciário. O contexto também é importante. Brock ainda tinha que fazer uma declaração e eu não havia lido as afirmações dele.

Minha vida ficou suspensa por mais de um ano, um ano de raiva, angústia e incerteza, até um júri de pessoas comuns como eu entregar uma decisão que validava as injustiças que eu havia sofrido. Se Brock tivesse admitido culpa e remorso e oferecido um acordo desde o início, eu teria considerado uma sentença mais leve, respeitado a honestidade dele, grata por podermos seguir com a vida. Mas ele assumiu o risco de ir a julgamento, me insultou ainda mais e me forçou a reviver a dor quando detalhes da minha vida pessoal e do abuso sexual que sofri foram brutalmente dissecados diante do público. Ele forçou minha família e eu a passarmos por um ano de sofrimento inexplicável e desnecessário, então deveria enfrentar as consequências de ter contestado seu crime, questionado minha dor e nos feito esperar tanto por justiça.

Contei à oficial do departamento de custódia que eu não queria que Brock apodrecesse na cadeia. Não falei que ele não merece ficar atrás das grades. A recomendação da oficial de um ano ou menos no presídio do condado é um tapinha na mão, uma ridicularização da seriedade dos abusos que ele cometeu, um insulto a mim e a todas as mulheres. Dá a entender que um estranho pode entrar em você sem consentimento e vai receber menos do que foi definido como sentença mínima. A condicional deveria ser negada. Eu também disse à oficial que o que eu realmente queria era que Brock entendesse, compreendesse e admitisse seu erro.

Infelizmente, depois de ler a declaração do acusado, fiquei muito decepcionada e sinto que ele deixou de demonstrar arrependimento sincero ou admitir responsabilidade por sua conduta. Tenho pleno respeito pelo direito dele a um julgamento, mas, mesmo depois de doze jurados o condenarem de forma unânime nas três acusações, ele

admitiu apenas que consumiu bebidas alcoólicas. Uma pessoa que não consegue assumir plena responsabilidade por suas ações não merece uma sentença menor. É extremamente ofensivo que ele tenha tentado desmerecer um estupro associando-o com “promiscuidade”. Por definição, estupro não é a ausência de promiscuidade, estupro é a ausência de consentimento, e fico profundamente estarecida por ele nem sequer entender essa diferença.

A oficial do departamento de custódia levou em conta que o acusado é jovem e não tem antecedentes criminais. Na minha opinião, ele tem idade suficiente para saber que o que fez foi errado. Neste país, aos dezoito anos, já se pode ir para a guerra. Aos dezenove, a pessoa é adulta o bastante para pagar pelas consequências de tentar estuprar alguém. Ele é jovem, mas já tem idade para saber o que é errado.

Como este foi seu primeiro crime, entendo o porquê da leniência. Por outro lado, como sociedade, não podemos perdoar o primeiro abuso sexual de todo mundo nem o estupro digital. Não faz sentido. A seriedade do estupro deve ficar evidente. Não deveríamos criar uma cultura que sugere que aprendamos que estupro é errado pelo método de tentativa e erro. As consequências de um abuso sexual precisam ser graves o bastante para que as pessoas tenham medo de tomar decisões erradas mesmo quando estiverem bêbadas, graves o bastante para serem preventivas.

A oficial levou em conta o fato de ele ter desistido de uma bolsa de estudos obtida com muito esforço. A velocidade com que Brock é capaz de nadar não diminui a gravidade do que aconteceu comigo e não deveria reduzir a severidade da punição aplicada. Se um criminoso de uma classe desprivilegiada fosse acusado de três crimes e só admitisse a responsabilidade por ter bebido, qual seria a sentença dele? O fato de Brock ser atleta de uma universidade particular não deveria ser visto como um direito à leniência, mas como uma oportunidade de

demonstrar que abuso sexual é contra a lei, não importa qual seja a classe social.

A oficial do departamento de custódia declarou que este caso, quando comparado a outros crimes de natureza similar, pode ser considerado menos sério em razão do nível de embriaguez do acusado. A mim, pareceu sério. É só isso que vou dizer.

O que ele fez para demonstrar que merece esse desconto? Ele só pediu desculpas por beber e ainda não assumiu que o que fez comigo foi abuso sexual. Ele me revitimizou contínua e incansavelmente. Foi considerado culpado de três crimes graves e está na hora de aceitar as consequências de suas ações. Não será facilmente desculpado.

Ele vai ter o nome registrado no cadastro de criminosos sexuais para o resto da vida. Isso não expira. Assim como o que fez comigo não expira, não some depois de alguns anos. Esse fato vai continuar comigo, é parte da minha identidade, mudou para sempre o modo como ajo, como vou viver o resto da minha vida.

Para concluir, quero agradecer. A todos, da estagiária que fez mingau para mim quando acordei no hospital naquela manhã ao policial que esperou ao meu lado, às enfermeiras que me acalmaram, ao detetive que me ouviu e nunca me julgou, às defensoras que ficaram sempre ao meu lado, à minha terapeuta, que me ensinou a encontrar coragem na vulnerabilidade, à minha chefe, por ser carinhosa e compreensiva, aos meus pais incríveis, que me ensinaram a transformar dor em força, à minha avó, que trouxe chocolate escondido para mim no tribunal durante todo esse tempo, aos meus amigos, que me lembram como ser feliz, ao meu namorado, que é paciente e amoroso, à minha irmã insuperável, que é a outra metade do meu coração, à Alaleh, minha ídola, que lutou de maneira incansável e nunca duvidou de mim. Obrigada a todos os envolvidos neste julgamento pelo tempo e pela

atenção. Obrigada às meninas de todo o país que escreveram cartões para que minha promotora me entregasse, a tantos desconhecidos que se importaram comigo.

Obrigada, sobretudo, aos dois homens que me salvaram, que ainda tenho que conhecer. Durmo com duas bicicletas que desenhei presas acima da cama para lembrar que existem heróis nesta história. Que estamos cuidando uns dos outros. Ter conhecido todas essas pessoas, ter sentido a proteção e o amor delas é algo que nunca vou esquecer.

E, por fim, às meninas de todo o mundo, eu estou com vocês. Nas noites em que se sentirem sozinhas, eu estou com vocês. Quando forem questionadas ou desmerecidas, eu estou com vocês. Lutei todos os dias por vocês. Então nunca parem de lutar, eu acredito em vocês. Como a escritora Anne Lamott escreveu: “Faróis não percorrem a ilha em busca de barcos para salvar; apenas ficam parados, brilhando.” Apesar de não poder salvar todos os barcos, espero que, ao falar hoje, vocês tenham absorvido uma pequena quantidade de luz, uma pequena compreensão de que não podem ser caladas, uma pequena satisfação de que a justiça foi feita, uma pequena garantia de que estamos chegando a algum lugar e uma grande, enorme certeza de que vocês são importantes, sem dúvida alguma, vocês são intocáveis, vocês são lindas, vocês devem ser valorizadas, respeitadas, inegavelmente, a cada minuto de cada dia. Vocês são fortes e ninguém pode lhes tirar isso. Às meninas de todo o mundo, eu estou com vocês. Obrigada.

POSFÁCIO

Escrever este livro foi como me sentar a uma mesa dentro de uma enorme cúpula vazia. Todos os dias, eu digitava sozinha, em silêncio, e meu único trabalho era o desenrolar da história. Quando aceitei escrever o livro, não pude garantir que revelaria minha identidade. Por isso, durante dois anos e meio, encadeei frases, ainda protegida e isolada do mundo, alegremente desconhecida. O único momento em que meu telefone tocava era nas manhãs de sexta-feira, quando minha editora me ligava para garantir que eu estava mergulhada no trabalho, mas sem me afogar nele. Ninguém, com exceção dela, havia lido uma única palavra do texto. Então, em março de 2019, terminei a primeira versão e vi os papéis serem cuspidos pela impressora e criarem uma pilha grossa sobre a mesa. Fiquei satisfeita ao encerrar aquele assunto. Mas eu ainda tinha um problema pela frente. A decisão se impunha diante de mim, pesada: continuar escondida ou revelar meu nome.

Me avisaram que aparecer em público teria repercussões permanentes. Você vai ficar marcada para o resto da vida. Vai ser difícil conseguir emprego no futuro. Mais difícil ainda será trocar de gênero de escrita. Sempre que uma agressão em um campus for relatada, seu nome vai voltar a aparecer nos noticiários. Cada explosão que havia ocorrido quando a declaração se tornara viral aconteceria de novo, mas amplificada. Mais repórteres à nossa porta. Ligações para meus pais, meus avós. Milhares de ofensas na internet. Meu rosto viveria lado a lado com o do meu agressor, inseparável das ações dele. Existe muita gente louca por aí. Não queremos que você se arrisque. Me perguntei se havia um modo de revelar meu nome, mas não meu sobrenome.

No mundo das vítimas, falamos do anonimato como um escudo dourado. Mantê-lo por quatro anos tinha sido um milagre. No entanto, enquanto discutimos a proteção que o anonimato nos traz, ninguém fala sobre o custo que ele carrega. Nunca poder dizer em voz alta quem você é, o que está pensando, o que é importante para você. Eu me sentia sozinha. Queria saber como era não ter que gastar toda a minha energia escondendo as partes mais acaloradas de mim. Não parava de pensar em um verso de um dos poemas de Lao Tzu: *Quem vive na ponta dos pés não tem firmeza para ficar de pé*. Eu não podia passar a vida pisando em ovos.

Por muito tempo, depois do tiroteio e da agressão, tudo que eu desejei foi que as coisas parassem de acontecer. Estava sempre sendo jogada em novas realidades antes de ter a chance de me despedir das antigas. E, enquanto escrevia, eu estava explorando e absorvendo, porque era isso que a cura exigia. Agora, eu tinha finalmente voltado ao presente. Só que algumas pessoas próximas de mim ainda não haviam feito isso. Ainda pensavam que eu era uma versão vencida de mim. *Ela se foi*, eu queria dizer. E tinha outro motivo para escolher a visibilidade: eu havia crescido sem ver pessoas famosas parecidas comigo. Queria muito ouvir histórias de mulheres asiático-americanas que representassem poder e força. A intenção não era segurar um megafone para anunciar a todos que eu conhecia que havia sido estuprada. Eu só queria reconhecer quem havia me tornado por causa do que tinha enfrentado. Honrar aquela mudança. Dizer: “Me encontrem onde estou.”

Sempre que ouço um sobrevivente dizer que queria ter tido coragem de denunciar a agressão, balanço a cabeça instintivamente. A questão não é a coragem. O medo da retaliação é real. A segurança não é gratuita. Saber que a denúncia sempre se parecia com uma caminhada até a guilhotina me incomodava. Não acho que a maioria dos sobreviventes queira viver escondida. Fazemos isso porque o silêncio significa segurança. A sinceridade significa retaliação. Isso quer dizer que não temos medo de contar nossas histórias, mas do que as pessoas vão fazer quando contarmos nossas histórias. Me lembro de pensar: *Se alguém descobrir, vão achar que sou imunda*. Sofremos com a compreensão rasa de nossa sociedade. Revelar uma agressão não é

admitir um fracasso pessoal. Na verdade, a vítima fez o favor de alertar para um perigo presente na comunidade. A sinceridade deveria ser incentivada.

Só quero proteger você, disse minha mãe. Mas essa é a resposta que as mães têm que dar. Eu sabia que a resposta verdadeira dela estava enterrada abaixo daquela primeira camada, eu só tinha que esperar mais um pouco. Então, um dia, a bênção finalmente chegou. Ela disse: *Se você quiser se desconstruir, crescer, ajudar outras mulheres, faça isso. A dor sempre nos dá mais força para avançar. A felicidade e o conforto não fazem isso. Tudo depende de quem você quer ser.*

Não sei se houve um dia em que tive certeza absoluta de minha decisão. Eu sabia que não ia deixar o medo do que os homens podiam fazer ditar o resto da minha vida. Por meio da escrita, de todas as horas que passei analisando meu passado, dissecando-o, remontando-o, percebi que a agressão nunca havia me consumido por completo. Eu era repleta de experiências. Ele não podia apagar todas elas. Eu emergia como uma autora consagrada, filha, irmã, artista — eram identidades demais para serem contidas. Não conhecia o caminho à frente, mas tinha plena consciência da pessoa que o percorreria. E isso já bastava.

Quando queria conforto, me lembrava de uma história que minha mãe havia me contado, sobre quando tinha doze anos e fez amizade com uma lagosta. Um dia, o tio dela a cozinhou, e ela não parava de chorar. Seu maior arrependimento, disse minha mãe, tinha sido dar um nome ao animal — aquilo tornara a perda ainda mais dolorosa. Percebi que, se revelasse meu nome, seria cozida na hora. Mas, ainda assim, as pessoas sentiriam alguns segundos de conexão e guardariam meu nome em suas lembranças, do mesmo modo que minha mãe falava com carinho da lagosta.

A preparação começou. Primeiro, ligamos para o proprietário de nossa casa, que nos ajuda a furar buracos e passar fios pelas paredes para podermos acrescentar outras três câmeras. Recebemos uma notificação sempre que uma mariposa passa voando pela porta. Contratamos um serviço especial para limpar os nomes e endereços dos nossos parentes da internet. Ouvimos pessoas nos aconselharem a não ficar muito tempo sentados no carro depois de estacionar. Que devemos nos movimentar sempre. Picar qualquer documento, caso as pessoas mexam no nosso lixo. Ficar alertas, não usar

fonos de ouvido, observar a rua quando estivermos voltando para casa. Excluir perfis de todas as redes sociais. Dormir em algum lugar seguro quando a notícia sair. Garantir que uma pessoa sempre saiba onde estamos. Ao divulgar nosso nome, esperamos nos libertar, mas acabamos nos deparando com novas regras restritivas.

Decidir usar meu nome significava que eu poderia aprender a contar minha história em voz alta. Mas, à medida que os pedidos de entrevista chegavam, comecei a ficar irritada. Os ataques de pânico voltaram, sentimentos antigos e indesejados. Percebi que estava perdendo o controle, escapando da realidade. Eu não entendia a diferença entre uma entrevista e um interrogatório. No tribunal, a intenção era ridicularizar, desorientar, diminuir. Nunca ouvir.

Minha advogada me apresentou a Lara e Hillary, duas mulheres que trabalhavam com comunicação em casos de trauma e tinham se oferecido para me preparar. Elas trouxeram uma câmera digital, um holofote e uma cadeira. Eu vesti uma camisa engomada que havia comprado, parecia uma peregrina em uma feira de empregos. Em dado momento, Lara disse: *O que quer que eles ouçam quando você falar?* Ninguém nunca havia me perguntado aquilo. Ela me explicou que eu não estava à mercê das perguntas dos repórteres, que ia até eles passar uma mensagem. E aquele reposicionamento mudava tudo.

Outra pergunta que ela fez também ficou em minha cabeça: *Com quem você está falando?* Em 2001, uma menina de dezesseis anos chamada Lindsay Armstrong foi estuprada na Escócia. Durante o julgamento, o advogado de defesa pediu que ela mostrasse a calcinha que estava usando na hora do ataque e lesse em voz alta o que estava escrito nela: DIABINHO. O estuprador foi condenado, mas condenações não anulam os danos causados. Três semanas depois, ela se matou. Eu queria poder contar a ela que, quando uma pergunta como essa é feita, ela expõe a doença dele, não a fraqueza dela.

Por muito tempo, tive medo de que o fato de ser conhecida fosse me prejudicar. Quanto mais as pessoas nos veem, mais elas têm a usar contra nós. Durante anos, tive medo de que isso fosse verdade. Mas, ao terminar

este livro, percebi que não. Nem para mim, nem para Lindsay. Costumo me perguntar onde homens como aquele advogado de defesa ganham tanta confiança, enquanto eu brigo contra tudo de ruim que sinto por mim mesma. Como eles caminham, inatingíveis, pelo mundo, enquanto eu me mantenho escondida. Decidi que, enquanto eles estiverem expostos, eu também vou estar. Vou aparecer em todos os canais de TV do país e não vou questionar o fato de estar lá. Serei vista e falarei com clareza sobre tudo que sou e já fui, porque sei que, desde o início, o advogado de defesa estava errado. Ser conhecido é ser amado.

Minha primeira entrevista seria com o *60 Minutes*. O episódio seria gravado em agosto para ir ao ar em setembro. Eu nunca estivera diante de câmeras, nunca pisara em um set, mas nada disso importava. Não importava que a plataforma tivesse muito prestígio, nem se seriam doze milhões de espectadores ou dois. O calor dos holofotes, o olhar das pesadas câmeras pretas, nada disso importava. Na noite anterior à entrevista, enquanto estudava minhas anotações, desenhei um diabinho nas costas da mão. De manhã, vesti uma blusa bem passada e entrei em uma SUV preta. Tomei chá enquanto prendiam um microfone à minha cintura e passavam pó em minhas bochechas. Saí para procurar uma pia e lavar lentamente a tinta de minha pele, pensando: *Obrigada*. Começava a me sentir corajosa, calma e clara. Meu propósito sempre ia ser maior do que meu medo. Todas aquelas câmeras e correspondentes eram só o meio de que eu precisava para chegar até ela. Eu ia dizer a ela que a gente pode usar a porra da calcinha que quiser.

Em quatro de setembro de 2019, meu nome e minha foto foram divulgados. Minha amiga Mel me mandou uma mensagem dizendo *Feliz aniversário*, porque era assim que eu me sentia: tinha nascido para o mundo. Não haveria mais fragmentação, todas as peças se alinhariam. Eu havia devolvido minha voz ao meu corpo. Recebi uma enxurrada de mensagens de tristeza, choque, orgulho, mas tudo que sentia era paz.

Nos meses seguintes, dei mais de setenta entrevistas. Alunos de Stanford criaram uma placa não oficial por iniciativa própria. Quando a universidade a removeu, os alunos a puseram de volta até que Stanford cedesse e colocasse uma placa oficial em seu lugar. O livro foi traduzido para muitas línguas,

inclusive coreano, norueguês e russo. Harvey Weinstein foi sentenciado a vinte e três anos de prisão. Christine Blasey Ford e eu nos sentamos de pernas cruzadas no tapete da Vovó Ann e tomamos chá. Percebi que nunca seria apresentada ao mundo sozinha, que estava me juntando aos que haviam chegado antes de mim. Em um almoço, me sentei a uma mesa diante de Anita Hill, Gloria Steinem e outros artistas, escritores e ativistas em uma tarde ensolarada em Nova York. Quando falei, a sala ficou em silêncio. Foi a primeira vez que senti minha própria autoridade. Eles me deram isso. Eu saí diferente daquela sala.

Em fevereiro de 2020, entrei em um trem, a caminho de uma cidade chamada Leeuwarden, na Holanda, com a versão holandesa de meu livro na bolsa e um doce chamado Pedacinho de Céu no bolso. Olhei pela janela e pensei: *Minha mãe estava certa. A vida é maior do que eu poderia ter imaginado.* De que outra maneira eu explicaria os campos verdejantes, os riachos, os pôneis? Em todas as noites de autógrafo, as pessoas colocam seus nomes em Post-its para que eu saiba a quem devo fazer a dedicatória: *Mila, Noor, Lieke, Sophie*. Os Post-its ficam acumulados como folhas sobre a mesa. Alguém vem retirá-los, mas peço para guardá-los. Estou finalmente aprendendo os nomes das pessoas que me salvaram.

Meu pai lê o livro em voz alta para minha mãe, um capítulo por noite. Os dois choram juntos, ficam sentados em silêncio, marinando na tristeza, depois saem para caminhar e liberá-la. Passo na casa deles uma noite e escuto aquele ritual. Fico sentada, apoiada contra a porta da frente, escutando. Houve uma época em que voltei para casa com a história da minha agressão, amassada e cheia de medo, dentro de mim. Agora minha história emerge no som suave da voz de meu pai, um bálsamo que pode ser compartilhado. Fora da casa, os grilos cantam.

Em São Francisco, Lucas e dois amigos da faculdade planejam uma festa surpresa para o livro. Eu estaciono, uma placa diz MARIGOLD. As paredes de vidro são cobertas por samambaias e papoulas vermelhas. Eles alugaram uma floricultura. Ela está repleta de amigos que conheço desde os cinco anos e dos meus professores favoritos, que viajaram quilômetros para estar ali. Há champanhe e cadeiras dobráveis, um bolo. Um a um, todos se levantam e

falam. Um a um, nós choramos. Choramos pelo que não sabíamos como fazer, pelo preço que pagamos. Choramos por causa do alívio por estarmos cercados de rostos familiares, da admiração por tudo que permanece. À medida que o sol se punha, eu e Tiffany ficamos de pé, de mãos dadas, na frente da sala, enquanto todos aplaudiam. Tínhamos superado aquilo.

Quase cinco anos se passaram desde a agressão e eu finalmente ia conhecer os suecos. Em uma noite quente de verão em Nova York, lá estavam Peter e Carl. Nós nos abraçamos, nos sentamos, pedimos lula. A conversa só pode ser descrita como me sentar diante de uma lareira. Um deles diz se sentir arrependido e culpado. *Por quê?*, pergunto. *Por não ter chegado cinco minutos antes.* Começo a rir, percebendo que até meus salvadores acham que podiam ter feito algo melhor. Penso em todas as coisas que queríamos poder mudar, em todos os “e se”, todas as histórias que podiam ter acontecido. Mas, apesar de todo o medo, toda a dor, tudo que não pôde ser redimido, vou me lembrar pelo restante dos meus dias das pessoas que nunca desistiram de mim, que me trouxeram de volta à vida.

SOBRE A AUTORA



© Mariah Tiffany

CHANEL MILLER é escritora e artista, formada em literatura pela Universidade da Califórnia. *Eu tenho um nome*, seu livro de memórias, é best-seller do *The New York Times*, vencedor do National Book Critics Circle Award e foi eleito um dos melhores livros de 2019 por veículos como *The Washington Post*, *Fortune* e *People*. No mesmo ano, Chanel foi escolhida como uma das cem personalidades em ascensão na lista da revista *Time*.

SOBRE A CAPA

Os veios dourados na capa representam o *kintsugi*, arte japonesa que significa “reparo em ouro”. Em vez de considerar as rachaduras imperfeições que devem ser ocultadas, através do *kintsugi* as peças de cerâmica quebradas são remendadas com uma mistura de ouro em pó e laca. Essa técnica nos mostra que, embora o objeto não possa retornar a seu estado original, os fragmentos podem se reconstituir novamente como algo único.

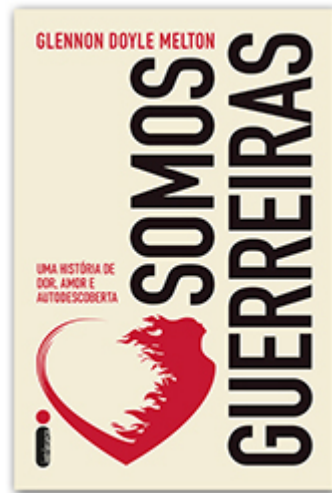
LEIA TAMBÉM



Rede de sussurros
Chandler Baker



Minha sombria Vanessa
Kate Elizabeth Russell



Somos guerreiras
Glennon Doyle Melton